

FRANCESCA GIANNONE

UM DOS LIVROS DO ANO | VENCEDOR DO PRÊMIO BANCARELLA

A CARTEIRA

MAIS
DE 350 MIL
EXEMPLARES
VENDIDOS EM
ITÁLIA

 PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FRANCESCA GIANNONE

UM DOS LIVROS DO ANO | VENCEDOR DO PRÊMIO BANCARELLA

A CARTEIRA

MAIS
DE 350 MIL
EXEMPLARES
VENDIDOS EM
ITÁLIA

 PRESENÇA

A CARTEIRA

FRANCESCA GIANNONE

A CARTEIRA

TRADUÇÃO DE MARIA FERRO

 PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *A Carteira*

Título original: *La Portalettere*

Autora: *Francesca Giannone*

Copyright © 2023 Casa Editrice Nord s.u.r.l.

Uma editora do Gruppo editoriale Mauri Spagnol

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução: *Maria Ferro*

Revisão: *Inês Guerreiro/Editorial Presença*

Imagem de capa © The Artchives/Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, maio, 2024

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para a minha irmã Elisabetta.
Onde estiveres tu, estarei eu.*

Deborah: Esperaste muito?

Noodles: A vida inteira.

Era Uma Vez na América (1984)

de Sergio Leone

PRÓLOGO

*

13 de agosto de 1961

— A carteira morreu!

A notícia espalhou-se como um relâmpago por todas as ruas e vielas da aldeia.

— Vejam só, aquela foi-se mesmo — comentou dona Carmela, espreitando pela porta com ar ensonado. A auréola escura do rímel do dia anterior acumulara-se-lhe nas pregas debaixo dos olhos.

— Que Deus a tenha — respondeu a moradora da casa em frente, embrulhada num roupão, e benzeu-se.

— Diziam que ela não andava bem — interpôs outra da varanda. — Já não se via por aí há algum tempo.

— Brônquios, foi o que ouvi dizer — salientou uma mulher forte que estava a varrer a porta de casa.

— Tinha a doença dos carteiros — explicou a da varanda. — O Ferruccio, lembram-se? Ele também morreu novo.

Dona Carmela fez um esgar.

— Vou passar a ferro o vestido de cerimónia — disse ela. E entrou na habitação.

Numa casa não muito distante, onde acabava o centro habitado e começava a extensão de oliveiras, Giovanna estava sentada à mesa da cozinha e derramava lágrimas sobre um postal datado de 22 de maio de 1936. Dobrou-o ao meio, enfiou-o entre os seios e saiu.

Cumprindo as últimas vontades de Anna, o velório fora organizado no jardim de romãzeiras e manjerição, nas traseiras da casa. O almofariz que Anna trouxera consigo da Ligúria quase trinta anos antes fora colocado ao seu lado, no caixão, onde se encontravam dois pares de meias de bebé, um cor-de-rosa e outro azul, e a aliança de casamento de Carlo, que Anna insistira em levar consigo, enfiada no dedo por cima da sua. Não precisava de mais nada para se despedir da vida, dissera algumas horas antes de expirar.

Roberto passarinha junto ao caixão, fumando *Nazionali* sem filtro, incessantemente. A mulher, Maria, estava sentada numa das cadeiras de palha que faziam de escudo ao esquife, mas não parava de se mexer. O barrigão de nove meses fazia-a transpirar monumentalmente; se nascesse menina, chamar-lhe-ia

Anna, como prometido.

A procissão de homens e mulheres que tinham vindo apresentar as suas condolências começara ao romper da aurora. *Ainda bem que preparei vários termos de café*, pensou Maria, mudando de posição pela enésima vez. Naquele instante, entrou, compacto, o grupinho de mulheres liderado por Carmela, que trazia um vestido azul, o cabelo penteado num coque e um grosso traço de lápis preto nas pálpebras. Como uma prima-dona, encheu o peito e aproximou-se do caixão, orgulhosamente ciente dos olhares curiosos que, como mosquitos, se colavam a ela. O beijo dirigido à defunta, o aperto de mão a Maria, o abraço a Roberto: uma atuação magistral.

O protagonismo foi-lhe roubado pela chegada de Giovanna, que entrou de rompante e se atirou para cima de Anna, abraçando-a e beijando-lhe o rosto durante tanto tempo que deixou todos os presentes a sentirem-se envergonhados.

— Aquela sempre foi estranha — murmurou alguém.

Depois, Giovanna endireitou-se, tirou o postal de onde o guardara, entre os seios, abriu-o e entregou-o a Roberto, que acabara de acender outro cigarro.

— O que é isto? — perguntou, virando-o nas mãos.

— Lê — respondeu Giovanna, enxugando os olhos.

— *Com os melhores cumprimentos* — leu Roberto. Depois, fitou a mulher, perplexo.

— Não, não é aí. Aqui, vês?

Giovanna pôs um dedo no canto superior direito.

Roberto reparou que os selos tinham sido arrancados, revelando uma série de palavras minúsculas.

— Uma ideia da tua mãe — explicou Giovanna com a voz embargada. — Só ela para inventar uma coisa assim.

Roberto aproximou o postal dos olhos, esforçando-se por decifrar o que lá estava escrito. Depois, olhou para Giovanna com um ar confuso.

— Ela dizia-me para escrever uma mensagem secreta para o meu namorado e depois colava-lhe os selos por cima — explicou ela. — Escrevemos um ao outro assim durante anos.

Roberto esboçou um sorriso e fez menção de devolver o postal, mas Giovanna impediu-o.

— Não, tens de ficar com este — insistiu ela, pousando a mão sobre a dele. — Como recordação.

— Está bem — concordou Roberto. E, enquanto fitava Giovanna, que se afastava, arrastando-se, dobrou o postal ao meio e enfiou-o no bolso lateral do casaco. Naquele momento, uma idosa com o rosto rechonchudo e espessos cabelos grisalhos amarrados num rabo de cavalo puxado para o lado aproximou-se e pousou uma jarra com flores brancas aos pés do caixão.

Quem sabe se o tio Antonio virá, pensou depois Roberto, atirando a beata para o chão. Perguntou-se se já teria lido a carta.

— Leva isto ao teu tio assim que eu partir — pedira-lhe a mãe, entregando-lhe um envelope branco fechado.

Anna e Antonio não se falavam desde aquela noite, nove anos antes.

Quão tenaz pode ser o amor quando dá lugar ao ódio?

PRIMEIRA PARTE

*

Junho de 1934-dezembro de 1938

*Lizzanello (Lecce),
junho de 1934*

A camioneta azul, enferrujada e em mau estado, parou, chiando, no asfalto ardente do início da tarde. Húmido e abafado, o vento agitava as folhas da grande palmeira no centro da praça deserta. Os três únicos passageiros a bordo desembarcam: primeiro, Carlo, com o charuto apagado entre os dentes, vestido a rigor com o colete e os sapatos de couro castanho engraxados, tendo saído ileso de uma viagem que, primeiro de comboio e depois de camioneta, durara dois dias. Alisou o bigode e, de olhos fechados, inebriou-se com aquele cheiro especial que a sua aldeia sempre tivera, uma mistura de massa fresca, orégãos, terra molhada e vinho tinto. Como sentira falta dele durante os anos que passara no Norte, primeiro no Piemonte e depois na Ligúria; nos últimos tempos, a saudade que sempre sentira tornara-se constante, dolorosa, como um peso em cima do peito. Tirou o chapéu e usou-o como se fosse um leque, mas só conseguiu mover ar quente. No verão, o siroco que soprava de África era impiedoso, tal como ele o recordava.

Anna descobriu isso mesmo mal pôs os pés no chão. Envergava um vestido preto comprido, sinal do luto que teimava em usar havia já três anos, e segurava com dificuldade Roberto, um menino de um ano com um olhar vivaço.

Carlo estendeu a mão para a ajudar, mas Anna abanou a cabeça.

— Consigo sozinha — disse ela, incapaz de disfarçar a irritação. A satisfação de Carlo, o seu entusiasmo, como se finalmente lhe tivessem devolvido o brinquedo preferido depois de um longo castigo, eram incompreensíveis para ela. Além disso, ela só queria dormir: fora uma viagem extenuante. Observou a praça, o estranho amarelo-palha dos edifícios, os letreiros desbotados das lojas, a torre cinzenta do enorme castelo. Era o novo cenário da sua vida, e tudo era tão diferente do que conhecia... Deu-se conta naquele momento, com um aperto no peito, de quão longe estavam a sua Ligúria, a sua Pigna estendida na colina, os bosques de castanheiros.

— O Antonio já aqui devia estar — murmurou Carlo, olhando em redor. — Ele sabe que a carreira chega às três. — Ergueu o olhar para o grande relógio da

Câmara Municipal. — E são três e um quarto...

— Não me surpreenderia se por estas paragens os relógios se movessem em câmara lenta — retorquiu Anna, enxugando a testa suada de Roberto com o punho do vestido.

Carlo lançou-lhe um olhar divertido, depois abanou a cabeça, rindo; adorava tudo na mulher, até a sua ironia mordaz.

Antonio chegou, ofegante, poucos minutos depois, com a testa coberta de suor e uma madeixa de cabelo que escapara à brilhantina.

— Ali está ele! — exclamou Carlo, abrindo um sorriso. E correu para ele. Atirou os braços à volta do pescoço do irmão e abraçou-o com força, saltando depois para cima dele, de tal forma que Antonio perdeu o equilíbrio e quase caiu.

Anna olhou para os dois homens, que riam como crianças, e não se mexeu; aquele momento devia pertencer-lhes apenas a eles. Não havia um único dia em que Carlo não falasse do irmão: «O Antonio pensaria isto...», «O Antonio faria aquilo...», «Já te contei daquela vez em que eu e o Antonio...» Apesar dos anos de distância, preenchidos com pacotes de virtualhas e azeite que chegavam periodicamente do Sul, juntamente com postais, cartas e telegramas, a relação deles não se ressentira, pelo contrário, parecia ter-se reforçado.

Carlo agarrou Antonio pelo cotovelo e arrastou-o até ficar de frente para Anna.

A semelhança com o marido era impressionante, pensou ela quando se encontrou a um palmo dele: o mesmo rosto afilado, apenas com mais algumas rugas e sem bigode, as mesmas íris negras como breu, a ponta arredondada do nariz, o lábio inferior um pouco mais inchado do que o superior... como um quadro fielmente reproduzido do original.

— Esta é a minha Anna — disse Carlo, todo contente. — E este bebé lindíssimo é o teu sobrinho. Finalmente, vais conhecê-lo.

Antonio sorriu, embaraçado, depois estendeu a mão e Anna apertou-a frouxamente. Mas o olhar, não, pensou ela, não tinha nada que ver com o de Carlo, tão astuto, tão sedutor. Os olhos de Antonio eram intensos e melancólicos e, naquele momento, pareciam trespassá-la. Anna sentiu-se corar e desviou o olhar. *Pronto, corei, que raio*, pensou ela.

Antonio também desviou o olhar.

— Eu sou o teu tio — disse depois a Roberto com um sorriso, acariciando-lhe a cabecinha. O ouro da aliança cintilou à luz do Sol. Mantendo os olhos baixos, Anna entregou-lhe a criança.

— Mas, *quantu sinti beddru!* — exclamou Antonio, levantando-o pelas axilas.

— Sai à mãe — interveio Carlo e acariciou a face de Anna com as costas da mão.

Ela não se esquivou, mas era evidente que não estava com disposição para elogios.

O motorista da camioneta, com a camisa encharcada, que se lhe colara ao corpo, acabou de descarregar as malas e uma caixa de cartão, despediu-se de

seguida do grupo levantando a pala do chapéu e, arquejando, encaminhou-se devagarinho para o único bar da praça, o Bar Castello.

Carlo pegou nas duas malas.

— Trata tu da caixa — ordenou a Antonio. E fez-se ao caminho.

Anna tirou Roberto dos braços do tio e depois avisou-o:

— Tem cuidado. Aí dentro estão as coisas mais preciosas que tenho.

Com um toque de embaraço, deu-se conta de que eram as primeiras palavras que lhe dirigia.

— Vou ter cuidado, prometo — respondeu ele. Levantou a caixa com cuidado, segurou-a firmemente na base com as duas mãos e seguiu o irmão. Anna caminhou a seu lado: o estalido dos saltos na calçada lisa e escorregadia parecia estar em uníssono com a sua respiração, ligeiramente ofegante.

— Estamos quase a chegar — tranquilizou-a Antonio, dirigindo-lhe um pequeno sorriso.

A casa destinada a Carlo e Anna ficava na rua Paladini, a poucos passos da praça. Em tempos, a casa fora habitada por Luigi, o tio materno, conhecido como *lu patruunz* devido aos muitos hectares de terra que possuía. Ganhara muito dinheiro, mas não tinha filhos, por isso deixara tudo a Antonio e Carlo: terrenos, casas e uma bela quantia, que lhes permitiria ficar descansados durante algum tempo.

Só podia culpar aquele maldito tio por ter tido de abandonar a sua vida em Pigna e os seus alunos para se mudar para o Sul, pensou Anna. E odiara-o, apesar de estar morto.

Antonio pousou a caixa em frente à porta e procurou a chave no bolso das calças. Introduziu-a na fechadura da porta de madeira e abriu-a: o feixe de luz que se infiltrou vindo do exterior revelou um encantador pátio com o teto abobadado e paredes de pedra cor de mel, com uma mesinha redonda de mármore e duas cadeiras de ferro forjado ao centro; a um canto, encontrava-se um vaso de terracota com uma planta ressequida havia seguramente muitos meses.

Carlo largou as malas no pátio e começou a andar pela casa, subindo e descendo as escadas, vasculhando todos os recantos e levantando os lençóis que cobriam os móveis da grande sala de estar com lareira. Encostado à ombreira da porta da rua, Antonio seguia-o com o olhar e sentiu-se inundado de emoção. Quantas saudades tivera do seu Carletto brincalhão, o irmãozinho dos grandes abraços. Enquanto Carlo esteve ao seu lado, nunca precisou de mais ninguém: era seu irmão, claro, mas era sobretudo o seu melhor amigo, o companheiro de brincadeiras preferido, o único que o conhecia profundamente. Quando ele se fora embora, apoderara-se dele uma sensação de estar sozinho no mundo. E ninguém fora capaz de dissipar essa solidão, de dar cor ao seu mundo. Nem sequer — pensou com uma pontada de remorso — a sua mulher, Agata, ou a filha, Lorenza.

Anna olhava em redor, abraçando Roberto junto ao peito e pensando que aquela casa era demasiado grande para apenas três pessoas e que os tetos eram

demasiado altos para o seu gosto. Achava que o amor não precisava de muitos quartos nem de divisões para fechar à chave: os primeiros anos do seu casamento haviam sido passados num apartamento de três divisões com tetos baixos, mas tinham sido felizes, oh, se tinham. *O espaço físico, quando é demasiado, aumenta também a distância entre os corações: quando é que as princesas vivem felizes nos castelos?*, pensou.

— Anna, vem ver — exclamou Carlo, aproximando-se dela e puxando-a pela mão. — Anto', tu também.

Ele conduziu-a através da sala de estar, da sala de jantar e, finalmente, da cozinha, até desembocarem num pequeno jardim cheio de romãzeiras.

Anna sorriu. Isso não acontecia desde que entrara no comboio para o Sul, mas aquela visão era o primeiro sinal real de esperança que aquela viagem lhe dava: as flores vermelhas em forma de cálice com a corola amarela, as folhas acuminadas de um verde vivo, o contraste nítido das cores, os troncos retorcidos... Gostou de tudo. Até plantaria ali um arbusto de manjerição, para saturar o ar com o seu perfume. *O suficiente para se sentir em casa. Pelo menos um bocadinho.*

— *Quel délice! Mon jardin secret!* — exclamou ela, e plantou um beijo na bochecha do filho.

Antonio olhou para ela, estupefacto, e depois interrogou Carlo com os olhos.

— Sim, de vez em quando a minha Anna sai-se com umas frases em francês. Sabes como é...

— De onde eu venho, é perfeitamente normal, porque cresci na fronteira com França — interrompeu-o Anna, virando-se por alguns instantes. Olhou para Antonio com os seus grandes olhos da cor das folhas de oliveira, realçados pelo preto do cabelo, que mantinha preso numa trança pouco apertada. A pele fina e diáfana, de uma criatura que não pertencia àquele lugar, enrubescceu nas faces. Antonio não sabia dizer se era por causa do calor ou se fora ele a fazê-la corar mais uma vez.

Depois, Anna virou as costas aos dois homens e começou a apalpar suavemente o tronco de uma romãzeira.

Interrogo-me se haverá uma gramática de francês na biblioteca municipal, pensou Antonio. No dia seguinte, iria lá perguntar.

*

— Então? Como é que ela é? — Nessa noite, Agata, a mulher de Antonio, não parou de fazer perguntas. — É alta? Estava bem vestida? Gostou da casa? O que é que ela disse? Parecia satisfeita?

Antonio levantou-se da poltrona.

— Não sei — disse com um suspiro. — Acho que sim.

Agata, às vezes, conseguia ser muito irritante.

— É bonita? — continuou ela, de pé atrás dele.

Se era bonita? Antonio nunca tinha visto mulheres assim. Fora como uma bofetada na cara, que o deixara aturdido. Aqueles olhos verdes... não conseguia deixar de pensar neles: tão intensos e cheios de luz, com um estrabismo que mal se notava, extremamente doces, emoldurados por duas rugas suaves; e depois o nariz direito e orgulhoso, como uma estátua grega, e também a forma como caminhava, sólida e segura, apesar dos tornozelos delgados de uma menina.

— Normal — respondeu ele. — Não prestei muita atenção.

— Quando é que prestas? — queixou-se Agata, desiludida. Teria gostado de um relato pormenorizado e, em vez disso, teve de se contentar com alguns monossílabos.

— Senta-te, anda lá — bufou ela. — Lorenza! — gritou, olhando para cima. — Vem comer, está pronto.

Enquanto Agata saía da cozinha com uma panela fumegante nas mãos, ouviram-se os passos rápidos da menina nas escadas.

— Olá, papá — cumprimentou-o Lorenza, depositando-lhe um beijo na face.

Antonio acariciou-lhe a cabeça e, assim que Lorenza se sentou, perguntou-lhe o que tinha estudado na escola nesse dia. Não via a hora de mudar de assunto e esperava que a presença da filha calasse Agata de uma vez por todas.

A mulher despejou no prato de Lorenza duas colheradas de estufado de legumes, depois pegou no prato de Antonio e serviu-o também. *Aquelas mãos*, pensou Antonio, *perpetuamente maltratadas, com os nós dos dedos esfolados e as unhas lascadas de tanto as roer*. Tinham passado dez anos desde o seu primeiro encontro, e ele continuava a desviar o olhar. «O que queres, são mãos que trabalham», dissera secamente Agata, irritada, na única vez em que ele a aconselhara timidamente a tratar delas.

As mãos de Anna, pelo contrário. E como reparara nelas. Tão bem cuidadas, suaves, macias, só de olhar para elas.

— Itália é uma península, o que significa que é banhada pelo mar em três lados... — estava Lorenza a dizer, num tom de cantilena.

— Quando é que a vamos conhecer? — interrompeu-a Agata, sentando-se.

— Vamos dar-lhes tempo para se organizarem — respondeu Antonio e soprou na colher para arrefecê-la.

— Um almoço de boas-vindas! — exclamou Agata, fingindo não ter ouvido. — É disso que precisamos. No próximo domingo!

*

No domingo seguinte, Agata acordou ao nascer do dia. Fechou lentamente a porta do quarto para não acordar Antonio e dirigiu-se à casa de banho. Despiu a combinação branca que lhe repuxava as ancas largas e pôs um vestidinho de algodão castanho, confortável e de mangas curtas, aquele que despira na noite anterior e que pendurara ao lado da toalha. Olhando-se ao espelho, escovou

rapidamente o cabelo acobreado, depois prendeu-o num rabo de cavalo baixo e lavou o rosto.

Com pezinhos de lã, desceu as escadas e dirigiu-se à cozinha. Preparou a cafeteira e pô-la ao lume; entretanto, começou a picar uma cebola, uma cenoura e um talo de aipo. Encheu uma frigideira funda com azeite e deitou a carne picada lá para dentro. Em pouco tempo, o aroma do refogado espalhou-se pela cozinha e misturou-se com o do café. Ver-teu na frigideira as duas garrafas de vidro de puré de tomate, ajustou o sal e depois cobriu tudo. Sentou-se por alguns instantes para beber o café e rever o que ainda faltava fazer: tinha de preparar a massa para as *orecchiette* e fazê-las à mão, uma a uma — *Um quilo? Sim, deve chegar...* —, moldar as almôndegas de pão e queijo, fritá-las e passá-las pelo molho. Imaginou a refeição, ela a servir os pratos uns atrás dos outros, e as reações de Carlo e Anna:

— *Mamma mia*, que delícia — diria Carlo, girando a mão no ar. — Ah, as saudades que eu tinha da nossa cozinha. E estas almôndegas, parece que estamos a comer carne a sério!

Enquanto todos limpariam o prato com pão, para saborear o molho até à última gota, Antonio olharia para ela cheio de orgulho e pensaria na sorte que tinha em tê-la como esposa, ela que era uma cozinheira de mão-cheia.

— Tens de me ensinar como se faz — acrescentaria Anna, fitando-a com admiração. E Agata responder-lhe-ia com um sorriso, dizendo que lhe ensinaria de bom grado. Tornar-se-iam grandes amigas, disso tinha a certeza.

Bebeu o último gole de café, levantou-se, pôs a chávena suja no lava-louça, tirou uma *puccia* da despensa e começou a esburacá-la para retirar o miolo.

Quanto à sobremesa, decidiu, seria Antonio a tratar disso. Assim que acordasse, mandá-lo-ia ao Bar Castello para comprar uma travessa de pastéis de amêndoa.

Anna e Carlo bateram à porta pontualmente ao meio-dia e meia.

— Cá estão eles — disse Agata, com um brilho de felicidade nos olhos. Desatou o nó do avental, atirou-o para cima da cadeira da cozinha e correu para abrir a porta. Antonio, que estava sentado na poltrona a ler o *Corriere della Sera*, dobrou o jornal ao meio, levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos das calças.

Agata abriu a porta.

— Sejam bem-vindos! — exclamou numa voz esganiçada, com as faces coradas. Carlo sorriu-lhe e abraçou-a; em dez anos, só se tinham visto três vezes e por poucos dias: a primeira vez, quando ele regressara à Apúlia para ser padrinho de casamento deles; a segunda, para celebrar o nascimento de Lorenza, e a terceira, para o funeral do pai.

Anna ficou postada à porta, com Roberto ao colo, a dormir profundamente, encostado ao seu ombro.

— Anna, minha querida — disse Agata, depositando-lhe dois beijos húmidos na cara, um em cada bochecha. — Finalmente, não via a hora de te conhecer — continuou, com a voz trémula. — Mas, por favor, entrem — convida-os,

estendendo-lhes o braço. — Sentem-se onde quiserem. — E limpou com um dedo o suor entre o nariz e os lábios.

Antonio foi ter com eles. Abraçou o irmão com força e depois cumprimentou Anna levantando o queixo.

— Como estás? — pergunta-lhe, com um sorriso no rosto.

— Bem — respondeu ela, olhando em redor, um pouco atordoada. — Tão bem quanto se pode estar em...

— E a minha sobrinha, onde está? — interrompe-a Carlo. — Já deve estar uma senhorinha.

— Lorenza! — berrou Agata na direção das escadas.

Anna esboçou um esgar de desagrado e, instintivamente, tapou com uma mão a orelha de Roberto, que, no entanto, continuava a dormir.

— Desce! Já chegaram!... — Depois, baixando a voz, disse a Anna: — Temos sempre de chamá-la centenas de vezes, esta minha filha. Nunca está pronta! — E riu-se.

Carlo começou de repente a deambular pela sala de estar, olhando em redor com as mãos entrelaçadas atrás das costas.

— Anna, minha querida, não fiques de pé. Senta-te aqui — convidou-a Agata, apontando para o sofá de veludo verde no meio da sala.

Anna agradeceu-lhe e aproximou-se do sofá.

— Ou melhor, vamos antes levar o bebé para o quarto. Senão, aqui, ainda acorda — sugeriu Agata.

— Sim, talvez seja melhor, obrigada — concordou Anna.

— Ora essa! Anda, anda — incitou-a Agata, acompanhando-a com um braço atrás das costas. — Assim, até damos uma oportunidade à minha filha. — E começaram a subir as escadas.

— Não mudaste nada — comentou Carlo num tom vagamente surpreendido, assim que ficou a sós com o irmão.

Antonio ainda vivia na casa onde os dois tinham crescido, a apenas cem metros da casa do tio Luigi. Enquanto o pai ainda era vivo, Antonio vivia ali com ele, acompanhado da mulher e da filha, ocupando a divisão que agora se tornara o quarto da menina. Os móveis eram aqueles, toscos e um pouco pesados, que a mãe e o pai tinham comprado antes de se casarem; o sofá de veludo verde, agora puído nos apoios de braços, era aquele em que Carlo e Antonio costumavam enroscar-se nos braços do pai, quando eram crianças, nas noites de inverno, em frente à lareira; os quadros que a mãe pintara quando ainda era jovem e saudável, e que retratavam extensões de oliveiras, estavam pendurados no mesmo lugar junto à lareira; os bibelôs — o pai gostava de colecionar todo o tipo de objetos, sobretudo miniaturas em ferro forjado — não tinham sido mudados, e até a manta de lã da mãe ainda se encontrava na poltrona junto à janela, aquela em que Antonio gostava de se sentar.

— Gosto assim — respondeu Antonio, encolhendo os ombros.

No andar de cima, depois de deitar Roberto na cama de casal, protegido por duas almofadas, uma de cada lado, Agata avançou pelo corredor e conduziu Anna ao quarto de Lorenza. Empurrou a porta entreaberta: a menina estava sentada no chão, absorta a brincar com uma boneca de pano.

— Mas será que nunca respondes quando te chamo? — repreendeu-a Agata.

Anna entrou no quarto, passando por Agata, e agachou-se ao lado da menina. Lorenza olhou para ela, arregalando os olhos.

— Olá — disse-lhe Anna com um sorriso. — Sou a tua tia Anna. — E estendeu-lhe a mão.

A menina retribuiu o sorriso e apertou a mão de Anna na sua.

— Chamo-me Lorenza.

— Sim, eu sei.

— Quantos anos tens?

— Vinte e sete — respondeu Anna.

Lorenza começou a contar baixinho, abrindo os dedos.

— Menos oito que a mamã — disse ela. — Eu tenho nove, assim. — E mostrou-lhe com ambas as mãos.

— Eu também sei — sorriu Anna.

— É verdade que vieste de muito longe?

— Oh, sim, de muito, muito longe.

— Tão longe como a América?

Anna riu-se e depois deu-lhe uma palmadinha na bochecha.

— Mais ou menos — disse ela.

Os olhos de Lorenza eram iguais aos de Antonio e de Carlo: escuros e penetrantes, com um brilho que os fazia resplandecer de dentro.

— És muito bonita, sabias? — disse Anna, deixando escorregar-lhe por entre os dedos o cabelo da sobrinha, que era do mesmo tom acobreado que o de Agata.

— Tu também. És lindíssima.

— Oh, obrigada. — Anna puxou-a para junto de si e abraçou-a. Imaginava-a assim, a sua Claudia, a sua menina perdida, se tivesse tido tempo para crescer.

— Lorenza, então? — Agata, junto à porta, voltou a chamá-la num tom irritado. — Calça os sapatos e desce, anda. O tio Carlo está à espera para te falar.

Assim que ouviram passos nas escadas, Carlo e Antonio levantaram-se do sofá. Antonio reparou que Agata vinha com uma expressão amuada, como se a alegria de instantes antes tivesse desaparecido de repente. Lorenza, pelo contrário, parecia genuinamente feliz por vir de mão dada com Anna, que estava finalmente a sorrir. *Devia sorrir mais vezes*, pensou. Ficava ainda mais bonita...

— Tio! — guinchou Lorenza, e correu para ele. Carlo riu-se e abriu bem os braços, depois levantou-a e fê-la girar pela sala como se fosse um pião, enquanto a menina se ria à gargalhada.

— Devagar, senão assim ela ainda fica maldisposta — avisou-o Anna.

— Vamos, todos para a mesa — disse Agata. — Vou pôr a massa a fazer, que

esta é fresca, mal a pomos na água, temos logo de a tirar.

Dirigiu-se para a cozinha, esperando que Anna a seguisse para a ajudar. Em vez disso, viu-a puxar a cadeira e sentar-se. *É de loucos*, pensou então, abanando a cabeça. Se havia outra mulher entre os comensais, cabia-lhe a ela ajudar a anfitriã a servir à mesa. Era assim que se fazia: não havia necessidade de pedir certas coisas.

— Eu fico ao lado da tia! — gritou Lorenza, ocupando a cadeira ao lado da de Anna.

— Lorenza, vem ajudar-me — chamou-a Agata, bruscamente.

— O pai trata disso, não te preocupes — disse Antonio à filha, convidando-a a permanecer sentada. E juntou-se à mulher na cozinha.

Quando os pratos estavam na mesa, todos se sentaram. Agata fez o sinal da cruz e, de mãos postas e olhos baixos, recitou o pai-nosso. Carlo e Antonio pousaram imediatamente a colher que já tinham na mão e imitaram-na.

— Tia, e tu não rezas a oração? — perguntou Lorenza de repente.

Agata ergueu o olhar.

— Eu não sou crente — respondeu Anna laconicamente.

Carlo tossiu e olhou em redor.

— O que quer dizer isso de não seres crente? — insistiu a criança, estupefacta.

— É melhor comermos agora senão vai arrefecer — interrompeu-a Agata.

Antonio manteve os olhos colados em Anna como se o mecanismo de visão tivesse ficado encravado e só os desviou quando se apercebeu de que a sua mulher, por sua vez, o fitava de sobrolho franzido. Por isso, devolveu-lhe um sorriso desajeitado, pegou na colher, baixou a cabeça e começou a comer.

*

Algumas horas mais tarde, na doce quietude que se seguia ao almoço dominical e à luz da tarde que passava através das cortinas fechadas, Antonio sentou-se na sua poltrona com as pernas cruzadas e as mãos entrelaçadas no colo, a fixar o chão com um olhar absorto. Da cozinha, vinha o tilintar da louça e o gorgolejar da água com que Agata enxaguava os pratos ensaboados. Estava invulgarmente taciturna, mas não parava de bufar. Lorenza estava a descansar no quarto.

— Acabei, finalmente — anunciou Agata, entrando na sala de estar com um ar exausto. — Também me vou estender.

Antonio sobressaltou-se e ergueu os olhos para a mulher.

— Vai lá. Deves estar de rastos...

— Ah, pois... — respondeu ela, irritada. — Dei-me a tanto trabalho para nada.

— Como *para nada*? Correu tudo bem, acho eu. Estava tudo ótimo, como sempre.

— Ah, é bom ouvir isso, ao menos alguém reparou.

Antonio separou as mãos e inclinou-se ligeiramente para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— O que se passa, Agata? — perguntou-lhe com uma pontada de impaciência.

A mulher respondeu com uma pequena careta e agitou a mão, como quem diz para deixar estar. Fez menção de subir as escadas, mas depois deteve-se por um instante, com um pé no primeiro degrau.

— Afinal, é verdade o que dizem sobre as pessoas do Norte — limitou-se a afirmar, antes de desaparecer para lá da parede divisória.

¹ Em dialeto salentino, «tão bonito que tu és». (NT)

² Em dialeto salentino, «o patrão». (NT)

³ Em dialeto salentino designa um tipo de pão feito com uma massa muito mole, que não é levedada. (NT)

Julho-agosto de 1934

No dia seguinte à sua chegada, Anna não desfizera a mala; em vez disso, abria imediatamente a caixa para extrair dela os seus tesouros: as sementes pretas do manjerição da Ligúria fechadas num saquinho de ráfia; o almofariz de mármore branco riscado por veios cinzentos que tinha pertencido à bisavó e depois a todas as mulheres da sua família; o cofre marchetado de madeira de cerejeira no qual estavam guardadas as primeiras botinhas de lã cor-de-rosa de Claudia e as de Roberto de lã azul; o colar de pérolas da mãe, que recebera como presente no seu vigésimo primeiro aniversário; as fronhas de seda lilás que a sua avó cosera com as próprias mãos porque, dizia sempre: «A seda mantém a pele do rosto jovem e macia»; e os livros que decidira levar consigo: alguns em francês, como *Madame Bovary* e *L'Éducation Sentimentale*, mas também *Anna Karénina*, *Jane Eyre*, *O Monte dos Vendavais* e *Orgulho e Preconceito*.

Pegando no saco com as sementes, dirigiu-se depois ao jardim e pôs mãos à obra: tinha escavado cerca de vinte pequenos buracos a uma distância de trinta centímetros uns dos outros e plantou duas sementes em cada um. Com o calor que se fazia sentir por ali, estava certa de que não teria de esperar muito para que as primeiras plantinhas brotassem.

Naquela manhã de um sábado de julho, estava precisamente a regar os primeiros tufos de manjerição quando ouviu bater à porta. Com um suspiro, voltou para dentro de casa e desatou o nó da fita com que atara o chapéu de palha debaixo do queixo. *Será que alguma vez me vou habituar ao calor do Sul?*, pensou, pousando o chapéu em cima da mesa.

— Já vou! — gritou, dirigindo-se para a porta.

Encontrou-se diante de Agata, com a mala apertada nas mãos e o rosto reluzente e corado. Vestia uma saia cor-de-rosa direita, pelo joelho, e uma blusa branca com uma gola toda cheia de folhos e renda que acentuava os seus seios volumosos.

— Bom dia. Chegaste antes da hora — cumprimentou-a Anna.

— Sim, é que mal podia esperar — desculpou-se Agata, entrando em casa.

Anna voltou a fechar a porta.

— Tenho de mudar de roupa, estava no jardim — disse.

— Sim, sim, fica à vontade, não te preocupes comigo — respondeu a outra, agitando a mão. — Entretanto, vou apaparicar um bocadinho o meu sobrinho.

— Ainda não o acordei — disse Anna. E anuiu com a cabeça para o carrinho de bebé no meio da sala de estar.

— Eu trato disso. Vai-te vestir.

Anna arqueou uma sobranceira e depois, com passos lentos, subiu para o piso superior, agarrando-se ao corrimão de ferro forjado.

Porque é que me deixei convencer?, perguntou-se, enquanto despia o roupão de seda azul e tirava do armário um dos seus muitos vestidos pretos. Agata tinha insistido em arrastá-la para o mercado de sábado de manhã, e ela assentira apenas para ela se calar com a história, já que lhe andava a pedir que a acompanhasse desde que ela chegara à aldeia. E não era só isso: Anna ficara com a impressão de que a vida de Agata, antes da sua chegada, era um oceano de solidão e que ela era a ilha que surgira no horizonte, a única esperança de salvação. De facto, a cunhada não lhe dava tréguas: visitava-a todos os dias, às horas mais estranhas e sem avisar; propunha-lhe sempre que fizessem alguma coisa juntas: irem às compras, dar um passeio, rezar o terço aos sábados à tarde ou simplesmente beber um café, acompanhado de uma interminável tagarelice ... e muitas vezes trazia-lhe comida.

— Também cozinhei para ti — dizia ela, toda contente, embora ninguém lhe tivesse pedido.

Anna acabou de prender o cabelo na sua trança habitual e regressou ao piso térreo. As duas mulheres saíram e dirigiram-se à praça, Anna empurrando o carrinho de bebé, com Agata pendurada no seu braço.

As bancas, com os seus toldos brancos, ocupavam toda a praça Castello e as ruas que a ela iam dar. O barulho de fundo que Anna ouvira ao longe tornou-se subitamente mais alto e assolou-a de tal forma que quase a deixou zozna: era uma barafunda de cantilenas de comerciantes que tentavam atrair a atenção dos clientes, de gritos, de gargalhadas ruidosas e de discussões entre pessoas que gesticulavam.

A primeira parte do mercado tresandava a *cacioricotta*, queijo de ovelha e azeitonas picantes em salmoura. Um odor pestilento que dava náuseas, sobretudo àquela hora da manhã. Anna estugou o passo e tapou o nariz com a palma da mão.

— Por aqui — exclamou Agata. — Vem ver. — Era a sua zona preferida: a dos utensílios e artigos domésticos, verdadeiras preciosidades do artesanato local. — Vais ver que encontras alguma coisa de que gostas — disse ela.

O responsável pela primeira banca, um rapagão com vestígios de um bigode e cabelo escuro e encaracolado, enaltecia a mercadoria acabada de chegar:

— Tão especial que não se encontra em mais lado nenhum!

Mostrou-lhes um vaso em pedra de Lecce decorada com flores amarelas pintadas à mão, uma *pignata*⁴ para cozer os legumes e algumas conchas de madeira com cabos de cerâmica esmaltada.

— E o que é aquilo? — perguntou Anna, apontando para um objeto de terracota peculiar. Tinha a forma de uma pinha ou de um botão prestes a florir, com duas folhas dobradas de lado.

— É um *pumo* — explicou-lhe Agata. — Gostas? — perguntou-lhe, então, com um olhar esperançoso.

— É um amuleto da sorte — acrescentou o rapaz. — Mas só se for oferecido a alguém.

Anna fez uma careta, como quem diz que não acredita minimamente em amuletos da sorte.

— Bem pode acreditar — disse-lhe o homem, piscando-lhe o olho.

E, antes que Anna pudesse responder, Agata pegou no *pumo*, pagou-o e meteu-o no saco de Anna.

— Este sou eu que to ofereço!

Anna agradeceu-lhe, mas sem sorrir. Mas o que é que eu faço com isto? Não só é inútil como é mesmo feio, pensou.

Continuaram em direção à banca dos fantoches de papel prensado. No meio de Nossas Senhoras, Jesus e vários santos alinhados como soldadinhos de chumbo, o olhar de Anna recaiu sobre uma figurinha que parecia abandonada num canto da banca: uma camponesa com um vestido branco largo com pontas esvoaçantes, o cabelo despenteado pelo vento e um cesto de maçãs vermelhas nos braços. O rosto tinha uma pequena lasca. Era o único fantoche lascado entre todos os que estavam expostos.

— Vou ficar com ela — disse Anna sem hesitar, indicando-a.

Agata olhou para ela, intrigada.

— Não é melhor a estátua de São Lourenço, o nosso santo padroeiro? Olha que bonito — disse ela, pegando no boneco.

Mas Anna ignorou-a.

O homem sentado do outro lado do balcão baixou-se, tirou uma página de jornal velho de uma pilha a seus pés e começou a embrulhar cuidadosamente o fantoche.

— Tenha cuidado para não o esmagar no saco. O papel prensado é delicado — disse ele, entregando-lhe o pacote.

Um pouco adiante, detiveram-se frente a um monte de cestos e cestas de vime. Uma mulher idosa, com uma penugem escura por cima dos lábios e as mãos inchadas de calos, estava sentada no chão, descalça, ocupada a tecer uma cesta: tinha acabado de dar os últimos retoques à borda e estava prestes a fazer a pega. Agata cumprimentou-a calorosamente e pôs-se logo a tagarelar. Enquanto as duas mulheres trocavam uma série de «Se Deus quiser, vamos andando», Anna não pôde deixar de olhar fixamente para os pés daquela velha, enegrecidos pela terra, com os calcanhares gretados e as unhas amareladas. Por um momento, lembrou-se da avó, que, todas as noites, antes de se enfiar na cama, massajava os pés com leite e depois, ainda ensopados, os enfiava dentro das meias. «Nunca descures as mãos e

os pés», dizia-lhe ela. «As pessoas olham primeiro para os pormenores, lembra-te disso.»

— Por aqui — disse depois Agata, agarrando Anna pelo braço.

Entraram numa rua lateral e chegaram à carroça dos tecidos. Uma mulher pequenina, com o cabelo apanhado num coque e um xaile de croché verde sobre os ombros, mostrava um rolo de seda azul a outra mulher, enfiada num vestido que a cobria como se tivesse sido pintado no seu corpo. O cabelo, volumoso e escuro, caía-lhe pelas costas em ondas suaves. Mas o que mais impressionou Anna foram as suas mãos: não só porque apalpavam a seda com o mesmo cuidado com que se acaricia a cabecinha de um bebé recém-nascido mas sobretudo porque tinha as unhas extremamente bem cuidadas e pintadas de vermelho. Nenhuma das mulheres que tinha visto em Lizzanello tinha mãos assim tão elegantes.

— Oh, chegou a nossa Agata. Bom dia! — exclamou a senhora dos tecidos, com um sorriso rasgado.

— Esta é a Anna, a minha cunhada — apresentou-a Agata.

A mulher das unhas vermelhas virou-se de repente, e a seda azul escorregou-lhe dos dedos.

Anna apertou a mão que a senhora dos tecidos lhe estendera e, pelo canto do olho, apercebeu-se de que a outra mulher a estava a avaliar da cabeça aos pés.

— Do que precisa, minha querida?

— Tenho de fazer cortinados para a janela do quarto — explicou Agata. — Dê-me alguns metros de algodão branco e um pouco de linha de algodão fino para fazer croché, para as bainhas.

— Então, deixo-vos — interrompeu-as a mulher das unhas vermelhas, desviando finalmente o olhar de Anna. Depois, em dialeto, disse à senhora: — A seda é boa; ponha-ma de parte, que eu mando o meu marido cá buscá-la.

Por fim, sem se despedir, deu meia-volta e foi-se embora.

— Quem é aquela? — perguntou Anna ao ouvido de Agata.

— É a Carmela — respondeu Agata, um pouco envergonhada.

— Carmela quê?

Agata fitou-a, hesitante.

— A costureira...

— Aqui tem — interrompeu-a a senhora dos tecidos, entregando-lhe um saco de papel. Agata pagou e agradeceu-lhe, prometendo que voltaria em breve.

Entraram novamente na praça.

— Podemos passar pelo homem da fruta? — perguntou Anna, apontando para uma loja do lado oposto, com um letreiro que dizia FRUTA E LEGUMES. — Tenho de comprar um ramo de manjeriço. Amanhã quero fazer *pesto*.

Assim que lhes pôs os olhos em cima, um homem de boné na cabeça, a atirar para o magro e com um sorriso alegre, cumprimentou-os à porta, tirando o chapéu.

— Em que vos posso ser útil? — perguntou ele.

— Um pouco de manjericão, por favor — respondeu Anna. — Peço-lhe para escolher com as folhas intactas, como o da semana passada.

— Michele, dá-nos o ramo mais fresco que tiveres — acrescentou Agata.

— Ora essa! — disse. Depois virou-se para o interior da loja e gritou: — Giacomino! *Pigghia lu basillicu* para a forasteira!

Anna arqueou uma sobrancelha, espantada e vagamente incomodada. Então era assim que lhe chamavam na aldeia? *A forasteira?*

Pouco depois, uma criança que teria a idade de Lorenza e com o rosto coberto de sardas apareceu com um ramo de manjericão nas mãos.

— Dá-o à senhora — ordenou-lhe Michele, apontando para Anna.

— Tome — disse a criança, entregando-lhe o ramo.

Uma vez fora da loja, Agata perguntou-lhe se queria beber uma limonada no bar antes de ir para casa.

— Assim podemos passar mais algum tempo juntas e refrescamo-nos — explicou, abanando-se com a mão.

Atravessam a pequena multidão, composta por mulheres que avançam transportando pesados cabazes com as compras do mercado e outras que haviam pousado os sacos no chão e estavam entretidas a conversar, e entram no Bar Castello, afastando os fios de corda da cortina. O homem atrás do balcão, um tipo gordo, de bigode preto e farfalhudo e tez cor de azeitona, secava um copo com a bainha do avental branco. As paredes estavam parcialmente revestidas a madeira, e, na parte de cima, destacavam-se algumas fotografias da aldeia, um cartaz de *Fernet Branca* e a lista dos preços, escrita à mão. As mesas estavam cobertas com uma pesada toalha vermelha, e as cadeiras eram de madeira e de palha. Numa delas, estava um exemplar amarfanhado da *Gazzetta del Mezzogiorno*.

— Nando, duas limonadas, por favor — pediu Agata.

— Só uma — corrigiu-a Anna de imediato. — Eu quero um café com *grappa*.

Agata virou-se, atónita.

— *Grappa?*

— *Grappa*, sim — respondeu Anna. — Sempre bebi o café assim, no bar.

Nando piscou-lhe o olho e disse, com uma voz troante:

— Eu também!

*

No dia seguinte, Anna organizou todos os ingredientes em algumas tigelinhas de cerâmica, que dispôs na mesa da cozinha: manjericão, pinhões, sal grosso, alho, *pecorino* e parmesão. Só faltava o azeite, mas Antonio tinha prometido trazer-lho de manhã. Apertou o avental atrás das costas e tirou o almofariz da prateleira.

— Posso? — Era a voz de Antonio, que vinha da entrada.

— Entra, entra! — gritou Anna.

— Tia, tia — gritou Lorenza, correndo para ela.

O rosto de Anna abriu-se num sorriso, ela agachou-se e abriu bem os braços.

— Vem cá dar-me um abraço, sua marota.

— Bom dia! — Antonio entrou com um sorriso tímido, tirando o boné. — O Carlo não está?

— Foi levar o Roberto à missa — respondeu ela, arqueando uma sobrancelha.

Antonio esboçou um sorriso.

— Tens aqui o azeite. Desta vez, são dois litros — disse. E pousou na mesa um paralelepípedo com o logótipo do seu lagar, o Lagar Greco: uma almotolia de lata de onde saía uma gota de azeite com a forma de uma folha de oliveira.

— Papá, podemos ficar a ver a tia a fazer o *pesto*? Por favor!

— Se a tia não se importar... — retorquiu, procurando a resposta nos olhos de Anna.

— Claro que não me importo — respondeu ela, despenteando o cabelo da menina, que imediatamente puxou a cadeira e se sentou muito direita em cima dos joelhos.

Antonio sentou-se na cadeira de palha que estava num canto da divisão, junto ao louceiro. Nunca ninguém se sentava naquela cadeira; era usada como apoio para a roupa para engomar.

— Então, vamos deitar mãos à obra! — exclamou Anna. Pegou nas folhas de manjerição e pô-las em cima de um pano de cozinha. — Nunca debes pôr as folhas totalmente dentro de água, lembra-te disso — explicou a Lorenza. — Tens de lavá-las assim, batendo-lhes levemente com um pano húmido. Porque senão arriskas-te a rasgá-las, mas elas têm de ficar assim, estás a ver, intactas. — Pôs de lado as folhas lavadas e começou a encher o almofariz com os dentes de alho e os grãos de sal grosso. — A minha mãe dizia sempre que era preciso uma pitada, mas mesmo só uma pitada de sal. Não mais, insistia sempre.

E começou a moer, descrevendo círculos no interior do almofariz.

Antonio, com a face recém-barbeada apoiada na palma da mão, observa-a em silêncio: as mãos de Anna, tão suaves e bem cuidadas, moviam-se, ágeis e seguras; eram as mãos conhecedoras de alguém que praticava o ritual do *pesto* desde pequenina. Nunca a vira tão bem-disposta desde que chegara. Achou que ela devia fazer *pesto* todo o santo dia, se era algo que a punha a sorrir daquela maneira.

— Tens de esperar que o alho atinja esta consistência, estás a ver? Como um creme — dizia Anna. A menina inclinou-se para a frente. — Só neste ponto se pode juntar o manjerição — continuou, pegando no ramo de folhas. — E mais uma pitada de sal.

— Posso ser eu a pôr? — perguntou Lorenza.

— Sim, mas só um bocadinho, como te mostrei há bocado.

Lorenza enfiou os seus pequenos dedos na tigelinha do sal e pegou nos grãos entre o indicador e o polegar.

— Muito bem, é isso mesmo! — Anna sorriu-lhe. — Agora, vem a parte mais divertida. — E recomeçou a moer vigorosamente, até as folhas se transformarem

em papa. — Agora os pinhões, o *pecorino* e o parmesão. Mas em pequenas doses, devagar, devagarinho. — Uma a uma, esvaziou as tigelinhas para dentro do almofariz. — De certeza que já te estão a doer os braços. Olha os músculos que ganhei à força de tanto moer!

Lorenza riu-se, virou a cabeça para trás e olhou para o pai, que lhe sorriu, piscando-lhe um olho.

— *Et voilà!* — exclamou Anna, satisfeita.

A menina aproximou-se e olhou para o *pesto* com os olhos cheios de admiração, como se tivesse acabado de assistir a um truque de magia, e pensou que não via a hora de descrevê-lo aos seus colegas da escola. Desde que chegara «a tia de longe», como lhe chamava, todos os dias contava às suas amiguinhas as aventuras, verdadeiras ou inventadas, de uma heroína que só ela se podia gabar de conhecer: uma vez, a tia vira montanhas tão altas que tocavam no céu; outra vez, dançara com o próprio rei; outra ainda, tocara numa árvore doente e curara-a.

— Já só falta o azeite e depois está pronto — disse Anna. — Queres pô-lo tu, *ma petite*?

— Minha pequenina — sussurrou Antonio.

— O que é que disseste? — perguntou Anna.

Ele corou.

— *Ma petite...* Significa «minha pequenina», não é?

Anna olhou para ele, arqueando uma sobrancelha.

— Puseste-te a estudar francês?

Antonio baixou os olhos.

— Um bocadinho.

— Como assim? Ficaste com vontade por minha causa?

Anna sorriu.

Ele encolheu os ombros.

— Quero compreender as coisas que não sei, só isso... — Quero compreender-te a ti, teria gostado de acrescentar.

Anna não poderia saber que todas as noites, quando Agata e Lorenza iam para a cama e a casa mergulhava no silêncio, Antonio fechava-se no escritório e tirava da gaveta a gramática francesa que tinha ido buscar à biblioteca. Ficava a ler e a sublinhar até tarde: só parava quando os olhos se lhe fechavam de sono.

*

Carlo estava sentado numa das mesas da esplanada do Bar Castello, com Roberto ao colo e um charuto nas mãos, a beber o péssimo vinho tinto da casa. Mas que prazer era estar ali a observar a azáfama da manhã de domingo: os que saíam da igreja, os que paravam na padaria para comprar um tabuleiro de bolinhos, os que entregavam moedas ao rapaz que vendia o jornal e se afastavam com *La Gazzetta del Mezzogiorno* dobrada debaixo do braço.

Carlo soerguia o chapéu e cumprimentava com um sorriso todos os que passavam: conhecia toda a gente, e todos pareciam conhecê-lo, como se não tivesse saído daquela mesa nos últimos dez anos.

— Olá, forasteiro — ouviu atrás de si.

Aquela voz. Carmela. Já estava à espera de voltar a vê-la, mais cedo ou mais tarde. Na verdade, era estranho que até àquele momento ainda não se tivessem cruzado. Desde que chegara, andara muito atarefado: malas para desfazer, casa para reabrir, uma série de assinaturas no notário, vistorias aos terrenos que havia herdado... mas a aldeia não tinha mais de seis mil habitantes e era fácil saber quem lá estava e quem não estava.

Carlo puxou a cadeira ao lado da sua e, acenando com um sorriso, fez-lhe sinal para que se sentasse.

— Bem diziam que tinhas voltado. Vi-te na igreja há pouco — disse ela, deixando-se ficar de pé e baixando para o pescoço o xaile preto que lhe cobria o cabelo.

Tornara-se uma mulher, Carmela. Quando desabrochara, no verão do seu décimo sexto aniversário, entre os rapazes, desencadeara-se uma espécie de competição para ver quem seria o primeiro a apalpar-lhe os seios. Começaram a cortejá-la em massa, como um exército ao ataque: ofereciam-lhe o braço, acotovelavam-se para se sentarem ao seu lado na missa, alguém lhe comprava um bolo recheado de compota, outro acompanhava-a a pé até casa. Carlo conhecia-a desde criança, tendo crescido na mesma rua, a poucos metros um do outro. Vira-a chorar e gritar quando a mãe lhe batia, raspar os joelhos quando jogavam à apanhada, limpar o ranho com as costas da mão. Por isso, naquele ano, quando regressara da colónia de férias em Santa Maria di Leuca e a encontrara surpreendentemente crescida, confiante, de uma beleza estonteante, sentiu-se intimidado e, com uma pontada de irritação, deixou subitamente de lhe falar. Limitou-se a observá-la à distância, a estudá-la como se fosse uma criatura nova, incompreensível. Arranjava forma de fazer que os olhares de ambos se cruzassem e depois desviava o olhar de repente. Por fim, de tanto a ignorar, conseguira conquistá-la. Durante dois anos, apalpou-lhe os seios e beijou-a furtiva e apaixonadamente, até ao dia em que teve de partir: iam mandá-lo para Alexandria, na região de Piemonte, a fim de se tornar financeiro. Mas voltaria dali a pouco tempo e casar-se-ia com ela. Fora isso que dissera.

— Este deve ser o Roberto.

— Sim! — exclamou Carlo e depositou um beijo na testa do filho.

— Que olhões...

— Foi buscá-los à mãe, felizmente.

Carmela olhou para a praça, que se esvaziava pouco a pouco. Mario, o engraxador, um rapagão com monocelha, feições angulosas e cabelo penteado para um lado, estava sentado de braços cruzados no banco entre a palmeira e o bebedouro, a olhar fixamente para ela. Ela cumprimentou-o com um aceno do

queixo, depois baixou os olhos e voltou a colocar o xaile na cabeça. As mãos dela eram bonitas e elegantes tal como dantes, pensou Carlo, observando os dedos afilados e as unhas pintadas de vermelho.

— E tu? Tens filhos? — perguntou-lhe ele.

Carmela hesitou.

— Sim — respondeu. — Um. Chama-se Daniele. Faz dez anos em dezembro.

— Mas olha que estás muito bem — murmurou Carlo. — Estás ainda mais bonita do que dantes.

Ela fitou-o fixamente com os seus olhos escuros e cortantes.

— Não o suficiente para te fazer voltar.

Ele bebeu um gole de vinho e não conseguiu conter um esgar: credo, como era azedo, só servia para temperar a salada.

— Sabes, escrevi-te — disse ele, pousando o copo na mesa.

— Sim, sim, eu sei — respondeu ela, agitando a mão como se quisesse afugentar um inseto.

— Bem vejo que a aliança que tens no dedo foi-te posta por outro.

Carmela tocou na aliança.

— Olha, se estivesse à tua espera, acabava por morrer solteirona.

— Nunca morrerias solteirona. Alguma vez?

— Então e a tua senhora? Quase não se vê por aí. Qual é o problema? A terra não é do seu agrado?

— Vá lá. Dá-lhe tempo, está a adaptar-se. Não tem sido fácil para ela, sabes. A Claudia, a mudança... Vais ver que aos poucos...

— Sim, ouvi dizer o que aconteceu à menina. Que desgraça.

— Sim — disse ele, comprimindo os lábios. E bebeu mais um gole. — Credo, este vinho é mesmo uma porcaria! — explodiu sem se conseguir conter.

Carmela desatou a rir.

— Não é nada como o vinho que o meu pai fazia. Daquele, sim, é que tu gostavas.

— O vinho do dom Ciccio! E quem é que o pode esquecer. Ainda o faz?

— Já não. Demasiado trabalho. As costas ficaram desgraçadas.

— É pena. Teria provado um copo de bom grado.

— Ainda tenho algumas garrafas em casa. — Olhou para o relógio da Câmara Municipal e para Mario, que não parava de a fitar. — Tenho de ir — acabou por dizer.

— Talvez um dia destes vá visitar-te! — exclamou Carlo. — Pelo vinho, quero dizer — acrescentou, embaraçado.

Carmela esboçou um sorriso tenso e despediu-se dele. Depois, afastou-se, de costas para ele, certa de que a estava a observar.

Lorenza abriu a porta de casa e entrou, a gritar:

— Mamã, olha, eu e a tia Anna fizemos pesto! — E correu para a cozinha para lhe mostrar o frasquinho de vidro que trazia nas mãos.

— Já fiz o comer — dispensou-a Agata abruptamente.

O sorriso no pequeno rosto de Lorenza desvaneceu-se de repente. Antonio aproximou-se dela, respirou fundo e tentou tranquilizá-la.

— Guardamos para amanhã — disse ele, acariciando-lhe a cabeça.

— Eu cá não gosto nada disso. Não são coisas nossas — resmungou Agata, continuando de volta das panelas.

Antonio já sabia que o pesto se iria estragar e que acabariam por deitá-lo fora. Anna pedira-lhes que o comessem no próprio dia...

— Anda, Lorenza. Ajuda-me a pôr a mesa — disse ele suavemente, tirando-lhe o frasquinho das mãos e pousando-o em cima da mesa.

— É isso mesmo, ótimo, vão-se embora daqui — comentou Agata, secando as mãos no avental.

*

— Aqui estamos nós!

Carlo apareceu na cozinha com Roberto, que tinha adormecido a caminho de casa.

— Efeitos da missa? — ironizou Anna, tirando-o dos braços dele com delicadeza. Carlo desatou a rir e tentou abraçá-la por trás e roubar-lhe um beijo.

Anna, divertida, disse-lhe que parasse, que assim ainda acordava o bebé. Mas, depois de o ter deitado no berço, foi ela abraçar Carlo num longo beijo, daqueles que só ela soubera dar-lhe em toda a sua vida.

A massa com *pesto*, quente e já posta em cima da mesa na cozinha, seria comida fria naquele domingo.

*

No dia de *Ferragosto*, esteve muito calor desde as primeiras horas da manhã. Anna acordou transpirada e levantou até à testa a venda de seda preta que lhe cobria os olhos. O lugar de Carlo na cama já estava vazio; no instante seguinte, ouviu-o cantarolar atrás da porta fechada da casa de banho, como fazia sempre que se barbeava. Levantou-se, sentou-se brevemente em frente ao toucador, tirou a escova da prateleira de mármore e passou-a pelo cabelo, fitando-se no grande espelho oval de mogno. Acariciou a face do filho, que dormia tranquilamente no berço, e desceu para a cozinha. Num tacinho, aqueceu o leite, mas não muito, apenas um minuto; gostava dele morno. Verteu-o para a chávena e saiu para bebê-lo no jardim, sentada no banco à sombra da romãzeira. Puxou para cima a combinação branca de algodão e encolheu as pernas rosadas e esguias, puxando

depois para um lado o cabelo comprido e solto. Segurando a chávina com firmeza nas mãos, bebeu o primeiro golinho. Onde estava no ano anterior, no dia de *Ferragosto*? Roberto tinha poucos meses, e Carlo levava os três a darem um passeio sozinhos nos arredores de Pigna. Almoçaram sentados numa toalha, na frescura do mato de que ela tanto gostava, onde só se ouvia o cricri dos grilos e o chilrear dos pássaros. Depois, de um saco de papel, Carlo tirara uma *pisciadela*, a sua *focaccia* preferida, e dividiram-na ao meio.

Anna passou uma mão pela parte de trás do seu pescoço húmido. *Incrível*, disse a si mesma. *Continuo a transpirar, mesmo estando à sombra...* Encostou-se às costas do banco com um suspiro e sorveu mais um gole de leite. Agata não aparecia há alguns dias, pensou. Não que isso a incomodasse, pelo contrário: por um lado, era um alívio que a cunhada tivesse largado o osso. Mas desaparecer completamente, assim, de um dia para o outro... Teria ficado aborrecida com a resposta? No entanto, não lhe parecia que tivesse sido indelicada. Cerca de uma semana antes, Agata aparecera à hora do almoço com uma omeleta de ovos, pão ralado e hortelã.

— Agata, obrigada, a sério. É muito simpático da tua parte. Mas, olha, eu quero cozinhar para a minha família — respondeu ela. O que é que isso tinha de mal? Não a tinha ofendido!

— Bom dia, meu amor! Pronta para o mar? — Carlo distraiu-a, chegando ao jardim, com o cheiro do seu *aftershave* mentolado. Inclinou-se para lhe dar um beijo e acariciou-lhe o cabelo.

— Para o mar? Mas eu nem sequer tenho fato de banho — protestou Anna.

— Não importa! Vamos improvisar. Não vamos ficar para aqui a morrer de calor — respondeu ele, alegre.

— E diz-me cá: como é que vamos lá chegar?

— De camioneta. Parte daqui a exatamente cinquenta minutos — explicou-lhe. O Antonio, a Agata e a Lorenza estão à nossa espera na praça — acrescentou.

— Já trataste de tudo... Como é que eu não sabia? — Anna retesou-se.

— Porque queria fazer-te uma surpresa! Vais ver, vamos divertir-nos. Acaba de tomar o pequeno-almoço com calma, eu trato do Roberto.

A camioneta saiu da praça Castello com meia hora de atraso: aglomerara-se muita gente, acotovelando-se para entrar. Assim, após os protestos e as imprecações dos que tinham ficado em terra, o condutor prometeu voltar imediatamente para uma segunda viagem.

— Há uma limonada paga no bar para cada um de vós — anunciou Carlo ao grupo que teria de ficar à espera. — Assim, enquanto esperam, podem refrescar-se.

E entrou na camioneta, saudado por exclamações de entusiasmo.

— Ouviram isto? Aquele senhor ali está a oferecer-nos limonada — disse uma jovem ao filho que tinha ao colo e que choramingava por causa do calor.

— Pagaste por toda a gente? Não percebi... — perguntou Anna.

— Exatamente — respondeu Carlo, sentando-se ao lado dela.

Da janelinha, acenou com a mão para a criança, sorrindo-lhe.

Ela fitou-o, perplexa.

— Mas porquê?

— Como, porquê? É um gesto de bondade. Eles têm de ficar à espera ao sol, coitados.

— Sim, mas o que é que tens que ver com isso? Quero dizer: não podiam ter comprado eles?

Carlo encolheu os ombros.

— É assim que fazemos as coisas por aqui. Sempre foi.

— Pode ser. A mim parece-me uma forma estúpida de deitar dinheiro fora.

— Não te preocupes com o dinheiro, meu amor — tranquilizou-a ele, tocando-lhe no joelho. — Agora, é algo que não nos falta.

— Isso não é razão para o desperdiçares — replicou ela.

— Tia, quero sentar-me ao seu lado — intrometeu-se Lorenza, saindo dos bancos de trás.

Carlo deu-lhe um piparote na face.

— Está bem — disse ele, levantando-se. — Mas só desta vez, está bem?

E, piscando-lhe o olho, foi ocupar o lugar de Lorenza, ao lado de Agata, que se abanava com um leque de tule de seda preta. Na outra fila, Antonio estava absorto na leitura, ombro com ombro com um rapaz que tinha o nariz esmagado contra a janela.

A praia de San Foca, a mais próxima da aldeia, fica a um punhado de quilómetros. Estava tão cheia de gente e tão barulhenta que Anna teve vontade de entrar de novo na camioneta para regressar à tranquilidade silenciosa do seu jardim de romãzeiras.

— Leva tu o bebé, por favor — disse ela a Carlo, entregando-lhe Roberto.

— Está tudo bem, meu amor? — perguntou ele, preocupado.

Anna não respondeu. Pôs na cabeça o chapéu de palha que trouxera, apertou a mão de Lorenza e caminhou com ela pela areia quente em busca de um lugar livre. Parecia uma tarefa impossível, no meio de pessoas estendidas a apanhar sol, crianças com baldes e pás a construir castelos e adultos a jogar à bola com pandeiretas de madeira e couro. No entanto, acabaram por encontrar um pedacinho de praia: Carlo e Antonio sentaram-se costas com costas; Anna e Agata ficaram juntas, com as pernas esticadas para o lado e as duas crianças no meio.

Anna sentia-se aprisionada pelo calor sufocante, pela massa humana em constante oscilação e até pelo incessante clamor do dialeto, uma língua que ainda lhe parecia completamente esquiva, com todos aqueles «u» e «z» finais a irromperem nos sítios mais inesperados. Mas ninguém no pequeno grupo à sua volta parecia reparar nessas coisas. Todos, exceto ela, pareciam felizes por estarem ali.

De repente, Carlo pôs-se em pé e tirou as calças e a camisa, revelando um fato de banho às riscas azuis e brancas com calções até meio da coxa.

— Vou ao banho — anunciou. — Quem vem comigo?

— Eu. Não aguento mais, tenho de me refrescar, senão vou cozer aqui — lamentou-se Agata, continuando a abanar-se. — Lorenza, anda lá, tens de molhar a cabeça senão ficas doente — acrescentou, levantando-se. Depois, tirou a *T-shirt* à filha, que ficou com um fato de banho amarelo com calções.

— Tia Anna, tu também — implorou-lhe Lorenza.

Anna acariciou-a e disse que preferia ficar ali, por enquanto.

— Antonio, vens? — perguntou Carlo.

— Vou acabar o capítulo — respondeu, apontando para a página do livro.

Carlo inclinou-se para dar um beijo leve, primeiro na testa de Anna e depois na de Roberto.

— Até logo — disse ele. — Não apanhes um escaldão. — E, com um sorriso, ajeitou-lhe o chapéu de palha, que pendia para um lado.

Anna ficou a olhar fixamente para ele enquanto se dirigia para a beira-mar, brincando com Agata e Lorenza, que caminhavam ao seu lado. Quando os viu mergulhar os pés na água, levantou o olhar e apontou-o para Antonio, que continuava a ler, concentrado, como se nada mais existisse.

E talvez ele tivesse sentido que estava a ser observado, porque levantou os olhos do romance e olhou para ela.

— Fala do quê? — perguntou-lhe Anna de chofre.

Antonio esboçou uma expressão de perplexidade.

— Quem?

— O livro que estás a ler — disse ela com um ar divertido.

— Ah, o livro! — exclamou ele, corando. — Bem... — continuou, mantendo o polegar dentro do livro como se fosse um marcador. — Fala de um homem que é culpado do pecado da preguiça e que prefere refugiar-se no subsolo, invejando todos aqueles que são capazes de agir. Na verdade, chama-se *Cadernos do Subterrâneo*.

— E é de Dostoiévski, sim, eu sei. Mas nunca li nada dele.

— O que é que gostas de ler?

Anna deitou-se para trás e apoiou-se nos cotovelos.

— Jane Austen, as irmãs Brontë...

— Em suma, gostas de mulheres.

— Não só. Li tudo de Flaubert, Tolstói... Além disso, desculpa, porque é que disseste isso assim?

— Assim como?

— Com esse ar condescendente. Como se os romances escritos por mulheres fossem romances menores.

— Não, não, percebeste mal. Não quis menosprezá-los, acredita. Li *Orgulho e Preconceito*, por exemplo.

— E gostaste?

Antonio encolheu os ombros.

— Prefiro outros escritores, só isso.

Naquele instante, passou por eles um rapazinho com uma carrocinha, que gritava:

— Amêndoas frescas!

Anna fez uma careta.

— Mas porque é que gritam tanto?

— Quem é que grita? — perguntou-lhe Antonio.

— Vocês, do Sul.

Ele curvou os lábios num sorriso amargo.

— Bem, nem todos. — E olhou-a diretamente nos olhos.

— Sim, tu não. Eu sei. Nem o Carlo — aplacou-se Anna.

— Sabes, sublinhei uma passagem que me fez pensar em ti.

— Em mim? E porquê?

— Queres que te leia?

— Claro que sim

Antonio folheou o livro até encontrar a página que procurava.

— Aqui está. — E começou a ler com voz calma: — «Atormentava-me então outra circunstância, o facto de ninguém se assemelhar a mim e de eu não me assemelhar a ninguém. Eu sou só eu, e eles são todos.» — Depois fechou o livro e fixou os olhos em Anna.

— É assim que me vês? — perguntou ela, com o rosto franzido.

— É assim que te sentes?

Anna não teve tempo de responder. Naquele instante, Lorenza correu para eles e, toda a pingar, gritou:

— Tia, papá, venham! A água está ótima!

4 Em dialeto salentino, «panela de terracota». (NT)

5 Em dialeto salentino, «vai apanhar o manjeriço». (NT)

6 Dia 15 de agosto, festa da Assunção de Maria. (NT)

Outubro-novembro de 1934

Fumando o seu charuto, Carlo percorreu a aldeia ao longo das ruelas estreitas e silenciosas, invadido pelo cheiro do molho de tomate que alguém cozinhava para lá das janelas abertas, até chegar à porta da sala de costura, à qual bateu, assobiando uma melodia.

Carmela abriu-lhe a porta. Envergava um vestido florido e uma fita métrica de modista em jeito de colar.

— És tu? — perguntou-lhe ela, surpreendida.

— Ainda a tens, aquela garrafa de vinho do teu pai? — perguntou ele com um sorriso.

— Lembraste-te disso de repente? — respondeu ela com uma careta. — *Tràsi* — disse ela então com um suspiro.

Carlo obedeceu, e ela fechou a porta. A sala de costura estava toda ali, numa divisão organizada e asseada, onde cada coisa estava no devido lugar: a máquina de costura, a mesa de trabalho em madeira, um manequim despido a um canto, uma prateleira com rolos de tecido empilhados, uma torre de revistas e várias ferramentas do ofício separadas por tipologia em muitas caixinhas. Na parede em frente à mesa, havia uma mesinha de vidro, recentemente polido, com um vaso de flores em cima e duas pequenas poltronas de veludo vermelho ao lado.

— Senta-te aí, vá — disse Carmela, apontando para uma das pequenas poltronas. — Vou buscar o vinho. Espera aqui. — E abriu a porta que separava a sala de costura da casa.

Regressou com a garrafa numa mão e um copo de cristal na outra. Depois, serviu o vinho e ofereceu-lho.

Carlo bebeu um gole e, com os olhos fechados, estalou os lábios.

— Isto, sim, é uma alegria para o palato. — Depois, pousou o copo na mesinha. — Como estás? — perguntou-lhe.

Carmela encolheu os ombros.

— Como me vês. Sempre a trabalhar — respondeu, cruzando os braços.

— O teu marido? Conheci-o, sabes? Só trocámos algumas palavras, no bar do Nando. Pareceu-me um homem decente.

— E é — disse Carmela.

Carlo voltou a pegar no copo e bebeu de novo.

— Talvez seja um pouco velho para ti, não te parece? Que idade tem? Cinquenta?

— Quase. Mas o que é que tu queres ao certo? — perguntou ela, enfadada.

— Nada, nada. — Carlo levantou a mão. — Na verdade, não vim só pelo vinho. Preciso de falar com o dom Ciccio.

— Com o meu pai? E porquê?

— Tu sabes, não é? Da terra que o meu tio Luigi me deixou.

— Claro que sei. Toda a gente sabe. E o que é que isso tem?

— Tenho de fazer alguma coisa com ela... Estava a pensar em produzir vinho eu mesmo, e o teu pai podia dar-me alguns conselhos.

Ela franziu o sobrolho.

— É a ele que tens de perguntar. O que é que eu tenho que ver com isso?

Carlo olhou para o copo e fez o vinho rodopiar.

— Antes de ir falar com ele, queria saber por ti se ele ainda está zangado. Quando me vê passar, mal me fala... Talvez eu esteja enganado, hem?

Carmela olhou-o fixamente e com dureza.

— Tu foste-te embora há muitos anos. A nossa vida aqui seguiu em frente e não gira à tua volta.

Naquele momento, ouviu-se alguém a bater à porta, e Carmela foi abrir, revelando uma mulher idosa, com os olhos encovados e uma verruga saliente no queixo, que trazia quatro casacos de homem dobrados sobre o braço.

— Ah, dona Marta... *Tràsi, tràsi*. — Carmela fez-lhe sinal

Carlo pousou o copo e levantou-se:

— Bom dia, dona Marta. Como está?

— Olhe, não me queixo, graças a Deus — respondeu a mulher. — E o senhor? Vi a sua mulher, com *lu piccinnus*. Que criança tão bonita...

Carlo sorriu, depois lançou um olhar embaraçado a Carmela.

— O Carlo está aqui porque quer que eu lhe costure um fato, mas já estava de saída — apressou-se a dizer.

— Sim, é verdade — disse ele, anuindo com a cabeça. — Bem, então voltarei quando estiver pronto.

Carmela acompanhou-o à porta.

— Adeus, dona Marta — despediu-se Carlo. — Adeus, Carmela — acrescentou depois, olhando-a nos olhos.

— Cumprimentos à família — disse ela, antes de fechar a porta.

Carlo pôs-se a caminho, atalhando por uma viela empedrada que, depois de mais de um quilómetro, conduzia diretamente à casa de dom Ciccio. Caminhou ao longo de um muro de pedra, para lá do qual se vislumbra a folhagem dos carvalhos, e atravessou uma porta em arco que dava para uma clareira com um poço de pedra ao centro, em torno do qual se encontravam pequenas habitações

com as fachadas algo descascadas. Carlo bateu a uma porta verde dupla e aguardou, balançando-se para trás e para a frente sobre os calcanhares. Quando dom Ciccio a abriu, ficou atônito por alguns instantes e fitou-o com os seus olhos cor de breu, iguaizinhos aos de Carmela. Aumentara de peso naqueles anos, a julgar pela barriga mole que sobressaía da camisa. Os braços, no entanto, continuavam a ser os mesmos, fortes e tonificados, de que Carlo se lembrava. O nariz, ligeiramente achatado, encontrava-se agora coberto de pequenas manchas castanhas, e o cabelo, outrora espesso e ondulado, estava curto e ralo nas têmporas.

— Bom dia, dom Ciccio — disse Carlo, num tom alegre.

— Bom dia — murmurou dom Ciccio, com uma cara séria. — O que se passa? — Era evidente que ele queria ir direito ao assunto.

Carlo esfregou a nuca, embaraçado.

— Estava a pensar se podíamos conversar.

Dom Ciccio abriu a porta de par em par e, com um gesto brusco, convidou-o para o interior. Depois, percorreu o corredor escuro, virando-lhe as costas.

— Como está a sua mulher? — perguntou Carlo.

— Mais vale perguntares-lhe diretamente a ela — respondeu dom Ciccio.

Enfiou pela primeira porta à esquerda e entrou na cozinha iluminada apenas pela luz que entrava pela janela. Havia um cheiro forte a alho e nabiças, que estavam efetivamente a fritar numa frigideira. De um gancho na parede pendiam dois grandes cachos de tomate. Gina, a mulher, estava sentada a tricotar junto à lareira apagada. Na prateleira por cima da sua cabeça, repousava uma moldura com uma fotografia de Benito Mussolini, retratado de uniforme e capacete.

— Olha quem está aqui — disse dom Ciccio à mulher, num tom que pareceu a Carlo ligeiramente sarcástico.

Gina abriu e arregalou os olhos, levantou-se e deixou cair as agulhas na cadeira.

— Carlo, há tanto tempo que... — disse num fio de voz.

— É um prazer voltar a vê-la, dona Gina. Espero que esteja bem — cumprimentou-a Carlo, pegando-lhe nas duas mãos.

— Estou como Deus quer — respondeu a mulher.

Não tinha perdido o seu sorriso doce, pensou ele, olhando para as covinhas nos lados da boca. E continuava a prender o cabelo num carrapito, como sempre fizera, embora agora estivesse todo branco. Contudo, a pele do rosto continuava esticada e firme. Carmela herdou a pele dela, pensou Carlo.

Dom Ciccio puxou uma cadeira e sentou-se, depois convidou-o a fazer o mesmo.

— Prepara um café para o nosso convidado — ordenou à mulher.

Carlo entrelaçou os dedos sobre a mesa, depois enfiou-os no bolso do casaco e tirou outro charuto.

— Importa-se que fume, dom Ciccio?

O homem anuiu com a cabeça, dizendo que não. Então, Carlo acendeu o

charuto, libertando uma nuvem de fumo, e o aroma a especiarias encheu a divisão, misturando-se com o das nabiças.

No silêncio que se seguiu, Gina deitou o café nas chávenas do serviço bom, que pôs num tabuleiro de prata; depois, voltou a sentar-se e a tricotar. Só depois de sorver o último gole dom Ciccio repetiu:

— O que se passa?

Carlo aclarou a garganta.

— Bem, como sabe, o meu tio Luigi deixou-me em herança dez hectares, aqueles que tinha comprado antes de adoecer. Não teve tempo para fazer nada com eles... Por isso, decidi cultivá-los e gostaria de lá fazer uma vinha.

Dom Ciccio pousou a chávena no tabuleiro e olhou de soslaio para a mulher, que levantou o olhar para o dele. Depois, olhou para Carlo e franziu o sobrolho.

— Foi por isso que vieste ter comigo?

— Quem melhor do que o senhor para me aconselhar, com a experiência que tem? Nunca bebi um vinho tão bom como o seu, nem sequer quando estava no Norte. Peço-lhe que me ensine tudo o que sabe, dom Ciccio. Como a um filho.

Dom Ciccio deixou-se ficar muito tempo a fitá-lo, depois levantou-se lentamente e tirou o cachimbo da prateleira da lareira, pousado ao lado da fotografia de Mussolini. Esfregou um fósforo, aqueceu o tabaco no forninho e, por fim, deu a primeira passa.

— Como a um filho, dizes tu, é? — repetiu, expelindo o fumo.

Gina levantou de novo a cabeça e olhou para ele por alguns instantes com os seus pequenos olhos azul-claros.

— Não, não te vou ensinar nada como se fosses meu filho — continuou dom Ciccio. — Mas ao filho do Pantaleo, que Deus o tenha em descanso, sim. Houve um tempo em que podias ter-te tornado meu filho, mas esse tempo *nun existe cchiu*.

— Se o ofendi, peço desculpa — murmurou Carlo.

Gina baixou a cabeça e pôs-se a tricotar mais depressa.

Dom Ciccio deu a volta à mesa e voltou a sentar-se.

— É um favor que te faço. Era o que mais faltava não fazer — disse ele, abrindo bem os braços. — Mas lembra-te sempre que é apenas pela amizade que me unia ao teu pai.

Carlo, todo contente, levantou-se e apertou-lhe a mão.

— Fico-lhe muito grato, não sabe quanto! — exclamou.

Depois de o acompanhar até à porta, dom Ciccio regressou à cozinha com passos lentos e voltou a sentar-se. Gina continuou a trabalhar com as agulhas, mas o seu rosto estava contraído.

— Não havia necessidade de pores a uso o serviço bom — repreendeu-a. — Era o que mais faltava agora estendermos a passadeira vermelha para aquele ali.

— Estava a pensar em cultivar as terras do meu tio — disse, naquela noite, Carlo a toda a família, reunida para jantar em casa de Antonio e Agata. — Na verdade, já ando a pensar nisso há algum tempo.

— E dizes-me isso assim?! — exclamou Anna.

Carlo tocou na mão da mulher e, com um sorriso, respondeu:

— Queria ter a certeza antes de te falar no assunto.

Ela baixou os olhos e continuou a comer a tarte de carne folhada.

— E o que é que queres plantar lá? — interveio Antonio, surpreendido.

— Videiras. Sonho com a minha própria marca de vinho, como fizeste com o azeite. Quero exportá-lo para toda a Itália, e até para o estrangeiro, mas com o meu nome — declarou, batendo com a mão no peito. — Aqui fazem vinho e mandam-no para cima, para cortar os vinhos do Norte. Sempre foi assim. Mas, em vez disso, podíamos vendê-lo já engarrafado, que não fica nada atrás dos vinhos do Véneto ou do Piemonte. E, bem sei, já os bebi. Na verdade, o nosso é ainda melhor. Aqui, nunca ninguém ousou fazer isso. Mas acho que está na altura de pensar em grande.

Antonio refletiu durante alguns instantes e depois sorriu.

— Sim, parece-me uma ótima ideia, Carletto.

— Bravo, fazes bem — comentou Agata, com a boca cheia.

— Vejo que estás muito determinado — interveio Anna, arqueando uma sobrancelha.

— Estou mesmo — respondeu Carlo. — Consegues imaginar? «Adega Greco»! — exclamou, acenando com a mão no ar. — Soa bem, não soa?

— Mas o que é que tu sabes sobre o cultivo da vinha? — perguntou-lhe Anna.

— Vou ter ajuda — respondeu. Depois volta-se para o irmão. — Já pedi ajuda ao dom Ciccio.

— Ah, sim? — perguntou Agata, espantada.

— Quem é o dom Ciccio? — perguntou Anna.

— Um homem que percebe muito de vinho — interrompeu Carlo. E meteu uma garfada de tarte na boca.

— Estou aqui para tudo o que precisares — disse Antonio.

— Eu sei. Obrigado, meu irmão — respondeu Carlo, piscando-lhe o olho.

— Eu também — disse Anna, passados alguns segundos. — Não sei nada sobre vinhas, mas tu também não. Isso quer dizer que vamos aprender juntos.

Abateu-se um silêncio. Carlo engoliu a garfada e aclarou a garganta.

— Não te preocupes, meu amor. Não há necessidade.

— Quase parece que estás a recusar a minha ajuda — comentou Anna, já irritada.

Antonio e Agata olharam um para o outro por uns instantes.

— Não, não é nada disso — apressou-se Carlo a dizer. — É que eu não quero que faças uma coisa só por fazer. Talvez para o ano possas voltar a dar aulas. Há de haver alguém prestes a reformar-se, não é? Talvez até nalguma aldeia vizinha...

Estás sempre a dizer que tens tantas saudades da escola.

— Tenho saudades de trabalhar, é diferente — respondeu ela, agastada. — Seja como for, não. De momento, não há vagas aqui. Tu sabes.

Carlo suspirou, pousou o garfo e pegou na mão dela entre as suas.

— Tens de dedicar algum tempo a pensar noutra coisa que gostasses de fazer. Mas tem de ser alguma coisa que tenha que ver contigo. Que te apaixone. Não há pressa. — E beijou-lhe as costas da mão.

Antonio abriu a boca, como se quisesse dizer alguma coisa, mas fechou-a logo em seguida.

*

O *Fiat 508 Balilla*, com a carroçaria beijada pelo sol e o interior em tecido aveludado, circulava velozmente, a oitenta quilómetros por hora, na estrada rural de Lizzanello à Grande Azinheira, nos arredores da aldeia vizinha de Pisignano. Carlo, com o pé no acelerador e o charuto apagado entre os dedos, assobiava uma musiquinha que ia compondo no momento.

No lugar ao lado dele, Antonio estava a morrer de medo.

— Vai mais devagar — não parava de dizer, agarrando com ambas as mãos o puxador interior da porta.

Mas Carlo não lhe prestava atenção: havia tanto tempo que queria um carro que, na manhã de 29 de novembro, o dia do seu trigésimo primeiro aniversário, catapultara-se da cama com o único pensamento de ir buscar o 508. Quis dar a si próprio um presente importante, agora que podia não pensar nas despesas: tinha levantado 10 800 liras da caderneta de poupança dos Correios e, sem pensar duas vezes, comprara o carro dos seus sonhos, aquele de que todos falavam e cujo anúncio aparecia nos jornais havia meses. «Chega de andar a pé», dizia o anúncio. Decidira-se pelo modelo berlina, o de quatro lugares e duas portas. A cor, verde, escolhera-a porque pertencia a Anna, aos seus olhos e ao seu manjerição, embora ela ainda não suspeitasse nada daquilo a que, sem dúvida, chamaria *un coup de folie*.

Começou a subir as mudanças quando vislumbrou, depois da curva a seguir ao muro de pedra, a folhagem majestosa e envolvente da Azinheira Grande, a árvore mais velha e robusta que existia por aquelas paragens. Quando eram pequenos, o pai costumava levá-los lá todos os domingos de manhã. Os três sentavam-se no chão e encostavam-se ao grande tronco da árvore. Pantaleo tirava do bolso duas laranjas ou dois pêssegos, conforme a época, e dava uma peça de fruta a cada um deles para o pequeno-almoço. E enquanto as crianças trincavam a fruta, que lhes humedecia os lábios e os dedos, Pantaleo contava uma das suas histórias: a lenda da azinheira era a sua preferida e repetira-a inúmeras vezes aos seus filhos.

Carlo e Antonio saíram do carro e, como se fossem crianças, sentaram-se na terra macia, encostando as costas à árvore. Carlo levantou os olhos e ficou em silêncio, dando longas baforadas no charuto. O fumo, exalado em direção ao céu,

ficava aprisionado na folhagem densa, que parecia sugá-lo.

— Lembras-te da história da azinheira? — perguntou então ao irmão.

— Claro que me lembro — respondeu Antonio. E, no instante seguinte, começou a contar a história, imitando o vozeirão do pai e recorrendo às mesmas palavras que ele usava: — A azinheira foi considerada durante muito tempo uma árvore funesta, porque foi a única, entre todas as árvores do Reino, que ofereceu a sua madeira para fazer a cruz em que Jesus morreu.

Carlo riu-se.

— Oh, fazes mesmo igual.

Antonio sorriu e continuou, gesticulando:

— Foi reabilitada apenas muitos séculos depois por São Francisco, que dissera que não, que a azinheira não era de todo uma traidora como todos acreditavam: fora antes a única árvore a compreender que tinha de se sacrificar pela redenção, como Jesus estava prestes a fazer.

Carlo abanou a cabeça, divertido, e recitou o fim da história em uníssono com o irmão:

— Desde então, tornou-se uma árvore tão sagrada que várias cidades italianas começaram a disputar o seu nome. A vencedora foi Lecce, a antiga Lupiae: é por isso que o brasão da cidade tem representada uma loba debaixo de uma azinheira.

Desataram a rir, surpreendidos com a perfeição com que se lembravam de cada palavra.

Carlo fechou então os olhos e deu mais uma passa no charuto. Só voltou a abri-los quando sentiu que algo estava parado à frente da sua cara: uma laranja oscilava no ar, com o caule entre o polegar e o indicador de Antonio.

— Não será tão boa como as do pai... mas feliz aniversário, Carletto.

O rosto de Carlo abriu-se num sorriso, como se tivesse acabado de receber o presente mais precioso do mundo.

Quando não estava ocupado na secretaria da Câmara, Pantaleo cultivava a horta que criara numa leira de terra nas traseiras da casa; tinha plantado laranjeiras, limoeiros, pessegueiros, romãzeiras, damasqueiros, figueiras e amendoeiras, um pomar tão diversificado e colorido que era dos mais admirados da aldeia. Carlo e Antonio divertiam-se que nem loucos, a correr por entre os troncos, a brincar à apanhada: quando um trepava para os ramos, o outro, por baixo, fazia de escada. Para Pantaleo eram uma alegria de se ver, árvores e filhos: percebia-se que os amava a ambos da mesma forma. Afinal, todo o amor que lhe enchera o corpo e a alma por Ada, a mulher com quem casara, a mãe dos seus filhos, implodira quando ela o deixara. Não, ela não tinha realmente partido: com o corpo, estava sempre lá, deitada na cama à noite e aninhada numa poltrona durante o dia. Mas alguma coisa na sua cabeça apagara-se para sempre depois do nascimento de Carlo: fora um parto difícil — o pequeno não quisera cá saber de se pôr em posição —, por isso ela fora espremida, empurrada, escortinhada e recosida. Torturada. Naquele dia, juntamente com o bebé, também lhe arrancaram do corpo o sorriso.

Um sorriso que nunca mais voltou.

Na estação das nortadas, Antonio aconchegava-lhe as cobertas, aquecia o regalo junto à lareira e, quando este estava quente, usava-o para envolver cuidadosamente as suas mãos dormentes. Carlo observava os cuidados extremosos do irmão por detrás da ombreira da porta, sentindo-se simultaneamente aliviado e ciumento por aquilo que ele próprio não era capaz de fazer: nunca aceitara a imagem daquela mãe desistente e vazia. Não conseguia deixar de a culpar, gostaria de sacudi-la violentamente, de arrastá-la para fora daquela maldita poltrona. Queimar todas as poltronas da casa. Nunca a tinha perdoado, nem mesmo quando ela decidira deixar tudo de uma vez por todas, porque a exaustão que lhe provocava viver se tornara insuportável. Tê-la-ia espezinhado, dia após dia, até ela ficar amachucada num invólucro deformado, com o cabelo branco frisado e os tornozelos inchados marcados pelas veias retorcidas como fios de lã emaranhados.

A compensar a falta de amor da mãe havia o pai, sem dúvida, mas, mais do que qualquer outra pessoa, Antonio. Foi ele quem o protegeu, mimou e abraçou todos os dias da sua vida, apesar de ser apenas quatro anos mais velho. Era apenas uma criança, um homenzinho de olhos ternos que, quando chorava, o fazia à noite, em silêncio, com a cabeça escondida debaixo da almofada, embora Carlo o ouvisse na mesma e nunca lho tivesse revelado.

Limpou a laranja e deitou a casca para o chão, à sua frente. Dividiu o fruto ao meio e entregou metade a Antonio.

Carlo deu uma dentada e, após alguns instantes, começou a rir-se à gargalhada.

— O que foi? — perguntou Antonio.

— Consegues imaginar? O filho de um abstmio a fazer vinho.

Antonio anuiu com a cabeça e sorriu.

— Bem, talvez tenha sido por isso que decidiste fazê-lo.

— Para me vingar de todas as vezes que o pai me proibiu de beber, dizes tu? — brincou Carlo.

— Não, só para lhe provares que ele estava enganado.

— Então, farei o melhor vinho do mundo — disse Carlo, pondo-se de pé. — Um vinho que até ele teria bebido. — Estendeu a mão a Antonio e ajudou-o a levantar-se. — Queres experimentar conduzir tu no caminho de regresso? — perguntou-lhe, encaminhando-se ao carro.

— Não, não, por favor! — exclamou Antonio, levantando a mão. — Isso não é para mim.

*

Se bem que um pouco a contragosto, Anna pôs-se a fazer o bolo para o aniversário de Carlo. O último bolo que tinha feito, o seu adorado *castagnaccio*, preparado segundo a receita da avó, fora no dia em que a sua Claudia fizera três meses.

Fora Lorenza quem lhe arrancara a promessa, entusiasmada com a ideia de festejar o aniversário do tio pela primeira vez, todos juntos. Tinha insistido tanto que Anna acabara por lhe fazer a vontade. Nisto, pensou, saía a Agata: também ela moía o juízo até a pessoa dizer que sim.

Assim, conseguira encontrar, não sem esforço, um quilo de farinha de castanha, sultanas e pinhões e, nessa manhã, mal Carlo se havia levantado da cama — sabe-se lá para onde fora com tanta pressa, sem sequer esperar por ela para beber o café —, ela desocupara a mesa da cozinha, pusera o avental, prendera o cabelo no lenço de seda e arregaçara as mangas do vestido preto.

Estava a trabalhar a massa quando ouviu uma buzina que não parava de tocar. Apesar de ter as mãos cheias da mistura pegajosa, dirigiu-se à porta e abriu-a, exclamando:

— Mas quem é que está a fazer esta barulheira toda?

Carlo estava encostado ao carro, de braços cruzados e com um ar radiante.

Anna deu a volta ao carro, observando-o em silêncio.

— Bem, sim. Gosto da cor — comentou finalmente. — Nem quero saber quanto deste por ele. — Mas depois sorriu.

Antonio, que ficara sentado no carro, viu que Anna tinha farinha no queixo e no lábio inferior e sentiu um impulso de pegar na cara dela com as mãos e limpá-la com muitos pequenos beijos molhados. E a cena que se desenrolava na sua cabeça tornou-se subitamente real quando Carlo aproximou o seu rosto do de Anna e, com beijos curtos e lentos, lhe lambeu a farinha dos lábios.

— Mal posso esperar para provar o bolo... — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Vou-me embora — interrompeu Antonio, saindo subitamente do carro.

— Espera, eu acompanho-te — disse Carlo, um pouco surpreendido.

— Deixa estar, são dois passos — respondeu ele. — Até logo — despediu-se, afastando-se quase a correr.

*

Havia dez anos que Carlo não festejava um aniversário na sua aldeia e, por isso, quis fazer as coisas em grande nessa noite. Tinha convidado um monte de pessoas com quem se cruzara nos dias anteriores: velhos amigos, simples conhecidos e até alguns estranhos. Encomendara quinze litros de vinho tinto na loja de vinhos da aldeia e pedira a comida no restaurante.

— Faz o que quiseres — dissera ao cozinheiro. — Desde que seja abundante.

Os primeiros a chegar foram Antonio e Agata, que, para a ocasião, vestira um saia-casaco *bordeaux* com botões dourados. Tinha apanhado o cabelo acobreado num pequeno coque e usava um batom a condizer que realçava cada um dos vincos dos seus lábios. Os lóbulos das orelhas pareciam alongados, talvez por causa dos pesados brincos de ouro que exibia orgulhosamente. Lorenza passou à frente dos pais e correu para Anna, que, também nessa noite, estava vestida de preto.

— E a mim, não me vais abraçar? Olha, eu é que sou o aniversariante, hem — disse Carlo, fazendo cócegas nas ancas da sobrinha. Rindo-se, Lorenza libertou-se e, em bicos de pés, beijou a face suave do tio, que cheirava a hortelã.

Pouco depois, Anna viu a aldeia cair em peso em sua casa, todos ao mesmo tempo. Foi como um encontro que se tenta adiar com todas as forças, mas que acaba por se tornar inevitável: dezenas de pessoas, num fluxo ininterrupto de beijos, abraços, apertos de mão, palmadinhas nas costas. Os homens tiravam os chapéus e beijavam-lhe a mão, as mulheres roçavam-lhe a face com beijos educados. Para escapar a esse contacto, dirigiu-se ao gramofone e pôs a tocar um disco de que gostava muito: *Parlami d'Amore Mariù*. Deixou-se ficar durante algum tempo assim, imóvel, de costas para a sala e para a multidão ruidosa: não estava nada habituada a todas aquelas manifestações de entusiasmo, mas aquele era o dia de Carlo, e não podia estragá-lo com amuos. Soltou um suspiro, arranjou coragem e voltou-se novamente para a multidão.

A mesa de oliveira no centro da sala de estar transbordava de comida e jarros de vinho, e era Agata quem, com a ajuda de Lorenza, andava de um lado para o outro na cozinha, certificando-se de que nunca faltava nada.

— Sirvam-se à vontade — dizia Carlo a quem chegava, apontando para a mesa, com um charuto na boca e um copo na mão.

Anna observou-o durante alguns instantes: não era invulgar o seu Carlo ser tão borbulhante como uma garrafa acabada de abrir, e isso era algo que ela sempre adorara nele, desde que se tinham conhecido. Nos tempos em que ele a cortejava, Anna não podia percorrer as ruelas íngremes de Pigna sem que Carlo saltasse à sua frente, surgindo a cada esquina, como um ilusionista.

— Menina, anda a seguir-me? É um pouco insistente, sabe? — provocava-a, quando era óbvio que era ele quem estava a segui-la.

Anna abanava a cabeça, divertida, e continuava a andar, sabendo que, na viela seguinte, ele voltaria a aparecer. Apaixonara-se pela sua alegria, pela sua espontaneidade, pela ligeireza com que Carlo levava a vida, ela que tinha crescido numa família austera, rodeada de pessoas cautelosas e racionais, que conheciam perfeitamente as regras do *bon ton*, mas não sabiam dizer «Amo-te». E, de facto, os pais tinham morrido sem nunca lhe terem dirigido essas palavras, e ela...

Quando a canção estava a terminar, Anna aproximou-se da mesa, serviu-se de uma bebida e depois dirigiu-se ao jardim para encontrar alguma paz. Sentou-se no seu banco, suspirou e, no silêncio, inspirou o aroma do manjerição com os olhos fechados.

Antonio foi o único a dar-se conta de que ela se tinha afastado. Despachou-se a livrar-se do pai de uma colega de escola de Lorenza, com quem estava a conversar, e juntou-se a Anna.

— Como estás? — perguntou-lhe ele, chegando junto dela por trás.

Anna virou-se de repente, e ele aproximou-se dela com passos lentos, mas ficou de pé com as mãos enfiadas nos bolsos das calças.

Ela encolheu os ombros.

— Como um peixe fora de água. É assim que me sinto.

Antonio pousou uma mão no banco e apertou o espaldar.

— Antes, eu sabia exatamente quem era — continuou ela. — Tinha o meu trabalho, os meus alunos, os meus lugares. A minha vida, em suma... Mas agora... Nem sequer percebo o que as pessoas dizem.

— Não é necessariamente uma coisa má — disse Antonio, sorrindo. — As pessoas dizem tantos disparates... — Anna esboçou um sorriso. — Mas lamento que te sintas assim... — acrescentou ele.

Ficaram em silêncio durante alguns segundos, e depois foi Anna a quebrá-lo.

— Não tenho nada novo para ler — disse ela.

— Bem, isso pode remediar-se facilmente. A biblioteca municipal está muito bem abastecida. Se quiseses, levo-te lá.

— Sim, por favor — respondeu Anna. Depois levantou-se e reparou que o colarinho da camisa de Antonio estava meio levantado; como se fosse o gesto mais natural do mundo, estendeu a mão e ajustou-o, baixando-o. — Agora já está no sítio — comentou, satisfeita. — Anda, vamos voltar para dentro.

Antonio ficou estupefacto e murmurou um «obrigado»: os dedos esguios de Anna, que lhe tinham roçado a pele do pescoço, provocaram-lhe um súbito tremor e uma espécie de inquietude que lhe apertava as vísceras.

Evitou o olhar de Anna durante o resto da noite e manteve-se distante mesmo quando, entre palmas e brindes de parabéns, Carlo cortou o bolo de castanha e o comeu com gosto. E, enquanto o irmão envolvia a cintura de Anna com o braço e a beijava para lhe agradecer pelo bolo, Antonio deslizou silenciosamente para o jardim, sentou-se no banco e ergueu os olhos para as estrelas.

*

A festa prolongou-se pela noite dentro, de tal forma que, a certa altura, Lorenza adormeceu no sofá, e ninguém a acordou. Antonio e Agata foram então para casa sozinhos, ele em silêncio, ela, com o batom desbotado, a lamentar-se pelo facto que lhe ter cabido a ela ir e vir da cozinha enquanto Anna estava ocupada a divertir-se.

— Já vou ter contigo — disse Antonio, assim que entraram em casa. No lusco-fusco da sala de estar, tirou a rolha de cortiça de uma garrafa de *grappa* com o gargalo comprido, encostou os lábios ao mesmo e bebeu em copiosos goles, até que o ardor do álcool lhe invadiu o peito e o sacudiu com um ataque de tosse. Voltou a guardar a garrafa e subiu as escadas. Abriu lentamente a porta do quarto principal, despiu-se deixando a roupa no chão e enfiou-se, nu, dentro da cama, onde Agata já dormia, deitada de lado. Antonio baixou-lhe as cuecas.

— O que estás a fazer? — murmurou ela, acordando.

— Vira-te — ordenou-lhe, e ela obedeceu sem dizer uma palavra. Possuiu-a de

olhos fechados, sem nunca olhar para ela e tapando-lhe a boca com a mão.

⁷ Em dialeto salentino, «entra». (*NT*)

⁸ Em dialeto salentino, «o menino». (*NT*)

⁹ Em dialeto salentino, «já não existe». (*NT*)

Janeiro-fevereiro de 1935

Agata fez o grande anúncio ao jantar na véspera de Natal. Quando todos estavam à volta da mesa posta, prontos a levantar os copos para o primeiro brinde, disse que Deus lhe oferecera mais uma vez a maior alegria: estava grávida.

Pela expressão embasbacada de Antonio, que se retesou subitamente, ficou claro para todos de que se tratava de uma revelação também para ele.

— Mas tens a certeza? — conseguiu perguntar-lhe num fio de voz.

— O doutor diz que sim — respondeu ela, com os olhos húmidos.

Carlo contornou a mesa e aproximou-se dela para a felicitar.

— Estou muito feliz por vocês — disse-lhe e depois beijou-lhe a face.

Anna inclinou-se para a frente e estendeu-lhe a mão do lado oposto da mesa.

— Que bela notícia — disse ela. E Agata apertou-lhe a mão.

— Percebeste o que a mamã disse? — Agata virou-se para a filha, que estava a olhar para ela com um ar um pouco perdido. — Vais ter um irmãozinho — explicou-lhe, tocando na barriga.

Lorenza ficou com os olhos esbugalhados e avançou rapidamente para a abraçar: disse-lhe que estava muito feliz, muito feliz mesmo, depois voltou os olhos para o pai, que ainda não se mexera um centímetro, como se o feitiço de uma bruxa o tivesse transformado numa estátua.

Foi a recordação, subitamente vívida, da primeira gravidez de Agata a paralisar Antonio. Aqueles nove meses eternos, sufocantes, com Agata constantemente lavada em lágrimas, com medo de tudo, tanto de ficar em casa sozinha como de sair para ir às compras se não houvesse alguém disposto a acompanhá-la. As noites haviam sido um inferno, porque ela tinha sempre dificuldade em adormecer, e os dias, passado num lamento constante por causa da falta de descanso. Além disso, Antonio tinha de ter cuidado e medir bem as palavras, porque bastava uma coisinha de nada para lhe fazer saltar a tampa. Como podia ele pensar em reviver aquele delírio, especialmente agora que Agata já não era tão nova? Já fora difícil nove anos antes, quanto mais agora que a mulher tinha trinta e cinco.

— E tu, Antonio? — perguntou Agata com uma voz incerta. — Pareces um fantasma — acrescentou, olhando para os cunhados com embaraço.

Anna e Carlo entreolharam-se.

— Pai, não estás contente? Diz alguma coisa — insistiu Lorenza com a preocupação estampada no rosto.

— Sim — gaguejou Antonio. — Sim, claro que estou contente.

— Está tão feliz que ficou chocado — tentou Carlo desdramatizar.

Agata acalmou-se de repente.

— É isso? — perguntou-lhe, suavizando o olhar.

Antonio levantou-se finalmente e, depois de se aproximar de Agata, agachou-se junto dela e deu um beijinho na barriga mole da mulher. Ninguém pareceu reparar que havia algo de mecânico nos seus gestos, como se estivesse a recitar um guião.

Ela acariciou-lhe o cabelo.

— Espero que desta vez seja um rapaz — disse ela.

Anna arqueou uma sobancelha, mas manteve-se em silêncio.

*

Agata perdeu o bebé no início do terceiro mês, em finais de janeiro. Quando Antonio a encontrou dobrada nas escadas, com a camisa de dormir ensopada de sangue, percebeu que o útero da mulher estava novamente vazio. E, no fundo do seu coração, soltou um suspiro de alívio.

Quando regressou do hospital, Agata enfiou-se na cama, segurando o terço de prata nas mãos, e não se levantou durante três semanas. De vez em quando, murmurava uma oração, mas sabia perfeitamente que aquela fora a sua última oportunidade de ser mãe. E não conseguia aceitar.

Lorenza regressava da escola, atravessava as divisões escuras e silenciosas, entrava no quarto e deitava-se ao lado dela, enquanto Agata mantinha o rosto virado para o lado. Quando Antonio regressava a casa, vindo do lagar, à hora do almoço e depois ao jantar, assomava-se à porta e perguntava-lhe se precisava de alguma coisa. Agata acenava com a cabeça para dizer que não e puxava o cobertor até aos cabelos. Então, ele limitava-se a pôr em cima da mesinha de cabeceira alguma coisa para comer e um jarro de água, mas a mulher mal lhes tocava.

— Tia Anna, toma conta dela. Por favor — suplicou-lhe Lorenza.

Uma tarde, percorreu sozinha os poucos metros que separavam as duas casas e bateu à porta dos tios. Anna sentara-a nos seus joelhos e abraçara-a durante muito tempo, prometendo ajudá-la. Tinha visitado Agata algumas vezes, mas ela simplesmente ignorara-a. Depois deixara de ir; ver a cunhada naquele estado lembrava-lhe de como ela própria ficara logo após a morte de Claudia: fechada na dor, indiferente ao mundo. Compreendia-a, mas vê-la assim fazia-lhe mal.

Na manhã seguinte, bem cedo, Anna bateu na aldraba da casa de Agata e Antonio. Trazia Roberto ao colo e, na mão livre, segurava um exemplar de *O Monte dos Vendavais*.

Em pijama e com o cabelo desgrenhado, Antonio abriu-lhe a porta.

— Como está ela? — perguntou Anna.

Ele encolheu os ombros e comprimiu os lábios.

— Já percebi — disse logo ela. — Vai trabalhar. Eu fico aqui.

Subiu as escadas e abriu suavemente a porta do quarto, deixando que entrasse alguma luz. Depois, pousou o livro sobre a cómoda e, ainda com Roberto nos braços, abriu os pesados cortinados que tapavam as janelas.

Agata abriu os olhos e, logo de seguida, voltou a fechá-los, incomodada com a luz do sol.

Anna aninhou Roberto na poltrona, depois pegou no livro e arrastou uma cadeira para junto da cama.

— Olha, sei que estás acordada — disse ela.

Agata não respondeu.

Então, Anna apoiou o livro no colo, abriu-o na primeira página e começou a ler em voz alta:

— «Acabo de regressar de uma visita ao meu senhorio, o vizinho solitário com quem terei de lidar. Este é, sem dúvida, um belo lugar! Acredito que, em toda a Inglaterra, não poderia ter escolhido outra situação mais afastada da balbúrdia da sociedade...»

Continuou a ler sem parar até à hora do almoço e depois fechou o livro.

— Acabou? — perguntou Agata com uma voz fraca, abrindo finalmente olhos. Anna sorriu-lhe.

— Por hoje, sim. Continuamos amanhã.

Voltou na manhã seguinte e depois todos os dias durante as duas semanas seguintes.

Preparava comida para Lorenza e para ela e alimentava-a pacientemente; tirava punhados de creme *Nivea* da latinha azul e passava-lho na pele seca das mãos, insistindo nas peles das unhas. Duas ou três vezes, até a obrigou a pôr-se de pé porque tinha de lhe lavar o cabelo.

— Depois, voltas para a cama — tranquilizava-a.

Quando acontecia Agata adormecer, Anna voltava a colocar o livro na mesinha de cabeceira e, com cuidado para não fazer barulho, saía do quarto, fechando lentamente a porta. Esticava as costas e descia as escadas para fazer um café. Bebia-o sem pressa, vagueando pela casa. Procurava imaginar Carlo em criança, a dormir no sofá verde, a brincar no tapete ou a correr alegremente da cozinha para a sala de estar. Devia ter sido uma verdadeira peste, pensava, divertida. Olhava fixamente para a poltrona junto à janela, aquela em que Antonio se sentava sempre e na qual, outrora, a sua mãe vivera. Carlo quase nunca falava dela: de todas as vezes que Anna tentara tocar no assunto, ele murmurara algumas palavras e depois mudara de assunto. Tudo o que sabia era que fora uma figura ausente e simultaneamente alguém que estorvava, incómoda, e que, quando morrera, Carlo não sofrera assim tanto. Ou pelo menos era o que ele contava.

Depois, Anna continuava até à porta fechada do escritório de Antonio, mas ali parava sempre. A curiosidade de entrar lá dentro era muito forte, mas continha-se. *A minha mãe ter-me-ia dito: «Serias verdadeiramente mal-educada se entrasses lá sem autorização»*, pensava ela. Uma manhã, porém, encontrou a porta aberta, talvez devido a uma distração de Antonio, e então entrou, com passos lentos, e pôs-se a olhar em redor: uma parede era totalmente ocupada por uma estante de madeira, cheia de livros. *Seria possível que Antonio já os tivesse lido a todos?*, perguntou-se, um pouco incrédula. No lado oposto, havia um sofá de veludo azul e uma mesinha baixa de vidro sobre a qual estavam um copo e uma garrafa de água; o centro da divisão era ocupado pela elegante secretária de mogno e por uma cadeira com uma almofada vermelha em cima.

Anna sentou-se na ponta da cadeira e, quase a medo, começou a acariciar os objetos que havia em cima da secretária: uma caneta de tinta permanente banhada a ouro e um romance de que nunca ouvira falar: *Pais e Filhos*, de Ivan Sergeevic Turguéniev, leu na capa. *Outro russo*, pensou ela, com ternura. Ao lado, estava um caderno aberto com notas e apontamentos escritos numa caligrafia cuidada, nobre.

Inclinou-se para a frente para ler as frases que Antonio transcrevera, provavelmente aquele romance: «O niilista não se curva perante a autoridade de ninguém e não aceita nenhum princípio, mesmo que se trate de um princípio a que todos obedecem» e, um pouco abaixo, «Estavam ambos em silêncio, mas precisamente na forma como estavam em silêncio, na forma como se sentavam lado a lado, revelava-se uma cumplicidade confiante». Depois, estendeu a mão e aproximou de si uma fotografia a preto-e-branco numa moldura de prata: Carlo e Antonio pequeninos, vestidos como dois dândis. Curvou os lábios num sorriso e levou a mão ao coração: na fotografia, Antonio estava sério e composto, enquanto Carlo, ao seu lado, lançava ao fotógrafo uma careta de despeito. *Estão iguaizinhos ao que eram na altura*, pensou então, com um sorriso.

*

Uma manhã, enquanto Anna continuava a ler *O Monte dos Vendavais* em voz alta, Agata interrompeu-a.

— O que é que aconteceu à Claudia? — perguntou-lhe.

Anna sentiu um nó na garganta. Levantou os olhos da página e olhou para a cunhada durante alguns instantes. Depois fechou o livro.

— Morreu durante o sono — respondeu ela num tom monocórdico. — Uma morte inexplicável, foi o que disse o médico.

Agata soergueu-se e sentou-se, com as mãos entrelaçadas.

— Até à noite anterior, estava bem... — continuou Anna. — Dei-lhe banho, tínhamos brincado com as bolhas de sabão. Cantei-lhe uma canção de embalar, e ela adormeceu serenamente, no seu berço, com o cobertor de lã cor-de-rosa. Na manhã seguinte, já não estava entre nós.

E ela virou os olhos para cima, contendo as lágrimas.

Não disse que, durante muito tempo, se culpabilizara, convencida de que fora um descuido seu a provocar-lhe a morte. Tinha reconstituído cada instante da noite anterior, e a realidade e as suposições haviam-se misturado, formando uma espécie de nevoeiro impenetrável. Teria sido o banho? A água estaria demasiado quente ou demasiado fria? Mas não, tinha a certeza de que a experimentara primeiro com o cotovelo; talvez Claudia não tivesse arrotado depois da última mamada? Parecia-lhe mesmo que sim. Ou teria batido com a cabecinha algures e ela não tinha reparado? Mas naquele dia não chorara nem se lamentara...

— Pobrezinha — comentou Agata, pousando a mão sobre a de Anna. — Agora eu e tu estamos unidas pela mesma dor.

Anna abriu a boca para falar, mas depois não disse nada.

*

No início de janeiro, chegaram as quarenta mil estacas que Carlo tinha encomendado: trinta e cinco mil da casta *Niuru Maru* e cinco mil de *Malvasia Negra*, da zona de Brindisi. A instalação das fileiras e dos esteios já estava pronta, realizada segundo as instruções de dom Ciccio. Quando Carlo o levava a ver os terrenos pela primeira vez, no dia seguinte à sua visita, dom Ciccio pusera as mãos nas ancas e olhara em redor, diluindo o olhar até ao horizonte. Depois, tinha começado a explicar, afirmando que, em primeiro lugar, era preciso planear um esquema de instalação que, se fosse bem feito, poderia envolver até quatro mil cepas por hectare. A distância entre as fileiras devia ser de pelo menos dois metros e meio, três no máximo, especificara em seguida, ilustrando-a com três passos largos. Porém, quando reparou que Carlo, como um estudante diligente, estava a escrever tudo o que ele dizia num caderno de capa preta, dom Ciccio desatara a rir.

— Mas o que é que estás a escrever? Eu arranjo-tos, trabalhadores experientes, que já sabem o que tem de ser feito — dissera ele.

Fora assim que Carlo contratara cerca de vinte camponeses, a maior parte dos quais já havia trabalhado para dom Ciccio no passado. Via-se que estavam habituados ao trabalho duro: em dois meses, tinham traçado as fileiras, disposto os esteios de madeira e atado os arames. Entretanto, Carlo mandara fazer um letreiro onde se lia HERDADE GRECO: encomendara-o a um «pintor de letreiros», que tinha um pequeno ateliê no coração de Lecce. A escrita era em letra cursiva elegante, branca sobre um painel de madeira de oliveira. Quando o mostrara, todo orgulhoso, a dom Ciccio, este fizera uma careta.

— Isso são apenas enfeites — comentara. Carlo ficara magoado na altura, mas não lhe respondera.

Após a entrega dos feixes de estacas, transportados em grandes carroças, finalmente começara o trabalho da plantação. Dom Ciccio fora muito claro: a melhor altura para enterrar as mudas era entre o outono e o fim do inverno,

durante o período de repouso vegetativo. Durante esses dias, apresentara-se na vinha todas as manhãs para verificar o estado dos trabalhos: aquela era a fase mais delicada. Andava por entre as fileiras com as mãos atrás das costas e um olhar atento, parando de vez em quando para repreender alguém:

— Não, este buraco não está bom. Tem de ter pelo menos meio metro de largura.

— Mas é meio metro — respondiam-lhe.

— Mede-o. A olho nu, diria que nem sequer tem trinta e cinco centímetros.

E os camponeses acabavam sempre por lhe dar razão.

Carlo andava sempre colado a ele, para conseguir aprender o mais possível. Mas já sem caderno.

E, agora que todas as estacas tinham sido plantadas, dom Ciccio olhava para a vinha com um ar satisfeito.

— Se tudo correr como deve ser, dentro de dois anos verás os primeiros cachos de uvas. Três, no máximo — disse.

— Mas três anos como? — admirou-se Carlo. — Tanto tempo? Pensei que ia fazer a primeira vindima já no próximo ano.

Dom Ciccio desatou a rir à gargalhada.

— No próximo ano?! Era bom, era! — exclamou, agitando uma mão. — Tens de ter paciência. As estacas têm de seguir o seu próprio ciclo para se tornarem as videiras que imaginas. Tu sempre quisteste tudo logo a correr...

Carlo lançou-lhe um olhar de soslaio, mas teve de engolir a desilusão: precisava de dom Ciccio e, por ora, teria de morder a língua, embora aquela atitude começasse a cansá-lo.

— Agora é preciso deixá-las crescer livremente, sem interferir — continuou dom Ciccio. — Para a primeira poda, falaremos disso no próximo inverno. Entretanto, pensa em construir a adega.

*

Carmela acordou por causa do frio. Deitou-se de lado e soprou nas mãos para as aquecer. Ao seu lado, Nicola dormia profundamente; percebia-se pela respiração pesada e estertorosa. Estendeu a mão para a mesinha de cabeceira e virou para si o pequeno relógio de mesa: eram sete horas, e o despertador só tocaria às oito. Decidiu levantar-se, certa de que não conseguiria voltar a dormir. Mais valia despachar o trabalho, disse a si própria. Já perdera a conta aos casacos que tinha para remendar ou apertar porque passavam de pai para filho, as calças de flanela cujas bainhas tinha de refazer, os fatos e vestidos de lã para confeccionar à medida, as colchas com rasgões para reparar. Nas últimas semanas, trabalhara sem descanso.

Nessa manhã, teria também de entregar pessoalmente as peças à senhora Tamburini, uma maçada que lhe roubaria mais de uma hora entre ir, provar e

regressar. Mas a senhora Tamburini era a sua cliente mais abastada, e não pudera recusar quando ela lhe pedira para lhe levar as peças a casa: preferia experimentá-la no calor do seu quarto aquecido pela lareira e não entre as paredes húmidas da sala de costura, dissera ela.

Assim, depois de se ter lavado, vestido e de ter pulverizado atrás dos lóbulos das orelhas o perfume de jasmim que ela própria fabricava, deixando as pétalas macerar numa solução de álcool e água purificada, foi acordar o seu filho Daniele com um beijo na testa e aconselhou-o a não voltar a dormir, caso contrário chegaria atrasado à escola.

Nicola abriu a porta do quarto e juntou-se à mulher na sala de estar. Vestia um pijama de lã penteada azul, e os botões do casaco estavam repuxados pela sua barriga proeminente. Carmela pensou que, se ele engordasse mais, teria de lhe costurar um pijama novo. Por outro lado, Nicola tinha vinte anos a mais que ela — dali a seis meses, faria cinquenta — e a diferença de idades era notória. As entradas no cabelo aumentavam de dia para dia; quando casara com ele, quase onze anos antes, ainda tinha cabelo. Ou, pelo menos, era isso que ela guardava na memória.

— Já vais sair? — perguntou ele.

Carmela vestiu o casaco e soltou o cabelo que ficara preso na gola. Doía-lhe a cabeça devido à falta de sono e, se o tivesse apanhado com ganchos, o tormento só teria piorado, por isso decidiu não se importar e deixou-o solto.

— Vou levar as roupas à senhora Tamburini — respondeu, apressada. — Vai ver se o Daniele voltou a adormecer, como de costume — disse-lhe no instante antes de sair.

Com cinco cruzetas penduradas no dedo, que continham outros tantos saia-casaco de mulher feitos à medida e embrulhados em papel de seda, Carmela caminhou em passo rápido.

A família Tamburini vivia numa vivenda um pouco afastada do centro da cidade, e, para lá chegar, tinha de cortar caminho pela rua Paladini, a mesma onde vivera quando era pequena. Mesmo em frente àquela que era agora a casa de Antonio. Assim, Carmela viu-se obrigada a passar em frente à casa de Carlo e Anna, antes de virar à direita. Abrandou o passo. O *Fiat 508* estava estacionado em frente à porta da rua, e as janelas ainda estavam todas fechadas, com as cortinas brancas puxadas. Deteve-se por alguns instantes e ergueu os olhos para o local onde se encontrava a janela do quarto. Lembrava-se perfeitamente da casa, como se ali tivesse estado lá no dia anterior. Quando eram crianças, ela, Carlo e Antonio costumavam ir para lá à tarde para lanchar. O tio Luigi recebia-os sempre com uma mesa repleta de iguarias que mandava a empregada preparar: bolos de marmelo, biscoitos de amêndoa, pão fresco e compota de laranja e tangerina. E, enquanto eles comiam com gosto, ele sentava-se, com a bengala entre as mãos, a observá-los, satisfeito.

Carmela sempre acreditara que um dia ela e Carlo se mudariam para aquela

casa. E que ela seria uma senhora, em vez de desgastar os olhos com a agulha e a linha.

Imaginou, para lá da janela do primeiro andar, Carlo e Anna ainda a dormir, abraçados um ao outro. Se não fosse aquela mulher, pensou, agora estaria ali, deitada ao lado de Carlo. E seria no quarto ao fundo do corredor, aquele onde Carlo e Antonio passavam a noite, de tempos a tempos, quando eram crianças, que Daniele teria dormido. Podiam ter sido uma família, sim. Se ao menos aquela Anna não se tivesse atravessado no caminho...

A memória daquela maldita carta ainda lhe ardia na mente. Carlo precisara de três páginas bem preenchidas para lhe confessar que conhecera outra rapariga — Anna, chamava-se ela — e que o seu coração lhe pertencia agora. Fora algo inesperado, como se um relâmpago o tivesse atingido, assim escrevera. E pedira-lhe para não esperar mais por ele, porque não seria justo. Se havia uma coisa que não faltava a Carmela era orgulho, por isso a carta de Carlo, à qual nunca respondera, acabara a arder na lareira. E não só porque não podia cair nas mãos de ninguém mas sobretudo porque ela teria preferido morrer a ser a abandonada. E grávida, ainda por cima. A única vez com Carlo havia sido dois meses antes, quando ele viera para ser padrinho de casamento de Antonio. E fora um erro. Mas, por outro lado, o que é que ela sabia, naquela altura, acerca da verdadeira natureza dos homens? Estava convencida de que Carlo voltaria e a levaria ao altar: fora o que ele lhe prometera, olhando-a nos olhos, no instante antes de embarcar na camioneta que o levaria embora de novo.

Enquanto via a carta arder, com lágrimas de raiva e sal, Carmela jurara a si mesma que Carlo nunca, nunca saberia. Ele não merecia aquele filho. Quem lidara com o «assunto», como os pais dela lhe haviam chamado, fora dom Ciccio, que arranjara à pressa e furioso o casamento dela com Nicola Carlà, um dos muitos pretendentes que tinham pedido a mão da filha. Tinha escolhido Nicola porque era suficientemente velho e parecia ser o mais palerma de todos, alguém que podia ser enganado impunemente. Carmela teve de aceitar aquele casamento reparador sem dizer uma palavra.

— É assim que tem de ser, se não queres acabar arruinada — ameaçara-a dom Ciccio.

E, quando ela derramou uma lágrima ao pensar que teria de casar com um homem muito mais velho, Gina aproximou-se dela e tranquilizou-a com uma mão no ombro:

— Um é tão bom como outro qualquer, minha filha. No fim, tornam-se todos iguais, os *masculi*.

De repente, a cortina da janela do quarto abriu-se, e Carmela viu o perfil de Carlo atrás do vidro. Então, arregalou os olhos e afastou-se apressadamente, com os saltos a ressoarem nas pedras da calçada.

Abril-maio de 1935

O bibliotecário era um homem simpático, com cabelo ralo e um olhar meigo. Anna agradeceu-lhe e dirigiu-se para a saída, segurando junto ao peito o grande volume de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, e o mais fino de *Almas Mortas*, de Nikolai Gogol. O primeiro escolhera-o sozinha, embora fosse uma pena não o terem em francês, pensou com um suspiro. O segundo fora obviamente conselho de Antonio.

— É um romance cruel e divertido ao mesmo tempo. Gostava muito de saber o que achas dele — dissera-lhe ele.

Ele e a sua paixão pelos escritores russos... Certa vez, Anna perguntara-lhe porque gostava tanto deles. E Antonio respondera que, na sua opinião, eram os melhores não só a contar as misérias humanas mas também a ter compaixão por elas.

— Fazem-nos sentir que não estamos errados, que somos apenas humanos — acrescentara ele.

Enquanto Anna se dirigia para casa, ansiosa pelas horas que passaria a ler no banco do seu *jardin secret*, sobretudo agora que os dias tinham voltado a ser quentes e perfumados, foi atraída pelo tumulto que vinha de uma pequena multidão que se reunira em frente ao Bar Castello.

Aproximou-se das costas de um jovem alto e robusto, com as mãos negras e gordurosas a abanar no ar, e perguntou:

— O que se passa?

O jovem virou-se de repente e olhou para ela com os olhos arregalados e a monocelha arqueada. Era Mario, o engraxador. Ou melhor, Mario, o coscuvilheiro, como todos lhe chamavam.

— O Ferruccio morreu — respondeu ele.

— Qual Ferruccio? — perguntou Anna.

— Como qual? O carteiro — disse ele, com espanto.

— Foi levado por um mal dos brônquios — salientou outro homem.

Ferruccio... Sim, agora lembrava-se. Ela vira-o algumas vezes, a caminhar com o uniforme e a mala. Anna encolheu os ombros e, sem se despedir, virou costas e

continuou o seu caminho.

Só voltou a pensar em Ferruccio dois dias depois. Com alguma dificuldade, convencera Agata, que estava ligeiramente melhor, a acompanhá-la numa ida às compras; tinham acabado de sair da frutaria quando Anna reparou num anúncio afixado na vitrina de madeira junto à grande palmeira da praça Castello. OFERTA DE EMPREGO, estava escrito em letras maiúsculas no centro da folha branca.

— Espera um bocadinho — disse Anna. E aproximou-se da vitrina.

Com alguma relutância, Agata juntou-se a ela logo a seguir e começou a ler em voz alta.

DEVIDO AO DESAPARECIMENTO PREMATURO E DOLOROSO
DO NOSSO QUERIDO CONCIDADÃO
FERRUCCIO PISANELLO, OS CORREIOS REAIS ANUNCIAM
SELEÇÃO PARA O RECRUTAMENTO DE UM CARTEIRO.
PARA MAIS INFORMAÇÕES, DIRIJA-SE À ESTAÇÃO DOS CORREIOS.
20 DE ABRIL DE 1935

— Já andam à procura de um carteiro novo — comentou Anna.

A cunhada anuiu distraidamente com a cabeça.

— Sim. Mas agora vamos — disse, puxando-a pelo braço —, ainda temos de passar no leiteiro.

*

O inverno não fora tão chuvoso como Carlo esperava, pelo que tivera de chamar periodicamente trabalhadores jornaleiros para darem água às estacas. No entanto, na primavera, quando as mudas de videira começaram a encher-se de rebentos verdes, a sua alegria foi quase irreprimível.

— Medraram — sentenciou dom Ciccio, olhando em redor, com as mãos nas ancas, como de costume. — Tiveste sorte.

— Segui todos os seus conselhos — respondeu Carlo.

— Também soubeste fazer as coisas — disse, rindo-se. — Agora, tem cuidado, não lhes mexas mais — continuou dom Ciccio. — Lembra-te do que te disse: no primeiro ano, é melhor evitar a poda. — Por amor de Deus, havia quem a praticasse, explicou. Quando recomeçava o crescimento vegetativo, muitos aplicavam-lhes as tesouras de poda, mas ele não concordava de todo com esse método. Não era preciso andar muito em cima das estacas. — Agora leva-me para casa, que estou cansado e doem-me as costas — disse, depois, subitamente e regressou ao carro.

Assim, voltaram a entrar no 508 e percorreram em silêncio a estrada que levava à casa de dom Ciccio.

— Espere, eu ajudo-o a descer — disse Carlo depois de parar na clareira junto

ao poço de pedra. E, enquanto dom Ciccio saía do habitáculo, apoiando-se no braço de Carlo, Carmela saiu da porta da casa dos pais. Estava elegante e bem arranjada como sempre, com o cabelo apanhado num coque do qual escapara uma madeixa, que lhe caía suavemente na face, e com as unhas pintadas de vermelho.

— Olá — cumprimentou-o.

Carlo respondeu-lhe com um sorriso e acompanhou dom Ciccio até à entrada.

Carmela encostou os lábios à face do pai e depois aconselhou-o a deitar-se um pouco, já se tinham esforçado demasiado para um dia.

— Desculpa, ele cansou-se por minha causa — comentou Carlo, quando ficaram sozinhos.

Carmela lançou-lhe um olhar de reprovação fingida.

— Como estás? — perguntou-lhe ele.

— Muito trabalho. Estamos na altura dos casamentos.

— Então, espero que o teu marido não se sinta negligenciado.

— E porque haveria de se sentir? É um dinheiro extra para a família.

— E o teu filho, como está? Vi-o a passear com o pai. Sabes que é igualzinho a ti quando eras pequena.

Carmela baixou o olhar e comprimiu os lábios.

— Sim — murmurou. — Mas ele também é bonito — respondeu, enfiando a madeixa rebelde atrás da orelha.

No silêncio que se seguiu, Carlo surpreendeu-se a olhar para aquela madeixa de cabelo como se estivesse enfeitiçado. Sim, o tempo não tinha afetado a beleza de Carmela... pelo contrário. O facto de ela ter agora consciência do efeito que exercia sobre os homens tornava-a ainda mais fascinante.

Sacudiu-se, aclarou a garganta e depois alisou o casaco.

— É melhor ir-me embora — disse. E encaminhou-se novamente ao carro.

Impassível, Carmela viu-o sentar-se, ligar o carro e afastar-se rapidamente. *Como se tentasse escapar a um temporal que se aproxima*, pensou. E não conseguiu conter um sorriso.

*

Anna regressou a casa com dois sacos de rafia a abarrotar de comida. Era o que acontecia sempre que ia às compras com Agata; à força de «E prova isto...» ou «Experimenta este aqui», acabava por comprar muito mais do que precisava. Com um suspiro, pousou os sacos em cima da mesa da cozinha e abriu a porta do seu *jardin secret*: avançou até ao banco e sentou-se por alguns instantes, o tempo suficiente para recuperar o fôlego. Os primeiros e tímidos botões nos ramos das romãzeiras estavam prestes a abrir-se: dali a pouco, o jardim encontrar-se-ia novamente cheio de cores, como da primeira vez que o vira.

— Olha, a mamã voltou! — exclamou Carlo, que chegara junto dela naquele instante. Pôs-lhe Roberto nos braços, depois inclinou-se e deu-lhe um beijo na

boca. — Tenho de ir à Adega... Ainda andam a escavar as cubas, lá em baixo, e estão a ser um pouco lentos, na verdade. Não esperes por mim para almoçar... Come à vontade, se tiveres fome.

Tendo ficado sozinha, Anna agarrou-se a Roberto e soltou mais um suspiro. Desde que Carlo se lançara na aventura da vinha, via-o pouco e quase sempre de fuga. E a Adega piorara as coisas, não só porque a ruína que ele comprara por algumas libras necessitava de uma enorme obra de reconstrução mas sobretudo porque ela também fora afastada disso. Não a visitara uma única vez.

— Quando estiver terminada, levo-te lá — dizia-lhe Carlo.

Ela tinha de almoçar muitas vezes sem ele e de passar horas na solidão, horas que pareciam infinitas. Sim, tinha de cuidar de Roberto e tinha os seus livros para lhe fazer companhia, mas não lhe chegava. Nunca lhe chegara. Desagradava-lhe, e até a irritava um pouco, o facto de Carlo não querer envolvê-la de forma alguma, como se fosse cioso de todo o projeto. No entanto, ele sabia, quando casara com ela, que ela não estava destinada a ser apenas uma esposa e uma mãe. Que precisava de trabalhar, de sentir que também era outra coisa. Teria sido suficiente para ela dar uma mãozinha, à espera que surgisse uma oportunidade, talvez se abrisse uma vaga de professora algures. Em vez disso, parecia-lhe que Carlo fazia de conta que nada se passava.

Deu um pequeno beijo na face do filho e levantou-se do banco. Acomodou Roberto no carrinho de bebé e depois olhou para os sacos em cima da mesa, ainda por arrumar. Disse a si própria que trataria do assunto mais tarde. Agora tinha de tratar de si. Empurrou o carrinho e saiu de casa.

Dirigiu-se para a praça onde se situava a estação dos correios, a poucos passos do Bar Castello. Deteve-se em frente à porta, que estava metade aberta; na parte que estava fechada, estava afixado um letreiro com o horário de funcionamento:

DAS 8 ÀS 14

DAS 15 ÀS 19

Anna entrou a empurrar o carrinho de bebé e disse:

— Bom dia.

A estação dos correios parecia resumir-se a uma única sala; havia uma mesa ao centro, duas secretárias — em cima de uma delas estava uma máquina de escrever —, alguns gaveteiros, um arquivador, uma grande vitrina, um armário e, ao fundo, uma porta fechada.

— Bom dia — cumprimentou-a o homem sentado a uma das secretárias, um homem atarracado de tez trigueira, feições marcadas e barba farta. — Diga.

— Li o anúncio vitrina — respondeu Anna. — Andam à procura de um carteiro, não é?

— Sim, minha senhora. O seu marido está interessado?

Anna arqueou uma sobrancelha.

— Não, na verdade eu é que estou interessada. — O homem lançou-lhe um olhar divertido. — O que tenho de fazer para participar no processo de recrutamento? — continuou Anna, muito séria.

O homem riu-se.

— Acha que tem piada? — perguntou ela, franzindo o sobrolho.

— Muita — respondeu o homem. E pôs-se de pé. Abriu uma gaveta e tirou uma folha de papel, depois aproximou-se dela e entregou-lha. — Aqui está a lista do que é necessário — continuou, num tom alegre. — É um concurso por habilitações. Sabe o que isso significa?

Ela fulminou-o com o olhar e pegou no jornal.

— Claro que sei.

O homem fez uma careta e voltou a sentar-se atrás da secretária.

Anna passou rapidamente os olhos pela lista de documentos que teria de apresentar: certidão de nascimento, certificado de registo criminal, atestado de boa conduta, certidão de habilitações...

— Bom dia. — Foi distraída da sua leitura pela voz de um homem, vindo da porta das traseiras. — Precisa de ajuda? — perguntou-lhe ele, depois, com um sorriso afável. Era jovem, na casa dos trinta, com cabelos muito encaracolados, olhos da cor do mar cristalino e um rosto amável e rechonchudo.

— Já estou atendida, obrigada — respondeu ela.

— A senhora quer participar no concurso para carteiro — interviu o homem da secretária, sem esconder o sarcasmo.

— Ah, ótimo — comentou o homem de rosto bom, um pouco espantado. — Sou o diretor da estação dos correios, chamo-me Tommaso De Santis — acrescentou, estendendo a mão.

Ela apertou-a.

— Anna Allavena.

— O Carmine já lhe explicou tudo? — perguntou-lhe ele.

— Deu-me isto — respondeu Anna, apontando para o papel que tinha nas mãos.

Tommaso anuiu com a cabeça.

— Exatamente. Quando tiver todos os documentos prontos, volte cá. — Ele sorriu-lhe. — Tem até 14 de maio para apresentar a sua candidatura.

— Obrigada — disse Anna. Mas não se mexeu. Fixou novamente a lista de documentos, depois olhou para o diretor e disse: — Consegue arranjar-me papel e caneta, por favor? Tenho de enviar vários pedidos, pelos vistos. É melhor fazê-lo já. Têm de vir de Pigna, na Ligúria, sabe? — E lançou um olhar desafiador a Carmine.

Apanhado de surpresa, Tommaso gaguejou:

— Sim. Caneta e papel. Claro... — E foi buscá-los à secretária. Depois, entregou-os a Anna e, finalmente, também ela sorriu.

Quando Anna abriu os olhos, não se lembrou imediatamente de que era 13 de maio. Só lhe veio à mente mais tarde, depois de regar as mudas de manjerição e enquanto bebia o leite morno sentada no banco do seu *jardin secret*. E esse pensamento só a incomodou. Nunca gostara do dia do seu aniversário e muito menos o festejara. Sempre fora assim, desde pequenina. Os pais organizavam uma festinha com os avós, os tios e as primas, mas ela ficava o tempo todo escondida no armário de cerejeira do seu quarto e só saía quando os convidados se iam embora, fazendo sempre que a mãe fosse aos arames.

Ainda de pijama e com Roberto ao colo, Carlo apareceu no jardim, cantarolando:

— *Parabéns a você...*

Anna virou-se e sorriu aos dois. Depois, Carlo roçou-lhe os lábios com um beijo e acariciou-lhe o cabelo.

— Feliz aniversário, meu amor — sussurrou-lhe ao ouvido.

— As *gomãs* — disse a criança, apontando para as árvores floridas.

— Diz-se *romãs* — corrigiu-o ela.

Era o primeiro aniversário de Anna no Sul, e Carlo queria que fosse especial. Ele sabia que Anna não ligava nada a isso, mas convencera-se de que seria bom para ela ter a família ao seu lado nessa ocasião. Mas tinha de ser surpresa, pedira-o a toda a gente. Sobreretudo a Lorenza.

— Vou confiar-te uma tarefa importantíssima — dissera-lhe alguns dias antes.

— Tens de manter a tua tia ocupada durante a tarde. Vão dar um longo, longo passeio. Assim eu e o teu pai temos tempo de enfeitar o jardim para a festa.

Agata trataria da comida, fazendo a sua incomparável tarte de carne folhada com batatas a acompanhar.

Assim, Anna passou a tarde a passear pelo campo com Lorenza, que a fez parar em todos os campos para apanhar margaridas. Quando regressou a casa, juntamente com a sobrinha, que trazia um grande ramo de flores, encontrou Carlo, Antonio e Agata em pé, em frente a uma mesa posta com um centro de mesa de rosas vermelhas, os talheres de prata, os copos de cristal e as velas acesas. Lorenza ficou de olhos esbugalhados, deixou cair o ramo ao chão e bateu palmas.

— Foram fantásticos! — exclamou.

— Pirralhinha, tu sabias? — perguntou-lhe Anna.

Já devia ter imaginado, pensou, tentando sorrir. Afinal de contas, casara com um homem que gostava de festas acima de tudo. E, apesar da sua relutância, Carlo conseguia sempre fazer as coisas nas suas barbas. No primeiro ano, levava-a a observar as estrelas na praia de Bordighera, com dois copos e uma garrafa de vinho espumante. E, desde então, todos os aniversários, surpreendera-a com uma ideia. Uma vez até a levava a dançar o *charleston*.

Carlo abriu uma garrafa de vinho e encheu os copos.

— À Anna — disse ele, erguendo o seu copo.

— À Anna! — exclamaram Antonio e Agata em unísono.

Sentaram-se à mesa. Agata cortou a tarte em fatias triangulares e distribuiu uma por cada um, depois fez o sinal da cruz, entrelaçou as mãos e, de olhos fechados, murmurou uma rápida oração de agradecimento.

Como sempre, entre uma garfada e outra, Antonio e Carlo começaram a conversar sobre azeite e vinho, enquanto Agata se lançava num dos seus monólogos, entretecendo todo o tipo de mexericos: Anna ouvia-a e anuí-a com a cabeça, embora muitas vezes nem sequer soubesse de quem estava a falar.

Depois, aproveitando um momento de silêncio, e sem se dirigir a ninguém em particular, perguntou de repente:

— Conheci o Ferruccio, o carteiro?

— Claro! Desde criança — respondeu Carlo.

— Que Deus o tenha em paz. Ele não era nada velho, pelo contrário — murmurou Agata.

— Andava doente há algum tempo — salientou Antonio.

— Sim. Pobre Ferruccio — acrescentou Carlo.

— Andam à procura de um substituto, o processo de recrutamento termina amanhã — continuou Anna.

— Hum-hum — murmurou Carlo com a boca cheia.

Antonio olhou para ela, intrigado com o rumo que a conversa estava a tomar.

E, de facto, após uma breve pausa, Anna anunciou:

— Também vou apresentar a minha candidatura. Amanhã. — E bebeu um gole de vinho.

Carlo e Agata ficaram a olhar para ela, atónitos. Antonio, por outro lado, esboçou um sorriso.

— Meu amor, mas o que é que estás para aí a dizer? Estás a brincar? — perguntou Carlo, entre divertido e preocupado.

— Não, de todo — disse ela, muito séria.

— Mas tu és uma mulher! — disparou Agata.

— E qual é o problema?

— Vá lá, Anna — interveio Carlo, rindo. — Não é trabalho de mulher, ser carteiro.

— Quem disse? — retorquiu ela.

— Anna, vá lá. Talvez no próximo ano voltes a dar aulas. Talvez surja uma vaga. Se queres mesmo manter-te ocupada, podes sempre dar-me uma ajuda na Adega...

— Ah! — exclamou Anna. — *Agora* já queres a minha ajuda. *Só agora*.

Carlo ficou a olhar para ela, um pouco desconcertado com aquela acusação.

— Ser carteiro não é um trabalho adequado para ti — protestou, depois, mas com fraqueza.

— Não é adequado para nenhuma mulher, diga-se de passagem — salientou

Agata.

— O que é que tem de não adequado? — perguntou Anna, irritada.

— Para começar, é cansativo — respondeu Carlo, pousando o garfo. — É preciso andar a pé de um lado para o outro, todo o dia, faça chuva ou faça sol. Olha o que aconteceu ao Ferruccio... perdeu a saúde. É sério. Não há carteiros do sexo feminino.

— Até agora — disse Anna.

Abateu-se um silêncio. Carlo, com o rosto contraído, voltou a encher o copo. Agata, com os olhos baixos, passou o dedo ao longo da orla bordada da toalha de mesa. Lorenza teria gostado de dizer que achava que era uma bela ideia, mas percebeu que seria melhor ficar calada.

— Está bem, depois falamos sobre isso — cortou Carlo, com o rosto sombrio.

— Agora, vamos mudar de assunto.

— E tu? — perguntou Anna a Antonio. — Não dizes nada?

Antonio aclarou a garganta. Olhou primeiro para Agata e depois para Carlo.

— Bem... — respondeu ele, encolhendo os ombros. — Se queres tentar... porque não?

— Tu também! — exclamou Carlo, alterado. — Não a encorajes.

— Não preciso de ser encorajada — interrompeu-o Anna. — Já decidi. Já preparei todos os documentos.

— E quando fizeste isso? — perguntou Carlo, estupefacto.

— Quando não estavas em casa — respondeu ela, sarcástica.

— Nunca te irão escolher — disse Carlo.

Anna fulminou-o com os olhos. Bateu com o guardanapo na mesa e levantou-se, afastando-se.

— Tia! — tentou Lorenza impedi-la, mas sem sucesso.

*

Nessa noite, Agata fez uma cena com Antonio por ele se ter aliado a Anna na defesa de uma ideia tão estúpida, para não dizer totalmente tresloucada. Como lhe tinha passado pela cabeça contradizer Carlo? Não teria ouvido? Ele não queria que a mulher fizesse aquele trabalho! Ele é que era o marido! Porque é que ele se intrometia? Mas seria possível que, de todas as vezes, ele se pusesse sempre do lado de Anna? Lorenza tapou os ouvidos e correu para o seu quarto. Sem abrir a boca, Antonio entrou no seu escritório e fechou a porta à chave, deixando Agata a reclamar sozinha do outro lado.

Em casa de Carlo e Anna, pelo contrário, voaram dois pratos e um copo. Anna acusou-o de se comportar como um marido autoritário. Era *inacceptable*! Ela não se casara com um homem tão mesquinho. Regressar ao Sul tornara-o um *imbécile* irreconhecível! A reação de Carlo não se fez esperar: o que é que ela queria provar ao fazer o trabalho de um homem?, censurou-a ele. Não se dava conta de que toda

a aldeia riria nas suas costas? Era isso que ela queria para o filho?

Anna pegou num prato ainda sujo de azeite e atirou-o contra uma árvore.

— Não metas o Roberto ao barulho!

— Queres brincar aos pratos voadores? Então vamos lá brincar! — gritou Carlo. Pegou noutro prato e atirou-o contra o muro do jardim.

— *Je te déteste!* — gritou ela, agitando os punhos fechados. — *Et je hais de tout mon être ce village et ses habitants!*

— Fala italiano! Estamos em Itália!

Foi então que Anna pegou num copo de cristal e o atirou diretamente a Carlo, tocando-lhe ao de leve no rosto. Ele levou a mão à face e olhou para ela, incrédulo.

Já noite dentro, Antonio dormia estendido no sofá do escritório, com um livro aberto em cima do peito, enquanto Agata dava voltas na cama, de olhos bem abertos. Lorenza, no quarto ao lado, dormia abraçada à sua boneca de pano.

Anna e Carlo, pelo contrário, fizeram amor de modo furioso até de madrugada.

*

Na manhã seguinte, Anna virou o roupeiro do avesso. Onde raio fora parar o seu vestido amarelo, aquele com mangas tufadas? Estava mesmo convencida de que o trouxera... Procurou que nem uma doida e finalmente encontrou-o, todo amarrotado, no fundo de uma gaveta. Satisfeita, pegou nele e pô-lo à sua frente, por cima do roupão de seda azul, e olhou-se ao espelho. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, deixaria de andar de luto. Nunca quisera que Roberto, ao crescer, guardasse dela uma recordação sombria, lúgubre, de uma mãe funérea e triste. Estava interiormente convencida de que iria reconhecer imediatamente esse momento preciso, o momento em que o mundo voltaria a ter cor e ela deitaria fora todas as suas roupas pretas. Como um *coup de foudre*. E, agora, esse momento chegara finalmente.

Desceu as escadas com o cabelo apanhado num coque baixo e um chapéu abaulado do mesmo tom que o vestido. Estava tão bonita como uma atriz. Carlo, que passarinhava nervosamente no corredor, com as mãos nos bolsos das calças, parou de repente e olhou para ela sem fôlego.

— Como estou? — perguntou ela, dando uma voltinha no lugar.

Carlo soltou um suspiro.

— O vestido amarelo... — disse, surpreendido. — Estás lindíssima, tu sabes.

— Era esse o objetivo.

— Isto não significa que eu concorde com o que estás a fazer.

— Eu sei. Mas isso é um problema teu — respondeu ela, tirando de uma gaveta do roupeiro a pasta que continha os documentos e a candidatura preenchida.

— Pensava que só existiam os *nossos* problemas. Será que me enganei?

— Ao que parece...

— Anna... — murmurou ele, pegando-lhe na mão. — Queres mesmo fazer esta coisa?

Ela desprendeuse do aperto de Carlo, tirou a mala do bengaleiro e abriu a porta de casa.

— É inútil esperar um «boa sorte» da tua parte, não é?

Carlo não respondeu.

— Muito bem — disse Anna. Prendeu a pasta debaixo do braço e fechou a porta atrás de si.

Percorreu a rua que levava à praça e chegou em frente à estação dos correios. Um momento antes de entrar, porém, ouviu alguém a chamá-la. Deu meia-volta. Era Antonio, que vinha na sua direção, estugando o passo, com o *Corriere della Sera* numa mão.

— O que estás tu aqui a fazer? — perguntou Anna.

— Estava no bar e vi-te — respondeu ele, um pouco ofegante. — Estás... estás muito bem com esse vestido... — continuou ele, surpreso.

— Obrigada — respondeu Anna, com um sorriso. — Ia agora entrar — acrescentou, apontando para a estação.

— Claro, claro — murmurou ele. — Vai lá. — E, quando ela se pôs a caminho, ele acrescentou: — Boa sorte!

Anna virou-se por um momento e sorriu para ele, atravessando depois a soleira da porta da estação dos correios. Lembrou-se das palavras de Carlo: «Nunca te irão escolher a ti.» Iria provar que ele estava enganado. Muito enganado.

*

Nesse preciso momento, Carlo estava a bater impacientemente à porta da sala de costura.

Carmela abriu a porta e olhou fixamente para ele, espantada.

— Incomodo? — perguntou ele.

— Tu nunca incomodas — respondeu ela.

E deixou-o entrar.

Novembro de 1935

Anna saiu de casa de manhã bem cedo. Vestia o uniforme azul com a gola vermelha, que lhe dava até aos tornozelos, o boné com o brasão dos Correios Reais embutido e, nos pés, os sapatos pretos sem salto. Pendurou a mala postal de couro a tiracolo e pôs-se a caminho.

— Bom dia, senhora carteira — cumprimentou-a a vizinha, que, de roupão, com um casaco de lã pelos ombros, varria a bom ritmo o seu pedaço de passeio, seis ladrilhos, mais coisa, menos coisa.

Anna retribuiu o cumprimento, levantando ligeiramente o chapéu.

— Bom dia para si também.

Chegou à praça: Michele dispunha no passeio os caixotes cheios de laranjas; Mario encontrava-se sentado num banco, na esquina da rua, a engraxar o sapato de um homem bem vestido e com chapéu; o barbeiro, com o seu avental branco, estava a fumar um cigarro na soleira da porta, à espera do primeiro cliente do dia. Anna dirigiu-se ao Bar Castello e entrou.

— O costume? — perguntou-lhe Nando com um sorriso.

Ela anuiu com a cabeça, olhando pelo canto do olho para dois velhotes sentados a uma mesinha. Estavam a jogar à bisca, mas interromperam o jogo e fitaram-na, sussurrando e acotovelando-se.

— Aqui está o teu café com *grappa* — disse Nando.

Anna pegou na chávena e bebeu de um só trago, olhando fixamente para aqueles dois, que não tinham tirado os olhos de cima dela, mas que agora já não falavam e estavam boquiabertos. Fez estalar os lábios, saboreando o travo alcoólico que lhe ficara na língua.

— Obrigada, Nando — disse ela. E deixou as moedas em cima do balcão.

Como a divertia saber que, mal saísse, começariam os comentários habituais. Parecia que estava a ouvi-los, àqueles dois, a dizer mal de uma mulher que bebia pinga àquela hora da manhã. «São coisas do outro mundo», haviam dito certa vez.

Entrou na estação dos correios e cumprimentou primeiro Tommaso, que retribuiu com um sorriso, e depois Carmine, que, afagando a barba, lhe lançou o habitual olhar desconfiado.

Depois abriu a porta da pequena sala das traseiras e deu os bons-dias às telegrafistas, Elena e Chiara. As «meninas», como lhes chamavam porque nenhuma delas era casada. A primeira era uma mulher grande e simpática, com o rosto largo e tagarela, e vivia com a irmã mais velha, que também não tinha marido; Chiara, a mais jovem das duas, era uma trinca-espinhas de óculos grossos e sorriso doce e tomava conta da mãe idosa. «Calha-me a mim, que sou mulher», dizia ela, dando a entender que os dois irmãos já tinham mulheres e filhos para cuidar.

— Trouxe o bolo, hem — disse Elena. — Anda cá, come uma fatia connosco. É de amêndoa.

Anna perguntou-lhe se o podia embrulhar: levá-lo-ia consigo na mala postal e comê-lo-ia com prazer mais tarde.

Depois, dirigiu-se à grande mesa no centro da estação e, como fazia todos os dias, começou a separar a correspondência por zonas da aldeia.

Entre as cartas, as encomendas e os telegramas, encontrava-se um envelope branco. A morada dizia: *Giovanna Calogiuri, Contrada La Pietra, Lizzanello (Lecce)*. Não continha qualquer referência ao remetente, apenas o local e o dia de expedição impressos ao lado do carimbo com a imagem do rei Vítor Emmanuel III: fora enviado de Casalecchio di Reno, na província de Bolonha.

— Onde fica Contrada La Pietra? — perguntou Anna, virando o envelope nas mãos.

— Quem manda correio para Contrada La Pietra? — perguntou Carmine, espantado.

— Não sei, não tem remetente.

Tommaso aproximou-se dela e leu:

— Giovanna Calogiuri...

— Quem, Giovanna, a maluca? — interrompeu-o Elena, assomando à porta.

— Quem é essa Giovanna, a maluca? — perguntou Anna.

— Uma mulher que não é boa da cabeça — respondeu Carmine.

— Olha que não, ela é só um pouco estranha. Às vezes, vejo-a a fazer compras na aldeia — interveio Tommaso.

— Mas nem estranha nem meio estranha, é mesmo atoleimada — disse Elena. — Na escola, era a única que, ao fim de três anos, ainda não tinha aprendido a ler. O professor punha-a sempre atrás do quadro, com os joelhos em cima de grão-de-bico. E dava-lhe com a régua nas mãos.

— Depois, a dada altura, enlouqueceu — continuou Carmine. — Tinha ataques de endemoninhada e atirava tudo ao ar, livros, cadernos, cadeiras... Tiveram de expulsá-la da escola. E fizeram bem.

— Sinceramente, coitadinha, então depois da história com aquele que se tornou padre... — murmurou Tommaso.

— Ah, bem, esse foi o golpe de misericórdia. E nada, agora está lá enterrada, em Contrada La Pietra, ela e o cão. A mãe, uma santa mulher, que descanse em

paz, aposto que morreu de coração partido, por todos os dissabores que a filha lhe deu. Mas as coisas até correram bem à maluca: era filha única e ficou com o dinheiro todo, que a dona Rosalina alguma coisinha tinha posto de parte. Era cozinheira dos Tamburinis. Tanto quanto sei, aquela nem se lava. Quando ela vem à aldeia, sente-se o fedor ao longe... — disse Elena, apertando o nariz.

Anna arqueou uma sobancelha e, um pouco atordoada com toda aquela conversa, perguntou se podiam fazer o favor de lhe explicar o caminho para chegar a Contrada, que já estava atrasada. Descobriu então que a casa de Giovanna ficava fora da aldeia, lá onde se estendiam os olivais: seria o cabo dos trabalhos para os seus pobres pés, tinha consciência disso. Nessa noite, teria de os pôr de molho na bacia de água quente mais tempo do que o habitual: não sabia dizer quantos quilómetros tinha percorrido, naqueles primeiros seis meses; as plantas dos pés tinham-se enchido de calos que lhe doíam constantemente.

Colocou a carta no fim das outras; seria a última paragem da manhã. Depois, pendurou a mala postal a tiracolo e saiu da estação dos correios. Na rua, à porta do Bar Castello, Carlo estava em pé, a ler atentamente o jornal com um charuto entre os dentes. Ainda não se tinham visto nessa manhã: quando ela saíra de casa, ouvira-o entrar na casa de banho e fechar a porta à chave.

Anna espreitou para o relógio que trazia no pulso esquerdo. Antonio dera-lho quando fora contratada, em maio. Adorava aquele relógio: tinha o mostrador retangular com números árabes e a bracelete era em pele preta. Era invulgar, mas simples, como ela gostava.

Não tenho mesmo tempo para parar e dizer olá ao Carlo, pensou. Além disso, para ser sincera, não tinha vontade nenhuma de o fazer. Fosse como fosse, encontrá-lo ia em casa, mais tarde. Qual era a diferença? Desde o dia do seu aniversário, tinham continuado a pegar-se por tudo e por nada. «Nunca te irão escolher a ti.» As palavras de Carlo ainda ecoavam na sua cabeça, apesar de ela o ter desmentido descaradamente. Foi a sua instrução a fazer a diferença: os outros dois candidatos tinham apenas o quinto ano. Ele devia estar orgulhoso dela: ela conseguira, que diacho! Mas Carlo não parecia importar-se com isso: ela não lhe dera ouvidos, fizera o que lhe dera na gana, e ele ainda não a perdoara por isso. Também ele acabara por ficar do lado daqueles que lhe apontavam o dedo. Parecia-lhe que todos — o coro de «Não vais conseguir», «Mas és uma mulher», «Não é trabalho para senhoras» — só estavam à espera de vê-la falhar. Para restabelecer a ordem das coisas.

Anna sentiu uma súbita sensação de cansaço e, sem mais delongas, continuou a percorrer a rua em frente à do bar.

Carlo levantou o olhar do jornal para acender o charuto e viu-a afastar-se. Não estava assim tão longe; teria bastado chamá-la para a fazer dar meia-volta. Mas não o fez: Carmela estava à sua espera, e ele já estava atrasado. Então, dobrou o jornal, atirou-o para cima de uma das mesas da esplanada e dirigiu-se para o carro.

Conduziu até à esquina da rua onde se situava a casa de Carmela e aí parou por

alguns instantes: quando teve a certeza de que o carro de Nicola não estava lá, virou para a rua. Carmela garantira-lhe que o marido saía muito cedo para levar o filho à escola e depois ir trabalhar, mas Carlo espreitava sempre. Estacionou numa viela lateral, um beco sem saída onde não passava viva alma e que albergava apenas uma colónia de gatos vadios. Saiu do carro e continuou a pé. Encontrou a porta entreaberta, como todas as manhãs. Empurrou-a, entrou e fechou-a suavemente atrás de si.

— Sou eu — disse.

Carmela foi ao seu encontro percorrendo o longo corredor, com a combinação de seda branca que usava para dormir, e lançou-se para o beijar.

— Chegaste atrasado — repreendeu-o.

— Desculpa. O Roberto fez uma birra esta manhã: demorei algum tempo a lavá-lo e vesti-lo. Deixei-o a correr em casa da Agata e vim diretamente para aqui. Para ti — mentiu Carlo, abraçando-lhe as ancas.

*

Anna começou a sua ronda matinal em casa de Giuseppina, uma senhora de cabelos brancos, apanhados num rabo de cavalo baixo e com uma voz estridente. Uma vez por mês, recebia notícias do filho, Mauro, que fora procurar fortuna na Alemanha. E parecia mesmo tê-la encontrado, a julgar pelo dinheiro que lhe enviava periodicamente. Giuseppina era viúva e não sabia ler nem escrever, por isso Anna tinha de entrar em casa, sentar-se, beber um café queimado, que de bom grado dispensaria, e ler-lhe a carta, soletrando bem as palavras, recomeçando até do início, duas ou três vezes. Giuseppina agradecia-lhe sinceramente e depois concluía sempre:

— É mesmo uma pessoa muito boa, senhora Anna. Pergunto-me porque dizem tanto mal de si... — E abanava a cabeça.

Depois, foi a vez de Angela, uma rapariga de dezanove anos, magra e com um olhar puro, que todas as semanas recebia uma prenda do seu pretendente. Batia palmas, feliz como uma criança, e abria logo o embrulho, enquanto Anna ainda se encontrava postada à porta. De cada vez, eram pequenas e encantadoras criações de madeira: uma carruagem de um comboio, um porta-joias, um pingente em forma de coração, uma chave.

— Ele é carpinteiro, sabe? Tem uma oficina em Lecce — explicava Angela, toda orgulhosa.

A paragem seguinte seria em casa do senhor Lorenzo, um homem carrancudo, com olhos tristes e barba grisalha e nodosa. Assim que via Anna chegar, cumprimentava-a com a saudação fascista, à qual ela se recusava sempre a responder. De todas as vezes, Lorenzo enviava a correspondência de volta ao remetente, um homem que tinha o mesmo apelido que o seu: Colaci. A cena repetia-se sempre igual: Lorenzo recebia nas mãos o postal — um desenho de

Roma diferente todos os meses —, dava-lhe uma olhadela rápida com um riso de escárnio e depois dizia:

— Não o quero, leva-o daqui.

*

Enquanto Anna se afastava da casa do senhor Lorenzo, Carlo estava deitado no leito matrimonial de Carmela, a fumar com baforadas lentas e medidas. Ela, ainda nua, levantou-se e foi abrir a janela para arejar o quarto: antes que Nicola voltasse, o cheiro a especiarias do charuto teria desaparecido completamente. Depois, voltou para a cama e deitou-se de lado junto a Carlo, com a cabeça apoiada na mão.

— És lindo — disse ela.

Carlo exalou fumo pelo canto da boca e fez-lhe uma carícia distraída no braço.

— Tu também.

Carmela, maliciosa, enfiou a mão debaixo do lençol.

— Tenho de ir... — disse ele sem muita convicção. — Não tens de ir trabalhar?

Ela retirou a mão, ressentida.

— Claro que tenho de ir trabalhar. Eu cá trabalho sempre.

Ela sentou-se na cama, pegou na combinação que deixara em cima da mesinha de cabeceira e vestiu-a, de costas para ele.

— Onde foram parar as minhas calças? — perguntou ele.

— Como hei de saber? Vê debaixo da cama.

Carlo inclinou-se para verificar. As calças estavam lá, viradas do avesso. Os cartões de visita que guardava no bolso estavam espalhados pelo chão. Levantou-se da cama e começou a apanhá-los um a um.

— O que é isso? — perguntou Carmela.

— Nada.

— Como nada? Deixa-me ver. — E arrancou-lhe um das mãos. — *Anna Allavena. Carteira* — pronunciou ela lentamente. — Agora essa anda a mandar fazer cartões de visita? Todos sabemos quem ela é, tem medo de que nos esqueçamos? — disse, esforçando-se por ser irónica, mas a sua voz quebrada traiu-a.

— Dá cá isso — disse Carlo, irritado. E voltou a pô-lo no bolso com os outros.

— Não tens nada que ver com o assunto — acrescentou com ar sério.

— Por amor de Deus... A cada um a sua cruz — respondeu ela, agitando uma mão, e voltou a calçar os sapatos.

— Mas qual cruz. São só cartões de visita. Não tem nada de mal.

— Vejam só! Qual será o problema de ter uma *mugghiere*¹⁰ que faz o que lhe dá na gana e que se comporta como um homem...

— A Anna não se comporta como um homem, o que é que estás para aí a

dizer?

— Ah, não? Olha que eu acho que é ela quem veste as calças em casa, não tu. É o que toda a gente pensa, fica tu sabendo. A senhora até tem o vício da bebida, segundo me disseram. Vai lá perguntar ao Nando sobre o café com cheirinho que ela bebe todas as manhãs. Não tens mão nela, é o que as pessoas dizem.

Carlo não respondeu. Vestiu-se à pressa, pôs o chapéu na cabeça e saiu do quarto sem se despedir.

Destrancou a porta e olhou primeiro para a direita e depois para a esquerda. Quando teve a certeza de que a o caminho estava livre, saiu e estugou o passo em direção ao automóvel. Colérico, ligou o carro e, em vez de tomar a direção da vinha, seguiu pela estrada que ia dar ao lagar de azeite.

Estacionou o carro em frente à entrada, diante do letreiro em folha de Flandres turquesa com a inscrição LAGAR GRECO em letras maiúsculas. Entrou e, tirando galantemente o chapéu, cumprimentou Agnese, a secretária. Trabalhava com Antonio há pelo menos seis anos e estava sempre debruçada sobre uma pilha de papelada, com a caneta entre os dedos e os óculos na ponta do nariz, presos por uma corrente de ouro.

— O meu irmão está ocupado? Posso? — pergunta Carlo. E, sem esperar por uma resposta, abriu a porta do gabinete de Antonio. — Bom dia, maninho — cumprimentou-o, com o charuto preso entre os dentes.

Antonio levantou a cabeça do livro de registos, e o seu rosto abriu-se num sorriso. Levantou-se.

— Vem cá, vem cá — respondeu com um aceno de cabeça.

Carlo aproximou-se dele e puxou-o para um abraço, depois tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-lhe a testa.

— Vejam só como estás bonito! — exclamou, rindo-se. O irmão parecia particularmente descontraído naquela manhã. Talvez fosse por causa da barba acabada de fazer ou do cabelo cuidadosamente penteado para trás, que reluzia com a brilhantina.

— Foste ao Fernando?

— Sim, hoje logo de manhãzinha. Mas acho que desta vez ele pôs demasiado brilhantina — disse, tocando no cabelo ligeiramente endurecido.

Carlo puxou a cadeira em frente à de Antonio e sentou-se. Em cima da secretária, o *Corriere della Sera* estava aberto numa página com a imagem de uma lápide. A inscrição dizia: «18 de novembro de 1935 — XIV. Em memória do cerco, para que fique documentada ao longo dos séculos a enorme injustiça cometida contra a Itália, à qual a civilização de todos os continentes deve tanto.» Carlo fez uma careta de desilusão.

— Que palhaço — comentou, acenando com a cabeça para o jornal.

— Mas é um palhaço perigoso — acrescentou Antonio. — Vais ver que ainda vai chegar à Etiópia, ainda vai dar mais razão à «enorme injustiça» das sanções.

— Seja como for — continuou Antonio, sentando-se de novo. — O que vieste cá fazer?

Carlo encolheu os ombros e deu uma passa no charuto.

— Sabes o que se diz na aldeia? Já ouviste os rumores?

Antonio encostou as costas à poltrona e soltou um suspiro.

— Não. O que é andam a dizer?

— Que me tornei um motivo de chacota.

— Mas de que estás a falar? — perguntou Antonio, rindo-se.

— É isso mesmo. Dizem que é a Anna quem veste as calças em casa, não eu.

— Ah, sim? E quem anda a dizer isso?

Carlo ficou pensativo.

— A Carmela.

— Ah, bem, se a Carmela o diz... Uma fonte mais do que fiável — ironizou Antonio.

— Eu sei que é assim. Consigo senti-los, sabes, os olhares que me lançam às costas.

— Que disparate, ninguém te anda a lançar olhares, deixa lá isso.

— Andam, sim, é como te digo. Eu sei o que eles pensam de mim. E dela.

Antonio ficou sério.

— O que podem pensar? Que ganha o pão honestamente? Um crime imperdoável, devo reconhecer — ironizou.

Carlo abanou a cabeça.

— Tornas tudo mais fácil, tu.

— Porque é, Carletto.

— E claro, é conveniente ser progressista com as mulheres dos outros. Gostava de te ver no meu lugar.

Antonio cruzou as mãos sobre a secretária. Se pudesse, ter-lhe-ia dito que estava disposto a dar tudo o que tinha para estar no lugar dele, nem que fosse só por um dia. Quantas vezes se imaginou deitado na cama, em silêncio, a vê-la dormir, a acariciar-lhe os cabelos soltos na almofada, a passar com um dedo pelo perfil do seu rosto, a dizer-lhe: «O Antonio tomará conta de ti.»

— Ela está a fazer-me passar por parvo, essa é que é a verdade — desabafou Carlo. — Sabias que todas as manhãs bebe um café com cheirinho no bar? — continuou, inclinando-se para a frente. — É normal que depois as pessoas falem.

— E deixa-as falar. O que é que isso te importa?

— Não, Antonio. Esta é a minha gente, esta é a minha casa. Tenho um negócio aqui. É claro que me importa.

Antonio levantou-se da poltrona, enfiou as mãos nos bolsos das calças e dirigiu-se para a janela.

— E com ela? Importas-te com ela? — perguntou, olhando para fora.

— Claro que me importo! — exclamou Carlo, irritado. — Estaria eu aqui a falar sobre isso se não me importasse? Que pergunta foi essa? Ela é minha mulher.

Antonio voltou a olhar para ele, desta vez com um véu de tristeza nos olhos.

— Então, se te importas, sê tu o primeiro a deixar de alimentar essas

conversas. — Carlo desviou o olhar. — Não estás a fazer a única coisa que devias estar a fazer — disse Antonio, olhando novamente pela janela.

— Diz lá — disse Carlo, cruzando os braços. — Que coisa é essa?

— Protegê-la — respondeu Antonio num fio de voz.

*

Anna seguiu pela estrada para Contrada La Pietra, que o meio-dia já tinha passado há algum tempo.

O casebre, com o telhado vermelho, estava rodeado de campo e tinha as portadas fechadas, como se ninguém lá vivesse havia muito tempo. Quando abriu o portão de madeira, um pastor alemão correu para ela, a ladrar, mas ela agachou-se e estendeu a mão com a palma virada para cima: o cão parou e pôs-se a cheirá-la, depois baixou as orelhas e sentou-se à sua frente.

— *Cesare!* Vem para casa! — gritou uma mulher, assomando-se à entrada. Depois viu Anna. — Quem é?

— Uma carta para Giovanna Calogiuri — respondeu Anna, aproximando-se.

— Sou eu.

Não tem nada ar de maluca, pensou Anna quando a viu à sua frente. Era verdade que tinha o cabelo desgrehado e provavelmente envergava aquele vestido castanho de burel sabia-se lá havia quantos dias, mas havia algo de gracioso no seu rosto: os grandes olhos cor de avelã, as pestanas compridas, a boca túrgida e pálida, as maçãs do rosto proeminentes... Além disso, não era nada verdade que cheirasse mal.

— Isto é para si — disse, entregando-lhe o envelope.

Giovanna ficou imóvel.

— É sua, a carta — insistiu Anna.

— Deve ter-se enganado.

— Mas disse-me que era a Giovanna Calogiuri, certo?

— Sim.

— Então não há erro nenhum. Aqui tem...

— E o que é que faço com isso? Eu cá não sei ler.

— Bem... — disse Anna, após alguns segundos. — Se quiser, posso ler-lha. Não seria a primeira vez que o faria.

Giovanna mordeu o lábio, incerta. Por fim, disse:

— Entre...

A casa era digna e arrumada, cheirando a naftalina. Tinha poucos móveis e estava, sem dúvida, um pouco degradada: vários azulejos da cozinha encontravam-se lascados, as cortinas de algodão cor-de-rosa estavam desfiadas ao longo do bordo inferior, e, numa das paredes, havia uma racha que começava no teto e ia até ao rodapé. No entanto, para Anna, pareceu imediatamente acolhedor, um lugar onde podia sentir-se segura.

— Vou fazer-lhe um café — disse Giovanna.

— Com todo o gosto, obrigada. — Anna sentou-se e pousou a mala postal na mesa da cozinha. Tirou para fora a fatia de bolo que Elena tinha embrulhado no guardanapo de pano.

— Então, és tu a forasteira. — Ela tinha passado para o tu, talvez sem se aperceber. Virou a cabeça para Anna e, enquanto apertava a máquina de café, sorriu-lhe.

— Em pessoa.

— Desculpa. — Giovanna corou.

— Não, não, não faz mal. Sei que é isso que me chamam.

A outra mulher esboçou uma expressão de embaraço.

— O uniforme fica-te bem — disse ela. E ligou o fogãozinho.

— Oh, obrigada — replicou Anna, toda contente. — Eu também acho, sabes.

Beberam o café em silêncio e partilharam a fatia de bolo de amêndoa, enquanto *Cesare* ressonava aos seus pés.

Anna olhou para o seu relógio.

— Posso abri-la agora?

Giovanna anuiu com a cabeça. E voltou a morder o lábio.

O envelope continha uma folha de papel dobrada ao meio, com rabiscos azuis-claros nos cantos. Segurando na carta com ambas as mãos, Anna começou a ler:

Querida Giovanna,

Espero que esta carta te encontre bem. Antes de mais, quero pedir-te desculpa por não te ter escrito antes, mas não tem sido fácil por aqui. Não penses que não pensei em ti. Mas, tu sabes, e falámos sobre isso, era necessário que o tempo passasse e que houvesse uma certa distância entre nós. Não consigo tirar dos olhos a última imagem que guardo de ti, as tuas lágrimas, o teu desespero... Não sabes quanto sofro com isso, sempre que me vem à memória. Espero que tenhas encontrado a paz no teu coração.

Quero que saibas que te amo e amarei sempre.

Desejo-vos muita serenidade. Rezarei para que assim seja.

Dom Giulio

Anna olhou para cima e reparou que Giovanna tinha o rosto lavado em lágrimas.

— Estás bem? — perguntou, pousando-lhe a mão no braço.

Giovanna pôs-se de pé, pegou num pano de cozinha sujo de molho de tomate e enxugou o rosto.

— Mas... — começou Anna, hesitante. — Porque é que ele te manda uma carta? Ele não sabe que não a consegues ler?

A outra mulher assoou o nariz.

— Não. Tive vergonha de lhe contar.

— Oh! Mas isso não é motivo de vergonha. Estamos sempre a tempo de aprender a ler.

— Eu não.

— Isto aplica-se a toda a gente, acredita.

— A mim, não — repetiu Giovanna. — Eu não as vejo, as palavras... Anna esboçou uma expressão de perplexidade.

— Posso ajudar-te. A vê-las, quero dizer. Já fui professora primária, sabes?

— Não! — exclamou Giovanna, determinada, torcendo as mãos.

— Bem, se mesmo assim lhe quiseses responder, podes ditar-me a carta. Giovanna mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Se mudares de ideias, sabes onde me encontrar — disse-lhe então Anna com um sorriso. Levantou-se, voltou a pôr a mala postal a tiracolo, fez uma festinha a *Cesare* e voltou a abrir a porta.

Não podia saber que percorreria aquele caminho tantas vezes que gastaria mais de um par de sapatos.

10 Em dialeto salentino, «mulher». (NT)

Fevereiro-março de 1936

No final da manhã de um dia de fevereiro, com um céu cinzento e carregado, Giovanna apresentou-se na estação dos correios. Assomou-se timidamente à entrada e ali ficou postada, a torcer as mãos.

Tommaso e Carmine entreolharam-se. Anna estava sentada à mesa a retirar da mala postal da correspondência não entregue naquele dia, no meio da qual se encontrava mais um postal para o senhor Lorenzo, desta vez com a imagem da Fonte de Trevi. Mais cedo ou mais tarde, iria perguntar-lhe porque é que insistia em devolver todos os postais daquele que — tinha descoberto — era seu irmão.

— Bom dia, minha senhora — disse Tommaso, caminhando em direção a Giovanna. — Precisa de alguma coisa?

Anna olhou para cima.

— Giovanna?! — exclamou espantada.

Elena espreitou imediatamente da sala das traseiras, observando a cena pela porta entreaberta.

— Estou preparada — anunciou Giovanna, levantando uma mão para alisar o cabelo que tinha apanhado às três pancadas.

— Para quê? — perguntou Anna.

Tinham passado quase três meses desde o seu encontro e, para ser sincera, não tinha voltado a pensar naquele dia em Contrada.

Giovanna baixou a cabeça, claramente desiludida.

— Para responder — disse ela num sussurro.

Tinha o ar de alguém que, pelo contrário, não fizera senão dar voltas à cabeça dia e noite durante várias semanas antes de tomar uma decisão.

— Mas, sim, claro — disse Anna, puxando a cadeira. — Peço desculpa. Agora já me lembro, claro que me lembro.

— O que se passa? — perguntou Tommaso.

— Oh, nada. A Giovanna quer ditar-me uma carta, certo? — respondeu, desviando o olhar para ela.

Giovanna anuiu com a cabeça e mordeu o lábio.

— Ela quer ditar uma carta — sussurrou Elena à colega, que estava curvada

para a frente a escrever. — Percebeste?

— Sim, percebi — bufou Chiara, sem olhar para ela. E empurrou para cima os óculos, que lhe estavam a escorregar pelo nariz.

— Sabe-se lá a quem... Ah, mas depois a carteira vai ter de me contar tudo, sem tirar nem pôr! — exclamou Elena, ainda em voz baixa.

— Vem comigo, vamos para o bar, onde ficamos mais à vontade — disse Anna. — Vou buscar papel e uma caneta. — Abriu a gaveta de um dos armários de madeira e retirou uma folha acastanhada.

— Tommaso... Não te importas que me ausente por meia hora, pois não?

O diretor fez-lhe sinal para que não se preocupasse, que não havia problema.

Assim, atravessaram a rua em direção ao Bar Castello, e Anna apontou para uma das mesinhas no exterior. Giovanna sentou-se, olhando em redor com uma expressão intimidada.

— Está tudo bem? — perguntou-lhe Anna.

— Sim, sim — gaguejou.

Anna pousou a folha de papel em cima da mesa, pegou na caneta e disse que estava pronta, quando ela quisesse...

Giovanna hesitou por alguns instantes.

— Mas primeiro tens de me prometer que não vais contar a ninguém.

Anna pôs-lhe a mão no braço.

— Prometo-te que ficará só entre nós.

A outra mulher anuiu com a cabeça e finalmente permitiu-se um sorriso. Os seus grandes olhos cor de avelã iluminaram-se. Sim, era mesmo bonita, pensou Anna.

Giovanna começou a ditar com uma voz trémula, e as suas faces enrubesceram no ponto da carta em que dizia ao seu Giulio as saudades que tinha dos seus beijos e daquelas «carícias especiais» debaixo dos lençóis que a faziam sentir-se leve e com os olhos turvados.

Anna escreveu sem pestanejar, séria e concentrada.

— Estás a pensar mal de mim? — perguntou Giovanna, interrompendo-se de repente.

Anna levantou os olhos da folha de papel.

— Mal de ti? Porque é que haveria de pensar mal de ti?

— Pelas coisas que digo... — E mordeu o lábio.

— Oh, ouve... — começou Anna, exasperada. — Se fosse um homem a dizer estas coisas, estaríamos aqui achar que havia algum problema?

*

Juntamente com a vizinha, Agata caminhava no lado oposto da praça, levando um saco de pano cheio de farinha.

— Não é a tua cunhada? — perguntou a vizinha, apontando para ela com um

aceno de cabeça.

Agata virou-se e viu-as, Anna e Giovanna, a rir à gargalhada, íntimas e alegres. Sentiu imediatamente uma pontada de ciúme: Anna nunca se rira com ela em todo aquele tempo. Desde que se tornara carteira, achava-se muito importante. E deixara de ter tempo para ela, nem sequer para irem juntas às compras. Nem uma única uma vez.

— A maluca e a forasteira. Belo par — retorquiu a vizinha para piorar as coisas.

Agata encheu-se de ressentimento e lembrou-se de alguns dias antes, quando, durante o terço de sábado à tarde, teve de tomar o partido da cunhada para defender a honra da família. Aliás, o facto de Carlo fazer as suas «visitas» matinais a dona Carmela parecia um segredo de polichinelo. «Pois, mas quando alguém levanta demasiado a crista, está mesmo a pedi-las», haviam dito as mulheres reunidas em círculo, entre um pai-nosso e uma ave-maria. Agata retorquira que era melhor cada uma olhar para dentro da sua própria casa, em vez de olhar para a dos outros, e pôs fim à discussão.

Ela endureceu o olhar.

— *Paru cerca paru, e paru trova*¹¹ — respondeu à vizinha, entrelaçando o braço no dela.

*

Anna dobrou a folha ao meio e prometeu a Giovanna que enviaria a carta no dia seguinte. Dom Giulio não deixara morada, mas disse-lhe que sabia para onde podia enviá-la. Quantas paróquias poderia haver em Casalecchio di Reno?

Assim que Anna regressou à estação dos correios, viu-se tomada de assalto.

— Então? — incitou-a Elena, avançando na sua direção.

— Então, o quê?

— Conta lá, a quem é que a maluca escreve?

— Para começar, podes não lhe chamar «a maluca». Ela tem nome, sabes?

Elena olhou para ela, perplexa.

— Mas sempre lhe chamámos isso... — E virou-se para olhar para Carmine em busca de apoio.

— Para nós, ela continua a ser e será sempre a maluca — disse ele laconicamente, cofiando a sua longa barba.

Anna abanou a cabeça e começou a juntar as suas coisas.

— Vá lá, conta-nos qualquer coisa, fica só entre colegas — insistiu Elena.

— Não vos vou contar absolutamente nada.

— O quê, não confias em nós? — tartamudeou Elena, franzindo o sobrolho.

Anna revirou os olhos e agarrou na mala postal.

— Já chega — interveio Tommaso da sua secretária. — Ela tem razão; são assuntos privados.

— Obrigada, Tommaso — disse Anna. E saiu da estação com um aceno de despedida.

— Olhem só para esta — queixou-se Elena.

— Eu bem vos disse — secundou-a Carmine, encolhendo os ombros.

Elena continuou a olhar para a porta com uma expressão ressentida.

— E eu que até lhe ofereço bolos... — acabou por resmungar, regressando ao seu lugar.

*

A resposta de dom Giulio chegou passadas três semanas. Anna apressou-se a ir a casa de Giovanna, apesar de a mala postal estar cheia de correspondência, o que significava que esta paragem lhe custaria pelo menos uma hora extra de trabalho. Mas não se importava: a espera da mulher tornara-se também a sua, e já não estava ansiosa por isso.

Giovanna abriu a porta, ainda ensonada, embrulhada num xaile de lã. *Cesare* aproximou-se, a abanar a cauda.

— Estavas a dormir? — perguntou-lhe Anna quando entrou em casa. Cumprimentou o cão com uma festinha na cabeça.

— Sim, mas não há problema — respondeu ela. — Anda, vou fazer café.

— Chegou! — exclamou Anna, acenando-lhe com o envelope em frente aos olhos.

O rosto de Giovanna ensombreceu-se, e ela tirou o frasquinho de café da prateleira.

— Que cara é essa? Não estás contente?

— Depende do que ele escreveu.

— Mas ainda não sabemos! Oh, olha, eu abro-a.

Giovanna desistiu de fazer o café e voltou a colocar o frasquinho no sítio, sentou-se e começou a roer a unha do polegar. *Cesare* enroscou-se aos pés dela.

Anna rasgou o envelope de um lado e retirou a carta. Desdobrou-a, aclarou a garganta e começou a ler.

Querida Giovanna,

Fiquei surpreso por receber a tua carta, uma vez que não tinha deixado deliberadamente nenhuma morada... Em todo o caso, li-a com atenção, mais do que uma vez. E quero dizer-te que eu também não me esqueci. Como poderia esquecer? São recordações preciosas que trago comigo todos os dias e que me aquecem o coração.

Dom Giulio

P.S. Seria bom que não me enviasses cartas assim tão, como dizer, apaixonadas. Há sempre demasiados olhos indiscretos.

— Não sei se percebi bem o que ele disse — comentou Giovanna, visivelmente confusa. E, com os dentes, arrancou a pele da unha.

Anna ficou pensativa e começou a tamborilar com os dedos na mesa.

— Então, vamos fazer assim! — exclamou ela depois, radiante.

— Do que é que estás a falar?

— Tive uma ideia. Mas fica para amanhã. Agora não tenho tempo — disse com um sorriso, antes de se ir embora.

Por isso, regressou no dia seguinte, à tarde, com um postal a preto e branco da praça Castello e um molho de selos de dez cêntimos.

As palavras de amor, aquelas «apaixonadas» tornar-se-iam tão pequeninas ao ponto de ficarem escondidas debaixo dos selos. Bastaria humedecê-los para os remover delicadamente e fazê-las reaparecer.

— Mas como é que ele vai perceber isso? Que tem de levantar os selos, quero eu dizer — perguntou Giovanna, intrigada.

Anna tinha pensado em tudo.

— Vais enviar-lhe uma carta à parte, com as instruções, alguns dias antes do postal. Escrevemos-lhe apenas isto: «Os selos escondem mais palavras do que se pensa, se soubermos como encontrá-las.» Se ele não for completamente idiota, compreenderá o que tem de fazer quando receber o postal. E, se eu tiver razão, como penso que tenho, responderá utilizando o mesmo método. Queres apostar?

*

A primavera chegara. Carlo apercebeu-se disso quando sentiu o aroma no ar naquele domingo de Páscoa, soalheiro e com o céu limpo. Nessa manhã, levaria Roberto à missa: há muito que não passava algum tempo a sós com o filho. Nas últimas semanas, vira-o muito pouco, pois a primeira poda da vinha, um ano após a plantação, ocupara todo o seu tempo, e a Herdade Greco enchera-se novamente de trabalhadores, que, desde a alvorada, lá estavam curvados sobre as estacas com as tesouras de poda. Dom Ciccio só tinha aparecido uma vez, no primeiro dia da poda, e não ficara mais de uma hora. Limitara-se a explicar a Carlo como se devia proceder, nessa fase tão delicada que determinaria a quantidade e a qualidade das futuras uvas.

— Depois é contigo — acrescentara, ríspido como sempre.

E assim Carlo aprendeu que tudo dependia do número de rebentos que se decidisse podar: quanto mais rebentos se deixassem na estaca, mais abundante seria a produção, sim, mas com menor teor de açúcar e menor concentração de compostos aromáticos. Por isso, o melhor a fazer era manter no máximo dois rebentos por cada muda, os mais vigorosos, os que iriam dar origem ao caule. Quando, ao supervisionar o trabalho, reparara que alguns trabalhadores — geralmente os mais jovens e menos experientes — cortavam os rebentos bons, aqueles em que era evidente que corria mais seiva, e deixavam os mais fracos,

Carlo repreendia-os imediatamente.

— Peço desculpa, senhor Greco — ouvia em jeito resposta.

Vestiu a Roberto o fato de cerimónia, um casaco azul com calças a condizer, uma camisa branca e uma gravata prateada.

— Estás bonito como o papá — disse-lhe, beliscando-lhe as bochechas entre os dedos. Roberto soltou uma gargalhada alegre, e Carlo pôs um dedo à frente da boca. — A mamã está a dormir — sussurrou.

Assomou-se à porta do quarto e abriu-a lentamente: Anna estava deitada do lado direito, com o cabelo espalhado na almofada e a venda de seda preta sobre os olhos. Deixou-se ficar ali alguns segundos a olhar para ela, sustendo a respiração. Era tão maravilhosamente bela, pensou. E, de repente, sentiu todo o cansaço do mundo a abater-se sobre si, o peso da distância que se criara entre eles, ao longo de todos aqueles meses, a altura do muro que, briga após briga, tinham erguido. A última fora precisamente na noite anterior, e o jantar ficara arruinado para os dois. Fora ele a provocá-la, só para a aborrecer. Sabia que, para Anna, era muito importante que só se falasse italiano em casa; proibira categoricamente o uso do dialeto, e se a Carlo, de tempos a tempos, escapava uma palavra, ela repreendia-o nesse mesmo instante. «Não à frente do menino, por favor», dizia ela. No entanto, durante o jantar, ele insistira em ensinar o filho, sentado na cadeira alta de madeira, a dizer isto ou aquilo em dialeto apuliano, incitando-o a repetir cada palavra. Anna ordenara-lhe que cessasse, por isso ele aumentara a parada, aplaudindo sempre que Roberto acertava na pronúncia.

Agora, olhando em retrospectiva, estava profundamente envergonhado: sentia-se estúpido e infantil. Talvez ela tivesse razão quando dizia que regressar ao Sul o tornara *imbécile e réactionnaire*...

Pela primeira vez, enquanto estava ali encostado à ombreira da porta a vê-la dormir, temeu ter perdido o amor dela. Uma perspetiva que, só de imaginar, lhe parecia insuportável.

Encostou a porta e regressou ao quarto do filho. Pegou nele ao colo e desceu as escadas muito lentamente.

Chegou cedo à frente da igreja de São Lourenço para a missa das dez e meia. Entrou, humedeceu o dedo na água benta e fez o sinal da cruz. Ao fundo, num dos lados do altar-mor rico em decorações barrocas, o organista estava a sentar-se. Carlo percorreu o pavimento de majólica da nave, ladeado por duas naves laterais que albergavam os altares mais pequenos, e escolheu um dos bancos do meio da fila da esquerda, a reservada aos homens, junto ao monumento sepulcral de Giorgio Antonio Paladini, antigo senhor de Lizzanello. No espaço de poucos minutos, a igreja encheu-se. Carlo avistou a família de dom Ciccio avançar para os bancos da primeira fila: Gina, agarrada ao braço do marido, enquanto Carmela e Nicola caminhavam ao lado um do outro. Daniele, o filho, seguia-os, um passo atrás. Detiveram-se e tomaram os seus lugares: dom Ciccio, Nicola e Daniele à esquerda, Carmela e a mãe na fila à direita.

Quando chegou o momento da comunhão e o órgão começou a tocar, Carlo levantou-se e, levando Roberto ao colo, dirigiu-se para o altar, metendo-se na fila. Foi assim que se encontrou ao lado de Daniele, que naquele instante estava a sair do banco, seguido pelo seu pai e por dom Ciccio.

— Bom dia, dom Ciccio — murmurou Carlo, sorrindo.

O outro homem retribuiu, levantando o queixo.

— A poda já acabou? — perguntou-lhe, então, sempre em voz baixa.

— Sim, sim, acabou — respondeu Carlo. — Esperemos que esteja bem.

— Olá, Carlo. — Nicola apertou-lhe a mão. — Daniele, diz olá ao senhor Carlo — ordenou depois ao filho.

O rapaz virou-se e levantou o boné.

— Bom dia — disse ele, sem vontade.

Com um ar divertido, Carlo pôs-lhe a mão no ombro.

— Como estás, meu jovem? — E sorriu.

Dom Ciccio, de repente, afastou-se e desviou o olhar.

— Vocês não avançam? — interrompeu-os a voz rouca de um homem na fila atrás deles.

E assim, Carlo, Roberto e Daniele à frente e os outros dois atrás percorreram os poucos metros que os separavam do padre, dando pequenos passos.

Carmela tinha ficado sentada ao lado da mãe, à espera de que acabasse o turno dos homens e começasse o das mulheres. Durante todo esse tempo, foi seguindo Carlo e Daniele, que caminhavam lado a lado, com os batimentos cardíacos a martelarem-lhe no peito. Se o órgão tivesse parado de tocar de repente, toda a gente na igreja os teria ouvido.

*

Na última segunda-feira de março, na estação dos correios respirava-se um clima de festa. Após mais de oito anos de noivado, Tommaso iria casar-se com a sua Giulia, uma rapariga frágil e extremamente tímida, oriunda de boas famílias, filha única de um *patrunu*. O diretor tinha levado um tabuleiro de bolinhos com pasta de amêndoa e abriu uma garrafa de espumante; apesar de serem apenas oito da manhã, todos beberam alegremente um copo. Quando Anna entrou, estavam todos em pé à volta da mesa, de copo na mão, em frente ao tabuleiro de bolinhos já quase vazio. Naquele dia, estava acompanhada por Lorenza, vestida com o uniforme escolar, saiazinha preta e uma blusa branca com um colarinho escuro: havia meses que insistia em ver o local onde a tia trabalhava, pelo que Anna decidiria finalmente levá-la consigo nessa manhã. Na condição, porém, de que ela a acompanhasse à escola logo a seguir, sem que fizesse fitas.

— Que menina tão bonita — cumprimentou-a Tommaso. — Quantos anos tens?

— Onze! — exclamou Lorenza.

— Mas é filha do Antonio, não a reconheceste? — disse Elena. — Olha lá, é a cara chapada da mãe. — E depois virou-se para Lorenza. — Devias tê-la visto com a tua idade: são iguaizinhas.

— Conheces a minha mamã?

— É claro que a conheço. Andámos juntas na escola quando éramos crianças.

— Mas onde é que vês a semelhança com a Agata, para além do cabelo? — perguntou Anna, ressentida. — Não vês que ela tem os mesmos olhos que o Antonio? O mesmo sorriso?

Elena, de braços cruzados, olhou para a menina.

— Olha, até pode ser. Mas a mim parece-me tudo da Agata. O que é que achas, Carmine?

— Não sei. Não me consigo lembrar dos olhos do Antonio, com tudo o que tenho para fazer.

— Oh, velho rabugento! — suspirou Elena, desconsiderando-o com um aceno de mão. — Como é que a tua mulher te atura, não sei.

— Deviam ver aquilo que eu tenho de aturar — disse Carmine, rindo-se.

— Onze... — repetiu Tommaso. — Já decidiste o que vais fazer depois da escola primária?

— Claro que já decidi — respondeu Anna. — Está a preparar-se para o exame de admissão ao secundário. Vai frequentar o liceu clássico e depois a universidade — acrescentou, orgulhosa.

O assunto tinha gerado uma grande celeuma na família. Agata teria preferido para a filha a escola profissional de três anos. «Ao menos, aí aprendes uma profissão», fora o seu comentário; para Antonio, porém, não havia dúvida de que Lorenza devia ir para a universidade. Seria a primeira Greco a licenciar-se; sonhava com isso para ela desde o dia em que nascera, e ninguém no mundo iria impedi-lo. Nessa altura, Agata, que nunca tinha visto tamanha determinação no marido, acabou por aquiescer, mas não sem muito resmungar. Aliás, fora educada a pão e sentido prático: de que valia estudar durante tantos anos se o objetivo era, fosse como fosse, *travagghiare*¹²? Além disso, o que ela realmente desejava para Lorenza era um bom casamento. Isso, sim, é que dava segurança, respeito e pão na mesa.

— O liceu clássico. Que esperta — elogiou Tommaso, acariciando-lhe a face.

Perante aquele contacto inesperado, a menina ficou imediatamente corada e baixou a cabeça.

Anna pegou-a pela mão e fez-lhe uma visita guiada pela estação, explicando-lhe rapidamente quem fazia o quê. Lorenza, como de costume, começou a soterrá-la em perguntas: «E esta balança, para que é que serve?», «E o que é que este gaveteiro tem lá dentro?», «Quem é que se senta nesta secretária?», «Porque é que têm uma caixa-forte?».

Anna respondeu a todas as perguntas e depois disse-lhe:

— Mas agora fica aqui sossegadinha, que a tia tem de encher a mala postal.

— Vem cá ter connosco — convidou Chiara, estendendo-lhe a mão. Lorenza

deu-lhe a mão e seguiu-a a ela e a Elena até ao gabinete do telégrafo, enquanto Tommaso se sentava à secretária e Carmine abria metade da porta, indicando que a estação dos correios estava em horário de expediente.

Depois de encher a mala postal, Anna fechou a fivela, pendurou a mala a tiracolo e assomou-se à sala das traseiras.

— Bem, estou pronta — disse ela. — Vamos embora.

Lorenza estava sentada em cima da secretária, com as perninhas a balançar, enquanto Chiara lhe explicava o funcionamento do telégrafo. Com cada impulso elétrico, estava ela a dizer-lhe, criava-se uma sequência de linhas e pontos. Era o chamado alfabeto Morse. E cabia-lhe a ela codificá-lo e traduzi-lo numa mensagem.

— Como se fosse magia! — exclamou Lorenza, de olhos esbugalhados.

— Sim, uma espécie de magia — disse Chiara, sorrindo-lhe com doçura.

Do poiso ao seu lado, Elena soltou um suspiro e murmurou que, de mágico, no seu trabalho, não encontrava mesmo nada.

— Vamos, *ma petite* — disse Anna, ajudando a sobrinha a descer da secretária.

— Senão, vais chegar atrasada, e eu também. Hoje até tenho correspondência para o teu pai.

*

Antes de ir ao lagar de azeite — seria a última paragem daquele dia — Anna bateu à porta de Angela: tinha uma caixinha para lhe entregar. Tirou-a da mala postal e sopesou-a, verificando que era extremamente leve. Depois, tentou sacudi-la suavemente para adivinhar o seu conteúdo: quem sabe o que o tenaz pretendente teria inventado dessa vez. Angela recebeu-a com a sua habitual expressão radiante, pegou na caixinha que Anna tinha nas mãos e, como sempre, abriu-a na hora. Depois, arregalou os olhos e, lentamente, retirou um anel de madeira incrustado, que enfiou imediatamente no dedo.

— É do meu tamanho — disse ela com um sorriso, mostrando a mão a Anna.

— É muito bonito — comentou ela, olhando para o anel. Depois olhou para Angela. — Acho mesmo que ele te vai dar o verdadeiro daqui a pouco tempo.

A rapariga encolheu os ombros, com uma expressão coquete.

— A minha mãe também diz isso.

Anna chegou ao lagar quase à hora do almoço. Agnese recebeu-a com um sorriso.

— Podes dar-me a mim — disse ela, estendendo a mão

Mas Anna respondeu que preferia fazer a entrega pessoalmente. Bateu, então, à porta do gabinete de Antonio e esperou que ele dissesse «Entre!» para entrar.

— Correio! — cumprimentou-o então, com um sorriso, acenando com o envelope.

Antonio pôs-se de pé e deixou cair o dossiê que estava aberto em cima da

secretária.

Anna teve de se rir.

— Que bela surpresa — disse ele, caminhando em direção a ela.

— Para ti — replicou ela, entregando-lhe o envelope.

Antonio pegou nele e, sem sequer lhe dar uma olhadela, pousou-a na secretária atrás de si. A seguir, convidou Anna a sentar-se.

— Como estás? — perguntou-lhe ele, sentando-se novamente na poltrona em frente. Espreitou para o pulso dela para verificar se continuava a usar o relógio que ele lhe tinha oferecido. E, quando teve a confirmação, sentiu-se reconfortado.

Anna encolheu os ombros.

— Estou bem, embora o teu irmão não me esteja a facilitar a vida. Tornou-se um confronto constante, como se tivesse de me fazer pagar por isto todo o santo dia — suspirou.

Antonio baixou o olhar.

— Não percebo o que é que lhe deu — continuou Anna, com o rosto tenso. — Nem parece o meu Carlo... Está tão obcecado com o que esta gente pensa... mas porquê?

— Há de passar — respondeu Antonio. — O Carlo é assim mesmo. Quando embica numa coisa... não vê mais nada. Torna-se uma espécie de desafio para ele, e pode levar muito tempo até desistir.

Ela anuiu com a cabeça.

— Sim, bem sei... — disse ela. E fez uma pausa. — Percebi logo que o teu irmão era casmurro. Teimou durante mais de um ano a cortejar-me. E só de pensar que, no início, eu nem sequer gostava dele. Gostava de outra pessoa...

— Ah, sim? — admirou-se Antonio, sentindo uma pontada de ciúme.

— Sim. Chamava-se Amedeo. Queria ser pintor. Era um rapaz bonito...

— E depois?

Anna suspirou.

— E depois apareceu o teu irmão e meteu na cabeça que... ia correr com ele. Com ele e com todos os outros pretendentes.

— Porquê, tinhas muitos? — perguntou Antonio, sorrindo.

Ela encolheu os ombros.

— Alguns, sim. — Mudou de posição na poltrona. — Ah, mas fi-lo esperar muito tempo, antes de lhe conceder um beijo — disse ela, orgulhosa. — As minhas primas estavam sempre a dizer-me: «Não exageres», «Não deixes escapar alguém como o Carlo». E sabes o que é que eu respondia?

Antonio abanou a cabeça.

— Que ele é que não me devia deixar escapar a mim!

— Tinhas toda a razão... — comentou Antonio com voz trémula.

— Queria mesmo que ele compreendesse a importância que este trabalho tem para mim — acrescentou Anna, ficando muito séria. — Tu percebeste logo... porque é que ele ainda não percebeu?

Antonio levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos.

— Queres ver o meu lugar preferido? — perguntou-lhe de repente.

Ela olhou para ele, intrigada.

— Que lugar?

— Não é longe. Fica mesmo por cima das nossas cabeças — respondeu ele, apontando para o teto.

Saíram pela porta das traseiras e chegaram a uma clareira rodeada de muros altos e descascados.

— Onde estamos? — perguntou Anna, olhando em redor.

— Vem, por aqui — disse Antonio, abrindo caminho.

Percorreram uma ruela que ladeava um dos muros, tão estreita que tiveram de passar um de cada vez. A partir daí, subiram uma longa escadaria de pedra que levava ao terraço do lagar.

— Olha! — exclamou Antonio, quando chegaram ao topo.

Anna avançou alguns passos. Dali de cima, era como se pudesse segurar a aldeia inteira nas palmas das mãos: reconheceu a igreja, a praça, o castelo, os habitantes que se moviam, minúsculos como formigas.

— Até se vê a estação dos correios! — disse, apontando para o edifício.

Antonio aproximou-se dela.

— Atrás de nós, por outro lado, está o mar. — Pousando as mãos nos braços dela, virou-a pouco a pouco.

Anna abarcou tudo com o olhar e, ao longe, viu uma faixa de água que cortava o horizonte ao meio.

— É lindo — disse ela. — Ouve só, que paz...

— Sim. É por isso que aqui venho todos os dias — respondeu.

Anna sorriu-lhe e voltou a olhar para o mar. Naquele instante, uma lufada de vento agitou-lhe o cabelo preso numa trança, fazendo cair uma madeixa para o lado. Fechou os olhos e deixou que a brisa lhe acariciasse o rosto.

Antonio olhava para ela, com a cabeça ligeiramente inclinada: imaginou-se a passar com um dedo ao longo do seu perfil recortado contra o céu; ouviu o silêncio daquele lugar exposto mas íntimo e deu-se conta de que nunca tinham estado tão sós, ao abrigo de tudo. Então, aproximou-se dela, tomou-lhe o rosto entre as mãos e pousou suavemente os lábios nos dela, num beijo longo e doce.

Quando voltou a abrir os olhos, Anna estremeceu subitamente e levou uma mão à boca.

Antonio, com um ar desconcertado, recuou até tocar no parapeito com uma mão e encostou-se a ele.

— Desculpa, Anna — disse-lhe ele com a voz sufocada.

Ela lançou-lhe um olhar aterrorizado. Sem dizer uma palavra, avançou em passos largos em direção à escada e desapareceu da vista dele.

11 Em dialeto salentino, provérbio que significa que cada pessoa procura aquelas que lhe são

semelhantes e essas encontra; tem um valor semelhante a «diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és». (NT)

¹² Em dialeto salentino, «trabalhar». (NT)

Maio-junho de 1936

Desde aquela manhã no terraço, Antonio não conseguira dormir em paz. Dava voltas na cama, suado e assolado por uma fome de ar que não conseguia explicar. Parecia-lhe que a respiração estava presa no peito e não arranjava forma de sair. Da primeira vez, pensara que ia morrer: sentara-se e, com os olhos aterrorizados, despertara Agata, sacudindo-a com a mão. A mulher obrigara-o a deitar-se de barriga para cima e, como se soubesse perfeitamente o que era preciso fazer, agarrara-lhe na mão e ordenara-lhe que expelisse o ar pela boca, contando até dez. «Faz de conta que a respiração tem de atravessar o teto de um lado ao outro», dissera-lhe ela. Assim, à força de expirações longas que se foram tornando gradualmente mais profundas, Antonio finalmente acalmou-se.

As últimas semanas haviam sido as piores da sua vida. Com uma pontada de tristeza, tentara esquivar-se à presença de Carlo, mas, sempre que o olhava nos olhos, era obrigado a dissimular o seu desconforto com um sorriso forçado, que o fazia sentir-se um verme, um traidor, o mais abjeto dos abjetos. De manhã, deixara de tomar café no Bar Castello para não correr o risco de se cruzar com Anna à hora a que ela ia para a estação dos correios; arranjava compromissos de trabalho inexistentes para chegar atrasado aos almoços de domingo com toda a família e ficar lá o menos possível. Mas de nada serviu. Sentia-se como um animal enjaulado, perseguido e obrigado a andar em círculos sem descanso. Nas poucas vezes em que o seu olhar se cruzara com o de Anna, não encontrou qualquer faísca, qualquer tremor, como se nada tivesse acontecido. Parecia-lhe que ela impusera a si própria uma disciplina férrea, quase militarista, para apagar todos os momentos daquela manhã maldita. Tanto que ele chegou a perguntar-se se não teria sonhado com aquilo, se aquele beijo teria existido apenas na sua cabeça. Todos os dias, reconstituíra mentalmente os acontecimentos, cada palavra dita, cada olhar, cada gesto, para lhes dar um sentido, e, no entanto, os fragmentos continuavam todos ali, diante dos seus olhos, e não havia maneira de os voltar a juntar. Tinha vontade de fugir, de recuperar o fôlego longe de todos, para não ser obrigado, a qualquer momento, a assumir a sua culpa.

A ideia foi-lhe dada por um conhecido seu, Enrico, que encontrou por acaso

em Lecce, na Câmara de Comércio. Estavam a 10 de maio de 1936, um dia depois de Mussolini ter proclamado o império da África Oriental Italiana: depois da Eritreia e da Somália, também a Etiópia caíra sob os golpes dos fascistas.

Enrico era dono de uma empresa de construção e, todo contente, dissera-lhe que acabara de obter um salvo-conduto colonial no comando da polícia: embarcaria em Brindisi no início de junho, num paquete com destino a Asmara, a capital da Eritreia. Tal como ele, outros empresários locais haviam decidido expandir os seus negócios nas colónias italianas e estavam a mudar-se para lá.

A Antonio, de repente, aquela pareceu ser a solução para tudo.

A ideia de partir para África, o lugar mais longínquo que podia imaginar, insinuara-se nele e abrira caminho prepotentemente até se transformar numa escolha, a única que lhe conseguiria trazer algum alívio. Exportaria o seu azeite para as colónias italianas, estabeleceria aí negócio, disse a si próprio. Estaria ausente durante algum tempo, o suficiente para voltar a respirar com normalidade. Assim, sem dizer nada a ninguém, apresentara um pedido de emigração à prefeitura e seguira os trâmites burocráticos necessários para obter a autorização de saída. Depois de verificada a sua integridade profissional e moral, a sua idoneidade criminal e política, o estado de boa saúde e assim por diante, foralhe emitido também a ele um salvo-conduto colonial e a autorização para desenvolver a sua atividade comercial na África italiana. Partiria com uma pequena carga de azeite e, se o comércio com Asmara corresse bem, como esperava, pediria para lhe enviarem mais caixas de *stock*. Agnese fora a única pessoa com quem falara sobre a viagem: de facto, cabia-lhe a ela preparar a mercadoria que seria expedida, mas também ocupar-se do lagar durante a sua ausência. Mas, relativamente à descrição e à lealdade de Agnese, Antonio não tinha a menor dúvida.

Tinha decidido que só informaria a família alguns dias antes de partir, quando ninguém o pudesse impedir.

*

— A adega está terminada. Vens vê-la? — perguntou-lhe Carlo, de chofre, numa manhã de domingo, enquanto Anna bebia o seu leite morno sentada no banco do jardim, com os olhos fixos nos ramos floridos das romãzeiras. Conhecia-o demasiado bem, pelo que percebeu logo que aquele convite inesperado significava apenas uma coisa: Carlo tinha finalmente deposto as armas. Nunca fora bom a dizer a palavra «desculpa»: quando estava arrependido, preferia demonstrá-lo com ações, como dizia sempre.

— Sim — respondeu Anna sem tirar os olhos das romãzeiras. — Vou já.

Carlo sorriu-lhe e, pela primeira vez em meses, roçou-lhe a face com as costas da mão.

— Demora o tempo que quiseses, vou vestir o Roberto — disse ele.

— Vais faltar à missa hoje?

— Vou, sim. Acho que ninguém se vai importar — respondeu.

Para dizer a verdade, não tinha vontade de esbarrar em Carmela e suportar os seus olhares, que eram a exigência muda de uma explicação. Nos últimos tempos, espagara as suas «visitas» matinais e, havia mais de uma semana, parara completamente. Na realidade, sentia-se aliviado: Carmela começara a fazer exigências e a amuar quando ele não lhe dava as respostas que ela queria, se mencionava Anna demasiadas vezes ou ainda se fugia rapidamente da sua cama, o que acontecia com cada vez mais frequência. A verdade era que estava farto daquela vida; se, nos primeiros tempos, sentira que estava a dar a Anna um castigo justo — embora ela não tivesse consciência da sua traição —, agora, sentia-se culpado. Tinha vergonha por ter alimentado as bocas esfomeadas da aldeia, por ter permitido que se falasse mal dela, por ter desvalorizado aos olhos dos outros o amor que os unia.

Assim, entraram no 508 e, antes de seguirem pela estrada que levaria à adega, Carlo perguntou-lhe se ela gostaria de partilhar com ele um café com cheirinho no Bar Castello.

Anna olhou para ele, franzindo o sobrolho.

— Isso é mais uma provocação? — perguntou.

Ele parou o carro e virou-se para ela.

— Não, estou a falar a sério — tranquilizou-a, tomando-lhe a mão entre as suas. — Gostava que se tornasse o *nosso* ritual de ora em diante.

Ela perscrutou-o por alguns instantes e depois cedeu com um sorriso.

— Ouviste isto, Roberto? — perguntou ela, inclinando a cabeça para olhar para o filho que estava sentado ao seu colo. — O pai quer beber um copo.

Carlo estacionou o carro na praça, que já estava cheia de gente, e, quando ele e Anna saíram, pareceu-lhe vislumbrar olhares, cotoveladas e cochichos. Dirigiram-se para o bar, ambos dando a mão ao menino, que avançava em passos curtos no meio dos dois.

Com o seu avental branco, que a barriga empurrava, Nando cumprimentou-os, cordial como sempre.

— O que vos posso oferecer? — perguntou com um sorriso.

— O costume — respondeu Anna, com o braço apoiado no balcão. — Mas para dois — acrescentou, virando o olhar para Carlo.

Os dois velhotes lá continuavam, sentados à mesma mesa, como se fossem recortes de cartão que Nando guardava na arrecadação ao fim do dia e tirava todas as manhãs antes de abrir.

Anna tocou com a sua chávena na de Carlo.

— *Santé* — disse ela. E beberam de um só trago.

Os dois velhotes lançaram-lhes um olhar rápido e voltaram, de cabeça baixa, à sua busca.

Carlo só se apercebeu da sua presença quando, de regresso ao carro, estava

prestes a abrir a porta. Carmela encontrava-se ali, no adro da igreja, toda emperdigada, com o seu véu preto na cabeça e de braço dado com o marido, absorto numa conversa com um grupinho de homens.

Fitava-o com fogo nos olhos.

Carlo desviou o olhar e entrou no carro.

Uma vez fora da aldeia, na estrada que conduzia à adega, Anna baixou o vidro e deixou que o vento lhe acariciasse o rosto. Sentia-se subitamente animada, como se tivesse escapado a um perigo. Cada peça *tinha* de se encaixar no seu lugar, pensou, observando os olivais que pareciam suceder-se interminavelmente. *Não aconteceu nada de irreparável*, repetia para si própria. Aquilo com Antonio fora um lampejo de loucura e fragilidade; o mais sensato a fazer era minimizá-lo, reduzi-lo a confetes que se sopram no ar. Tinha a certeza de que também ele sentia o mesmo e de que não havia necessidade de o dizer: ambos seguiriam em frente e esqueceriam rapidamente. Não havia alternativa.

— Cá estamos! — exclamou Carlo, virando à direita. Parou o carro na clareira em frente à adega e puxou o travão de mão. — Venham ver o reino do papá — disse depois, muito alegre, ajudando Roberto a sair do carro. Depois, estendeu a mão a Anna, ela aceitou-a, e juntos, com Roberto ao meio, caminharam, enquanto o sol do fim da manhã aquecia o ar.

Carlo abriu a porta de madeira, e entraram. Anna gostou imediatamente dos tetos abobadados, mas gostou sobretudo do cheiro que impregnava o espaço, o cheiro a tufo.

— É aqui que vamos engarrafar — explicou ele, descrevendo círculos com os braços. — Ali vai ficar a máquina de arrolhar, aqui vamos guardar as garrafas vazias — continuou, apontando para outro ponto da divisão. — E depois, aqui... — continuou, arrastando-a para a sala ao lado —, vamos colar os rótulos. — Abriu uma porta. — E este é o meu gabinete. — Era uma salinha pequena, com uma secretária, uma cadeira e uma estante vazia. — Ainda faltam algumas coisas — acrescentou.

Anna continuava a olhar em redor, surpreendida.

— Anda, vamos lá abaixo — disse ele. Desceram até onde se encontravam as cubas de cimento. — O vinho vai fermentar aqui — explicou-lhe ele, agachando-se ao lado de uma cuba.

— O que posso dizer, Carlo? Este sítio é... teu. Fizeste um ótimo trabalho — murmurou ela, deixando o seu olhar vaguear.

— Gostas mesmo? — Ele estava radiante.

— Sim, gosto.

— E ainda não te disse uma coisa — retomou. — Ninguém sabe... E gostava de te surpreender quando já estivesse engarrafada. Mas, na verdade, não há razão para esperar.

— Do que é que estás a falar? — perguntou Anna, intrigada.

— Do *Donna Anna*. É assim que se vai chamar o primeiro rótulo. O primeiro

vinho da Adega Greco.

Os olhos de Anna humedeceram-se.

— Estás a falar a sério? — perguntou-lhe ela com um sorriso.

— Muito a sério — declarou Carlo, encantado com a felicidade da mulher.

Anna pôs a mão na face dele. Depois deu-lhe um beijo.

— *Donna Anna!* — repetiu Roberto com a sua vozinha.

*

A resposta de dom Giulio chegou ao mesmo tempo que o desabrochar das rosas.

Assim que a Giovanna viu o postal, que retratava a praça Maggiore em Bolonha, desatou a rir alegremente, e os seus grandes olhos cor de avelã encheram-se de luz. *Cesare*, contagiado por essa alegria, saltou para cima dela, abanando a cauda.

Sob o seu olhar impaciente, Anna pegou numa esponja húmida, bem torcida, e deu pancadinhas leves nos selos; depois, com a ajuda da ponta de uma faca, levantou-os, começando pelos cantos, um de cada vez. E, como ela esperava, surgiram algumas palavras.

— Então? — insistiu Giovanna. — O que está aí escrito?

Anna hesitou.

— Vou ler-te, mas com uma condição — disse. — Que me deixes ensinar-te a ler e a escrever.

O rosto de Giovanna ensombreceu-se.

— Sabes bem que não consigo — respondeu ela, inquieta.

— Isto não é verdade. Deixa-me tentar, ao menos.

— Já te disse, não consigo ver as palavras. Fica tudo muito confuso... como uma única mancha negra...

— Eu sei o que é preciso fazer — interrompeu-a Anna. — Só tens de confiar em mim.

Giovanna mordeu o lábio e lançou-lhe um olhar resignado.

— Oh, muito bem — regozijou-se Anna. — Começamos amanhã — acrescentou, perentória.

— Agora vais ler? — perguntou Giovanna.

— Agora, sim — concordou, piscando-lhe o olho.

As palavras ocultas de dom Giulio revelavam um homem cheio de paixão, aquele por quem Giovanna se apaixonara e que agora, finalmente, voltava a reconhecer. E por quantos pensamentos «impróprios» ele se deixara levar, escondido dos olhos dos outros... De tal forma que até Anna, que nunca mostrara qualquer pudor, ficou corada. *Sinto-me dividido ao meio*, escrevia ele. *Os meus pensamentos são pecaminosos e apoderam-se das minhas noites como uma fera que não consigo domar. Durante a noite, deixo-me devorar e, ao acordar, peço perdão a Deus. Escreve-me*

outra vez, fala-me dos teus pensamentos pecaminosos.

Nesse dia, Anna saiu de Contrada quando o Sol já começava a retirar-se e, durante todo o caminho de regresso a casa, refletiu sobre o facto de aquela história da castidade ser um verdadeiro disparate. No seu mundo ideal, os padres poderiam casar e constituir família ou confessarem-se apaixonados como outra pessoa qualquer. Além disso, aquilo que eles faziam não era um trabalho como tantos outros?

Pensara, durante muito tempo, em como ajudar Giovanna. Não fazia ideia de qual seria o motivo pelo qual ela não conseguia «ver as palavras», como dizia. Nos anos em que lecionara, nunca lhe acontecera nada do género e, por isso, dedicara-se afincadamente a procurar a resposta nos manuais de medicina disponíveis na biblioteca municipal. No entanto, ainda não a tinha encontrado: aquilo que Giovanna tinha parecia ser uma patologia sem nome, um distúrbio no qual ainda ninguém havia reparado. Por isso, não lhe restava alternativa senão confiar no seu próprio instinto. Disse a si própria que, se na cabeça da amiga as palavras se aglomeravam na página como um bando de pássaros, então só tinham de as manter quietas. Assim, arranjou um cartão branco retangular e, com uma tesoura, recortou uma janelinha com dois centímetros de comprimento e a altura de uma linha de livro. No dia seguinte, bateu à porta da amiga com dois exemplares de *Orgulho e Preconceito*: um era o seu, maltratado de tantas leituras; o outro fora requisitado.

Sentou-se à frente dela e explicou-lhe como iriam decorrer aquelas aulas vespertinas, que, a partir de então, se tornariam diárias.

— Eu leio em voz alta, muito devagarinho, e tu segues a leitura na tua cópia, isolando as palavras, uma de cada vez, com este cartão. Estás a ver esta janelinha? Fi-la de propósito.

— Mas... vamos ler esse livro todo? — perguntou Giovanna, aterrorizada, revirando o romance nas mãos. *Cesare* esticou o focinho e cheirou o livro, intrigado.

— Gostava de ver isso! — respondeu Anna.

*

Carmela viu-se ao espelho uma última vez. Trazia um vestido que fizera especialmente para a ocasião, copiado de um modelo que recortara da revista *Eco del Cinema*. Era um vestido azul-escuro com flores azul-celeste, saia plissada até ao joelho, mangas a três quartos e um cinto branco que lhe marcava a cintura. Pôs na cabeça um chapéu *cloche* de burel do mesmo azul, aplicou o batom e pôs pó de arroz. Por fim, enfiou um envelope amarelo na mala e saiu de casa, com o ar de quem vai dar um golpe decisivo.

Dirigiu-se rapidamente a casa de Carlo, passando pelas vielas laterais para não atravessar a praça; atravessou o pátio e, diante da porta, bateu.

Ele abriu a porta, ainda de pijama. Assim que viu Carmela, empalideceu.

— O que é que estás aqui a fazer?

— Se Maomé não vai à montanha... Tem lá calma, eu sabia que ela não estaria em casa a esta hora. Posso entrar?

— Claro que não, estás maluca? — respondeu Carlo, lançando um olhar por cima do ombro dela. As suas feições endureceram, traçando sulcos na testa em que ela nunca tinha reparado.

Carmela espreitou pela porta e viu Roberto sentado num tapete a brincar com um cavalinho de madeira.

— O que é que queres? — insistiu Carlo.

Ela olhou para ele com uma expressão de troça.

— És o melhor de todos a desaparecer. Desapareceste há doze anos e desapareceste agora também. O que é que pensas, que as pessoas têm sempre de aceitar e calar? Desta vez, não me vou calar.

Carlo apoiou uma mão na ombreira da porta.

— Carmela, isto tinha de acabar, mais cedo ou mais tarde — murmurou, lançando outro olhar para a rua.

— E decidiste isso sozinho. De um dia para o outro. Como sempre.

— Não havia necessidade de discutir a questão. Para que é que teria servido?

— É verdade. Tu chegas, levas aquilo que queres, e depois adeusinho a todos. Fizeste o mesmo com o meu pai; pediste-lhe ajuda e depois nem sequer lhe agradeceste pelo seu trabalho.

— Deixa o dom Ciccio fora disto. Saberei recompensá-lo, não te preocupes com isso.

Nesse instante, ouviu-se o ruído de cascos nas pedras da calçada: uma carroça, puxada por uma mula e com um homem a bordo, passava na rua perpendicular.

— Não podes estar aqui, Carmela.

— Já me vou embora, já me vou embora — disse ela, com um gesto de impaciência. Mas primeiro tenho de te dar isto — disse ela, tirando o envelope amarelo da mala.

— O que é isso?

— Abre. — E entregou-lho.

Carlo pegou no envelope, levantou a aba e retirou uma folha de cor sépia dobrada ao meio. Era uma certidão de nascimento. Leu: «Daniele Carlà.» E, por baixo, a data de nascimento: «16 de dezembro de 1924.»

— O que é que isto quer dizer? Porque é que me trouxeste a certidão de nascimento do teu filho?

— Para quem está no mundo dos negócios, não sabes sequer fazer contas. — E começou a contar, abrindo os dedos: — Abril, maio, junho, julho, agosto... Continuas até dezembro?

— Não percebo — murmurou.

— Não é difícil, Carlo. Tu consegues lá chegar.

— Carmela, o que estás a fazer? — perguntou ele, levantando a voz.

Roberto parou de brincar e levantou os olhos para o pai.

— Papá, tenho sede — choramingou.

Carlo virou-se para olhar para ele, atônito.

— Vai dar de beber ao teu filho, vai lá — disse Carmela, fazendo um esgar.

Tirou-lhe o certificado das mãos, deu meia-volta e foi-se embora. Que importava quão zangado estivesse Carlo e por quanto tempo assim ficaria, refletiu ela. A única coisa importante era a certeza de que, a partir desse dia e por todos os dias que se sucedessem, sempre que Carlo olhasse para ela, mesmo que fosse ao longe, iria ver a mãe do seu filho. Do seu primeiro filho varão. Já não poderia continuar a ignorá-la. E isso era suficiente para ela.

Pelo menos, por enquanto.

*

Carlo passou os dias seguintes dominado por uma lassidão invulgar no corpo e no espírito.

Tentou lembrar-se das poucas ocasiões em que se cruzara com Daniele: a primeira vez que o vira, a passear pela aldeia com Nicola; a manhã em que passara por casa de dom Ciccio e o encontrara em casa dos avós, a fazer os trabalhos de casa; quando o vira a acender um cigarro às escondidas, nas traseiras do Bar Castello, acompanhado de um amigo; no domingo de Páscoa, na igreja, quando tinham caminhado lado a lado em direção ao altar. De todas as vezes que olhara para ele distraidamente, como se olha para um figurante.

Agora conseguia perceber aqueles olhares de dom Ciccio, as suas piadinhas hostis, as frases que Carmela deixava em suspenso, como se engolissem o resto com dificuldade. Sentiu uma súbita onda de raiva atravessar-lhe o peito: dom Ciccio, Gina, Carmela... tinham orquestrado tudo, tinham puxado os cordelinhos durante todos aqueles anos, e ele não passava de uma marioneta. Como é que o podiam ter mantido na ignorância? E Nicola? Também estaria metido naquela encenação? Quem mais na aldeia saberia?

Exasperado, certa manhã, antes de ir para a vinha, desviou-se de repente, em direção ao lagar e, uma vez em frente à porta, começou a buzinar sem parar.

Antonio abriu a porta de par em par.

— Tens uma forma discreta de te anunciares — brincou. Mas reparou no ar sombrio do irmão e pôs-se imediatamente sério.

— Entra, temos de ir a um sítio — disse Carlo, brusco.

— Aonde?

— Já te explico.

— Mas... — hesitou Antonio — Aconteceu alguma coisa? Devo ficar preocupado?

— Não. Mas vamos lá.

— Deixa-me avisar a Agnese... — Antonio voltou a entrar e saiu logo após alguns instantes, desta vez com o casaco dobrado no cotovelo.

Assim que o irmão entrou no carro, Carlo carregou no acelerador e zarpou.

— Estamos com pressa? — perguntou Antonio, agarrando-se ao puxador.

— Não — respondeu Carlo, mantendo as mãos rígidas no volante e o olhar fixo na estrada.

— Então, abranda. Pelo menos, chegamos lá vivos.

Carlo conduziu até à escola, depois parou junto ao passeio e desligou o motor.

— E agora o que fazemos? — perguntou Antonio.

Carlo abriu o porta-luvas e tirou de lá um charuto. Levou-o à boca e acendeu-o.

— Agora, esperamos — disse ele.

Passados alguns minutos, Daniele chegou e juntou-se a um grupinho de colegas em frente ao portão da escola.

— Ali está ele! — exclamou Carlo.

— Mas quem?

— O Daniele. Ali em baixo — respondeu, apontando para ele.

— O filho da Carmela? — perguntou Antonio, titubeante.

Carlo expeliu o fumo.

— Sim. O filho da Carmela.

— Carlo, não estou a conseguir perceber-te... Podes explicar-me porque estamos aqui?

— Achas que se parece comigo?

Antonio olhou para ele, desvairado.

— Contigo? Porque haveria de se parecer contigo?

— Olha bem para ele — interrompeu-o bruscamente. — Encontras alguma coisa minha nele? Dos Grecos?

Antonio inclinou-se um pouco para a frente e, através do vidro do para-brisas, estudou o rapaz.

— Não, Carletto — disse finalmente. — Não encontro nada mesmo...

— Pois — murmurou Carlo, com os olhos postos em Daniele, que, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças, se ria com outro rapaz.

— Não admira que tenha sido tão fácil enganar toda a gente. É a cara chapada da Carmela, para sorte dela.

Antonio virou-se e olhou bem para ele, estupefacto.

— Será que percebi bem? — perguntou-lhe ele.

Carlo bateu com o dedo no charuto, e um pequeno cilindro de cinza caiu no chão. Depois, ligou o 508 e virou à direita.

— Ela queria fazer-me pagar, a cabra — sibilou.

— Mas tens a certeza de que é verdade?

— Sim. As datas coincidem. Aconteceu quando vim cá abaixo, para o teu casamento. E o Daniele nasceu em dezembro.

— Quem sabe disso? — perguntou Antonio.

O irmão encolheu os ombros.

— Tanto quanto sei, os pais da Carmela, de certeza. O Nicola, não sei...

— Mas vais contar à Anna?

— O quê? Estás parvo? Não.

Antonio hesitou.

— E o que é que vais fazer?

— Nada — respondeu imediatamente Carlo. — O que é que queres que eu faça?

— Não tens medo que ela conte à Anna?

Carlo deu uma passa no charuto.

— Ela não vai fazer isso. Construiu a vida com base numa mentira gigantesca para salvar a honra dela e da família e não pode destruir tudo isso agora. Não é assim tão estúpida. Além disso, o dom Ciccio nunca a deixaria fazer uma coisa dessas.

— Então, desculpa lá, porque é que ela te contou? Deve estar à espera de alguma coisa de ti, não é?

— Não. Queria só irritar-me. Eu conheço-a. Mas isso comigo não funciona. Os filhos são de quem os cria. No que me diz respeito, aquele miúdo é filho do Nicola.

Antonio limitou-se a anuir e baixou a cabeça. Sabia perfeitamente o que estava a acontecer a Carlo: estava a distanciar-se, a erguer um muro com tijolos de indiferença fingida. Sempre fora a única forma que conhecia para se proteger, para não se deixar abater pelos golpes da vida. Também o fizera com a mãe, esticando ao limite o fio que o ligava a ela, até deixar de conseguir vê-la.

Quando regressaram ao lugar, Antonio soltou um suspiro profundo e, com o rosto tenso, disse-lhe que também ele, na verdade, tinha algo para lhe dizer.

— Decidi ir-me embora, Carletto. Vou para Asmara, com outros empresários. Vou tentar estabelecer um comércio de azeite com as colónias e, para isso, tenho de ficar lá durante algum tempo... És a primeira pessoa a quem estou a contar. Embarco daqui a dez dias. — Falou de um só fôlego, sem olhar para o rosto do irmão e devorando as palavras.

Carlo continuava pasmado.

— Mas assim, sem mais nem menos, de repente?

— Não, não, já ando a pensar nisso há algum tempo.

— E porque é que não me tinhas dito nada?

— Era só uma ideia...

— Não me venhas com histórias. Já trataste de tudo... Mas quanto tempo vais estar fora?

Antonio encolheu os ombros.

— Não sei... O tempo suficiente para dar a conhecer o meu azeite por lá. Até pode correr mal e voltar logo, sabe-se lá.

— Parece que estavas quase com medo de me contar — disse Carlo, franzindo

o sobrolho. — É por isso que tens andado tão estranho ultimamente.

Antonio sentiu o coração acelerar.

— Não... é que... não sabia como ias reagir.

— Bem, estou espantado, não te vou esconder. Mas o que posso dizer: se queres fazer esta coisa e estás contente com isso, mano, então também fico contente!

O rosto de Antonio tranquilizou-se subitamente.

— A sério?

— Claro sim! Na verdade, fazes bem em queres expandir-te...

— Sim — disse Antonio com um sorriso forçado. — Talvez receie mais a reação da Agata e da Lorenza... Acho que elas não vão aceitar bem... E depois, não sei, agora sinto-me mal por te deixar sozinho, com esta história...

O irmão pôs-lhe a mão no ombro e apertou-o.

— Não te preocupes comigo. Eu estou bem. A sério. Quanto à Agata e à Lorenza, bem... elas vão compreender — tranquilizou-o. E, caso contrário, ajudo-te a fazê-las compreender. É apenas uma viagem de negócios. Não vais ficar fora para sempre, pois não?

Antonio sentiu uma pontada no coração. Nunca, antes daquele momento, houvera segredos entre eles.

Se ao menos eu não gostasse tanto de ti, pensou. Se ao menos.

*

Nessa noite, quando Antonio regressou a casa, a mesa já estava posta. Agata encontrava-se na cozinha, com o seu avental branco atado à volta das ancas largas, mexendo com uma colher de pau dentro de uma panela de cobre. Ele aproximou-se dela e cumprimentou-a, pondo-lhe uma mão nas costas. A mulher deu-lhe um beijo rápido e molhado na face e disse-lhe para chamar Lorenza, que a sopa estava quase pronta.

Então, Antonio subiu as escadas e abriu com cuidado a porta do quarto. A filha estava sentada à secretária, a desenhar num caderno com um lápis bem afiado.

— *Ma petite* — cumprimentou-a.

Lorenza riu-se:

— Chamaste-me como a tia faz... — Depois levantou-se da cadeira com um saltinho, correu na sua direção e abraçou-se a ele.

— Tens fome? — perguntou ele, acariciando-lhe os cabelos.

A rapariga levanta a cabeça e anuiu.

— Vamos lá, então. O jantar está pronto. Não vamos deixar a mãe à espera.

Regressaram ao andar de baixo no momento em que Agata levava a sopa para a mesa. Sentam-se; Agata faz o sinal da cruz e, de mãos postas, recitou um agradecimento ao Senhor, devoto mas rápido: seria um verdadeiro pecado deixar a sopa arrefecer.

Antonio olhou primeiro para a mulher, depois dirigiu o olhar para a filha: ambas irradiavam alegria nessa noite. Agata levantou-se para despejar a sopa no prato de Lorenza e sorriu. *Fica tão diferente quando sorri*, pensou Antonio. E, enquanto a observava, sentiu com absoluta clareza que Agata era uma parte dele, da sua história. Sem dúvida que a amava muito: era a mãe da sua filha. No entanto, havia um *mas*. Desde o início. Um *mas* incómodo, que ambos, a partir de certa altura, fingiram não ver. Agata fora a primeira mulher a dizer-lhe «amo-te», havia sido ela a desejá-lo e a ir atrás dele com obstinação. Antonio, por seu turno, simplesmente deixara-se escolher: o irmão partira havia pouco tempo, e ele sentia-se terrivelmente só. Agata parecera-lhe uma alternativa à solidão. «O amor aprende-se», dissera-lhe ela. «E tu vais aprender. Até lá, o meu será suficiente.» No entanto, não fora suficiente, e ele nunca aprendera a amá-la. Havia entre eles uma espécie de pacto tácito que, se houvesse sido quebrado, teria reduzido as suas vidas a escombros, soterrando até o que de bom haviam conseguido construir juntos, apesar de tudo.

Antonio tinha consciência de que as palavras que estava prestes a proferir iriam partir o vidro de um quadro que, naquele preciso instante, lhe parecia cheio de harmonia. Como os quadros bucólicos da mãe, que estavam pendurados em todas as paredes da casa. Mais alguns segundos, e iria apagar os sorrisos dos rostos da mulher e da filha, permitir que as suas feições se contraíssem, que os seus músculos enrijecessem. No entanto, não se sentia realmente culpado. Não tanto quanto imaginava que se deveria sentir, pelo menos.

Por isso, derramou as palavras sobre a mesa num só fôlego.

Agata ficou paralisada, pousou a colher no guardanapo ao lado do prato e escondeu as mãos debaixo da mesa.

— E quanto tempo vais estar fora? — perguntou depois de um longo silêncio, com a voz embargada.

— O tempo que for preciso...

— Pai, mas África é tão longe.

— É mesmo outro mundo — murmurou Agata.

— Não podes levar-me a mim e à mãe também?

Antonio pegou-lhe na mão e, fazendo eco das palavras de Carlo, tentou acalmá-la; afinal, era apenas uma viagem de negócios, não era como se fosse ficar fora para sempre.

— Mas já tens um emprego aqui — retorquiu Lorenza. — Porque precisas de outro?

— Como é que nos *desengomamos* aqui sem ti? O que é que eu faço se acontecer alguma coisa à menina? — queixou-se Agata.

— Porque é que há de acontecer alguma coisa...?

— Mas assim, de repente... vais-te embora daqui a dez dias, e eu não sabia de nada. — Depois acrescentou: — O Carlo e a Anna sabem?

— Disse ao Carlo. Imagino que agora a Anna também saiba — respondeu

Antonio.

— Pai, não vás. — Lorenza remexeu-se na cadeira, inquieta.

— Ouve o que a tua filha te está a pedir... — murmurou Agata. — Podes ao menos dar-lhe ouvidos a ela?

— Volto daqui a pouco tempo! — exclamou, tentando tranquilizá-las. Depois, acariciou Lorenza. — E prometo que te vou escrever todas as semanas.

— Juras? — perguntou ela com um ar tristíssimo.

— Juro — respondeu Antonio.

— Não faças juras — disse Agata, gélida. Depois, levantou-se e levou para a cozinha o seu prato ainda fumegante.

*

Na manhã do dia 22 de junho, Antonio pegou na mala de couro castanho e depositou-a junto à porta de entrada. Assomou à porta da cozinha: Agata, com os olhos inchados de tanto chorar, retirava cinzas da panela de água em que fervera a roupa suja; recolhia-as numa tigela e usá-las-ia, mais tarde, para lavar o cabelo dela e de Lorenza. Antonio sentiu uma vaga sensação de saudade e ternura, mas não conseguiu dizer nada. Voltou à sala de estar, pegou na mala e fechou a porta atrás de si.

Caminhou até casa de Carlo: seria ele a levá-lo ao porto de Brindisi no seu 508.

Foi Anna quem lhe abriu a porta. Olhou primeiro para ele e depois para a mala.

— O Carlo está quase pronto — disse ela.

— Não há pressa, eu é que estou adiantado — respondeu Antonio.

Anna cruzou os braços e soltou um suspiro.

— Voltaremos a ver-nos em breve? — perguntou.

Antonio levantou os olhos e fitou-a intensamente, em silêncio.

Anna corou e desviou o olhar.

Nesse momento, Carlo juntou-se a eles, ofegante. Como sempre, cheirava a *aftershave* mentolado.

— Ora cá estou eu, mano! — exclamou com um sorriso.

Depois, dirigiu-se ao carro, e Antonio pôs a mala na bagageira, enquanto Anna, postada à porta, os observava com uma expressão indecifrável.

Por fim, limitou-se a dizer:

— Boa viagem. — E voltou a entrar em casa, sem dar tempo a Antonio para responder.

Julho-outubro de 1936

O casamento de Tommaso foi celebrado num domingo de julho, na igreja de São Lourenço. A cerimónia foi simples e íntima. Preferia que fosse assim, sublinhara o diretor. Era preciso ter cuidado para não sobrecarregar ainda mais o coração frágil da sua querida Giulia. Mas a curiosidade de espreitar o vestido da noiva era irresistível, razão pela qual, à espera dos recém-casados à saída da igreja, estava uma série de comadres, todas em sentido. Anna reconheceu Giuseppina, que, mal a viu, a cumprimentou, acenando-lhe com a mão e com um grande sorriso. *Parece sempre tão feliz por me ver*, pensou Anna com ternura. Um segundo depois, reparou em dois *squadristi*¹³ que estavam a dar os parabéns aos sogros de Tommaso, com os quais pareciam ter muita confiança. Anna endureceu o olhar e fitou-os, irritada: mesmo num casamento, tinham de usar aquelas malditas camisas negras?

O vestido de Giulia, desenhado e feito por Carmela, era romântico e suave, com mangas compridas e um decote drapeado emoldurado por pequenas pérolas, as mesmas que embelezavam o chapelinho que usava no seu longo cabelo louro. Nas mãos, trazia um ramo de lírios. Os cochichos começam a percorrer toda a praça: «Que elegância, parece mesmo uma princesa!», «Aquela rapariga sempre foi encantadora!», «É pena a saúde dela, coitadinha...».

Os olhos de Tommaso estavam tão brilhantes e cristalinos como a água da praia numa manhã de verão, e os caracóis, endurecidos por uma quantidade despropositada de brilhantina, formavam uma espécie de coroa. Ninguém teve coragem de insinuar que os noivos não estavam realmente felizes e apaixonados, embora ao fundo da praça já houvesse quem fizesse apostas relativamente à duração dessa felicidade.

Tommaso e Giulia partiram no dia seguinte para a sua lua de mel na costa amalfitana. Ficariam lá apenas uma semana. Carmine foi designado para substituir o diretor não só por antiguidade mas também porque era o único homem na estação dos correios.

Com o calor do verão, Anna deixara de usar o seu uniforme de inverno e vestia agora um de algodão azul-claro de manga curta. Além disso, para seu grande

alívio, deixou de usar meias pretas grossas, o que Carmine não deixou de lhe apontar na hora.

— Tu representas os Correios Reais, não podes andar de pernas nuas, conforme vieste ao mundo — repreendeu-a.

— Fazemos assim... — respondeu Anna, enquanto enfiava o molho de correspondência na bolsa postal. — Juro que volto a usá-las, desde que a partir de amanhã as uses também.

Chiara deixou escapar uma gargalhada e tapou a boca com a mão. Elena, por seu turno, pôs as mãos nas ancas e franziu o sobrolho, achando que aquela simples postura serviria de aviso. Mas Anna nem sequer olhou para ela.

Nessa manhã, descobriu que em breve haveria outro casamento para celebrar: o de Angela com o seu dedicado carpinteiro. Quando bateu à porta da jovem para lhe entregar, não a encomenda habitual, mas um envelope branco sem remetente, Anna não pôde deixar de reparar num anel de ouro com um pequeno diamante que trazia no dedo.

— A senhora fez parte desta história, sabe? — disse Angela, inesperadamente, com os olhos brilhantes. — Quando a contar aos meus filhos, não poderei deixar de mencionar a bela carteira que todas as terças-feiras me trazia os presentes do pai deles.

Acrescentou depois que, no dia seguinte à cerimónia, se mudaria para Lecce, para a casa que o futuro marido comprara especialmente para eles, a dois passos da oficina, e que lamentava sinceramente o facto de não a voltar a vê-la.

Anna limitou-se a sorrir-lhe, um pouco embaraçada. Depois, do bolso do casaco, tirou os cartões de visita com o seu nome e entregou um à rapariga.

— Para poderes mostrar aos teus filhos — disse ela.

*

As aulas de Giovanna prosseguiram: com exceção dos domingos, Anna dirigia-se a Contrada quase todos os dias, e lá ficava das quatro às seis da tarde. Tal como Anna esperara, a natureza romântica de Giovanna refletira-se imediatamente no romance, e ela suspirava sempre que Elizabeth e o encantador Mr. Darcy apareciam juntos na página. A curiosidade de saber se eles iriam ou não casar acabara por estimulá-la. Nos últimos tempos, era cada vez mais frequente, depois da aula, Giovanna continuar a ler sozinha. No início, continuava com um punhado de linhas e, ao fim de dois meses, já era capaz de ler uma página inteira sem ajuda. Escrever, por outro lado, era muito mais cansativo para ela. Anna tinha começado a fazê-la escrever os postais para dom Giulio, sentando-se ao seu lado e soletrando cada palavra. Se a mensagem fosse particularmente longa, podia demorar vários dias.

No último postal, dom Giulio informara-a de que, na segunda quinzena de agosto, viria visitar os seus familiares e que gostaria muito de voltar a vê-la.

Partindo do princípio de que ela também o desejasse, especificara.

*

A primeira carta de Antonio, porém, chegou perto da noite de São Lourenço, juntamente com estrelas-cadentes. Naquela manhã, assim que Anna leu o destinatário e a morada — *Lorenza Greco, rua Paladini 43, Lizzanello (LE), Itália* — sentiu a respiração presa no peito por um instante. Virou o envelope e viu o remetente. Sim, Antonio escrevera finalmente, depois de um silêncio de várias semanas.

Anna pensou em abrir o envelope e ler a carta antes de qualquer outra pessoa: sabia muito bem como levantar a aba e depois fechá-la, certificando-se de que parecia intacta. Hesitou durante alguns minutos em frente à grande mesa da estação dos correios, a olhar para o envelope e para a letra de Antonio, tão precisa e elegante.

As badaladas do relógio da Câmara Municipal a dar as nove horas foram suficientes para a distrair do seu objetivo. Como se tivesse levado uma bofetada na cara, abanou a cabeça e pensou: *Mas como é que pude sequer imaginar tal coisa?* Depois, apressou-se a enfiar o envelope novamente dentro da mala postal.

Agata abriu-o, rasgando-o de um lado, e tirou duas cartas: uma breve, para ela, e outra muito mais comprida para Lorenza. Passou rapidamente em revista as palavras do marido, com olhos sedentos, e depois deixou-se cair na cadeira, como se a leitura a tivesse esgotado.

— Pelo menos, o desgraçado ainda está vivo — comentou.

A falta de notícias da parte de Antonio tinha posto os nervos de Agata à flor da pele. Se, quando saía, dizia a toda a gente que, na opinião dela, ele estava morto ou afogado no mar Vermelho e depois ostentava o ar desolado de uma mulher acabada de ficar viúva, em casa, disparava por tudo e por nada, e o seu alvo preferido era, inevitavelmente, Lorenza. O que quer que a filha fizesse ou deixasse de fazer — a cama desfeita, um atraso de alguns minutos, a chávena de leite esquecida na mesa depois do pequeno-almoço — despertava nela uma fúria cega, era um rastilho que a fazia explodir. Os olhos de Lorenza humedeciam-se sempre; de cabeça baixa, contraía os lábios com força para conter as lágrimas.

— O que é que ele escreveu? Ele está bem? — perguntou Anna, esforçando-se por usar um tom calmo.

Agata dobrou as duas cartas e meteu-as no bolso do vestido.

— *Ele* está bem — respondeu ela, ressentida. — Somos nós aqui, *eu e a filha dele* — sublinhou —, que estamos a passar as passas do inferno por causa dele. Mas, pronto — concluiu, levantando-se da cadeira com um suspiro —, em nós ninguém pensa.

Anna esboçou um esgar de desilusão.

— Bem — tentou responder —, vocês têm-nos a nós. Não estão propriamente

sozinhas.

— Grande consolo — disse Agata, virando-lhe as costas.

Anna abanou a cabeça e dirigiu-se para a porta.

— Ah — acrescentou Agata, sem se virar. — Ele manda-vos cumprimentos. Para ti e para o Carlo.

Nesse dia, logo a seguir ao almoço, Lorenza chegou ofegante a casa dos tios, com a carta na mão.

— Chegou, tia! — gritou ela, correndo para ela e acordando de repente Roberto, que dormia no sofá.

— Eu sei — disse Anna com um sorriso. — Fui eu quem a entregou à tua mãe, não fui?

— Lê-a, vá — convidou-a Carlo, instalando-se no sofá ao lado do filho, que se virara para o lado e adormecido outra vez, de imediato.

Lorenza sentou-se ao lado do tio, enquanto Anna se deixou ficar de pé e cruzou os braços em frente ao peito. Depois, abriu a carta, manuseando-a com as pontas dos dedos como se fosse um papel de cristal, e começou a lê-la com a sua vozinha aguda.

Minha doce e querida Lorenza,

Cá estou eu, finalmente. Sei que venho com um atraso imperdoável, mas garanto-te que há razões mais do que válidas para não ter escrito mais cedo. Lamento se pensaste que não tinha vontade de o fazer e custa-me imaginar que possas ter-te sentido esquecida. Mas, acima de tudo, sinto-me envergonhado por não ter cumprido o meu juramento de te escrever todas as semanas. Prometi de ânimo leve, reconheço, sem ter a mais pálida ideia do que encontraria aqui quando chegasse. Por isso, peço-te perdão do fundo do coração, minha filha. Perdoas-me?

O teu pai está bem. Instalei-me numa pensãozinha bonita e acolhedora. Chama-se Casa degli Italiani, e da janela do meu quarto vê-se a Ópera, uma maravilha arquitetónica! Ias adorar, sabias? À entrada, há uma fonte em forma de concha, rodeada por duas imponentes escadarias que conduzem ao pórtico de ingresso. Ainda na semana passada vi uma peça de Pirandello, Não Se Sabe Como. Gostei muito e fiquei a pensar nela durante vários dias... Quando voltar, levo-te lá, ao teatro: já estás crescida para isso.

Asmara é uma cidade em constante evolução e expansão, e já estabeleci vários contactos com restaurantes e pensões locais, que visito diariamente para apresentar as minhas propostas e dar o meu azeite a provar. Dois restaurantes na avenida de Italia, a rua principal da cidade, já me encomendaram um fornecimento para os próximos meses. Não é uma boa notícia? Espero que fiques tão contente como eu.

Não sei quando voltarei; ainda há muito trabalho a fazer aqui.

Tentarei escrever-te com mais frequência, mas, entretanto, conta-me como está a correr o teu verão: foste à praia? Que livros estás a ler?

Tenta ser obediente e não aborrecer a tua mãe.

— Bom, a mim parece-me que ele está bem — comentou Carlo, esticando os braços e pondo-se de pé.

Lorenza permaneceu sentada, de cabeça baixa sobre a carta que continuava a segurar nas mãos.

— Passa-se alguma coisa, *ma petite*? — perguntou Anna, aproximando-se.

— O que é que ele quer dizer quando diz que não sabe quando vai voltar? — perguntou ela num sopro.

— Isso quer dizer que o negócio está no bom caminho — reconfortou-a Carlo.
— Não te preocupes, ele vai voltar para o início das aulas. E vai trazer-te um belo presente, vais ver!

Anna sentou-se ao lado dela e abraçou-a.

— Está tudo bem — sussurrou-lhe. — Olha, sabes o que vamos fazer? Fica para jantar connosco esta noite e vamos fazer *pesto* juntas. Preciso da minha melhor ajudante — concluiu ela com um sorriso.

A menina ergueu o olhar de repente e olhou para ela, feliz. Mas depois o rosto toldou-se.

— Vamos convidar também a minha mãe, não vamos? — perguntou ela, quase com medo.

— Claro — interveio Carlo. — Esta noite, vamos todos celebrar juntos a primeira venda do teu pai — acrescentou alegremente.

*

Na manhã seguinte, Anna saiu de casa mais cedo do que o habitual — àquela hora, nem a vizinha estava a varrer o passeio — e dirigiu-se logo para a biblioteca municipal. Passou pela praça, ainda vazia, à exceção de Michele, que estava a descarregar grandes melancias de uma carroça. Anna estugou o passo e entrou pela porta aberta da biblioteca. Perguntou ao simpático homem do outro lado do balcão se, por acaso, havia uma cópia de *Não Se Sabe Como*. O homem fez uma expressão hesitante e perguntou-lhe quem era o autor.

— Luigi Pirandello — respondeu ela.

Depois, o homem levantou-se da cadeira e dirigiu-se para a secção dedicada ao teatro. Anna esperou uns bons dez minutos até que o bibliotecário reaparecesse com o livro nas mãos. Durante toda a manhã, enquanto andava de casa em casa, esvaziando pouco a pouco a mala postal, não conseguiu pensar noutra coisa senão no livro e na razão pela qual Antonio escrevera que gostara tanto da peça que não conseguia parar de pensar nela. Mal podia esperar para se sentar e lê-la no banco do seu *jardin secret*.

E, nessa tarde, Anna leu ininterruptamente e com avidez até à hora do jantar,

quando o jardim se tingiu com as cores do crepúsculo: a peça de Pirandello contava a história de um homem que, tomado por uma paixão incontrolável, se deitou com a mulher do seu amigo mais íntimo, para depois ter uma terrível crise de consciência. O remorso por esse ato mesquinho, praticado por impulso, tornou-se tão grande que o homem queria ser castigado, a todo o custo.

Só quando chegou à última página e voltou a fechar o livro Anna percebeu a verdadeira e profunda razão pela qual Antonio havia partido. Tal como o protagonista da história, também ele procurara um castigo para si próprio, e encontrara-o fugindo para o lugar mais distante possível dela e de Carlo.

*

A escola recomeçou no final de setembro, e, no entanto, apesar das previsões otimistas de Carlo, Antonio não regressou. Enviou a Lorenza algumas linhas em que lhe desejava um bom começo e a exortava a estudar muito e a tornar-se a melhor de todas. Sobre o seu regresso, porém, nem uma vaga promessa. Lorenza estava prestes a começar os estudos preparatórios que lhe levariam cinco anos, aqueles que lhe permitiriam frequentar os três anos do liceu clássico e depois ir para a universidade, o sonho que Antonio tivera para ela desde que era pequenina. Enquanto Carlo a levava a Lecce no 508 para o seu primeiro dia de aulas, Lorenza olhava tristemente pela janela, pensando que, se o pai não voltara para junto dela nem mesmo numa ocasião tão importante, então isso significava que o sonho já não lhe interessava.

Começou a passar todas as tardes em casa dos tios. Era como se o ar à volta de Agata estivesse envenenado e ela o inspirasse a plenos pulmões, para depois o atirar contra Lorenza. Naquela altura, até se irritava com a forma como a filha mastigava durante o almoço ou o jantar.

— Podes parar de fazer esse barulho de uma vez por todas? Come como uma cristã, não como um animal! — repetia-lhe com ar exasperado.

E então, com o coração a palpitar, Lorenza obrigava-se a mastigar devagarinho e com a boca fechada.

Depois, havia a questão dos trabalhos de casa, pois os do liceu tinham-se revelado extremamente difíceis. Agata não só não sabia como ajudá-la como não tinha o menor interesse em tentar.

— Se dependesse de mim, punha-te a trabalhar — resmungava. — A ideia do liceu foi do teu pai. E agora o teu pai não está cá, e sabe-se lá quando vai voltar. Estás por tua conta!

Obviamente, foi Anna quem teve de ajudar a criança, e, felizmente, tinha a maior parte das tardes livres, dado que Giovanna estava a sair-se muito bem sozinha com a leitura. Como ficara emocionada quando Elizabeth finalmente aceitara o pedido de casamento de Darcy!

Aquelas tardes passadas juntas enchiam-nas de alegria: Anna ajudava Lorenza

com os trabalhos de casa e depois corrigia-os, preparava-lhe o lanche com pão, compota e sumo de romã e algumas noites dava-lhe banho com lascas de sabão de Marselha, escovando-lhe o cabelo durante muito tempo.

Havia apenas uma coisa que estragava o humor de Anna, que a levava aos arames, e que era a glorificação do fascismo, a qual, especialmente nos trabalhos de casa de Italiano, vinha sempre à baila.

— Inaceitável! — rebentou ela uma tarde, percorrendo os tópicos sobre os quais Lorenza tinha de escrever uma composição à sua escolha. Depois, num tom cantarolado, leu: — *Porque sou uma Pequena Italiana*¹⁴, *Que obras do fascismo mais admiras? De Vittorio Veneto à Marcha sobre Roma, Um mártir e herói da recente guerra ítalo-etíope*. Sabes que o fascismo é errado, não sabes? — disse-lhe depois.

Lorenza baixou a cabeça.

— Hum-hum — murmurou ela, algo hesitante.

— O teu pai também te diria o mesmo, se estivesse aqui.

— Mas a minha professora gosta do Duce... — tentou contrapor Lorenza.

— A tua professora é uma verdadeira imbecil — disse imediatamente Anna.

A menina olhou para ela com uma expressão confusa.

— Mas toda a gente na escola gosta do Duce...

— Se toda a gente gosta de uma coisa, não quer dizer que esteja certa. — Depois, suspirou e esforçou-se por ser razoável. — É óbvio que estas coisas não devem ser ditas à professora. Nem a ela nem a ninguém, percebeste?

— Ouve, tia... — murmurou a menina. — Mas o meu pai não volta porque já não quer estar com a minha mãe?

Anna engoliu em seco e hesitou durante muito tempo antes de responder.

— Mas que disparate estás para aí a pensar! — exclamou ela, acariciando-lhe a face. — O teu pai está lá para trabalhar, tu sabes. Ele também está a fazê-lo por ti. Na verdade, especialmente por ti.

— Mas eu não lhe pedi nada disso.

— Ele volta daqui a pouco tempo, não te preocupes, *ma petite*.

— Como é que sabes?

— Conheço o teu pai.

Enquanto pronunciava estas palavras, Anna perguntava-se se seria mesmo esse o caso.

*

Numa manhã de finais de outubro, Giovanna saiu pela porta de madeira da biblioteca municipal trazendo debaixo do braço um exemplar de *A Educação Sentimental* de Flaubert. Pensou em quantas histórias havia perdido, durante todos aqueles anos, convencida de que não era capaz de ler. Mas bastara a teimosia de Anna para provar que estava enganada. Agora queria recuperar o tempo perdido e devorar histórias ao ponto de ter uma indigestão. É verdade que continuava a

cometer muitos erros, especialmente quando tinha de escrever, mas a janelinha não passava agora de uma memória.

Passou em frente ao rapazinho que vendia os jornais, e o seu olhar caiu sobre uma manchete da *Gazzetta del Mezzogiorno*. «A aliança entre a Itália e a Alemanha assinada ontem por Ciano e von Ribbentrop», leu. Não percebia muito de política; sempre a achara aborrecida. No entanto, parecia-lhe que aquele anúncio não augurava nada de bom.

— Olá, amiga! — Anna surgiu atrás dela, impecável, no seu uniforme azul de inverno. — O que é que trouxeste? Deixa-me ver.

Giovanna mordeu o lábio e entregou-lhe o livro.

— Ah, deste-me ouvidos! É uma obra-prima, vais ver! — Anna quase gritou. — Ninguém foi capaz de narrar melhor sobre as expectativas do amor e como elas são frustradas. — Depois, olhou para Giovanna com um véu de pesar nos olhos.

A amiga baixou o olhar e pegou no livro.

— Virá no próximo verão, sinto-o desta vez — murmurou. — Sei que já não acreditas, mas vais ver que ele virá.

Anna anuiu com a cabeça, a contragosto.

— Vou andando. Espero por ti mais logo? Trazes romãs para fazermos sumo?

— Claro que sim — respondeu Anna.

E, enquanto a amiga se afastava, Anna não pôde deixar de ouvir as duas vozes femininas que murmuravam no banco atrás dela.

— Mas aquela não era pateta? Como é que começou a ler agora?

— Havia de ser bonito. Está a fingir. Quem nasce torto não se endireita, nunca ouviste dizer?

Anna inspirou fundo, virou-se e dirigiu-se para as duas mulheres.

— Oh, bom dia, senhora carteira — saudou uma delas.

— Eu aqui de patetas só vos vejo a vocês as duas — disse Anna. Depois, indiferente à expressão incrédula de ambas, deu meia-volta e foi-se embora.

— Que mau feitio, esta forasteira — comentou a segunda mulher, abanando a cabeça.

*

Os meses foram passando, e muito provavelmente teriam passado mais se, no último dia de outubro, Agata não tivesse enviado aquele telegrama ao marido.

LORENZA DOENTE. VEM PARA CASA JÁ.

Foi assim que Antonio fez a mala à pressa, anunciou o seu regresso com um telegrama e partiu de um dia para o outro. Quando o pacote zarpou do porto de Asmara, deixou-se ficar no convés a fitar a cidade que ia ficando cada vez mais pequena. Todas as coisas que lhe tinham acontecido naqueles meses pareciam de

repente pertencer a outra pessoa, a um homem que ali vivera e mentira, no seu lugar. Depois, quando o navio atravessou o mar Vermelho, deu-se conta de que nunca mais voltaria a pôr os pés em África. Mas já tinha percebido há muito tempo que a sua dor não tinha diminuído de todo. Encontrá-la-ia intacta e inexorável aquando do seu regresso.

A maleita de Lorenza não passara de uma febre banal, e ela recuperara muito antes de Antonio pôr os pés em terra.

Menti, e depois?, disse Agata para si própria. *Ainda bem que o fiz. Pelo menos, serviu para trazê-lo para casa.*

¹³ Membros de um grupo fascista. (NT)

¹⁴ No original, «Perché sono una Piccola Italiana». *La Piccola Italiana* era o título de um jornal de índole fascista para raparigas. (NT)

Nesse ano, parecia que as jovens solteiras tinham concordado em casar-se todas ao mesmo tempo: entre o início da primavera e o fim do verão, o adro da igreja de São Lourenço transformou-se num tapete de grãos de arroz, pois ninguém se preocupava em limpá-lo entre os casamentos.

O trabalho para Carmela triplicou. O vestido que tinha feito no ano anterior para Giulia fora tão admirado que as encomendas dispararam: a sala de costura tornou-se um vai-e-vem de futuras noivas desejosas de um vestido de sonho «como aquele da filha *dellu patrunu*¹⁵». Foram semanas febris: às quatro da manhã, Carmela acordava, preparava a maior cafeteira, a de seis chávenas, que ia bebendo aos poucos, fazendo que durasse até à hora do almoço, e, enquanto Nicola e Daniele dormiam como pedras do outro lado da porta que separava a casa da sala de costura, ela, em camisa de noite, fazia esboços sem parar até à hora de abrir. Mantinha sempre aberto sobre a mesa um exemplar da *Moda Illustrata*, a revista em que se inspirava para os seus desenhos.

Por vezes, ao romper da aurora, ouvia os passos do filho, que descia as escadas, passava pela cozinha e parava diante da porta da sala de costura. Daniele espreitava, com o cabelo desgrenhado e vestido apenas com as cuecas e uma camisola interior branca, depois sentava-se muito sossegadinho ao lado da mãe, com a cabeça apoiada nos braços cruzados sobre a mesa, e ficava a observá-la, atento e curioso, enquanto o lápis de Carmela dançava sobre o papel traçando corpetes bordados, caudas suaves e mangas veladas.

— Mãe, já não quero ir à escola — disse Daniele uma manhã, sem mais nem menos. — Quero fazer aquilo que tu fazes.

Carmela deteve-se com o lápis no ar e depois pousou-o lentamente sobre a mesa.

— O que queres dizer com não queres ir mais à escola?

Daniele baixou a cabeça.

— Prefiro trabalhar contigo — respondeu em voz baixa.

— Mas isso não se pode fazer.

O filho hesitou por um momento.

— E porque não?

— Estás mesmo a perguntar-me isso? És um rapaz, e se queres mesmo deixar a escola e ir trabalhar, por mim tudo bem, mas tens de encontrar forma de trabalhar como um homem.

Daniele olhou para ela, desiludido.

— Deixa-me tentar, pelo menos. Eu também desenho roupas no meu caderno. Queres vê-las?

— Não! — exclamou ela, com dureza. — Não quero ver nada. Uma sala de costura não é coisa para homens. Agora vou arranjar-te um emprego e não quero ouvir mais disparates. Desampara-me a loja, que estou ocupada.

Aquele pedido inesperado perturbou-a, preocupando-a durante o resto do dia. Em que é que ele estava a pensar, meu Deus? Um homem atrás da máquina de costura? E até os vestidos que se pusera a desenhar! Aquele seu filho crescera demasiado delicado. Não pertencia a Nicola, mas herdara o mesmo carácter manso dos Carlà. Tinha de fazer alguma coisa imediatamente para o levar a abandonar aquelas ideias extravagantes.

Foi falar com o pai, pedindo-lhe que arranjasse rapidamente um emprego para o neto.

— É preciso um trabalho que envolva esforço físico. Se não ainda me acaba a usar saia — declarou num tom dramático.

— Pede ao pai dele que o ponha a trabalhar — respondeu dom Ciccio, impassível.

Carmela esboçou um sorriso sarcástico.

— O Nicola nem para si próprio consegue.

— Mas eu estava a falar do pai verdadeiro.

Ela olhou para ele, atónita.

— Com todo o respeito, meu pai, mas também enlouqueceste?

Dom Ciccio encolheu os ombros.

— E porque não? Sabes quantas pessoas querem trabalhar para a Herdade Greco?

— E o que é que ele vai fazer? Diz-me lá. Ser escravo dos outros? — disse ela, toda empertigada. — Mas nem morta eu o mandaria para lá para sujar as mãos de terra pelos Grecos.

— As mãos sujam-se e depois lavam-se — replicou dom Ciccio. — Olha que vai haver ali dinheiro, e não vai ser pouco. Está a fazer as coisas em grande, *ele* — sublinhou, abrindo os braços. — E não queres que o teu filho receba pelo menos uma parte?

— E como é que ele receberia essa parte? — perguntou Carmela, subitamente intrigada. — *Ele* não nos deve nada.

Dom Ciccio levantou-se da cadeira e pegou no cachimbo que se encontrava na prateleira da lareira. Acendeu-o calmamente e deu uma primeira bafurada, pensativo. Ficou em silêncio durante alguns segundos, depois, imperturbável,

disse:

— Tu, minha filha, estás a subestimar o poder dos laços de sangue...

— Mas que laços de sangue! — interrompeu-o, furiosa. — Ele quer lá saber do Daniele. Aquele faz vista grossa. Desaparece e esquece. É o estilo Carlo Greco, achas que não o conhecemos?

— Fizeste mal em contar-lhe. Foste impulsiva e tola, como todas as mulheres — repreendeu-a dom Ciccio. — Mas, agora que lhe contaste, aproveita a coisa. Põe-no debaixo do nariz dele, este filho. Todos os dias vai ter de vê-lo. Não como agora, que mal sabe como é a fronha do rapaz. Pode começar como um simples operário, afinal ainda é *nu piccinnu*, ainda nem sequer dois pelos de barba tem. E depois logo se vê... dá tempo ao tempo.

Carmela olhou para ele, duvidosa.

— Logo se vê o quê? Achas que ele lhe vai deixar a Herdade? — E soltou uma gargalhada amarga.

— Não — respondeu dom Ciccio com seriedade, expelindo uma nuvem de fumo. — A Herdade não lha pode deixar, isso sabemos. Mas vai acabar por lhe dar qualquer coisa. E não será uma fatia pequena. Vai por mim, eu sei como são as coisas. O sangue vence sempre.

Ela endureceu o olhar.

— Mas pede-lhe tu, diz que o ponha a trabalhar — disse ela, resoluta. — Eu não lhe vou mendigar favores.

*

Com um charuto entre os dentes, Carlo estava debruçado na vinha, a supervisionar os camponeses, ocupados com a «poda verde» que se fazia no verão. Em setembro — e Carlo mal podia esperar, aguardava esse momento havia três anos —, seria finalmente a altura da vindima. Já tinha mandado desenhar o rótulo do *Donna Anna* e, entre as várias propostas que o pintor lhe tinha apresentado, tinha escolhido a que tinha a imagem de uma rosa vermelha aberta de um belo vermelho vivo.

Levantou-se, espreguiçando-se e, nesse momento, viu chegar dom Ciccio. Um pouco espantado, cumprimentou-o, acenando-lhe com a mão.

— Dom Ciccio, que surpresa! Fez o caminho a pé debaixo do sol? Não se devia ter cansado. — O tom era afável, mas revelava também uma certa perplexidade.

Dom Ciccio respondeu que ainda não era um velho decrépito e convidou-o para um passeio entre as fileiras. Tinha curiosidade em dar uma vista de olhos ao trabalho, disse ele.

Entraram, então, na vinha. Dom Ciccio olhou em redor com olhos atentos, parando de vez em quando para dar conselhos a alguns dos trabalhadores: «Não cortem demasiado perto do rebento de cima, deixem pelo menos alguns centímetros...», «Estas folhas, tirem-nas, que fazem sombra ao cacho».

Só quando já estavam suficientemente longe, entre as plantas do fundo que ainda não tinham sido trabalhadas, é que se decidiu a falar.

Carlo acendeu o charuto e escutou-o com um misto de apreensão e ressentimento, deslocando o peso do seu corpo ora para um pé ora para o outro.

— O rapaz só precisa de ganhar experiência e aprender o que é o trabalho árduo — salientou dom Ciccio. — Para ganhar temperamento e carácter, e fazer-se homem. Sabes, *o pai dele, Nicola* — sublinhou —, não lhe sabe ensinar isso assim tão bem...

De repente, Carlo sentiu as suas pernas transformarem-se em gelo.

— Mas porquê aqui... com todas as vinhas que existem — tentou rebater.

Dom Ciccio avançou alguns passos, enfiou as mãos nos bolsos das calças e depois virou-se, ficando de costas para ele.

— O meu pai, que descanse em paz, costumava dizer que não há nada pior no mundo do que a ingratidão — declarou.

— Mas eu estou-lhe grato pela ajuda que me deu, dom Ciccio. Sabe disso — apressou-se Carlo a esclarecer.

Dom Ciccio voltou-se e olhou-o fixamente.

— É isto que te peço pelo serviço que te prestei — disse, abrindo os braços para abarcar a vinha. — Vais recusar?

Carlo passou uma mão pelo cabelo ensopado de suor. Depois, pôs as mãos nas ancas e, com o rosto contraído, dirigiu o olhar para o horizonte.

— Se é isso que me está a pedir... — murmurou, derrotado.

— Ótimo — disse dom Ciccio com um sorrisinho. — Mando-to amanhã de manhã. — E estava prestes a voltar para trás, quando Carlo, com uma pequena corrida, se pôs à sua frente.

— Permita-me uma última palavra — disse ele, desta vez num tom confiante. — Espero que não me subestime ao ponto de me considerar um tolo. Aos meus olhos, o seu neto será um operário como todos os outros. Tem o apelido de Carlà.

Dom Ciccio olhou para ele, sardónico.

— Tem o apelido do pai dele. Quem mais poderia ser?

*

Esse foi o verão em que a Lorenza deixou de ser uma menina. Assim que viu as gotas de sangue escorrerem-lhe pelas pernas abaixo, pôs-se a gritar, aterrorizada.

— Porque é que estás a gritar? São as regras. Tornaste-te uma mulher, que bom para ti — disse Agata depois de se juntar a ela na casa de banho. Pôs-lhe nas mãos uma pilha de pedaços de algodão recortados de um velho lençol branco e mostrou-lhe como devia usá-los nas cuecas, recomendando que os substituísse pelo menos de duas em duas horas. — Caso contrário, ficas a cheirar mal e as pessoas vão querer afastar-se de ti — explicou. Em seguida, começou a enumerar todos os comportamentos que devia evitar como a peste durante os «dias de

sangue»: que não se atrevesse a tocar nas plantas e nas flores senão fá-las-ia secar, que se mantivesse longe da massa do pão senão esta não cresceria, e do vinho, senão transformar-se-ia em vinagre.

Quando Lorenza contou todas estas coisas à tia, Anna desatou a rir tanto que lhe vieram as lágrimas aos olhos.

— Porque estás a gozar comigo? — quis saber Lorenza, irritada.

— Mas eu não estou a gozar contigo! Tens a certeza de que a tua mãe disse mesmo esses absurdos?

— Absoluta — respondeu Lorenza, baixando o olhar.

— São só disparates, não acredites.

— Então porque é que ela mos disse?

— São crenças velhas como o mundo. Sem qualquer fundamento. Vem, eu mostro-te. — Pegou nela pela mão e arrastou-a para o jardim. — Toca no meu manjerição — ordenou-lhe.

Lorenza instintivamente deu um passo atrás.

— Tia, não quero...

— Deixa-te de histórias e toca-lhe. Vá lá, aproxima-te mais.

Com passos incertos, Lorenza aproximou-se de um arbusto.

— Toca-lhe, vá lá — reiterou Anna. — Assim vês com os teus próprios olhos que não murcha nada. Sabes que mais? — acrescentou com um ar divertido. — Quando acabarmos aqui, vamos lá abaixo, à arrecadação. Sabes qual é, não sabes? Aquela onde o teu tio guarda as garrafas de vinho. E tocamos nelas todas.

*

Eram também dias de sangue quando, no fim do primeiro ano do liceu, Lorenza descobriu que tinha de fazer exame em setembro, tanto em Latim como em Grego.

— Estás a ver? — comentou Agata, pondo o registo das notas debaixo do nariz de Antonio. — Mal passou, nas outras disciplinas. Eu disse-te que era melhor mandá-la para a escola profissional. Mas quando é que alguém me dá ouvidos?

A menina, sentada no sofá verde, com as mãos entrelaçadas, baixou a cabeça, abatida.

— Vou arranjar um professor para lhe dar explicações — respondeu Antonio com voz calma. — Ela há de conseguir — acrescentou. E lançou um sorriso à filha. Mas o sorriso caiu em saco roto.

Desde o primeiro dia do seu regresso de África, Antonio teve a sensação de ser um hóspede indesejado na sua própria casa. Não encontrara braços abertos para o receber, exceto os de Carlo, o único que parecia feliz por o ver novamente. Agata, por seu turno, confinara-o imediatamente a dormir no sofá do escritório.

— Deixaste-me sozinha na cama durante vários meses, e agora sozinha quero continuar — dissera-lhe ela, sem sequer olhar para o seu rosto.

Ele não dissera uma palavra, limitando-se a tirar da arca lençóis limpos e uma almofada deformada, sobre a qual continuava a dormir. Não havia um único dia em que a mulher não lhe dirigisse piadinhas venenosas.

— Tens de te contentar com os cozinhados que fazemos aqui — dizia ela, enquanto levava os pratos para a mesa.

Se Antonio se demorava no lagar, chegando atrasado para o jantar, cumprimentava-o com um sarcástico:

— Julga que ainda está no hotel, este aqui.

Quando ele anunciara a Lorenza que ia levá-la a ver um espetáculo no Teatro Politeama, em Lecce, Agata comentara com azedume:

— Como é que foste apanhar o bichinho do teatro logo ali?

Sempre que ela falava de África, dizia sempre e só «lá» e esboçava um esgar.

Antonio esforçava-se por lhe responder sempre de forma calma e educada, mas essa atitude, em vez de apaziguar Agata, inflamava-a ainda mais.

Contudo, aquilo que mais o magoara fora a profunda mudança de Lorenza. Se o olhar dela se cruzava com o do pai, baixava os olhos de imediato; já não corria para ele quando chegava do trabalho; parecia medir cada palavra, como se vivesse num medo perpétuo de se enganar, mas sobretudo — e era isso que mais lhe custava — já não exclamava «fantabulástico». De facto, já não se entusiasmava com nada.

Com uma pontada de remorso, Antonio apercebeu-se do quanto a sua ausência afetara a vida da filha e da mulher. Entre elas, abrira-se um abismo. E de nada serviram as suas tentativas de o colmatar.

O comércio de azeite com Asmara mantivera-se apenas durante alguns meses, até ao dia em que, no final do inverno, os carregamentos de azeite lhe foram devolvidos, seguidos de uma longa carta que Anna lhe entregara no gabinete.

Ela ficara em pé, a olhar para ele, com um olhar interrogativo, à espera de que ele abrisse o envelope. Era a primeira vez que se encontravam novamente sozinhos, pensara Antonio. Nas outras ocasiões, estivera sempre presente alguém da família, e, além de algumas piadas cordiais, nunca mais tinham falado realmente um com o outro. No entanto, bastara-lhe olhar novamente para os olhos verdes de Anna para se aperceber de que nunca haveria sítio suficientemente distante para onde fugir.

— Obviamente, li o nome do remetente. Quem é a Lidia? — perguntou Anna, indo direita ao assunto.

Antonio desviou o olhar, murmurando que era a proprietária de um dos restaurantes com quem tinha feito negócio.

— Mentiroso.

— Mas porquê esse tom desagradável? — perguntara-lhe ele, desorientado.

— Esta mulher é a razão pela qual nunca mais voltaste, pela qual abandonaste a tua filha? — insistira ela. — Fazes ideia de quanto a Lorenza sofreu?

— Eu não abandonei ninguém! — exclamou ele, ressentido.

— Sê sincero, Antonio.

Ele suspirara, sentara-se na poltrona junto à janela e olhara para fora, semicerrando os olhos.

Anna sentara-se na poltrona em frente e cruzara os braços.

— Sou toda ouvidos — dissera ela.

— Foi... nada — respondera Antonio num sussurro.

Tinha havido uma mulher, admitiu, e era Lidia, sim. Conhecera-a no próprio dia em que desembarcara em Asmara. Como estava morto de fome, tinha entrado no primeiro restaurante que encontrara na avenida de Italia e vira-a aí pela primeira vez. Era a jovem filha de dois colonos do Véneto que se haviam mudado para a capital da Eritreia em 1930 e aberto um restaurante-teatro, La Piccola Venezia, frequentado sobretudo por emigrantes italianos. Lidia trabalhava como empregada de mesa: tinha acabado de fazer vinte e dois anos e era de uma beleza rara, com cabelo louro comprido e encaracolado, um rosto salpicado de sardas e um sorriso largo e sincero.

— Apaixonaste-te por ela? — interrompeu-o Anna, um pouco agitada.

Antonio olhara para ela, perplexo.

— Apaixonar-me? Mas o que é que estás para aí a dizer... Pelo menos, não me apaixonei por ela — respondeu ele, levantando-se da poltrona. — Já te disse. Não foi *nada*.

Claramente, não lhe contara o resto e nunca contaria a mais ninguém, nem ao irmão. Com aquela rapariga, Antonio portara-se muito mal e agora sentia vergonha de si próprio. E tinha vergonha disso. Noite após noite, seduzira-a, declamando poemas de autores de que ela nunca tinha ouvido falar. Fizera-a apaixonar-se ao som de versos e, como um animal esfomeado, acabara por açambarcar tudo o que Lidia lhe oferecera espontaneamente, desde o seu corpo infantil, de pele lisa, que nunca conhecera as mãos de um homem, até ao amor incondicional que se seguiu. A adoração daquela rapariga, por quem Antonio não sentia mais do que um confuso sentimento de ternura, acabara por ser um bálsamo para a ferida profunda que aquele único beijo com Anna lhe causara. Ali, a milhares de quilómetros de casa, Antonio percebera que podia ser quem quisesse, sem feridas e sem dor. Por isso, não demorou muito tempo a assumir outra identidade e a tornar-se o noivo oficial de Lidia aos olhos de todos: naquela dimensão, não era casado, não tinha uma filha, não amava perdidamente a mulher do irmão... era apenas um homem sem família chegado a Asmara em busca de fortuna. E ninguém poderia desmentir isso. Por isso, fizera promessas a Lidia que nunca teria podido cumprir e assumira compromissos com os pais dela que já sabia que não iria respeitar. Tudo, até um castelo de mentiras, para se agarrar àquela sensação de alívio que experimentava, àquela pausa na dor que o consumia. Sabia que lhe tinha partido o coração ao partir tão subitamente.

— Espero que pelo menos tenha valido a pena — comentara Anna, agastada.

— Mesmo que assim fosse, o que é que isso te interessa?

Anna não respondera.

— Porque deixaste de usar a trança? — perguntara ele após alguns momentos de silêncio, desorientando-a.

O cabelo dela, comprido e preto, caía-lhe suave e solto sobre os ombros. Primeiro, ela lançara-lhe um olhar estranho e, depois, respondera:

— Gosto mais assim.

— Eu também — dissera Antonio, sorrindo. — Não o prendas mais.

*

— Bom dia, senhor Carlo.

— Adeus, senhor Carlo.

Era assim que Daniele se dirigia a ele sempre que o via chegar à vinha e depois partir. Carlo retribuía levantando o queixo com um ligeiro embaraço e virava-lhe costas de imediato, indo falar com outra pessoa. Nos primeiros dias, para dizer a verdade, esperara que o rapaz lhe desse uma razão — qualquer razão — para o mandar embora; nem mesmo dom Ciccio se teria oposto se o neto se houvesse revelado um inútil, e ele teria finalmente retirado esse fardo de cima dos seus ombros. Vê-lo todos os dias, com aquele rosto honesto e limpo e os olhos com pestanas compridas que exalavam ternura, tornava-lhe extremamente difícil continuar a dar ouvidos à sua própria resistência.

Daniele, pelo contrário, revelou-se um trabalhador incansável, acarinhado por todos — havia sempre alguém que, no intervalo do meio da manhã, gritava «Anda cá, rapazinho!» e lhe oferecia metade da sua própria sandes —, aprendendo rapidamente e desempenhando as suas tarefas com uma diligência invulgar para um rapaz da sua idade. Já sabia estar no mundo como um homem, independentemente do que dom Ciccio dissesse, ruminara Carlo, sentindo ao mesmo tempo um vago sentimento de orgulho.

*

No dia 9 de agosto, chegou à estação dos correios o substituto de verão, que ocuparia o lugar de Anna durante quinze dias.

— Ouviste, Carmine? Ela vai para Gallipoli, a nossa carteira. Ah, bendito seja quem tem dinheiro para essas coisas — cumprimentou-o Elena, estampando um sorriso forçado no seu rosto violáceo.

Antes de regressar a casa, Anna fez uma paragem na biblioteca para escolher o romance que levaria nas férias. Depois de vaguear pelas prateleiras durante muito tempo, dando uma olhadela rápida às capas, ficou intrigada com *As Afinidades Eletivas* de Goethe e com a questão crucial que colocava: o que acontece a um par de elementos se um terceiro entrar em jogo?

No dia seguinte, toda a família Greco partiu para o mar, amontoando a bagagem no tejadilho do 508. Carlo arrendara uma acolhedora casinha de campo a

poucos passos da praia, com um elegante alpendre e três quartos, um para ele e Anna, outro para Antonio e Agata e o último para as duas crianças. Viram-se e desejaram-se para convencerem Agata; ela não queria que aquelas férias soassem como um prêmio aos ouvidos de Lorenza. Chumbara a duas disciplinas e, no que lhe dizia respeito, tinha de ficar de castigo durante todo o verão. Como de costume, Antonio tentou pacientemente mediar a situação até algumas horas antes da partida. No final, conseguiu obter o consentimento da mulher, com a condição de que Lorenza levasse os livros e de que a sua presença na praia com os outros se limitasse a duas horas de manhã e duas à tarde; o resto do tempo passaria fechada em casa, a estudar Latim e Grego.

— Estou a avisar-te, Antonio: se a tua filha chumbar em setembro — disse Agata, determinada a ter a última palavra —, não a mando mais para a escola.

Com Giovanna, porém, não houvera hipótese. Anna tentara convencê-la, descrevendo-lhe os banhos ao fim da tarde, quando o Sol mergulhava no mar Jónico, os passeios na areia fresca das primeiras horas da manhã, as conversas na varanda até altas horas da noite. Mas não houve nada a fazer. Giovanna dera-lhe uma recusa educada, mas tenaz; dom Giulio viria visitá-la nesse verão, tinha a certeza disso.

Aqueles dias em Gallipoli foram tranquilos e leves, feitos de longos banhos, sesta na areia aquecida pela luz do dia, almoços na praia com pêssegos e melão, passeios ao pôr do sol pelas ruelas estreitas do centro e serões íntimos na varanda, acariciados pela brisa ligeira e pela visão dos barcos que regressavam ao porto ao luar.

A pouco e pouco, os nervos de Agata pareceram acalmar-se: voltou a dirigir-se ao marido sem rancor e, sobretudo, sem evocar aquele «lá» que tanto a havia obcecado nos meses anteriores. A sua atitude para com Lorenza também se suavizou.

— Já estudaste o suficiente por hoje. Agora vai refrescar-te, anda — dizia-lhe, assomando-se ao quarto onde Lorenza estava sentada na cama, com o livro aberto à sua frente.

Na maior parte das vezes, então, oferecia-se para preparar o jantar para todos.

— Saíam lá daqui, que eu trato disto — dizia e afastava-os com um aceno perentório.

Anna adorava acordar antes de todos, quando o céu começava a clarear e a casa ainda estava isenta de vozes e risos. Aquecia o leite durante menos de um minuto e depois levava a chávena para a varanda; aí, sentava-se na espreguiçadeira e mergulhava na leitura de *As Afinidades Eletivas*. Todas as manhãs, Antonio juntava-se a ela com o seu livro nas mãos — naquele verão estava a ler os contos de Tchekhov — como se estivesse à escuta e, ao ouvi-la mexer-se, decidisse segui-la. Em silêncio, sentava-se na espreguiçadeira em frente, sorria para ela e depois abria a página onde estava o marcador. E assim ficava a ler com ela, partilhando o silêncio e a paz das primeiras horas do dia.

A casa só começava a ganhar vida uma hora mais tarde, quando do interior ressoavam as gargalhadas joviais de Carlo na cozinha e o barulho das chávenas que Agata tirava da prateleira.

— Bom dia! — Carlo aparecia na varanda a sorrir, inclinava-se para roçar os lábios de Anna com um beijo e depois virava-se para fazer cócegas nas ancas do irmão.

— Bom dia, Carletto — cumprimentava-o Antonio, rindo. No instante seguinte, fechava o livro e voltava a entrar em casa. — Vou ver se o café está pronto — dizia ele, deixando a sua espreguiçadeira livre para Carlo.

*

Dois dias antes do *Ferragosto*, Giovanna ouviu bater à porta. *Cesare* começou a ladrar e parou subitamente quando ela abriu a porta.

Dom Giulio, vestido com uma batina preta e o cabeção branco, esboçou um sorriso. Tinha o rosto barbeado, um pouco marcado e encovado nas faces, mas estava tão bonito como Giovanna se lembrava dele: os traços delicados e finos, os olhos grandes e escuros e o nariz ligeiramente arrebicado.

Ela levou as mãos ao rosto e começou a saltitar, feliz.

— Olá, Giovanna.

Ela atirou os braços à volta do pescoço dele e abraçou-o com força.

— Sabia que virias — disse ela com a voz que embargada.

Depois, olhou para ele e tentou beijá-lo, mas ele impediu-a, pondo-lhe a mão sobre a boca.

— Deixa-me tirar a batina primeiro — disse ele com uma expressão séria.

Ela olhou para ele durante alguns instantes com um ar perplexo e depois balbuciou:

— Claro, claro. Entra.

Durante o resto da tarde, entregaram-se ao amor, enquanto a batina preta e o cabeção branco de dom Giulio permaneciam cuidadosamente dobrados na cadeira.

Agachado num canto do quarto, *Cesare* ficou a olhar para eles o tempo todo com um olhar triste.

15 Em dialeto salentino, «do patrão». (NT)

Dezembro de 1938

Carlo comprou um abeto com dois metros de altura. Na manhã de 8 de dezembro, levantou-se cedo e, cantando alegremente *Tu Scendi Dalle Stelle*, foi acordar Roberto. Mas como era feriado, ele, puxando o cobertor sobre os olhos, resmungou para o deixar dormir mais um bocadinho.

— Dez minutos, não mais — brincou Carlo, despenteando-lhe o cabelo. Depois, desceu as escadas e tratou de acender o lume na lareira.

Roberto juntou-se ao pai ao fim de uma boa meia hora, Carlo estava sentado aos pés do grande abeto e tirava das caixas os enfeites de Natal: bonecos de papelão para o presépio, grinaldas, bolas coloridas, pingentes de madeira em forma de flocos de neve, uma estrela dourada.

— Sejas bem aparecido! — exclamou Carlo, sorrindo. — Estava à tua espera para começar.

Assim, pai e filho puseram-se a decorar a árvore, enquanto o fogo crepitava na lareira: Roberto estendia-lhe os enfeites, e Carlo, empoleirado num escadote de madeira, organizava-os com extrema atenção. De vez em quando, descia o escadote, dava uns passos e comentava:

— Não, aquela bolinha vermelha tem de ser chegada mais para cima... e temos de tirar alguns flocos de neve. Estás a ver que estão todos em cima e nenhum em baixo?

Quando Anna regressou a casa à hora do almoço, encontrou-os ainda ocupados a enfeitar a árvore.

— Pai, já chega, está bem assim — resmungou Roberto. — É a quinta vez que mudas essa coisa de sítio.

Anna sorriu.

Carlo tinha na mão um anjo de madeira: era o último enfeite, e ele não conseguia encontrar uma casa permanente para ele.

— Dá-mo — disse Anna, divertida. Pegou no anjinho e colocou-o à vista de todos no centro da árvore, entre uma bola branca e uma vermelha. — Aqui está perfeito — sentenciou.

Carlo observou-o e depois anuiu com a cabeça, pouco convencido. Roberto

deixou-se cair no sofá.

— Finalmente, acabámos — disse ele. — Estou exausto.

— É pena estares exausto — disse Anna com um sorrisinho. — Queria levar-te a ti e à Lorenza ao cinema, para vermos um filme de desenhos animados... Bem, isso significa que vou com ela, e tu ficas aqui a descansar.

Roberto levantou imediatamente a cabeça.

— Está bem, mas estou só *um bocadinho* cansado! — exclamou.

Anna e Carlo entreolharam-se e sorriram.

*

Quando chegaram em frente ao cinema Olimpia, Anna parou em frente ao cartaz e, apontando com o dedo, perguntou ao filho:

— O que é que está ali escrito?

Roberto aproximou-se e leu com desembaraço:

— Branca de Neve.

— Muito bem! — exclamou ela, orgulhosa.

Roberto tinha começado a escola primária em setembro, embora a Anna já lhe tivesse ensinado o alfabeto há algum tempo.

— A de Anna, B de Basílico, C de Carlo... — repetia-lhe ela sempre que tinha oportunidade.

— Deixa-o aprender com as outras crianças, quando chegar a altura — interrompia-a Carlo, irritado.

— Porquê, se ele pode partir com vantagem? — respondia ela, e continuava:

— D de Domingo, E de Estação, G de Greco...

E assim, quando começara a escola, Roberto já sabia escrever o seu nome em letras maiúsculas, sem nunca sair das linhas.

Os três gostaram muitíssimo de *Branca de Neve*. Roberto saiu da sala, entusiasmado, cantarolando «Eu vou, eu vou!» e imitando a marcha dos sete anões a caminho do trabalho, e assim continuou ao longo de todo o trajeto até casa, enquanto Lorenza se ria alto e Anna abanava a cabeça, divertida.

— Devias ir para o teatro de variedades — troçou ela.

— Eu também quero que um príncipe vem acordar-me... — suspirou Lorenza.

— Que *venha* acordar-me — corrigiu-a Anna. E, após alguns passos, acrescentou: — Porquê, também estás a dormir como a Branca de Neve?

— Não — murmurou Lorenza, embaraçada. — Eu queria dizer que... bem, quero dizer, que eu também sonho com um príncipe que... — Ela hesitou. — ...venha salvar-me.

Anna deteve-se. Com uma expressão irritada, pegou no braço da sobrinha e virou-a suavemente para si. Roberto apercebeu-se de que elas estavam a ficar para trás e parou.

— Só há uma pessoa que te pode salvar — disse Anna a Lorenza num tom

severo. — E sabes quem é?

A sobrinha olhou para ela, quase amedrontada, e depois abanou a cabeça.

— És tu — continuou Anna, apontando-lhe o dedo. — Só tu te podes salvar a ti mesma. Não há príncipes para fazerem isso, acredita em mim.

Lorenza estranhou, depois continuou a caminhar de cabeça baixa. Aquelas palavras deixaram-na perturbada: a mãe sempre lhe dissera que uma mulher só se torna completa quando encontra um marido e assenta, que é o homem que salva e protege, e que, se se nasce mulher, não se vai a lado nenhum sozinha. E as suas colegas de escola pensavam o mesmo: se estudavam, era só para encontrarem o melhor partido possível, diziam elas, coquetes. Para cada uma delas, o «depois», aquilo que «queriam fazer quando fossem grandes», era terem uma casa bonita, para poderem ter arrumada e limpa, um bom marido que as sustentasse e filhos saudáveis para cuidar. Nunca as tinha ouvido falar noutra coisa quando se tratava do futuro. Quanto a ela, sentia-se sempre um passo atrás em relação às colegas: pelo segundo ano consecutivo, tinha passado condicionalmente, com Grego e Latim para ir a exame, e também naquele verão teve de estudar em vez de aproveitar os longos dias de sol, brincadeiras e despreocupação. Sentia-o constantemente, o olhar desiludido do pai, embora ele tentasse não o demonstrar e até insistisse em pagar generosamente ao professor Gaetani, já reformado, para lhe meter na cabeça aquelas línguas antigas, inúteis e muitas vezes incompreensíveis para ela. E depois sentia-se feia, ao contrário das suas colegas: de cada vez que o espelho lhe mostrava a imagem do seu rosto coberto de pústulas, tinha vontade de o despedaçar. Evitava-o o mais possível, estugando o passo quando passava em frente dele. Já nem a tia Anna lhe dizia que ela era lindíssima.

*

Como todos os anos, nas semanas que antecediavam o Natal, a estação dos correios vestia-se a rigor. Perdia-se a conta aos postais de boas-festas, às cartas, aos presentes embrulhados, aos cestos com guloseimas caseiras para enviar aos entes queridos que viviam longe. Anna sabia que, ao longo de todo o mês, a grande mesa ao centro da sala estaria a transbordar com tabuleiros de *mustazzolì*, de peixes feitos com pasta de amêndoa, e daqueles estranhos doces natalícios em forma de pequenos bolinhos, cobertos de mel e amêndoas torradas, cujos nomes ela ainda mal conseguia pronunciar — *purcidduzzi* ou *purceddruzzì*? — e até chávenas de café e garrafas de *limoncello*, que Elena preparava com as suas próprias mãos. E era ela quem fazia de anfitriã, oferecendo alguma coisa a quem entrasse.

— Entre, tire um docinho — dizia ela, apontando para a mesa.

Havia já algum tempo que Carmine estava a ficar mais pesado, mas andava sempre a levantar-se para se servir de um copinho de *limoncello* e comer um doce. Quando voltava para trás do guiché, com a boca cheia, Tommaso lançava-lhe olhares de reprovação. Pelo contrário, a única coisa que Chiara aumentara era a

espessura das lentes. Nunca se deixava tentar nem por um pedacinho de massa de amêndoa e permanecia na sala do telégrafo a trabalhar de cabeça baixa.

— Mas deixa isso e vem para aqui connosco — convidava-a Elena. — Não consigo entender esta rapariga. Está sempre tão triste — comentava ela, desanimada.

— Não estou nada triste — retorquia Chiara da sala das traseiras.

Eram dias cheios e cansativos, durante os quais Anna girava como um pião pela aldeia, sempre com pressa para recolher e entregar tudo a tempo. Não era raro que tivesse de trabalhar até à tarde.

Nesse ano, Giuseppina recebeu a mais bela prenda que poderia ter desejado: o seu filho Mauro tinha deixado a Alemanha, onde «o ar ficara venenoso, com aquele tal Hitler», e regressara a Itália, com a carteira suficientemente recheada para renovar a casa.

— Venha cá, senhora carteira, apresento-lhe o meu filho — disse Giuseppina.

Tinha ficado parada à porta à espera dela e, assim que a viu passar, chamou-a bem alto.

— A Anna tem sido tão querida — disse ela ao filho. — Deu voz às tuas palavras durante todo este tempo, como antigamente fazia Ferruccio.

Mauro estendeu a mão para apertar a de Anna e agradeceu-lhe do fundo do coração, acrescentando que, se precisasse de alguma coisa, podia bater-lhe à porta.

Anna sorriu, envergonhada, e respondeu que não havia necessidade de lhe agradecer nada, que apenas fizera o seu trabalho. No entanto, Mauro insistiu em dar-lhe um pacote de *Lebkuchen*, os biscoitos típicos de Nuremberga.

— Vai ver como são bons!

O senhor Lorenzo, pelo contrário, continuava a cumprimentar Anna com o braço estendido, apesar de ela insistir em não retribuir. No entanto, nesse ano, depois de ter recebido mais um postal que ela lhe tinha trazido, não o devolveu. O irmão escrevera que não queria ouvir mais argumentos, que estava na altura de voltarem a celebrar o Natal em família, quer ele quisesse, quer não. Chegariam, ele e Renata, mesmo a tempo da ceia de Natal.

O homem ficou tão perturbado que leu a mensagem em voz alta.

— A Renata é sua sobrinha? — perguntou Anna então, esperando secretamente esclarecer finalmente o mistério dos postais rejeitados.

— Não — disse ele, irritado.

— Oh, peço desculpa. Pensava que...

— A Renata era a minha noiva — disse o senhor Lorenzo, com azedume. — Se eles não tivessem fugido juntos uma noite, como ladrões, há muitos anos.

Anna ficou atónita.

— Tenho muita pena — murmurou, mortificada. Depois despediu-se dele, desejando-lhe um feliz Natal, embora duvidasse de que pudesse ser. E enquanto se punha novamente a caminho, foi sacudida por um sentimento estranho, algo indefinido que oscilava entre o alívio e a culpa.

Em Daniele tinham despontado os primeiros pelos de um bigode ralo. Na vinha, os trabalhadores mais velhos gozavam com ele carinhosamente.

— Agora já não és *nu piccinnu*, finalmente tornaste-te *masculu*¹⁷ — diziam, rindo à gargalhada e dando-lhe palmadinhas na face ou uma pancadinha nas costas. Ele sorria, mas odiava-os do fundo do coração, aqueles pequenos pelos por cima dos lábios: não só eram horríveis de se ver como também faziam comichão o tempo todo.

Quando voltava da vinha, com o ordenado no bolso das calças, corria para o quarto e metia metade numa caixa de metal, que guardava no fundo do armário. Num ano e meio de trabalho, tinha conseguido poupar uma boa quantia, mas ainda não era suficiente: queria comprar uma *Singer*, igual à que a mãe usava na sala de costura. Na caixa de metal, para além do dinheiro, escondia também o seu livro de desenhos. Todas as noites, depois do jantar, retirava-se à pressa, dando as boas-noites, e depois passava horas a desenhar elegantes roupas de senhora. Quando tinha a certeza de que a mãe tinha saído para fazer algum recado, entrava sorrateiramente na sala de costura e folheava o último número da *Moda Illustrada* ou recuperava do caixote do lixo restos de tecido que ela tivesse deitado fora.

De tempos a tempos, ao serão, Carmela abria a porta da sala de costura, encostava-se à ombreira com os braços cruzados e perguntava:

— Como foi o teu dia?

— Bom — respondia ele apressadamente, com um pé já no degrau da escada que conduzia aos quartos.

— O senhor Carlo esteve lá hoje?

— Sim, claro. Está lá sempre.

— Continua a tratar-te bem?

Daniele anuí-a sempre com a cabeça, e Carmela contentava-se com essa resposta muda. Nunca lhe contara que o senhor Carlo era particularmente bom e generoso com ele: às vezes, dava-lhe algumas liras a mais do que o salário diário e, quando lhe entregava o dinheiro, piscava-lhe o olho, como que a dizer que o guardasse para si; durante as duas vindimas que tinha havido, além disso, confiara-lhe uma das tarefas mais importantes: antes de os cachos serem deitados nas cubas para serem pisados, teve de verificar se todos os bagos estavam intactos e são e, no caso de não estarem, livrar-se dos estragados.

Quando o *Donna Anna* fora finalmente engarrafado, o senhor Carlo dera-lhe, todo orgulhoso, uma garrafa.

— Dá-o a provar ao dom Ciccio — dissera-lhe.

Daniele nunca tinha visto um vinho daquela cor: era um cor-de-rosa transparente, fino e elegante.

— É bom — sentenciara o avô depois de o provar. Depois, cheirara-o durante muito tempo, encontrando nele o aroma frutado das cerejas e dos morangos

Para a ceia de Natal, a família Greco reuniu-se em casa de Anna e Carlo. E, dessa vez, Giovanna deixou-se finalmente convencer a juntar-se a eles.

— De maneira nenhuma, vais passar o Natal sozinha outra vez este ano — dissera-lhe Anna. — Vais passar connosco, e não quero ouvir desculpas. Traz o *Cesare*, se quiseres.

Anna e Carlo passaram a tarde a cozinhar: ele preparou o caldo, enquanto ela trabalhava na massa e no recheio dos *tortellini*. Como segundo prato, haveria a famosa tarte de carne folhada de Agata, que ela insistira em fazer. Pouco antes de os convidados chegarem, Carlo pôs no gramofone o disco de *Un'Ora Sola Ti Vorrei* cantada por Nuccia Natali, envolveu com o braço a cintura de Anna, radiante num vestido comprido de cetim azul, e começou a dançar, movendo-se lentamente, enquanto na outra mão segurava o charuto aceso.

Quando chegaram todos, Carlo abriu uma garrafa de *Donna Anna* e encheu os copos, e, alguns sentados no sofá, outros junto à lareira, outros de pé, todos ergueram os copos ao Natal de 1938.

Lorenza tinha trazido consigo *Um Conto de Natal*, de Charles Dickens; enroscou-se no sofá e pôs-se a ler em voz alta, enquanto Roberto ouvia com a cabeça apoiada no seu ombro. *Cesare* abanava continuamente a cauda, excitado com tanta gente, e passeava pela casa, parando para cheirar ora um ora outro, à procura de festas.

Anna agarrou na mão de Giovanna, levou-a rapidamente para cima e ordenou-lhe que se sentasse no seu toucador.

— Esta noite, precisas de batom e de uma gota de perfume. É noite de festa! — exclamou.

Passou-lhe um batom cor de cereja pelos lábios e, apertando a bomba, borrifou-lhe perfume atrás das orelhas e nos pulsos. Fora Carlo quem lho oferecera no seu aniversário. Mandara-o criar especialmente por um perfumista em Lecce e, de todos os aromas que o homem lhe dera a cheirar, Carlo escolhera aquele, com uma nota de base de almíscar e sândalo.

— *Voilà!* Olha só, estás linda — disse Anna.

Giovanna inclinou-se para a frente e olhou para a sua imagem no espelho: os seus olhos pareciam reluzir, realçados pelo vermelho dos lábios e pelo alfinete de prata que usava no peito. Se ao menos Giulio a pudesse ter visto naquele momento... Poucos dias antes da véspera de Natal, enviara-lhe um postal com o desenho de uma menina à janela a olhar encantada para os flocos de neve, juntamente com um embrulho que continha um alfinete com uma flor de prata e um bilheteinho: *Usa-o e pensa em mim*.

Quando Anna e Giovanna regressam ao andar de baixo, os outros já estavam

sentados à volta da mesa oval da sala: Carlo à cabeceira, Antonio e Agata à sua esquerda, Lorenza e Roberto à frente. Anna sentou-se à direita de Carlo e pediu a Giovanna que ocupasse a cadeira ao seu lado.

Agata pôs as mãos e começou a recitar o pai-nosso com os olhos fechados. Todos a imitaram, com exceção de Anna, que permaneceu imóvel, massajando distraidamente a nuca com uma mão. Depois do *Ámen* e do sinal da cruz, Carlo levantou-se e encheu os pratos: duas conchas bem cheias de *tortellini* com caldo.

— Giovanna, o batom fica-te bem — disse Antonio.

Ela corou e mordeu o lábio.

— Obrigada — respondeu com uma voz rouca. Que alegria estar ali com eles, pensou ela, com uma família a sério, com a árvore colorida, a lareira acesa, os presentes para desembulhar, as gargalhadas e tudo o que havia de bom para comer. Virou-se para Anna e olhou-a com os olhos húmidos.

— O que é que se passa? — perguntou-lhe Anna, com uma expressão divertida.

Giovanna, em resposta, abraçou-a.

Agata revirou os olhos, mas ninguém reparou.

Ao bater da meia-noite, todos se reuniram à volta da árvore para se felicitarem e trocarem presentes. Carlo abriu mais uma garrafa de *Donna Anna*. E, enquanto todos estavam ocupados a abrir embrulhos e pacotes, num ambiente confuso e alegre, Antonio aproveitou a oportunidade para se inclinar por debaixo da árvore e pegar num pacote retangular embrulhado em papel dourado.

— *Pour toi* — disse ele, entregando-o a Anna.

Ela sorriu-lhe, sincera.

— *Merci* — respondeu ela enquanto o desembulhava.

Sentada no tapete, a admirar a escova com cabo de prata que recebera de presente dos tios, Lorenza observava a cena pelo canto do olho.

— *E Tutto o Vento Levou* — leu Anna na capa do livro.

— Já o li e gostei muito — salientou Antonio.

— De que é que gostaste?

Ele refletiu durante alguns instantes.

— Scarlett, a protagonista, tem qualquer coisa que se assemelha a ti — acabou por responder.

Anna baixou a cabeça para o livro, esboçando um sorriso.

— Além disso — continuou Antonio —, gostei do facto de ela encontrar sempre a força para recomeçar, mesmo depois de uma guerra.

Não poderia saber que era uma frase dramaticamente profética.

O Natal de 1938 seria, durante muito tempo, o último Natal de paz.

Para a família Greco e para o mundo inteiro.

16 Tipo de bolo em forma de losango, feito com amêndoa, cacau, farinha, canela e casca de limão, vendido sobretudo nas festas das aldeias. (NT)

17 Em dialeto salentino, «homem». (NT)

SEGUNDA PARTE

*

Abril de 1945-junho de 1949

Abril de 1945

— Interrompemos esta emissão para vos comunicar uma notícia extraordinária...

Anna largou o pano na mesa da cozinha, entre os restos do jantar, e dirigiu-se para a sala de estar. Depois, agachou-se em frente ao rádio, instalado no armário do canto, e subiu o volume.

— As forças armadas alemãs renderam-se aos anglo-americanos — dizia o locutor, com a voz embargada de alegria. — A guerra acabou. Repito: a guerra acabou!

— Carlo! — gritou Anna em direção às escadas.

O marido assomou ao patamar, com a escova de dentes na mão e um fio de pasta a escorrer da boca. Ainda tinha um efeito estranho sobre ela vê-lo sem bigode: rapara-o todo da noite para o dia. «Já não o quero, faz-me lembrar o Hitler», dissera ele.

— O que é que se passa? — perguntou com um ar preocupado.

Anna pôs-se de pé e sorriu-lhe.

— Os alemães renderam-se — disse ela, apontando para o rádio.

Carlo deixou cair a escova de dentes no chão, desceu apressadamente os degraus e correu para Anna, agarrando-a pelas ancas e levantando-a no ar.

— Põe-me no chão! — protestou ela, rindo.

Mas ele continuou a segurar nela e, com a cabeça inclinada para trás, exclamou:

— Sabes que vista daqui és ainda mais bonita?

— Tu não, com essa pasta de dentes na cara — disse ela, rindo-se. — Anda, deixa-me limpar-te.

Ele pousou-a novamente no chão, e Anna, com a ponta do polegar, começou a esfregar a pasta de dentes.

— Pronto, agora já estás bem. — E fez-lhe uma carícia.

— Vamos contar ao Roberto!

— Amanhã. Ele já deve estar a dormir...

— Talvez ainda esteja a ler.

Pegou na mão de Anna e subiram as escadas. Abriu devagarinho a porta do

quarto, iluminado pelo candeeiro da mesinha de cabeceira que Roberto queria manter aceso toda a noite. O filho estava a dormir de costas, com a cabeça inclinada para um lado e uma cópia do *Rato Mickey* aberta em cima do peito. Tinha agora doze anos, mas o seu rosto era ainda rosado e sem pelos, como o de uma criança. À medida que crescia, acabara por se tornar uma cópia em miniatura de Anna: os mesmos cabelos negros e espessos, os mesmos olhos verdes, o mesmo perfil reto. O sorriso e o olhar matreiro, porém, não, herdara-os iguaizinhos aos do pai.

— Vá lá, deixa-o estar, dorme tão tranquilo... — sussurrou Anna.

— Como queiras... — respondeu Carlo, com uma pontada de desilusão. E voltou a encostar a porta.

Enquanto desciam as escadas, ouviram uma voz confusa vinda do exterior. Apressaram-se a descer e olharam pela janela da sala de estar: as pessoas estavam a sair para a rua para festejar. Havia quem gritasse «Acabou! Acabou!», havia quem se risse, quem chorasse, quem se abraçasse, quem batesse às portas das casas adormecidas, gritando: «Saíam!»

Anna e Carlo entreolham-se. Ele pegou no sobretudo que estava no bengaleiro, vestiu-o por cima do pijama, deu a mão a Anna e depois saíram.

Correram imediatamente para casa de Antonio e Agata.

Carlo bateu à porta com insistência, e, no escritório do rés do chão, acendeu-se uma luz. Passados alguns instantes, Antonio, ensonado e de pijama, abriu a porta e olhou, fitando com uma expressão desconcertada o irmão e a cunhada que, de mãos dadas, sorriam para ele. Depois, olhou em redor para a confusão alegre que reinava na rua e, por fim, perguntou:

— Mas que raio se está a passar?

— Enquanto dormias, sossegadinho, os alemães içaram a bandeira branca — respondeu Carlo, sorrindo ainda mais.

— Mas... como?

— Também ainda não me parece real — interveio Anna.

— Quem é a esta hora? — A voz alarmada de Agata chegou até elas.

Desceu as escadas e juntou-se ao marido, à porta. Trazia um roupão cor-de-rosa e uma touca da mesma cor, da qual escapavam algumas madeixas brancas desgrenhadas. Há já algum tempo que os seus cabelos acobreados se tinham tornado grisalhos e, de cada lado da boca, duas rugas profundas desciam até ao queixo, dando-lhe uma expressão perpetuamente abatida.

— O que é que se passa? Será que toda a gente enlouqueceu? — acrescentou, apercebendo-se da agitação na rua.

— A guerra acabou, Agata — murmurou Antonio com os olhos húmidos.

Com uma mão, Agata apertou o braço do marido e com a outra fez o sinal da cruz.

— Graças a Deus — murmurou.

— Ei, venham daí, vamos acordar o Nando para ele abrir o bar! Está na altura

de beber um copo! — grita um homem, alegre. E foi logo seguido por uma pequena multidão.

Como se só então se tivesse apercebido de que estava em camisa de noite à frente de toda aquela gente, Agata deu instintivamente um passo atrás e voltou a entrar em casa.

*

Anna só pensou no assunto quando ela e Carlo voltaram para casa: lembrou-se da luz do escritório a acender-se e de que Antonio abrira a porta logo de seguida, de pijama, com ar de quem tinha acabado de ser arrancado do sono.

— Já não dormem juntos? — perguntou a Carlo do nada.

— Quem, meu amor? — perguntou ele, embrulhando-se ao seu sobretudo.

— O teu irmão e a Agata...

Carlo encolheu os ombros.

— Não é da nossa conta — disse.

— Claro que não. Foi só curiosidade — respondeu ela, fingindo não se importar com a questão.

*

Anna saiu de casa e inspirou a plenos pulmões: o ar cheirava agora a primavera e glicínias, sobretudo àquela hora da manhã. Fechou a porta, pegou no guiador da bicicleta encostada ao muro do pátio e arrastou-a para fora.

— Bom dia, senhora carteira — chegou, pontual, a saudação da vizinha, que, como todas as manhãs, estava ocupada a varrer a sua pequena parte do passeio. Anna retribuiu a saudação, levantando ligeiramente o boné, e montou a sua *Bianchi Suprema*, o modelo de senhora que comprara por novecentas liras em 1940, o ano em que Fausto Coppi ganhara a primeira Volta a Itália. Desde então, e para enorme alívio dos seus pobres pés endurecidos pelos anos a calcorrear a calçada, usava-a todo o santo dia. Para o trabalho, sobretudo. Fora na sua bicicleta que entregara todos aqueles telegramas do Ministério da Guerra a chamar os jovens às armas. Quantos vira fazer as malas e partir, enquanto as famílias desesperavam. Alguns nunca tinham regressado, e, daqueles que haviam morrido, não se sabia onde ou como em relação a todos eles; outros traziam, no corpo e no espírito, as marcas da guerra e nunca as apagariam. Tinham contado a Anna que alguns, quando vinham de licença, haviam atirado uma panela de água a ferver para cima de si próprios, provocando queimaduras gravíssimas, para não voltarem ao combate. De cada vez que chegavam os telegramas a chamá-los para o serviço militar, Anna lia-os rapidamente, com o coração na boca, e só quando tinha a certeza de que nem o nome de Carlo nem o de Antonio constavam deles levava a mão ao peito e suspirava de alívio. *Ainda não foi chamado ninguém dos contemporâneos*

de Carlo, pensava, animando-se. *E muito menos bõ de chamar o Antonio, aos 41 anos*, dizia a si própria logo em seguida, sentindo o coração a ficar mais leve.

E depois, quantas cartas da frente de combate teve de ler a pais, irmãs, esposas ou namoradas, com os olhos cansados e um ar consumido. Muitos desses jovens, Anna nem sequer chegara a conhecer... sim, talvez se tivesse cruzado com algum deles na aldeia, mas não tinha a certeza. Contudo, das palavras deles, das suas cartas, ainda se lembrava perfeitamente. Havia Giuseppe, um operário agrícola da Herdade Greco enviado para combater na Rússia, que não escrevia à mulher, Donata, sobre a guerra, apenas sobre os seus próprios sonhos: quando a noite caía no abrigo gelado e malcheiroso em que tinha de dormir, sonhava que estava em casa com ela, com a vida de ambos feita de pequenos hábitos dos quais, só então se apercebera, sentia falta como do ar. Francesco, o filho mais novo do casal que geria a tabacaria onde Carlo comprava os charutos, agradecia sempre aos pais o tabaco que lhe enviavam e pedia-lhes que lhe enviassem cada vez mais: era a única forma de conseguir um pouco mais de ração, explicava ele, uma vez que o trocava pelo pão dos seus companheiros. *Mamã, tenbo sempre, sempre fome*, era a conclusão inevitável das suas cartas. Pietro, que enquanto civil era pedreiro, escrevia à irmã Maria, da Ucrânia, sobre a altura em que ele e os seus companheiros caminharam duzentos quilómetros ao longo do rio Donets e sobre os prisioneiros que tinha visto, num vale ocupado pelos alemães. Homens amontoados com metralhadoras apontadas para eles, em jejum e prostrados, que faziam as necessidades em cima de si próprios e tresandavam como animais. *Se isso me acontecer a mim, prefiro morrer imediatamente*, escrevera ele. Andrea, que costumava ajudar o pai na banca dos queijos no mercado de sábado, pedia sempre à sua Annunziata que não se deixasse abater pela melancolia, que a guerra acabaria um dia, de alguma forma, e prometia-lhe que, quando voltasse, festejariam todos os dias...

Anna pedalou até à praça, que, naquelas primeiras horas do dia, ainda estava agradavelmente vazia e tranquila, e dirigiu-se ao Bar Castello. Desceu da bicicleta e olhou para o seu relógio, aquele com o mostrador retangular que Antonio lhe oferecera em maio de 1935 e que, desde então, nunca mais tirara; por uma vez, chegara cedo e podia dar-se ao luxo de beber o café sentada. Encostou a *Bianchi* à parede e sentou-se numa das mesinhas do exterior. Fernando estava a fumar o seu cigarro matinal encostado à porta da barbearia; a mulher de Michele, uma mulher esguia mas de braços fortes, descarregava no passeio um caixote de laranjas que parecia bastante pesado; a esquina onde outrora se encontrava o engraxador Mario, com as mãos sempre sujas de graxa, estava vazia e assim ficaria para sempre. «Ai daquele que ocupar o meu lugar, que eu hei de voltar», tinha avisado todos, antes de partir como soldado.

Com um sorriso, Nando trouxe-lhe o café com um cheirinho, e Anna inalou com volúpia o aroma pungente da *grappa*. Ele pôs-lhe uma mão no ombro de forma paternal e voltou para dentro: tinha perdido muito peso naqueles anos, e o cinto do velho avental branco precisava agora de dar duas voltas à cintura.

Anna estava a saborear o último gole quando viu a figura pesada de Elena emergir de uma das ruelas que conduziam à praça, aquela onde, todos os sábados, se posicionava a senhora que vendia os tecidos. Elena caminhava lentamente, com o rosto contraído, em direção à estação dos correios, ainda fechada. Havia algum tempo que não fazia outra coisa senão queixar-se dos tornozelos, que, segundo ela, tinham ficado grossos como melões e faziam que cada passo fosse um martírio. Com um suspiro, a mulher tirou a chave da carteira e abriu a porta.

Arrastando a bicicleta, Anna alcançou-a.

— Correram contigo da cama esta manhã?! — exclamou Elena, espantada.

— Não dormi grande coisa, vá-se lá saber porquê — respondeu Anna, e pousou a mala postal em cima da mesa.

— Dizes-me isso a mim? — comentou Elena, despindo o sobretudo de fazenda. — Há já algum tempo que ando a dormir mal. Às vezes, ainda as ouço nos meus ouvidos, aquelas sirenes...

Pouco depois, Chiara juntou-se a elas. Continuava a ser uma trinca-espinhas de óculos grossos, mas agora sorria muito mais. Dizia-se que tinha conquistado o coração de um médico, aquele «novo» que chegara à aldeia durante a guerra e que tratara da mãe de Chiara até ao fim. Elena estava sempre a lançar-lhe piadinhas maliciosas, para tentar saber mais pormenores, mas perdia o seu latim: não conseguia fazer sair nem uma palavra que fosse da boca de Chiara.

Carmine entrou de cabeça baixa e a coxear ligeiramente. Fora obrigado a cortar a barba quando o haviam chamado para combater, mas agora voltara a crescer, hirsuta e cheia de fios brancos. Nunca quisera falar sobre os poucos dias que passara na frente de batalha: na aldeia, só se sabia que tinha partido juntamente com o engraxador e que, no dia 30 de agosto de 1942, Carmine salvara-se, Mario, não. Encontravam-se ambos a bordo do petroleiro *Sant'Andrea*, que acabara de deixar o porto de Taranto com destino à Grécia, quando vinte aviões ingleses haviam bombardeado a embarcação, que se incendiou e se afundou a pique. Carmine regressara a casa com uma queimadura no pé e o seu temperamento completamente inalterado. Na verdade, rosnou um «Olá» e foi logo sentar-se no seu lugar. E, quando Elena lhe perguntou como estava, tocou na barba e respondeu «Normal, como havia de estar?», o que significava que ainda não tinha bebido o segundo café do dia.

Tommaso foi o último a chegar. Deu-lhes os bons-dias com o seu sorriso amável e, com a pasta de couro encostada ao peito, dirigiu-se para a sua secretária. Como acontecia muitas vezes, Anna pensou que os olhos do diretor pareciam ficar mais pequenos a cada dia que passava. Era certo que o seu olhar cristalino e entusiasta desaparecera há muito tempo, desde a noite em que a guerra lhe tirara o que mais lhe importava no mundo: a sua Giulia. O coração daquela rapariga frágil, que ele tanto amara, não resistiu a mais uma sirene de alarme que a arrancara do sono. Morrera no caminho de casa para o lugar de Antonio, que durante o dia era o lugar onde se ia com o cartão de racionamento para reservar a

porção de azeite e que à noite se tornava o abrigo antiaéreo mais seguro da aldeia. Quando começava aquele terrível ulular de quinze segundos, intercalados por outros tantos de silêncio, muitos acorriam para lá, esbaforidos, embrulhados nos casacos que mal escondiam os pijamas dos homens e as combinações das mulheres. Quantas noites tinham passado ali, encostados uns aos outros, debaixo de pesados cobertores de lã. Só as crianças conseguiam voltar a adormecer, aconchegadas nos braços das mães, enquanto os adultos se entreolhavam, aterrorizados e atentos, à espera do pior.

E agora o pior passara.

Anna acabou de encher a mala postal, saiu e, montando a sua bicicleta, pôs-se a caminho. Mas só havia percorrido alguns metros quando uma buzina soou atrás dela.

Pôs, então, um pé no chão e virou-se: Antonio aproximou-se dela e baixou o vidro.

— Queres boleia? — brincou.

— Não, obrigada, não confio na forma como conduzes — respondeu Anna com um sorriso.

Antonio desatou a rir.

— E fazes tu muito bem!

Tinha tirado a carta de condução um ano antes, quando Carlo lhe oferecera o seu 508. Ele já não tinha serventia para o carro, porque comprara um *Fiat 1100* num belo preto reluzente.

— Mais vale vendê-lo, não mo dês a mim, o que é que hei de eu fazer com ele? Achas que vou aprender agora, aos quarenta e cinco anos? — tentara Antonio recusar, mas Carlo não lhe dera ouvidos.

— Já não te posso ver a andares sempre por aí a pé, por favor — insistira.

— Mas eu gosto de andar a pé, a sério — respondera Antonio. No entanto, no fim, acabou por desistir. — Mas só o vou usar quando for mesmo necessário — declarara.

E assim fora: o *Fiat 508* passava a maior parte do tempo estacionado em frente à porta de casa, e Antonio só o punha a funcionar quando tinha de sair da aldeia.

— Aonde é que vais? — perguntou-lhe Anna.

— Vou dar um pulinho à adega.

— Avisas-me se chegares lá vivo — disse ela. Depois, despediu-se dele com um aceno de mão e recomeçou a pedalar.

Antonio riu-se e virou à direita. Estava a meio do caminho, mesmo ao centro de uma estrada rural, quando o carro começou a emitir um ronco e depois parou de repente. Perplexo, Antonio baixou o olhar e apercebeu-se de que, desde que parara para conversar com Anna, fizera todo o caminho em primeira; nem sequer pensara em pôr a segunda. Depois de algumas tentativas, lá conseguiu pôr o carro a trabalhar e, tendo chegado à adega, estacionou no amplo espaço aberto onde repousavam as carroças que serviam para transportar as uvas da vinha.

Empurrou o batente entreaberto da grande porta de madeira e olhou em redor.

— Carlo? — chamou.

— Estou cá em baixo!

Antonio desceu as escadas que conduziam ao piso inferior, onde se encontrava a cave com as cubas de cimento. Estava sempre muito frio lá em baixo, pensou, a tremer.

Carlo estava a falar com um homem idoso, mais baixo do que ele, com as faces encovadas e enrugadas, que usava suspensórios e um boné na cabeça.

— Anda, vem cá, Antonio — insistiu ele, acenando-lhe com a mão. — Este é o Franco. Já te falei dele, não falei?

— Sim, claro — respondeu Antonio, apertando-lhe a mão.

— Finalmente chegámos a acordo — explicou Carlo, satisfeito. E pousou uma mão no ombro do homem.

— Parece que sim — respondeu ele.

O acordo consistia na venda de um terreno com cerca de dois hectares não muito longe da Herdade Greco que Carlo tinha debaixo de olho havia já algum tempo: queria aumentar a vinha... ou melhor, *tinha* de produzir mais, uma vez que o negócio estava finalmente a ir no bom caminho. Não tinha sido nada fácil continuar a produzir vinho durante a guerra: grande parte dos trabalhadores agrícolas fora chamada para a frente de batalha e, embora algumas das suas mulheres tivessem tomado o seu lugar nos campos, a mão de obra continuara a não ser suficiente, para além de que a dificuldade em encontrar garrafas de vidro tinha obrigado Carlo a abrandar a produção.

Até à chegada dos americanos. A 11 de setembro de 1943, enquanto o Norte ainda estava nas mãos dos alemães, o rei fugia para Brindisi e todo o país se encontrava em alvoroço, os americanos tinham efetivamente desembarcado em Taranto e Brindisi. Carlo pressentira imediatamente que aquela poderia ser a oportunidade certa, aquela de que estava à espera há muito tempo para dar «o salto», como lhe chamava. Disse a si próprio que alguém tinha de aproveitar a oportunidade de fornecer álcool aos soldados americanos. E porque não precisamente ele? Seria capaz de apostar qualquer coisa em como aqueles estrangeiros nunca tinham provado um vinho tão bom como o dele. Por isso, deu ordens para que preparassem um caixote de garrafas de *Donna Anna* e o carregassem no *Fiat 508*.

— Para onde é que estas vão? — perguntara-lhe Daniele, que Carlo promovera a chefe dos trabalhadores da adega, quando o anterior fora enviado para combater no Norte.

— Para Brindisi, meu rapaz — respondera-lhe Carlo, sentado à secretária, a escrever a nota que acompanharia a caixa. — Levamo-las ao rei em pessoa! — acrescentara com uma gargalhada, girando o dedo indicador no ar. — De qualquer forma, é só para provarem. Se eu estiver certo, teremos de expedir várias caixas.

Daniele fitara-o com uma expressão confusa, mas não fizera mais perguntas.

Algum tempo depois, um jipe com três militares a bordo apresentara-se na Adega. Um dos oficiais apertara-lhe a mão e apresentara-se como comissário para o aprovisionamento do exército americano. Num italiano hesitante, agradecera-lhe o amável presente, que tinham recebido e bebido com grande prazer; e agora tinha ido até lá para conhecer o homem que produzia aquele vinho extraordinário, cor-de-rosa e brilhante, com notas aromáticas a *cherry* e *blueberry*. Carlo sorria-lhe em resposta e acompanhara os três soldados numa visita à adega, enquanto Daniele, ao seu lado, intervinha ocasionalmente, sobretudo com gestos, para explicar alguma fase do processo da vinificação. No final da visita, o oficial anuíra com a cabeça com um ar satisfeito e, antes de partir, fizera uma grande encomenda de garrafas de *Donna Anna* para as tropas americanas. «Eu sabia!», exclamara Carlo assim que o jipe se afastara. Numa explosão de entusiasmo, pegara na cabeça de Daniele entre as mãos e beijara-lhe os cabelos. O rapaz ficara inicialmente corado, mas depois deixara-se levar pela euforia e rira-se também.

Franco despediu-se, levantando o boné e dirigiu-se para a saída.

— Eu aviso-te quando o notário nos puder receber — disse-lhe Carlo antes de o homem começar a subir as escadas para sair. — Então, mano — acrescentou, pondo um braço à volta do pescoço de Antonio. — O que te traz aqui? Quantas vezes deixaste o carro ir abaixo pelo caminho?

— Só uma.

— Oh, estamos a fazer progressos!

— Há três dias que não te via, estava com saudades tuas — disse Antonio.

— És mesmo um coração mole — provocou-o Carlo, apertando-lhe as bochechas entre os dedos.

Nesse momento, Daniele assomou à porta da cave.

— Senhor Carlo?

— Diz, meu rapaz — respondeu ele.

— Vou para a vinha. O arrolhador já está preparado.

— Muito bem... Sim, claro, vai lá.

Mas Daniele hesitou.

— Senhor Antonio — disse ele, claramente embaraçado. — Posso perguntar-lhe como está a Lorenza? Não a vejo há algum tempo pela aldeia.

— Tem altos e baixos — respondeu ele, enfiando as mãos nos bolsos das calças.

— Imagino — respondeu Daniele, com um ar triste. — Talvez um dia destes possa ir com ela ao cinema, juntamente com as amigas. Para a distrair um bocadinho... Com a sua autorização, claro. — E baixou o olhar.

— É simpático da tua parte preocupares-te — murmurou Antonio. E deixou que o pedido caísse em saco roto.

— Não te preocupes, ela vai ficar bem — interveio Carlo. — Vocês são jovens, tudo passa, na vossa idade.

Daniele anuiu com a cabeça sem convicção, despediu-se dos dois e dirigiu-se para as escadas.

— Dá cumprimentos meus ao teu avô, não te esqueças — gritou Carlo atrás dele. — E diz-lhe que, assim que puder, vou lá visitá-lo.

*

Daniele e Lorenza tornaram-se amigos em março de 1943, quando o melhor amigo de Daniele, Giacomo, filho de Michele, o vendedor de fruta, se apaixonou.

— Olha como se fez *beddra* a *figghia*¹⁸ do Antonio Greco — dizia Giacomo, dando uma cotovelada a Daniele quando via Lorenza a passar em frente à loja. Às vezes, chamava-a com um assobio e depois fazia-lhe sinal para se aproximar.

— Chiu, então?! Agora chamas assim as raparigas? — repreendia-o Daniele, baixando-lhe o braço com um ar divertido. Mas Giacomo tirava uma peça de fruta da primeira caixa que apanhava à mão e oferecia-a a Lorenza, segurando-a na palma da mão.

— Só a melhor fruta da aldeia para a mulher mais bonita — dizia ele.

Ela sorria, envergonhada, pegava no fruto — uma vez era uma laranja bem sumarenta, outra uma tangerina, outra ainda uma pera — e agradecia-lhe. Quando ela se ia embora, Giacomo ficava a olhar para ela, embasbacado: parecia que, além dos olhos, sorriam também todas as sardas que lhe cobriam o rosto.

Daniele já tinha reparado que Lorenza, a sobrinha do senhor Carlo, se tinha *fatto beddra*¹⁹. E de que maneira! Lembrava-se dela em criança. Obviamente, cruzavam-se muitas vezes, mas, apesar de terem quase a mesma idade, nunca tinham tido a oportunidade de falar verdadeiramente um com o outro. Ela tinha crescido em altura, e as ancas tinham-se arredondado; o cabelo acobreado e brilhante alongara-se até às costas, e as pústulas que outrora cobriam o seu rosto tinham desaparecido, deixando apenas algumas pequenas marcas que só se viam de perto. Os olhos, depois, eram tal e qual os do senhor Carlo quando sorria, pensava Daniele: emanavam o mesmo brilho, como se se iluminassem por dentro.

Giacomo tinha começado a cortejá-la descaradamente. Aos domingos de manhã, na praça, instalava-se no banco e esperava que ela passasse: se não estivesse na companhia da mãe ou da tia, aproveitava e esgueirava-se por trás dela.

— Bom dia à mais bela — dizia-lhe ele, levantando o boné. — Podemos acompanhar-te a casa, eu e o meu amigo? — acrescentava, apontando para Daniele.

— Mas são só dois passos — respondia Lorenza, divertida.

— E depois? Dois passos hoje, dois passos amanhã... — dizia Giacomo com um sorriso. E assim punham-se a caminho os três, e Daniele deixava-se ficar sempre alguns passos atrás. No entanto, mesmo assim, conseguia ouvir a voz de Lorenza: falava sobre o seu dia, sobre as colegas da escola, sobre quando a guerra iria acabar, mas sobretudo acerca daquilo que lhe ensinavam no liceu, a história de amor entre Páris e Helena, a rivalidade entre Aquiles e Heitor, a longa viagem de Ulisses para regressar a casa... Giacomo caminhava ao lado dela e olhava-a com

admiração, sem dizer uma palavra.

— Nunca me canso de a ouvir. Isso quer dizer que me apaixonei? — dizia depois a Daniele, assim que Lorenza entrava em casa.

Numa tarde de maio de 1943, convidara-os para irem ao cinema, juntamente com duas das suas colegas de escola com ar respeitável, que naquele dia — assim dissera Lorenza — tinham vindo de Lecce para fazerem os trabalhos de casa juntas. No entanto, Daniele adivinhara imediatamente, pelos olhares sugestivos que as três amigas trocavam, que se tratava apenas de uma desculpa e que aquela saída fora pensada e orquestrada até ao último pormenor. Tinha ido ver *Un Pilota Ritorna* [Um piloto regressa], de Roberto Rossellini, na sessão da tarde. Lorenza escolhera a última fila, sentara-se e, com um olhar, dera a entender a Giacomo que se sentasse ao seu lado. Daniele dera por si sentado no meio das duas outras raparigas, de cujos nomes não se lembrava. Em seguida, apercebeu-se de que também não se lembrava de quase nada do filme. Esteve distraído o tempo todo, tentando perceber o que se passava a poucos lugares de distância de si. Consequia ouvir Giacomo e Lorenza a rir e cochichar baixinho, enquanto as duas amigas procuravam o olhar uma da outra e piscavam o olho, como se dissessem: «Viste aquilo?» E, no momento em que, no grande ecrã, Massimo Girotti dizia a Michela Belmonte «Tu és tudo para mim» e se ouvia, então, o rugido do bombardeamento noturno, Daniele deu-se conta de que o seu amigo tinha tomado o rosto de Lorenza nas suas mãos e pousado os lábios nos dela.

A história deles continuou ao som de beijos roubados nas ruelas, enquanto Daniele vigiava para se assegurar de que ninguém passava, de olhares cúmplices na praça ou na loja e de encontros protegidos por subterfúgios e mentiras, como a vez em que Lorenza dissera aos pais que ia estudar para casa das amigas e embarcara na camioneta com destino a Lecce, na qual, porém, Giacomo também viajava, embora a uma distância segura. Nessa tarde — confidenciara Giacomo a Daniele no dia seguinte —, ele e Lorenza tinham feito amor numa *pagghiara*²⁰, num campo nos arredores de Lecce. Para ela, fora a primeira vez, e tinha chorado, mas de felicidade. E Giacomo, enquanto a segurava nos braços, nua e a tremer, tinha pensado: *Vou casar com ela*. E, no segundo seguinte, anunciara-lhe, sério:

— Vou falar com o teu pai no domingo.

Lorenza abraçara-se a ele.

— É tudo o que eu quero — respondera-lhe.

A última vez que Daniele e Lorenza viram Giacomo foi na manhã de 2 de julho desse ano: era uma sexta-feira, e, dois dias depois, Giacomo iria a casa de Lorenza para pedir a sua mão em casamento.

— Alguma vez foram à festa de Nossa Senhora da Visitação, em Salice Salentino? — perguntara Giacomo aos dois, enquanto guardava as caixas de fruta no interior da loja.

Daniele estava sentado no passeio, e Lorenza encontrava-se de pé, segurando firmemente nas mãos o saco de cerejas que acabara de comprar, o segundo em dois

dias.

— Vou lá desde pequeno — explica Giacomo. — A minha mãe nasceu lá, e os meus avós ainda lá vivem. Há uma grande feira, onde se pode encontrar de tudo... No próximo ano, vamos organizar-nos, e vocês também vão!

Nesse dia, precisamente quando a festa estava a decorrer, um bombardeiro americano *B-24* tinha lançado uma bomba a dois passos da casa dos avós de Giacomo, uma quinta em campo aberto onde toda a família estava a almoçar.

A única pessoa que se salvou fora a mãe de Giacomo, mulher de Michele, o vendedor de fruta, que, sobre aquela manhã, falaria apenas do rugido devastador e das feras da feira, que, descontroladas, fugiam em pânico, pisando e esmagando coisas e pessoas.

Toda a aldeia fora ao funeral. Na igreja apinhada, Daniele esforçara-se por conter os soluços; ao seu lado, Carmela, irritada, não parava de silvar que ele tinha de se recompor, que um homem a chorar em público não era coisa que se visse.

Quando os caixões de Giacomo e Michele tinham sido levados para fora da igreja e a procissão se pusera lentamente em marcha para o cemitério, Lorenza largara o braço da mãe e avançara para se aproximar de Daniele, abraçando-o de repente. Enquanto Carmela olhava para eles, sem saber como interpretar aquele gesto, ele colocara uma mão nas costas dela, e o leve cheiro a barrela dos cabelos dela invadiu-lhe as narinas.

Continuando abraçada a ele, Lorenza tinha começado a soluçar e depois, inesperadamente, soltara um grito tão desesperado que Daniele teve a impressão de o ver crescer cada vez mais até encher as ruas e praças de toda a aldeia.

*

Nessa noite, depois do funeral, Daniele regressara à casinha para onde se tinha mudado há algum tempo. Ali vivera a sua avó paterna, uma mulher tímida e doce que partira no início do verão de 1940 e que, estava convencido, se deixara morrer precisamente porque não queria ver outra guerra. Era mesmo muito pequena — apenas duas divisões —, as paredes estavam sempre a encher-se de bolor, e, no inverno, parecia impossível aquecê-la, mas Daniele não a teria trocado por nenhuma outra. Era a sua primeira casa a sério, o lugar onde, depois de acabar o dia de trabalho na adega, podia desenhar roupas e costurar em paz, longe dos olhos da mãe. Com as poupanças que conseguira acumular, tinha comprado uma *Singer*, que ocupava o centro da divisão que servia de sala de jantar e cozinha. A um canto, empilhavam-se rolos de tecido de várias cores e padrões. Quando, no mercado de sábado, parara pela terceira vez na banca dos tecidos para lhes tocar, com os olhos a brilhar mas sem nunca comprar nada, a mulher com o coque inclinara-se ligeiramente para a frente e, com um sorriso cúmplice, de quem tinha compreendido, sussurra-lhe: «Vem ter a minha a casa, meu rapaz. Assim, podes escolher com calma.» No roupeiro, instalado na divisão ao lado, onde também

estava a cama, estavam pendurados três vestidos elegantes que ainda nenhuma mulher tinha usado.

Sentara-se à mesa e abrira o seu livro de desenhos numa página em branco. Não conseguia tirar da cabeça o funeral e a sensação de Lorenza agarrada a ele, desesperada e inconsolável. Então, pegara no lápis e começara a esboçar um vestido. Para ela.

18 Em dialeto salentino, «bonita» e «filha». (NT)

19 Em dialeto salentino, «feito bonita». (NT)

20 Em dialeto salentino, também *pajara*, construção rural típica do Salento, de forma redonda e telhado cónico, feita em pedra e utilizada para abrigar pessoas, animais e ferramentas. (NT)

Junho de 1946

Na noite anterior a 2 de junho de 1946, Anna decidiu cortar o cabelo. Movendo-se lentamente para não acordar Carlo, sentou-se ao toucador e, à luz fraca do candeeiro, viu-se refletida no espelho.

Acariciou os compridos cabelos pretos, atravessados por algumas madeixas prateadas, dividiu-os ao meio, deixando cair as duas madeixas sobre o peito, tirou a tesoura da prateleira de mármore e, sem deixar de se fitar, fez um corte limpo, primeiro à esquerda e depois à direita, à altura da base do pescoço. Humedeceu as mãos numa bacia de água, passou-as pelo cabelo e, por fim, de uma gaveta, tirou os rolos e começou a enrolar cada madeixa. Depois, foi dormir.

Pendurado numa cruzeta na porta do roupeiro, estava o fato que tinha escolhido. Ia votar pela primeira vez na sua vida envergando um saia-casaco verde-manjerição: o casaco era cintado, e a saia, pelo joelho, *evasé*. Uma blusa vaporosa de *rayon* cor-de-rosa completava o conjunto.

Também ela dera o seu contributo para que aquele dia finalmente chegasse. Em outubro de 1944, tinha lido no jornal o apelo da União das Mulheres Italianas, que fundara em Roma o comité pró-voto para as eleições legislativas de 1946. E sentira-se subitamente eufórica, desejosa de fazer alguma coisa. Por isso, pegara num maço de folhas de papel em branco e, numa delas, copiara, com a sua letra redonda e graciosa, o texto da petição que a União das Mulheres Italianas convidava todas as mulheres de todos os municípios de Itália a assinar.

Nós, mulheres de Lizzanello, pedimos ao Governo de Libertação Nacional o direito de voto e de elegibilidade nas próximas eleições legislativas. Consideramos que a exclusão de tal direito deixaria as mulheres na posição de injusta inferioridade em que o fascismo as quis manter não só no seio do Estado mas também em relação às mulheres de todos os países civilizados. O fascismo, com a sua política de guerra insana, destruiu os nossos lares, dispersou as nossas famílias, pôs-nos numa posição mais séria de responsabilidade no trabalho, na educação dos filhos, na luta quotidiana pela existência. Contra o fascismo e contra o opressor alemão, lutámos ao lado dos nossos homens, com tenacidade e coragem, durante os duros meses da

ocupação. Sentimos que adquirimos assim o direito de participar plenamente no trabalho de reconstrução do nosso país.

Apelamos, pois, a que a nossa legítima aspiração seja levada em conta pelos homens do Governo e a que as mulheres italianas recebam finalmente a justiça e a igualdade de direitos que são a base de qualquer sistema verdadeiramente democrático.

A manhã seguinte era um domingo, e, enquanto Carlo e Roberto ainda dormiam, ela descera à sala de estar, pegara na mesinha de madeira junto à entrada e saíra.

— Precisa de ajuda, senhora carteira? — perguntara-lhe o neto da vizinha, um rapazinho extremamente magro, assim que a viu a transportar os papéis debaixo de um braço e a mesinha na outra mão.

— Não, obrigada, eu consigo — respondera ela com um sorriso.

Chegara à praça Castello, pousara a mesinha junto ao banco e pusera em cima dela as folhas de papel: de um lado a que continha o texto da petição, do outro as que estavam em branco para a recolha de assinaturas.

Apesar de ainda ser cedo, atraíra evidentemente os olhares curiosos dos que mandriavam em frente ao bar, dos que estavam prestes a entrar na igreja e de todos os que passavam.

— Mas o que é que a forasteira está a fazer? — A pergunta andava de boca em boca. O primeiro a aproximar-se para espreitar fora um idoso com uma bengala. Vestia uma camisa e calças brancas e exalava um leve cheiro a lã húmida.

— O que é isto? — perguntara com voz cavernosa, apontando para a mesinha com a bengala.

— Uma recolha de assinaturas — respondera Anna com um sorriso. — Para pedir ao governo que deixe as mulheres votar também. É uma iniciativa nacional, sabe?

O homem franzira o sobrolho.

— Posso ler-lha? — continuara, pegando no papel. — Sente-se aqui. — E indicara-lhe o banco, onde o homem, com alguma relutância, se sentara, apoiando as duas mãos no punho da bengala.

Nesse momento, Nando aproximara-se também, alguns fregueses do bar seguiram-no, e depois haviam chegado duas mulheres, com lenços pretos na cabeça, caminhando de braço dado em direção à igreja de São Lourenço.

— Bah, vocês querem virar o mundo do avesso — protestara o idoso, assim que Anna acabara de ler. Apoiara-se na bengala e levantara-se do banco.

— Porquê, acha que tem estado do direito até agora? — retorquira ela, ressentida.

Mas ele não lhe dera resposta. Virara-lhe as costas e dirigira-se para o bar, seguido por dois ou três homens que abanavam a cabeça.

— Não lhe ligue — interviera Nando, com uma expressão contrariada. — Ele

nem sequer deixa a mulher sair de casa sem a sua autorização.

— Eu gostava de assinar — dissera timidamente uma das duas mulheres.

Radiante, Anna dera-lhe a caneta.

— Por favor, aqui — dissera ela, mostrando a folha de papel em branco.

Todas as tardes, depois do trabalho, durante várias semanas, Anna instalara-se na praça com a sua mesinha. Chamava as mulheres ou esperava que elas se aproximassem, intrigadas, lia-lhes a petição e, muitas vezes, explicava-lhes o significado com palavras mais simples. Por fim, com um sorriso, entregava-lhes a caneta para assinarem. Ouvira as perguntas mais estranhas: «Mas isto é legal? A polícia não vem depois procurar-me a casa?», «Mas é um voto que conta o mesmo que o de um homem?», «Bah, não acredito, mas faço-o na mesma, pode ser?» ou «Eu assino, mas não vou dizer nada ao meu marido. E tu também não dizes, pois não, carteira?».

Carlo garantia-lhe o seu apoio «incondicional» desde o início, embora se tivesse mantido bem afastado da banca.

— Estamos quase a engarrafar. Não me posso ausentar da adeg... — dissera ele.

Antonio, pelo contrário, juntara-se a ela na praça passados alguns dias, segurando num cartaz de cartão onde estava escrito em letras maiúsculas: ASSINA AQUI PELO VOTO DAS MULHERES.

— Pensei que podia ser útil — dissera-lhe ele. — É um bocadinho rudimentar, tenho consciência disso... — acrescentara, baixando o olhar para o cartaz.

— É perfeito — interrompera-o Anna, com um grande sorriso. — Põe-no aqui à frente.

Antonio pusera-o no chão, encostado à perna da mesinha.

— Porque não ficas aqui a dar-me uma mãozinha?

— Se quiseres, sim, com todo o prazer — respondera ele.

— Quero pois.

E, desde essa tarde, sempre que podia, Antonio juntava-se a ela no banco, imitando em tudo o que Anna estava a fazer. De vez em quando, ela parava e olhava para ele intensamente.

— O que se passa? — perguntava ele, sentindo os olhos dela postos em si.

— Nada — respondia ela, corando.

No decurso de poucas semanas, tinham recolhido várias centenas de assinaturas, incluindo as de todas as mulheres que Anna conhecia pessoalmente: Giovanna, Agata e as suas amigas do terço, Lorenza, Elena, Chiara, as vizinhas, a secretária de Antonio. Até Carmela se aproximara do banco, com um vestido justo e o batom a condizer com as unhas, e perguntara:

— Onde é que tenho de assinar?

No início de janeiro de 1945, Anna colocara as folhas de papel com as assinaturas num envelope amarelo e, toda contente, escrevera a morada: *Comitato*

*

No dia 2 de junho, Anna levantara-se ao amanhecer, voltara a sentar-se ao toucador e tirara os caracóis, um a um. O cabelo emoldurava-lhe o rosto em ondas suaves e, enquanto o arranjava com algumas escovadelas, Carlo acordou.

À luz ténue que entrava através dos cortinados, olhou para a mulher, semicerrou os olhos e levantou-se, apoiando o peso num cotovelo.

— Anna! — gritou ele na direção da porta. — Está uma mulher que não conheço no quarto, com más intenções, intenções péssimas!

Ela virou-se, rindo.

— És mesmo parvo.

— Fica-te mesmo bem, sabias? — Carlo não conseguia tirar os olhos dela.

— *Merci!* — respondeu ela, continuando a pentear-se.

— Anda cá — disse-lhe ele, dando uma palmadinha na cama. — As mesas de voto podem esperar mais um bocadinho. Eu não.

*

Tinham decidido que iam votar todos juntos.

Por isso, Anna saiu, foi ter a casa de Agata e bateu à porta.

Agata abriu a porta, aflita, e com as faces coradas.

— Estás bem? — perguntou-lhe Anna quando entrou.

Agata voltou a fechar a porta.

— Qual quê? Estou a arder — respondeu ela, abanando-se com a mão. — A minha mãe tinha razão — disse ela, dirigindo-se para a cozinha, enquanto Anna a seguia. — As regras são um castigo, quando aparecem e também quando já não aparecem.

— Mas ainda não estás vestida?! — exclamou Anna assim que viu Lorenza em camisa de noite, sentada à mesa da cozinha a molhar biscoitos no leite.

— Estou a tentar tirá-la da cama há uma hora, a mandriona. Eu já estou despachada há algum tempo — queixou-se Agata. — Mas o que é que fizeste ao cabelo?

— Cortei-o. Gostas? — perguntou Anna, passando um caracol por entre os dedos.

— Não sei. Ficas estranha — respondeu Agata, franzindo o sobrolho. — Tenho de me habituar.

— O Antonio já se foi embora?

— Há dez minutos.

Anna anuiu com a cabeça. Depois, voltou-se para a sobrinha.

— Lorenza, anda, despacha-te. A Giovanna já deve estar à nossa espera.

— Não vou — respondeu Lorenza num tom aborrecido.

— O que é que estás para aí a dizer?

— Não me interessa votar.

— Ela já não quer estudar, não quer votar, não quer trabalhar... — suspirou Agata.

— Lorenza, não digas disparates. É um dia importante, para ti também — repreendeu-a Anna.

— Para vocês, talvez, para mim, não.

— Não vou permitir que digas uma coisa dessas! — exclamou Anna. — Se não vieres, insultas-te primeiro a ti própria. Vai já vestir-te — ordenou-lhe, estendendo o braço.

Lorenza levantou-se da mesa a bufar.

— Já te deixei o fato bom preparado em cima da cama — gritou Agata atrás dela.

Desde a morte de Giacomo, Lorenza mergulhara num torpor que parecia não ter fim. Já não queria ir para a universidade.

— Sou maior de idade, agora decido eu — insistira ela. Antonio tentara fazê-la mudar de ideias, mas não servira de nada falar com ela, encorajá-la e mostrar-lhe o futuro que ela iria perder ao desistir de estudar.

— E os teus sonhos? O que lhes vai acontecer? — insistira ele.

— O sonho não era meu, era teu — respondera ela, áspera. — Se há uma coisa de que me apercebi é que a felicidade não se encontra nos livros.

— Estás enganada — respondera Antonio.

— Ah, estou? Então diz-me, tu que lêes tanto: és feliz? Olha que a mim parece-me que não.

— Estás zangada e estás a sofrer. Compreendo, a sério que compreendo — dissera, então, Antonio, com doçura. — Mas pensa nisso um pouco mais, por favor. Fico muito triste por te ver desistir do teu... do *nosso* sonho.

— Talvez estivesse demasiado ocupado para reparares — continuara Lorenza, hostil. — Eu tinha encontrado o meu próprio sonho. Com o Giacomo. Mas esta maldita guerra levou-o para longe de mim.

Lorenza olhou para as roupas em cima da cama, uma saia preta plissada e uma blusa de seda de um amarelo-pálido com um pequeno laço no decote. Soltou um suspiro e sentou-se na beira da cama. Era uma das roupas de festa, a mesma que teria usado no domingo em que se tornaria noiva de Giacomo e a sua vida feliz começaria. E agora? Quem ou o que era ela sem um homem que a amasse? De um pulo, levantou-se, abriu o roupeiro e tirou a primeira peça que lhe veio às mãos: uma roupa qualquer, do dia a dia, serviria perfeitamente.

instaladas as mesas de voto, e olhava em redor, ansiosa, agarrada à sua mala preta.

Para ela, pelo contrário, a guerra trouxera a única coisa que sempre desejara: em 1943, dom Giulio escapara da Emília e refugiara-se no Sul, embora não restasse ninguém da sua família de origem. O ar na sua região tornara-se sufocante: os guerrilheiros antifascistas tinham começado a tomar os padres de ponta, sobretudo na zona entre Bolonha, Modena e Régio da Emília, e muitos haviam sido mortos. Aparecera à porta de Giovanna vestido com um fato de leigo, com um saco puído ao ombro, o rosto esgotado, os olhos aterrorizados e a barba por fazer. «Ajuda-me», suplicara-lhe ele. «Deixa-me ficar aqui contigo.» Ela escancarara a porta de casa, e, durante algumas semanas, Giulio escondera-se lá. Ficara até encontrar uma vaga para pároco adjunto em Vernole, a aldeia de onde os pais eram originários, a cerca de quinze quilómetros de Lizzanello. Instalara-se numa pequena casa, a que lhe fora atribuída junto à igreja. E, no entanto, todas as tardes, depois da última missa, montava na bicicleta e percorria quilómetros ao longo das estradas discretas dos campos para chegar a Contrada La Pietra. Em algumas noites, voltava a montar na bicicleta e regressava a Vernole; noutras, quando se sentia demasiado cansado, pernoitava em casa de Giovanna, para partir antes do amanhecer. Embora nunca ninguém os tivesse visto juntos, os mexericos começaram a espalhar-se na aldeia. Giovanna apercebera-se disso através de alguns olhares que lhe lançavam quando ia visitar Anna ou fazer compras. «É mesmo desavergonhada», ouvira alguém murmurar. Mas ela não se importava.

Anna correu em direção à amiga, enquanto Agata se deteve a pouca distância, segurando Lorenza com força pelo braço.

— Olha, eu realmente não te entendo, *figghia* minha. Preparei-te aquele fato tão elegante... O que é que as pessoas vão pensar? Que não temos roupas boas? — Agata estava a ralar com ela, pela enésima vez desde que tinham saído.

— Estás contente? — perguntou Anna, correndo para abraçar Giovanna. — Hoje é um dia especial.

— Se tu estás contente, eu também estou contente — respondeu ela, mansa como sempre.

— Anda, vamos entrar! — exclamou Anna, fazendo um gesto amplo com o braço.

Dentro da cabina de voto, com o coração aos saltos, Anna tocou no boletim com a ponta dos dedos e, depois, lentamente, para que aquele momento durasse o máximo de tempo possível, desenhou uma cruz sobre o símbolo da República: uma cabeça de mulher com uma coroa munida de torres decorada com folhas de louro e de carvalho.

Depois, assim que saiu, ergueu os olhos para o céu, curvou os lábios num sorriso e inspirou. Que dia memorável! Recordá-lo-ia para sempre.

— Agora, todas para o bar. É por minha conta — disse, alegremente.

Giovanna aceitou o convite com entusiasmo e pegou nela pelo braço.

— Eu quero um bolo de amêndoa! — exclamou. E lá foram elas, seguidas por

Agata e Lorenza.

Na praça em frente ao Bar Castello, havia vários grupinhos: aqueles que protestavam contra os que queriam votar a favor da monarquia, os que se riam, os que fumavam, os que brindavam com um copo de vinho. Em redor, as crianças brincavam, correndo atrás de uma bola e fazendo uma algazarra. Não muito longe, à volta do banco, estavam alguns rapazes, entre os quais Roberto, com o cabelo penteado para trás e o colete abotoado por cima da camisa branca. Ao seu lado, uma jovem pequena, de traços delicados, fitava-o com olhos de adoração. De vez em quando, Roberto retribuía-lhe o olhar e sorria-lhe, envergonhado.

— Quem é aquela? — perguntou Anna.

— Aquela quem? — replicou Agata.

— A que está ao lado do Roberto.

— É a filha do Fernando — respondeu Lorenza. — A mais nova das três.

— E o que é que ela quer do meu filho?

— Deixa-o viver, caramba! — exclamou Agata. — Aos treze anos ele também começa a ter comichões. É normal.

— Mas quais comichões? — perguntou Anna, irritada. — Ele ainda é uma criança. A única coisa em que tem de pensar é em estudar. — *Mais tarde, em casa, vai levar uma bela descasca*, pensou, retomando a marcha.

De repente, por detrás delas, ouviu-se um grito:

— Lorenza!

Todas se voltaram e viram Daniele correr na sua direção, acenando com a mão.

Lorenza soltou-se do braço da mãe e dirigiu-se a ele.

— Que bom ver-te. Como estás? — perguntou ele, ligeiramente ofegante.

Lorenza encolheu os ombros.

— Mais ou menos. Uns dias melhores, outros piores.

— Peço sempre notícias tuas...

— Eu sei. O tio Carlo diz-me. Obrigada...

— Pareces mais magra desde a última vez que te vi.

Lorenza baixou os olhos.

— Achas? A mim, não me parece.

— Assim à vista, acho que me enganei nas medidas... — murmurou Daniele quase para si próprio.

— Medidas? De que medidas estás a falar? — perguntou Lorenza, intrigada.

Daniele corou.

— Do teu vestido.

— Que vestido?

— É... um presente.

— Para mim? Compraste-me um vestido? — perguntou ela, perplexa.

— Não propriamente... fui eu que o fiz. Embora ainda seja muito lento e demoro o tempo que demoro.

— Espera aí. Desde quando é que costuras? — perguntou Lorenza, cruzando

os braços em frente ao peito.

— Na verdade, gosto mais de desenhar roupas do que de fazê-las. Montei uma pequena sala de costura em casa, mas ninguém sabe. — E pôs o dedo à frente dos lábios, como que a pedir-lhe para guardar segredo.

— Bem... agora fiquei com curiosidade de o ver.

— Lorenza, despacha-te! — chamou-a Agata. — Estamos à tua espera.

— Já vou! — respondeu ela, virando-se para a mãe.

— Ouve, mas... — continuou Daniele. — Se eu te convidar novamente para irmos ao cinema, desta vez dizes que sim?

Lorenza sorriu.

— Eu digo que sim... desde que depois me mostres a tua pequena sala de costura. E o meu vestido, acima de tudo!

— Lorenza! — insistiu Agata.

— Tenho de ir — disse ela, visivelmente irritada.

— No próximo domingo? — perguntou-lhe com um ar esperançado.

— Está bem. No próximo domingo — respondeu Lorenza. — Encontramo-nos em frente ao Olimpia. — Depois estugou o passo e juntou-se às outras mulheres.

*

— Olhem, estão ali o pai e o tio Carlo! — exclamou Lorenza, apontando para eles. Depois do encontro com Daniele, o seu humor mudara radicalmente.

Carlo e Antonio estavam sentados à mesa, à porta do Bar Castello, com dois outros homens bem vestidos e de aspeto distinto.

— Oh, aqui estão as nossas lindas senhoras — cumprimentou-as Carlo. E deu uma passa no charuto.

Antonio levantou-se e foi imediatamente buscar mais cadeiras.

— Aqui estão — disse ele, dispondo-as à volta da mesa. Quando estendeu a cadeira a Anna, perguntou-lhe num sussurro: — Mas... o cabelo?

— Porquê? Não gostaste? — perguntou ela, um pouco ressentida.

— Eu não disse isso...

— Bem... — disse um dos dois homens, levantando-se. O outro imitou-o. — Vamos deixar-vos em família. Amanhã continuamos a conversa.

— Claro — disse Carlo, apertando a mão a ambos. Antonio, por seu turno, cumprimentou-os com um pequeno aceno de cabeça.

— Que conversa? — perguntou Anna. Carlo e Antonio entreolharam-se.

— Dizemos-lhes? — murmurou Carlo com um brilho nos olhos.

— Mais cedo ou mais tarde...

— O que é que têm para nos contar? — interveio Agata.

Carlo cerrou o charuto entre os dentes e depois abriu os braços.

— Olhem para mim! — exclamou ele.

— Estás a dizer-nos que és bonito? Mas isso já nós sabemos — respondeu Anna em tom de brincadeira.

Giovanna soltou um risinho e tapou a boca com uma mão.

— Obrigado, meu amor — disse Carlo, acariciando o rosto de Anna. — Não, olhem melhor para mim. Estão a olhar para o futuro candidato a presidente da Câmara de Lizzanello.

— A sério? — Anna ficou estupefacta.

— A sério.

— E de onde te veio essa ideia?

— Propuseram-me — respondeu, acenando com a cabeça para os dois homens que se tinham afastado. — Dizem que tenho capacidade para isso. Amanhã, vão levar-me a conhecer o secretário provincial e falaremos de tudo como deve ser.

— Bem, desde que começaste a trabalhar com os americanos, tornaste-te uma pessoa importante, alguém que consegue votos — ironizou Agata.

— Desculpa lá, o secretário provincial de que partido? — perguntou Anna.

— Da Democracia Cristã.

Ela ensombrou-se de imediato. Lorenza não pôde deixar de seguir o olhar do pai, que olhava para a tia com olhos que tacitamente perguntavam: «Porque é que ficaste triste? Estás bem?»

— É realmente uma boa notícia — comentou Agata, olhando de lado para a cunhada.

— Se é! — gabou-se Carlo. — E agora vou buscar vinho para todas estas belas senhoras — gritou, fazendo girar o dedo.

— Vou contigo — ofereceu-se Antonio, arrastando a cadeira para trás. — Ajudo-te a trazer os copos.

— Tragam também bolinhos de amêndoa — pediu Giovanna.

Carlo afastou a cortina de cordas e, ao balcão, viu Carmela na companhia do marido. A sua alegria desvaneceu-se num segundo.

— Nando! Uma garrafa de *Donna Anna* e seis copos, por favor — interveio Antonio.

— Estás a festejar? — perguntou Carmela, olhando Carlo nos olhos.

— Hoje brindamos às nossas mulheres — respondeu Antonio, para livrar o irmão da situação.

Nicola murmurou que era justo, que aquele dia era de festa para todas elas e que devia, sem dúvida, ser celebrado.

— Como está o dom Ciccio? — perguntou então Carlo.

Carmela encolheu os ombros.

— Como tem estado. Já não sai da cama. Diz que sente facadas, nas costas.

— Lamento... Dá-lhe os meus cumprimentos, por favor.

— Os teus cumprimentos agradam-lhe sempre — disse ela.

Carlo anuiu com a cabeça e tamborilou com os dedos no balcão.

Nicola olhou para o relógio e disse que ele e a sua senhora tinham mesmo de

ir.

— Desejo-vos um bom dia — acrescentou e, levantando o chapéu, dirigiu-se para a saída.

Carmela seguiu-o com um passo indolente. Porém, ao passar por Carlo, roçou-lhe o braço com o ombro.

*

Na tarde do domingo seguinte, Lorenza chegou atrasada ao Olimpia e viu que Daniele estava à sua espera. Estava encostado à parede, e a luz do sol iluminava-lhe o rosto: tinha o boné inclinado para o lado, uma camisa de xadrez, e as calças escuras estavam presas por um par de suspensórios. Por um momento, Lorenza ficou sem fôlego; Giacomo também usava sempre um boné e suspensórios. E tinha a mesma camisa de xadrez...

Olhou de relance para o cartaz do próximo em exibição: *Vítimas da Tormenta*, de Vittorio De Sica, e depois juntou-se a Daniele.

— Desculpa. Estás à espera há muito tempo? — perguntou, esboçando um sorriso.

Ele desencostou-se imediatamente da parede.

— Não, nada disso, não te preocupes — respondeu.

Entraram e puseram-se na fila para a bilheteira.

— É sobre o quê? O filme, quero dizer — perguntou Lorenza.

— Não sei muito sobre ele. Li qualquer coisa no jornal: fala de dois miúdos que engraxam sapatos em Roma.

Lorenza torceu o nariz e pensou que teria preferido, de longe, uma boa história de amor.

— Sabes, estou entusiasmado com a ideia de ires ver o vestido mais tarde — disse Daniele de repente.

— Ainda me parece estranho — retorquiu ela.

— O quê? — perguntou ele, sacando do porta-moedas.

— O facto de desenhares roupas... O Giacomo não me disse...

— Porque nem ele sabia — explicou Daniele com um sorriso vago. — Sempre foi uma coisa minha. Se a minha mãe soubesse... — acrescentou, fazendo um esgar. Depois, virou-se para o funcionário da bilheteira. — Dois, por favor.

— Porquê? — perguntou Lorenza.

Ele encolheu os ombros e recolheu os bilhetes.

— Na opinião dela, não é uma coisa para homens... — respondeu, dirigindo-se para a sala.

— Mas que disparate — disse ela, indignada. — Foi por isso que não disseste nada, nem sequer ao Giacomo?

— Não sei. Talvez... — respondeu Daniele. Depois, afastou a cortina vermelha e deixou Lorenza entrar primeiro.

Algumas horas depois, Lorenza estava sentada no pequeno sofá em casa de Daniele, olhando em redor.

— É acolhedora, mas... — disse ela, virando-se para o quarto ao lado, onde Daniele fora buscar o vestido ao roupeiro.

— Eu também acho — respondeu Daniele. E, num instante, regressou à cozinha, trazendo uma cruzeta onde estava pendurado um vestido azul com aplicações amarelas, com uma saia larga, sem mangas e com as costuras ainda visíveis.

— Faltam as mangas, a saia tem de ser um bocadinho encurtada, tem de chegar ao joelho... E depois quero pôr uns botões abaulados, aqui, no corpete, e um cinto na cintura — apressou-se a explicar.

Lorenza esboçou-lhe um sorriso terno.

— Mas, para o acabar, tenho de ter as medidas certas... — acrescentou.

— Então, vou experimentá-lo agora — disse Lorenza, pondo-se de pé. E tirou-lhe a cruzeta das mãos.

— Vai para o quarto — disse Daniele, apontando para a divisão com um aceno de cabeça.

Lorenza passou pela porta e encostou-a, mas não a fechou completamente.

Daniele afastou uma cadeira da mesa e sentou-se para esperar, com os cotovelos nos joelhos e batucando com um pé.

— Está tudo bem? — perguntou-lhe passado nem sequer um minuto.

— Sim, sim — respondeu ela. — Estou a despir-me.

Daniele anuiu com a cabeça. Depois, inclinou o tronco lentamente para trás até conseguir divisar Lorenza pela fresta da porta: vislumbrou a linha sinuosa das ancas e a curva redonda dos seios, sobre os quais repousavam os seus compridos e lisos cabelos acobreados.

Sentiu uma súbita agitação na barriga e um desejo instintivo de a possuir. Levantou-se de repente da cadeira e encheu um copo de água. Bebeu de um só gole e serviu-se de mais, engolindo rapidamente, como se procurasse uma forma de se extinguir.

— Talvez esteja um pouco grande, tinhas razão — disse Lorenza, abrindo novamente a porta com o vestido posto.

Daniele engoliu em seco e, com as faces coradas, respondeu que sim, que era verdade, que tinha pelo menos um tamanho a mais.

— Mas aperto-o já — concluiu.

Novembro de 1946

— Votem em Carlo Greco nas eleições autárquicas! Escolham a Democracia Cristã! — troava a voz do altifalante do *Fiat Topolino* que percorria a aldeia sem parar.

Montada na sua *Bianchi* e com a mala postal pendurada à tiracolo, Anna acabava por se cruzar com ele em cada rua, como se os dois homens a bordo a estivessem seguir. Não conseguia escapar àquela cantilena, nem mesmo optando pelas vielas laterais; de facto, parecia-lhe que nessas a voz, fazendo ricochete nas paredes das casas, era ainda mais retumbante e obsessiva.

Nessas paredes, além disso, já não se podiam contar os cartazes eleitorais em que o nome do marido se destacava sobre o símbolo da cruz da Democracia Cristã. COM ESTE VOTO ASSEGURE O SEU BEM-ESTAR, diziam eles. Ou: PARA A ADMINISTRAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL VOTE EM PESSOAS HONESTAS E COMPETENTES. VOTE NA DEMOCRACIA CRISTÃ. E, como se isso não bastasse, quando parava para entregar a correspondência, havia sempre alguém que dizia «Felicidades para o seu marido, Senhora Carteira», «Diga ao Carlo que vou votar nele, não se esqueça», «Ele vai ganhar, tenho a certeza». E assim por diante. Anna esforçava-se por sorrir e agradecer, embora tivesse gostado de partir o altifalante aos pedacinhos e de rasgar os cartazes um a um. *Tinha mesmo de se candidatar com a Democracia Cristã*, que raio, pensava ela, cada vez mais irritada.

— Eu não meto a cruz em cima da cruz — foi a sua reação quando Carlo, entusiasmado como uma criança, trouxe para casa um molho de folhetos eleitorais acabados de imprimir.

— De que estás a falar? — respondeu, no tom de quem suspeita de uma piada.

— Olha que estou a falar a sério.

— Não dás o voto ao teu marido por uma estúpida questão de princípio?

— Não é só uma *questão de princípio* — desabafara ela. — Nem morta dou o meu voto aos católicos.

— É a mim que tens de dar o voto, não aos católicos!

— Se queres o meu voto, então, muda de partido.

— Tem noção do que está a dizer? E em quem é que vais votar, diz-me lá!

— No Partido Comunista! Sabes quantas mulheres da União das Mulheres Italianas são comunistas? Eu também sou!

— E quando é que te tornaste comunista, que eu não dei por isso? À noite, enquanto eu estava a dormir? — perguntara Carlo.

— Os comunistas preocupam-se com os direitos das mulheres!

— Achas que não me preocupo com os vossos direitos? Estás a falar a sério?

— Já que dizes «vossos» com esse tom, então...

— Desculpa lá se não sou uma mulher. Tenho muita pena de ter dito «vossos» — retorquiu, sarcástico, levantando as mãos.

— Eu também tenho muita pena, Carlo. Mas não vou mudar de ideias. Nunca.

— Então não me vais apoiar, já decidiste.

— Não farei nada para te prejudicar. Mas esquece o meu voto.

— E tu, esquece o que é dormir com um marido — retorquira ele, furioso, saindo do quarto. E, a partir dessa noite, passara a dormir no sofá da sala.

Até Roberto, que sempre se mantivera longe das discussões deles, saltara em defesa do pai dessa vez.

— Mas parece-te normal não votares no pai?

— «Normal»... Como vocês gostam de usar essa palavra.

— E a ti, *maman*? Que mal é que a normalidade te fez?

— Já agora, diz-me cá, és tu quem decide o que é normal? — encurralara-o Anna, com as mãos nas ancas.

— Podia fazer-te a mesma pergunta — respondera Roberto, pondo também as mãos nas ancas para a imitar.

Antonio e Agata, pelo contrário, esforçaram-se por apoiar a campanha eleitoral de Carlo, especialmente nas últimas semanas antes da votação: ele acompanhava o irmão de casa em casa, participava nas reuniões do partido e distribuía panfletos; ela visitava as amigas do terço e as vizinhas para se certificar de que votariam «da forma certa».

Até na estação dos correios já só se falava disso. Segundo as previsões, Carlo ganharia de longe. «Infelizmente!», comentava Carmine. «Fica sabendo que vou dar o meu voto aos socialistas, não ao teu marido!», acrescentava, apontando o dedo a Anna, que se via obrigada a morder a língua, apesar de ter muita vontade de concordar com ele. Elena, pelo contrário, declarara-se desde o início uma apoiante entusiástica de Carlo. Dizia a Anna que, além disso, até o novo pároco, dom Luciano, antes de cada *Ite missa est*, recordava aos fiéis que só quem era democrático e cristão podia defender a liberdade e o futuro dos seus filhos. E, inevitavelmente, concluía: «Vais tornar-te a mulher do presidente da Câmara, já viste?»

Só o grande anúncio de Chiara conseguiu desviar as atenções do assunto durante algum tempo. Certa manhã, chegou com um tabuleiro de bolinhos que parecia maior do que ela e, com algum embaraço, anunciou que ficara noiva do seu médico e que o casamento estava marcado para a primavera seguinte. Por isso —

acrescentou —, ficaria com eles durante mais algumas semanas, até ao Natal, e depois entregaria a sua demissão.

Elena, Carmine e Tommaso foram felicitá-la de imediato, enquanto Anna lhe lançava um olhar duvidoso sem se mexer.

— Porque é que teres um marido tem de te impedir de continuares a trabalhar? — perguntou-lhe ela de chofre, fazendo que o silêncio se abatesse sobre a estação.

Tímida como sempre, Chiara baixou o olhar. Mas depois, ajustando os óculos no nariz, respondeu com uma voz suave, mas firme.

— Sabes, para mim, não é de todo um sacrifício deixar de trabalhar. Quero ser uma boa esposa, e isso é uma coisa exigente, que consome muito tempo... Sou feliz assim, não te preocupes comigo — concluiu com um sorriso.

— Olha que eu, no lugar dela, teria feito a mesma coisa — interveio Elena, trincando um bolinho. — O que é que achas? Se eu tivesse tido um homem para tomar conta de mim, sabes quanto tempo teria demorado a sair daqui?

Anna olhou fixamente para as duas mulheres e estava para responder quando um pensamento lhe passou pela cabeça: se Chiara se ia embora, seria necessária uma nova telegrafista. E quem melhor do que Lorenza? Poderia ser uma forma de lhe dar um abanão, de fazê-la sair do torpor em que havia mergulhado. Sim, iria propor isso nesse mesmo dia. E Antonio ficaria certamente agradecido, pensou ela, satisfeita por ter tido essa ideia.

*

— Podes falar com ela, por favor? Podes meter-lhe juízo naquela cabeça? — disse Carlo, passarinhando nervosamente no gabinete de Antonio.

— Sabes como é a Anna... Não dá ouvidos a ninguém — respondeu o irmão, sentado na sua poltrona.

— A ti, dá. A ti, ela ouve sempre. Juro que desta vez não vou deixar passar.

— Mas, quanto mais insistires, pior é. Parece que não a conheces.

— Aceitarias uma coisa destas? — perguntou-lhe Carlo, exasperado. Mas respondeu logo no instante seguinte: — Não, é claro que não aceitavas!

— Não sei, Carletto — suspirou Antonio. — Afinal de contas, que diferença faz? Tens os votos de toda a aldeia. Não será o da Anna a fazer a diferença.

— Não é isso que está em causa — explodiu o irmão, pondo as duas mãos na secretária. — Ela é a minha mulher. O voto dela conta mais do que todos os outros.

— Mas, se ela não quer votar na Democracia Cristã, não a podes obrigar.

— Antó, mas estás do meu lado ou do lado dela? — perguntou Carlo, irritado.

— Não estou do lado de ninguém.

— Imaginem só, e eu que pensava que o meu irmão estaria do meu lado.

— Mas, sim, Carletto. Claro que sim.

— Então fala com ela. Vais ajudar-me ou não?

— Está bem, está bem. Vou tentar — rendeu-se Antonio, levantando as mãos, mas pensando: *Porque é que eu nunca digo: «Hum... não, desta vez deixa-me em paz, resolve tu.» Porquê?*

Assim, no dia seguinte, postou-se à porta da estação dos correios à hora a que Anna acabava o seu turno.

— Antonio, o que estás aqui a fazer? — perguntou ela, surpreendida, quando o viu.

— Passei aqui perto e queria dizer olá.

— Olha, fizeste bem — respondeu Anna e agarrou o guiador da *Bianchi*, encostada à parede.

— Fazemos o caminho juntos até casa?

— Mas aconteceu alguma coisa? — perguntou, desconfiada.

— Não, o que havia de ter acontecido? Já te disse, estava por aqui e decidi esperar por ti.

Anna observou-o atentamente. Depois, pôs-se a caminho, levando a bicicleta ao seu lado.

Ele estugou o passo para acompanhá-la e atravessaram a praça quase vazia, pois era hora de almoço e as pessoas tinham ido a casa comer. Continuou a segui-la quando ela virou na rua à esquerda, passando pela loja de Michele, já fechada. Reviu mentalmente o discurso que tinha preparado: como começar, as palavras que escolhera para tentar convencê-la sem irritá-la demasiado, as respostas às suas objeções.

Exasperada com aquele silêncio prolongado, Anna deteve-se e agarrou-lhe o braço. Depois, olhando-o diretamente nos olhos, perguntou de repente:

— Força. Diz lá o que tens para me dizer.

Antonio desabafou:

— É por causa do Carlo.

— Eu sabia!

— Ele não consegue aceitar.

— Sim, já tinha reparado! — exclamou ela, e retomou o seu caminho, com as rodas da bicicleta a derraparem nas pedras da calçada.

— Não te zangues, espera — pediu ele, indo atrás dela. — Anda cá, sentamo-nos aqui um bocadinho, por favor — acrescentou, pegando-lhe na mão.

Anna parou, corou e olhou para a mão de Antonio, que apertava a sua.

— Pronto, vamos para ali — propôs ele, largando-lhe a mão e apontando para o degrau de pedra de uma casa que parecia desabitada, num beco muito estreito.

Anna encostou a bicicleta à parede e sentou-se.

— Então? — incitou-o, cruzando os braços.

Antonio sentou-se no degrau.

— Então... — Respirou fundo. — Lembras-te de como te sentiste quando decidiste ser carteira e o Carlo estava sempre a implicar contigo?

— Eu não ando a implicar com ele — interrompeu-o ela, irritada.

— Cala-te um bocadinho — disse ele, tapando-lhe a boca com uma mão.

Aquele gesto fez que os olhos de Anna ficassem esbugalhados, mas não se mexeu.

— Aquilo que quero dizer — prosseguiu Antonio — é que sabes muito bem como é quando as pessoas que te são próximas não estão do teu lado.

Com delicadeza, ela afastou a mão dele da sua boca.

— Sim, mas não o estou a impedir de fazer nada — reiterou.

— Eu sei, Anna — assegurou-lhe ele, suavizando a voz. — Mas ele não se sente bem com a situação. Para ele, o teu apoio é mais importante do que qualquer outra coisa. Sem esse apoio, ele não consegue.

Ela baixou o olhar.

— E o que devo fazer? Ir contra os meus princípios?

— Sim. Por uma vez, sim.

— Mas isso não é nada justo! — exclamou ela, ressentida. — Tenho de fingir ser o que não sou? É como estar enjaulada, fazes ideia do que isso é?

Antonio levantou-se de repente. Enfiou as mãos nos bolsos das calças e chutou uma pedra para longe.

Depois de um longo silêncio, Anna voltou a olhar para ele.

— Desculpa. Tenho muita pena... — disse ela.

— Tens pena de quê? — perguntou ele, com uma voz dura.

Anna pôs-se de pé e aproximou-se dele. Pôs-lhe uma mão na face e olhou-o intensamente. Antonio fechou os olhos, encostou o peso da sua face à palma da mão dela, levantando depois uma mão e fechando-a sobre a de Anna.

Quando voltou a abrir os olhos, os seus olhares voltaram a cruzar-se. Entreolharam-se em silêncio durante muito tempo. Depois, Anna retirou a mão, montou na bicicleta e foi-se embora, pedalando depressa. Antonio observou-a, com um ar perturbado, até vê-la virar à direita na rua Paladini. Só então se mexeu também.

Nessa noite, enquanto Lorenza punha a mesa e Agata provava a sopa de feijão para ver se já estava pronta, levando aos lábios uma colher de pau cheia de caldo fumegante, Antonio fechou a porta do lagar e dirigiu-se rapidamente para o cinema Olimpia. Chegou ofegante e entrou sem sequer olhar para o filme que estava em cartaz.

— Já está a dar há algum tempo — avisou-o o rapaz da bilheteira.

— Não faz mal — respondeu Antonio, entregando-lhe as moedas. Entrou na sala escura, enquanto, no grande ecrã, Anna Magnani tirava os ganchos do cabelo, belíssima numa camisa de noite debruada com pele. Sentou-se na última fila, a dois lugares de Melina, uma viúva de guerra com um corpo esguio, quase infantil, sobranceiras grossas e caracóis escuríssimos. Tendo ficado sozinha e sem um tostão, andava agora «na vida». Toda a gente na aldeia sabia que bastava sentar-se na fila de trás.

Melina virou-se para Antonio e depois, movendo a cabeça lentamente, acenou afirmativamente.

*

Centenas de garrafas estavam prestes a ser envasilhadas com a colheita de 1946 do *Donna Anna*. Também nesse ano, uma parte da produção acabaria nos Estados Unidos: de facto, o laço que fora forjado entre Lizzanello e a América no outono de 1943 não havia sido quebrado. Para essas garrafas, Carlo decidira mandar imprimir os rótulos em inglês — uma coisa inédita naquelas paragens — e ia a caminho de Lecce, para os ir buscar à tipografia, quando Roberto o deteve.

— Pai, posso ir contigo? Já acabei os trabalhos de casa, estou aborrecido — disse-lhe ele, com a cabeça no tapete e as pernas apoiadas no sofá.

— Porque não?! — exclamou Carlo. — Entra no carro, vamos.

A estrada para Lecce era delimitada de ambos os lados por muros de pedra baixos, para lá dos quais se estendiam campos de oliveiras e de árvores de fruto, salpicados pelas típicas *pagghiare* piramidais, onde os agricultores guardavam as suas ferramentas, e pelas quintas. Nesse dia, o céu estava limpo, e o cheiro pungente da chicória selvagem que crescia ao longo dos muros baixos enchia o habitáculo do automóvel.

Carlo conduziu até à porta San Biagio, uma das antigas entradas da cidade, e estacionou na praça em frente, debaixo dos dois pares de colunas barrocas com que a porta era adornada, sobre as quais se encontravam duas lobas de pedra e o brasão do rei Fernando IV de Nápoles.

Avançando pelas pedras da calçada, passaram a porta e continuam até à tipografia, que se situava num beco à esquerda da igreja de São Mateus.

— É estranha esta igreja — observou Roberto com o nariz empinado. — Estás a ver, papá? Em baixo é convexa e em cima é côncava — explicou, apontando para ela.

Carlo deteve-se por alguns instantes e olhou para cima.

— Sim. É esquisita. A tua mãe ia gostar — comentou, num tom ligeiramente sarcástico. E começou a andar, enquanto Roberto seguia atrás, virando-se de vez em quando para olhar outra vez para a igreja.

Carlo deteve-se em frente ao letreiro da TIPOGRAFIA DO COMÉRCIO e entrou. A pequena oficina, com o seu teto abobadado, cheirava a tinta e, nas paredes, estavam afixados grandes cartazes das óperas que tinham sido representadas no Teatro Politeama. Recolheu os rótulos, embrulhados em papel pardo, e enfiou-os debaixo do braço.

— Anda, vamos comer um *pasticciotto*²¹ no Caffè Alvino, na praça Sant'Oronzo. É o melhor da cidade — disse, então, ao filho.

Assim, puseram-se a caminho, com Carlo apoiando uma mão no ombro do filho. Passados nem cem metros chegaram ao café, que, tal como os outros

estabelecimentos, dava para o empedrado da praça, no centro da qual se encontrava uma coluna alta com a estátua do santo. Sentam-se numa das mesinhas da esplanada, em frente ao anfiteatro romano, cujos restos tinham sido trazidos a lume poucos anos antes, em 1940. Por detrás do anfiteatro, erguia-se um imponente edifício no qual sobressaía a inscrição INSTITUTO NACIONAL DE SEGUROS: tinha sido o próprio Mussolini a inaugurá-lo nos anos vinte.

— Já daquele edifício grande, a mamã não ia gostar nada — comentou Roberto. Mas Carlo não respondeu.

Pediram dois *pasticciotti*, um café para Carlo e uma sidra para Roberto.

— Quando é que pensam fazer as pazes, tu e a mamã? — perguntou Roberto, trincando o *pasticciotto* e sujando os lábios com creme de limão.

Com as costas apoiadas no encosto rígido da cadeira de metal, Carlo acendeu o charuto e inalou a primeira bafurada.

— Ah, era por isso que não paravas de falar nela. Bem, seguramente não depende de mim — respondeu ele. — Mas não te preocupes, isto não tem nada que ver contigo.

— Tem que ver comigo, claro que tem, porque vivo em casa convosco — retorquiu Roberto. — Já não aguento mais ver-vos amuados. Não podiam resolver isto como adultos, para variar? — E limpou os lábios com um guardanapo.

Carlo fitou-o com um ar divertido e pensou que Anna o tinha educado igualzinho ela, sem papas na língua, a rasar a insolência. No espaço de um ano, crescera de forma surpreendente, como se tivesse esperado pelo fim da guerra para decidir crescer: estava quase da sua altura, e a voz de criança, com as suas notas agudas, desaparecera sabia-se lá para onde.

— Faremos o possível para te agradar — disse Carlo, sorrindo.

Voltaram para o carro para regressar à aldeia, mas, quando Carlo apanhou a estrada para casa, Roberto disse:

— Não, deixa estar, eu vou contigo para a adega.

— Mas se nunca queres ir porque dizes que te aborreces lá — protestou Carlo.

— Está bem; se me aborrecer, digo-te, e podes levar-me a casa — disse Roberto, soltando uma gargalhada.

Chegaram, saíram do carro e, com uma resma de rótulos debaixo do braço, Carlo entrou pela porta da adega e cumprimentou calorosamente os trabalhadores.

Roberto seguia-o, um pouco surpreendido com todo aquele rebuliço.

— Esta máquina não esteve lá uma única vez — disse a certa altura, apontando para o arrolhador.

— Sim, tens razão... — confirmou Carlo. — Anda, vou mostrar-te de perto.

— Entregou os rótulos a um moço de recados que por ali passava e aproximou-se da máquina.

Nesse momento, Daniele subiu, vindo da cave, com o boné na cabeça e um lápis atrás da orelha.

— Bom dia, senhor Carlo — disse ele.

Carlo virou-se e, de repente, sentiu as pernas fraquejar: era a primeira vez que se encontrava na mesma sala com os filhos. Sem dúvida, já se tinham visto antes, na igreja ou na praça, mas não tinham sido colegas de escola nem nunca haviam brincado juntos, dado que Daniele tinha quase vinte e dois anos e Roberto treze. E tinha a certeza de que nunca se tinham dirigido a palavra: não podia jurá-lo, mas sentia-o instintivamente. E agora estavam prestes a fazê-lo. Como dois perfeitos estranhos que se encontram.

— Ah, este é o Daniele Carlà, o nosso mestre da adega — disse ele a Roberto.

Daniele sorriu e aproximou-se, estendendo a mão.

— Olá.

— Olá, eu sou o Roberto...

— Pois, este é o Roberto, o meu filho — interrompeu-o Carlo, precipitadamente.

Os dois rapazes pareceram não se aperceber de nada.

— Sabes como é que isto funciona? — Roberto perguntou então a Daniele, apontando o dedo para o arrolhador.

— Sim, claro. Queres que te mostre?

Carlo cruzou os braços em frente ao peito e, com o coração a bater descompassado, ficou a observar os seus rapazes. Daniele pegou numa das muitas garrafas vazias que estavam alinhadas ali perto, prontas para serem levadas para a cave, e posicionou-a na base do arrolhador.

— Estás a ver? — explicou, enquanto Roberto o olhava com atenção. — Aqui insere-se a rolha de cortiça e, com esta alavanca, empurra-se a rolha para dentro da garrafa, retirando o ar.

— Não me parece difícil. Posso tentar?

— Sim... — acedeu Daniele. — Mas cuidado para não te magoares, eu ajudo-te. — Pôs suavemente os braços em cima dos de Roberto e guiou as suas mãos no arrolhador até a rolha de cortiça entrar diretamente no gargalo da garrafa. — Vês? Estiveste muito bem! — exclamou ele.

Roberto ergueu o olhar e sorriu-lhe, satisfeito.

Já tinham entrado no 1100 quando Carlo disse a Roberto que tinha de voltar lá dentro porque se esquecera de uma coisa. Certificou-se de que não havia nenhum trabalhador por perto e tirou da máquina de arrolhar a garrafa vazia e sem rótulo que os filhos tinham acabado de fechar juntos. Depois, levou-a para o seu gabinete, escondeu-a na gaveta de baixo da secretária e voltou para o carro.

*

O comício que encerrava a campanha eleitoral realizou-se dois dias antes das eleições, no dia 22 de novembro. No centro da praça Castello, foi montado um pequeno palco, sobre o qual uma bandeira com o símbolo da DC esvoaçava com as rajadas da nortada.

Mais alguns minutos, e Carlo Greco chegaria, anunciou um homem com um comprido sobretudo preto aberto sobre a sua ampla barriga e o seu cabelo esparso despenteado pelo vento.

Anna olhou em redor, perguntando-se porque é que Antonio e Agata ainda não tinham chegado. Ao seu lado, encontrava-se Roberto, de braços cruzados, olhos fixos no palco vazio.

— Se calhar já cá estão, mas não nos veem — especulou Anna, continuando a perscrutar a praça cheia de gente. Não muito longe, avistou Chiara, agarrada ao braço do noivo, que era alguns centímetros mais alto do que ela. Viu também Elena, perto do Bar Castello, que tagarelava, rindo, ao ouvido da irmã. — Onde raio é que eles se enfiaram? — suspirou.

— Se quiseres, vou à procura deles — disse Roberto.

— Olha, sim, vai lá ver.

Enquanto o filho se afastava, Anna reparou em Carmela, que estava a abrir caminho para se instalar mesmo por baixo do palco. Atrás dela estavam o marido, Nicola, e o filho. Trazia uma estola de pele, posta com uma desenvoltura estudada por cima do ombro direito de um vestido justo de lã vermelha com mangas a três quartos e uma saia pelo joelho, um chapelinho com uma aba curta feito do mesmo tecido e batom *en pendant*. *Parece que vai a uma recepção, não a um comício*, pensou Anna. A mulher olhou para ela, esboçou um cumprimento levantando o queixo, e Anna retribuiu, cumprindo o seu dever, e depois desviou o olhar para o palco. Talvez Carlo tivesse acabado por optar pela risca de giz. Ela deixara-o a olhar para dois fatos em cima da cama, um às riscas e outro cinzento-ferro. Estava tenso; notava-se pela forma como não parava de pentear o cabelo e pelo facto de estar a olhar para aqueles dois fatos como se a sua vida dependesse dessa escolha.

— Veste o das riscas — sugerira Anna, com o único objetivo de o tirar daquele impasse.

— Achas que é melhor?

— Claro que é. De qualquer forma, só aquilo que tu dizes é que conta, não é verdade?

— Tens razão — admitiu. — Estou a preocupar-me demasiado.

— Sim. Vou andando, encontramo-nos lá. — Ela vestira o casaco e estava prestes a sair do quarto quando ele a impediu, agarrando-a pelo pulso.

— Ei, espera um bocadinho — murmurara.

— O que foi?

— Queria agradecer-te mais uma vez por teres mudado de ideias. Sei o que significa para ti, estou-te muito grato e...

— *Maman*, encontrei-os! — A voz de Roberto arrancou-a dessa recordação.

Antonio e Agata estavam a aproximar-se. Vinham de braço dado, ou melhor, era ela quem apertava com ambas as mãos o braço do marido. A elegância de Agata surpreendeu-a sobremaneira: Anna já estava habituada a vê-la sem um único toque de maquilhagem, com o cabelo penteado às três pancadas e vestidos

floridos de andar por casa. Naquele dia, porém, usava batom cor de malva, um penteado elaborado composto por vários ganchos e, no sobretudo castanho, tinha até um alfinete banhado a ouro que representava um caule frondoso com uma flor aberta. Lorenza juntou-se a eles logo em seguida, olhando em redor como se estivesse à procura de alguém. Trazia um vestido azul e amarelo de mangas compridas, apertado na cintura por um cinto que separava o corpete abotoado de uma saia larga, pelo joelho.

— Como estás bonita, *ma petite* — cumprimentou-a Anna com um sorriso. — Vestido novo?

— Não, foi uma amiga minha, a Cecília, que mo deu. Já não lhe serve desde que teve o bebé.

— Qual Cecília? — perguntou Anna, com um ar desconcertado.

— Sim, é uma antiga colega da escola, aquela que vive em Lecce — respondeu Agata. — Mas, lá que é bonito, é! Só que assim ainda te constipas! Eu disse-te para te agasalhares, com este vento — resmungou Agata, apertando o casaco.

— Não tenho frio — protestou Lorenza.

Pelos vistos, devo ser a única que não está vestida para a ocasião, pensou Anna, baixando o olhar para o seu vestido de lã verde muito simples.

— Como está o Carlo? — perguntou Antonio, evitando olhar Anna nos olhos.

— Um bocadinho nervoso, mas é compreensível — respondeu ela.

— Vai fazer um figuraço — disse Agata. — Vejam bem quantas pessoas vieram ouvi-lo — acrescentou, satisfeita.

— Lá está ele! — disse Lorenza de repente, radiante.

O grupinho virou-se imediatamente para o palco, que ainda estava vazio. Lorenza separou-se deles e foi ter com Daniele, que, por seu turno, a viu e correu para ela.

— Acabaste por vesti-lo. Fica-te muito bem! — disse ele, agarrando-lhe nas mãos.

— Adoro-o, literalmente — respondeu Lorenza.

— É bonito porque és tu que o estás a usar — disse-lhe ele com doçura. — Vou fazer-te outros! Todos os que quiseses!

— Acho que vou precisar deles... De roupas de escritório, na verdade. Vou começar um curso de telegrafia na próxima semana.

Daniele fitou-a, com espanto.

— De... telegrafia?

— A Chiara vai casar-se, e a tia Anna perguntou-me se eu gostaria de a substituir, por isso... Vou experimentar — explicou, e encolheu os ombros com um sorriso.

— Bem, é uma boa notícia, não é? — perguntou ele.

Agata, que estava a observar toda a cena de longe, curvou os lábios num sorriso.

— Mas aquele é o rapaz que trabalha com o pai — disse Roberto. — É o

Daniele, o mestre da adega.

— Conhece-lo? — perguntou Anna.

— Conheci-o há uns dias na adega. Foi simpático.

— Ele é bom rapaz. Toda a gente diz isso, não é, Antó? — perguntou Agata.

Também Antonio mantinha os olhos cravados em Lorenza e Daniele. Mas não sorria, de todo.

— Antó? — chamou-o Agata. — Estás a ouvir-me?

— Sim... — murmurou, distraidamente.

— Ficaria muito satisfeita se ele e a Lorenza... enfim, vocês perceberam-me — continuou Agata, com uma expressão maliciosa.

— Não digas disparates, por favor — respondeu Antonio.

Agata ficou atónita.

— E o que é que eu disse de mal?

Anna lançou um olhar intrigado a Antonio. *Não é habitual falar naquele tom... O que é que lhe deu?*, pensou.

Nesse momento, ouviu-se um clamor de aplausos na praça. Carlo estava a subir para o palco com o seu fato às riscas de giz. Cumprimentou a praça agitando os braços e depois aproximou-se do microfone.

— Caros amigos e concidadãos, estou feliz por vos ver assim tão numerosos...

— começou ele, com a voz embargada pela emoção.

*

Na manhã de 24 de novembro, na cabina de voto, Anna pegou no seu lápis e ficou durante muito tempo a olhar para o boletim.

Depois, desenhou uma cruz no símbolo do Partido Comunista.

Ninguém saberia, a não ser ela própria. E nada mais importava.

Nessa noite, Carlo voltou a dormir ao lado dela.

21 Doce típico de Lecce, feito com massa folhada e recheado com creme de pasteleiro. (NT)

Abril de 1947

Na mesa de trabalho da sala de costura, a revista *Oggi* estava aberta num artigo sobre as irmãs Fontana. Com os óculos empoleirados no nariz, batom nos lábios e o cabelo espesso preso num coque, Carmela encontrava-se debruçada sobre a página, a ler, absorta. Havia uma fotografia do palacete romano de três andares para onde as irmãs tinham transferido a sua casa de alta-costura. Que sonho seria, pensou ela, ter um verdadeiro ateliê, espaçoso, e não aquela sala húmida com poucos metros quadrados onde era obrigada a trabalhar e que tivera de montar no estábulo adjacente à casa.

Duas batidas na porta, ligeiras e seguidas, arrancaram-na subitamente do seu devaneio.

— Estou a ir! — exclamou ela, e voltou a fechar a revista, bufando.

Escancarou a porta, mas o «bom dia» que estava prestes a dizer morreu-lhe na garganta.

À sua frente, encontravam-se Anna e Giovanna.

— Olá, Carmela. Podemos entrar? — perguntou Anna num tom afável.

Recorrendo a toda a sua calma, Carmela conseguiu murmurar:

— *Trasìti*22.

Depois, quando as duas mulheres entraram, apontou para as duas poltronas pequenas.

— Sentem-se. O que posso fazer por vós? — perguntou, apoiando-se na mesa atrás de si com as duas mãos.

— Gostaríamos que nos fizesses umas calças — explicou Anna.

— Como aquelas da atriz — interveio Giovanna.

— Qual atriz? — perguntou Carmela.

— A Katharine Hepburn — respondeu Anna. — Conhece-la?

— É claro que conheço! — exclamou Carmela, um pouco ressentida.

— Então, queremos as calças dela.

Carmela comprimiu os lábios e reduziu os olhos a duas fendas.

— Esperem lá, acho que a tenho algures... — Pôs-se a remexer nos recortes de jornais que guardava numa prateleira da estante. — Cá está, afinal estava aqui —

disse após alguns instantes. Aproximou-se das duas mulheres com a página nas mãos e mostrou-lhes uma fotografia de Katherine Hepburn com calças de cintura subida e pernas largas, combinadas com uma blusa preta com as mangas arregaçadas.

— Assim?

— Exato! — confirmou Anna, com o rosto iluminado.

Carmela pousou o recorte sobre a mesa.

— Tenho de vos tirar as medidas — explicou então, despachada. — Por quem começo?

— Por mim — disse Anna, que rapidamente se pôs de pé e baixou o fecho lateral da saia.

— O que estás a fazer? — arquejou Giovanna.

Anna ficou paralisada.

— Estou a despir-me...

— E porquê?

Carmela franziu o sobrolho.

— Senão como é que eu lhe tiro as medidas?

— Mas eu não me quero despir à frente dela — protestou Giovanna, apontando para Carmela e levantando-se da poltrona.

Anna aproximou-se dela e pôs-lhe a mão no braço.

— Qual é o teu problema? Bastam alguns minutos... — tranquilizou-a. — Não é verdade? — perguntou a Carmela.

— Sim, e qual é o mal? — retorquiu ela, com uma pontada de impaciência na voz. *Era maluca e maluca continua*, pensou, abanando a cabeça. *É como eu costumo dizer, quando uno nasce tundu nu muore quadru*²³.

— Senta-te, fica quieta — continuou Anna, e encostou uma mão ao rosto dela.

Giovanna olhou para ela com os olhos húmidos e lacrimejantes. Depois, deixou-se ficar sentada.

Anna acabou de abrir o fecho e tirou primeiro a saia e depois os *collants*, ficando só com as cuecas.

Carmela não pôde deixar de se deter na pele diáfana das pernas, nas coxas afiladas e nos tornozelos finos. *Como os de uma galinha*, pensou.

— Põe-te aqui — ordenou-lhe ela, apontando para o centro da sala e pegando na fita métrica. Levantou-lhe ligeiramente a camisola, pediu-lhe para abrir os braços e mediu-lhe primeiro a cintura e depois as ancas. Apontou os números, sessenta e oito e noventa e quatro centímetros, no caderno aberto sobre a mesa ao lado do exemplar da *Oggi*. Depois, agachou-se para medir a circunferência da coxa, do joelho e do tornozelo. Por fim, colocou a fita métrica à altura da cintura e desenrolou-a até ao calcanhar. Depois de ter apontado também estas medidas, disse:

— Tu já estás despachada, podes vestir-te.

— Viste como é simples? — exclamou Anna com um sorriso, dirigindo-se à

amiga.

Giovanna mordeu o lábio e levantou-se lentamente da poltrona, enquanto Carmela a olhava com um misto de pena e irritação. No fim, porém, a costureira conseguiu tirar as medidas necessárias também a Giovanna, cujas faces tinham estado em chamas o tempo todo, por isso passaram à decisão relativamente ao tecido e à cor das calças: ambas as queriam em algodão, macias, talvez um bege suave.

— Vou precisar de dez dias, no mínimo. Tenho outro trabalho para acabar primeiro — avisou-as Carmela enquanto as acompanhava à porta. — Trazem-me o dinheiro quando as vierem buscar.

Assim que fechou a porta, Carmela encostou-se a ela e respirou fundo, percebendo só naquele instante que ficara com a respiração entrecortada durante toda aquela visita inesperada.

*

No calor daquele dia de início de abril, Anna deu o braço a Giovanna e pôs-se a andar.

— Vou levar-te a casa — disse ela, dirigindo-se a Contrada La Pietra. Caminham em silêncio durante algum tempo, mas Anna acabou por não se conseguir conter. — Mas porque é que tinhas vergonha de te despires? — perguntou.

Giovanna baixou o olhar.

— Por causa do Giulio... Ele fica zangado se alguém me vê com pouca roupa.

— Mesmo que seja a costureira?! — exclamou Anna, espantada.

— Não sei. Acho que sim... Está sempre a dizer que o meu corpo é dele e pronto.

Anna franziu o sobrolho e demorou alguns segundos antes de responder:

— Bem, não é nada disso. O teu corpo é só teu e de mais ninguém...

— Nem mesmo do Giulio?

— Não, nem mesmo do Giulio.

Percorreram alguns metros em silêncio, lado a lado. Depois, Anna deteve-se, perturbada por uma intuição, e fê-la virar-se.

— Agora vou fazer-te uma pergunta. Tens de me prometer que vais responder com sinceridade.

Giovanna fitou-a com um ar de desilusão.

— Nunca te menti...

— Eu sei — tranquiliza-a, pegando-lhe na mão. Inspirou fundo, hesitou e depois decidiu-se. — O Giulio nunca te obrigou a fazer nada que não quisesses, pois não? Com o teu corpo, quero eu dizer...

— Eu... eu não... Não te estou a perceber...

— Na cama — especificou Anna, indo direta ao assunto. — Há alguma coisa

no que fazes que te incomode ou te cause dor?

— Não... — sussurrou Giovanna.

— Estás a dizer a verdade?

A amiga mordeu o lábio e anuiu com a cabeça.

— Tenho de voltar para casa — acabou por dizer. Libertou a mão, deu um pequeno beijo na face de Anna e pôs-se a correr.

Parada ali sozinha, no meio da estrada, Anna viu-a afastar-se e refletiu amargamente sobre o que acabara de acontecer.

Giovanna dissera-lhe a sua primeira mentira.

*

— Bom dia, dona Gina — disse Carlo, tirando o chapéu. — O dom Ciccio pode receber-me?

— Bom dia, *senhor presidente da Câmara* — cumprimentou-o Gina, com uma pontada de azedume. — Há muito tempo que não o víamos. Já nos tínhamos esquecido da sua cara...

— Tem razão, dona Gina — desculpou-se ele, agarrando o chapéu nas mãos. — Mas só agora tive tempo. Não foi por falta de vontade.

Ela olhou-o fixamente, circunspecta.

— *Tràsi* — acabou por dizer. Depois, fechou a porta, disse-lhe para esperar na entrada e foi ver se o marido estava acordado. Havia sempre um cheiro pungente naquela casa, observou Carlo com um trejeito de nojo. Como se fosse alho queimado... Gina regressou passados alguns minutos. — Diz que te pode receber — murmurou, e abriu-lhe caminho pelo corredor escuro. Parou em frente à porta entreaberta do quarto e, antes de a abrir, aconselhou-o: — Não o canses. Nem tem forças para se levantar, por causa das dores.

Carlo anuiu com a cabeça, assegurando-lhe que seria uma visita curta.

O quarto estava quase às escuras; pelas persianas fechadas, de facto, entrava apenas uma claridade muito ténue. Carlo avançou às apalpadelas, tentando não esbarrar em nenhum móvel, e viu primeiro o perfil de ferro forjado dos pés da cama e depois a protuberância do cobertor sob o qual estava dom Ciccio.

Parou junto à cama e murmurou:

— Bom dia, dom Ciccio... é o Carlo. Como está?

O homem teve um estertor.

— Como Deus quer — respondeu.

— A sua mulher disse-me que já não sai da cama...

— E vou sair para onde? — disse o homem, rindo amargamente. — De qualquer forma, caminhar *nun ci la fazzu ccbiu*²⁴.

— Lamento imenso... Se eu puder fazer alguma coisa...

— *Nisciunu*²⁵ pode fazer nada — interrompeu dom Ciccio. — Mas diz-me cá: como vaia herdade? As coisas estão a correr bem? Continuam a vender aos

americanos?

— E como! Está tudo a correr bem, graças a Deus. Cultivei também o Primitivo, comprei as pipas de carvalho e escavei outra cave... Espero dar-lho a provar em breve, o primeiro tinto da minha adega.

Dom Ciccio permaneceu em silêncio durante alguns segundos.

— O vinho tinto exige muita paciência... — disse ele.

— E eu tenho-a — replicou Carlo.

— Vieste pedir-me a bênção? — ironizou dom Ciccio. E escapou-lhe um estertor.

— Não — murmurou Carlo. — Na verdade, estou aqui por causa de um assunto delicado...

— Que assunto é esse?

— Tenho de falar consigo sobre o meu... — Fez uma pausa, corrigiu-se: — ...sobre o seu neto.

— Ele fez alguma coisa?

— Não, não... pelo contrário. Só faz coisas boas.

— Então, o que é?

Carlo hesitou, apertando o ferro forjado com uma mão.

— É sobre ele e a filha do meu irmão Antonio... — disse ele. — Ultimamente, têm passado muito tempo juntos.

— Continua — sibilou dom Ciccio.

— O meu irmão está preocupado. A última coisa que ele quereria, Deus nos livre, é ver a sua filha casada com... — Carlo fez uma pausa. — Com o primo dela.

— O teu irmão sabe?

— Ele é o único que sabe.

O homem emitiu uma espécie de grunhido.

— Já há demasiada gente a saber.

— Confio tanto no Antonio como em mim, não tem de se preocupar com ele. Ele não falou até agora e nunca falará. Dou-lhe a minha palavra.

— Continua — repetiu dom Ciccio.

— Pronto, há muito tempo que ando a pensar nisso, em como o fazer... E talvez tenha encontrado a solução: preciso de alguém para tomar conta dos negócios da adega em Nova Iorque. Podia ser ele. Ir para fora durante algum tempo, quero dizer... Só o tempo suficiente para...

Uma gargalhada tresloucada escapou de dom Ciccio, seguida de um acesso de tosse.

— Isso seria uma solução? — perguntou, depois de se ter acalmado.

— Como se costuma dizer: longe da vista...

— Sim — interrompeu-o dom Ciccio. — Ninguém sabe isso melhor do que tu...

Carlo mastigou as palavras com amargura, mas não respondeu.

— Tenho de lhe perguntar se não se opõe a que eu mande o rapaz embora —

optou por dizer.

— Durante quanto tempo seria?

— Alguns meses.

— Contaste à mãe dele?

— Não, quis falar consigo primeiro.

Fez-se um longo silêncio.

— Bem, mal não lhe pode fazer — disse finalmente dom Ciccio. — Mudar de ares por uns tempos, ver outro mundo...

— As suas palavras confortam-me, dom Ciccio. Embora eu não duvidasse da sua sabedoria...

— Mas não te iludas com a ideia de que isso vai servir para alguma coisa — interrompeu-o dom Ciccio, com severidade. Depois, com um suspiro, acrescentou: — E agora vai-te embora, que estou cansado.

Carlo despediu-se e saiu para o corredor. Gina estava sentada na cozinha mesmo ao lado, em frente à janela, e ele teve a impressão de que ela passava dias inteiros assim, à espera de que o marido a chamasse ou que precisasse dela. Sem dizer uma palavra, ela levantou-se e acompanhou Carlo à porta.

Assim que a fechou, ouviu-se a voz de dom Ciccio, imperiosa apesar de tudo:

— Gina! Manda chamar a Carmela! Tenho de falar com ela!

*

Carmela avançava com a rapidez de uma fúria, fazendo oscilar ritmicamente a mala, enquanto a nortada soprava, implacável, e as madeixas do seu cabelo apanhado à pressa lhe esvoaçavam para o rosto. Nem sequer se vira ao espelho nessa manhã, mas não se importava com isso.

Chegou ao edifício da Câmara Municipal e quase entrou a correr.

— Dona Carmela, onde é que vai? — gritou-lhe o porteiro.

— Tenho de falar com o presidente da Câmara — respondeu ela, bruscamente, continuando a avançar com o olhar fixo à sua frente.

— Não sei se ele está ocupado... Deixe-me ir ver primeiro — pediu o porteiro, correndo atrás dela.

Mas para Carmela era como se o homem não existisse. Chegou diante da porta onde estava aparafusada a placa de latão com a inscrição PRESIDENTE DA CÂMARA, agarrou na maçaneta e abriu a porta de rompante.

Carlo estava sentado à secretária, debruçado sobre uma montanha de papelada, com um charuto entre os dedos. Levantou a cabeça de súbito.

— Senhor presidente da Câmara, peço desculpa — arquejou o porteiro, que chegou nesse momento —, mas a senhora não me deixou tempo para o avisar. Diz que tem de falar consigo...

— Sim. E com uma certa urgência — acrescentou Carmela, apertando a mala junto ao peito.

— Muito bem, Giuseppe. Deixa entrar a senhora Carlà, não te preocupes — disse Carlo com um aceno de mão.

O porteiro pediu desculpa mais uma vez e fez menção de sair, não sem antes lançar um olhar de lado a Carmela, que, claro, não se quis saber.

— Então? — perguntou Carlo, levantando-se. — O que é que se passa?

— O que se passa é que te vou enfiar estas unhas onde o sol não brilha — respondeu ela, abrindo a mão e mostrando as suas unhas pintadas de vermelho.

— Não tenho dúvidas... — resmungou Carlo, sentando-se na borda da secretária. E deu uma passa no charuto.

Carmela aproximou-se. O seu rosto estava agora à distância de um palmo do dele.

— Tu não gozes comigo — ameaçou-o.

— Pode se saber o que é que eu fiz?

— O Daniele para a América é que não vai, estás a ouvir-me?

— Falaste com o dom Ciccio... — suspirou Carlo.

— Falei com ele, sim — explodiu ela. — Portanto, tirem os dois da cabeça que eu vou mandar o meu filho para o outro lado do mundo.

— Podemos discutir o assunto com calma?

— Aqui não há nada para discutir. O meu filho está onde eu estiver — disse Carmela, batendo no peito. — E fica aqui.

Carlo soltou um suspiro e voltou a sentar-se atrás da secretária.

— Mas é só por alguns meses... não vai para a guerra! Olha, é uma oportunidade para ele também, não é?

— Cala-te — interrompeu-o, levando o dedo à boca. — A mim já não me encantas com palavras. Esses dias acabaram!

— Não estava a tentar encantar-te — defendeu-se Carlo. — Só quero que compreendas que não se trata da tragédia que pensas. Trata-se de uma viagem, Carmela. Uma viagem necessária para corrigir as coisas.

— Necessária para quem? Para a tua família, não para a minha. O Daniele não tem culpa se a *outra* lhe anda a fazer olhinhos — disse ela com desdém.

Carlo esforçou-se por se conter.

— Ouve, será o Daniele a decidir. Ele tem vinte e dois anos, não precisa da tua autorização. Queres apostar que ele vai ficar contente com isso? Eu conheço-o.

— *Tu* conheces o *meu* filho? *Tu*?

— Mais do que pensas — respondeu-lhe Carlo, muito sério, olhando-a diretamente nos olhos.

— Ah, é bom saber — ironizou Carmela, com a voz rachada de repente. Depois desviou o olhar, cruzando os braços.

Carlo continuava a observá-la, em silêncio; sabia bem que, quando ela mordia o lábio inferior daquela maneira, o fazia para conter as lágrimas, por mais orgulhosa que fosse. No entanto, vê-la naquele estado provocou nele uma súbita onda de ternura.

— Ouve — disse Carlo, suavizando a sua voz. — Se estou a mandar o Daniele para Nova Iorque, não é só para o manter fora de sarilhos mas porque ele é bom! Ele é realmente bom, sabe lidar com as pessoas. E tenho a certeza de que vai fazer bons negócios por lá. Confio nele.

Carmela voltou a olhar para ele.

— Além disso, vou pagar-lhe bem, o que achas? — continuou Carlo.

— Bem, quanto??

— O que ele merecer.

— O meu filho merece o máximo.

— E o máximo terá...

Ela recuperou num ápice a expressão habitual de soberba.

— Se assim é... — murmurou.

*

Anna estava à espera de Lorenza à porta de casa, com as mãos agarradas ao guiador da *Bianchi* e a olhar constantemente para o relógio. Quando a sobrinha finalmente chegou, empurrou a bicicleta e partiu, arrastando-a ao seu lado enquanto Lorenza acelerava para a apanhar.

— Desculpa, tia — disse a rapariga. — Hoje também me atrasei.

— Já tinha reparado — respondeu Anna.

— É que esta manhã a minha mãe esqueceu-se de me acordar.

— Mas quê, aos vinte e dois anos ainda não consegues acordar sozinha?

— Amanhã não me vou atrasar, vais ver.

Todas as manhãs eram assim: um rosário de desculpas ridículas e promessas sem convicção. Anna já não tinha a certeza de que tivesse sido uma boa ideia oferecer-lhe aquele emprego: Lorenza parecia perpetuamente apática, como se não se importasse com nada.

— Não és obrigada, sabes, podes sempre procurar outro emprego, algo de que gostes realmente — dissera-lhe ela várias vezes.

Mas Lorenza encolheu os ombros.

— Bah, não sei do que gosto — era a sua resposta. — Um trabalho é tão bom como outro qualquer.

Para a estação dos correios, pelo contrário, a chegada de Lorenza fora uma verdadeira festa. No primeiro dia, todos a tinham recebido com grandes exclamações e muitos elogios. Até o rabugento Carmine exclamara: «Até que enfim! Já era altura de haver uma lufada de ar fresco nesta estação.» Enquanto Elena, quase comovida, dizia: «Ainda me lembro de quando vieste cá há tantos anos... Eras deste tamanho!» E rira-se à gargalhada.

Não, refletiu Anna, continuando a empurrar a bicicleta. Talvez o trabalho não lhe agrade, mas não se pode dizer que não tenha sido bem recebida por toda a gente. Elena, em particular, simpatizara logo com ela, depois de ter percebido que com Lorenza se

podia tagarelar e coscuvilhar, ao contrário de Chiara, que «uma pessoa nem dava conta se estava ali ou não» como ela dissera um dia, bufando. Muitas vezes, Anna via-as debruçadas sobre uma revista qualquer, a comentar a beleza deste ou daquele ator; nos últimos tempos, na verdade, estavam apaixonadas por aquelas revistas semanais que propunham «romances de amor em fotogramas», e era só suspiros e cotoveladas enquanto liam.

No entanto, houvera uma reação que a surpreendera, a do diretor. Pouco depois da chegada de Lorenza, Tommaso começara a usar uma quantidade considerável de água de Colónia, ao ponto de libertar um rasto persistente à sua passagem; deixara de usar brilhantina e agora ostentava caracóis macios e rebeldes que o faziam parecer consideravelmente mais novo do que os seus quarenta anos. De tempos a tempos, levantava-se da sua secretária, assomava-se à salinha do telégrafo e perguntava a Lorenza com um sorriso: «Está tudo bem?» Às vezes, até se antecipava para lhe abrir a porta, com uma galanteria que nunca tivera antes, ou, se dava um salto ao Bar Castello, oferecia-se sempre para lhe trazer qualquer coisa: «Queres café? Ou um bolinho?»

«Sim, obrigada», respondia Lorenza, sorrindo. «As duas coisas.»

Também era muito tolerante com os seus erros; distraída como era, não era raro que se enganasse a transcrever alguma coisa ou que se esquecesse de algumas palavras. «Hum... há qualquer coisa aqui que não bate certo», dizia Elena, examinando o texto do telegrama. «Acho que te escapou aqui qualquer coisa, sabes?» E apontava para um ponto entre duas palavras.

Nesses casos, era frequente Tommaso chegar repentinamente da outra sala, dizendo: «E qual é o problema, vá lá... Acrescenta tu uma, desde que se perceba o significado.» Lorenza então corava, enquanto Elena se limitava a obedecer, mas não sem antes lançar um olhar intrigado a Tommaso. O diretor era um homem simpático e disponível, era verdade, mas no trabalho sempre fora inflexível. Pelo menos até aquele momento...

Nessa manhã, Anna saiu da estação com a mala postal semivazia. Montou a *Bianchi* e ultrapassou duas velhotas paradas junto à fonte, na qual estavam a encher uma garrafa de vidro de dois litros, contornou a muralha do castelo, virou à direita da torre e depois para uma subida empedrada. Levantou-se do selim e impulsionou a bicicleta com pedaladas decididas até que, após alguns metros, a estrada se torna plana, e voltou a sentar-se. Continuou para a esquerda, entrando numa ruela onde se avistam varandins minúsculos com grades de ferro enferrujadas: numa delas, estavam penduradas a secar cuecas de senhora. Anna parou, abriu a mala postal e retirou lá de dentro um envelope branco. Tinha escrito: *Marilena Cucugliato, beco da Torre, número 4, Lizzanello (Lecce)*. Olhou em redor à procura do número da porta, mas não o encontrou. Viu o um, o dois, o três e, mais adiante, o cinco e o seis: faltava precisamente o número quatro, como se tivesse sido saltado. Um homem franzino, de pijama e com ar ensonado, saiu para uma varanda e acendeu um cigarro.

— Olhe, desculpe! — Anna chamou-o.

O homem exalou o fumo e olhou para a estrada.

— Pode dizer-me onde fica o número quatro? Não o consigo encontrar...

— É a perfumista que procura? É ali, ao cimo das escadas — respondeu ele, apontando para uma abertura na parede da frente, de onde partia uma escadaria de pedra. Anna nem sequer a tinha visto.

Agradeceu ao homem, deixou a bicicleta e subiu as escadas.

— Tape o nariz, que vai ficar atordoada com o perfume todo que aquela ali mete — gritou o homem, rindo.

A passagem era mesmo muito estreita e escura, além de cheirar a mofo. Após uns quinze degraus, Anna viu-se diante de uma pequena porta em arco e bateu duas vezes com a aldraba. Abriu-lhe a porta uma mulher robusta, na casa dos sessenta, com um vestido de lã azul sem forma, que emanava um aroma a alfazema tão alcoólico que Anna sentiu uma ligeira tontura. O cabelo da mulher, grisalho e volumoso, estava preso num rabo ao lado do seu rosto rechonchudo.

— A senhora é a Marilena Cucugliato?

A mulher anuiu com a cabeça.

Anna entregou-lhe o envelope e fez menção de se ir embora; estava a ficar com falta de ar.

Mas a mulher disse:

— Sorte a sua, que é tão magra; eu ali passo mesmo à justa. — E apontou para as escadas. Anna esboçou um sorriso de circunstância e tentou novamente ir-se embora, mas a mulher reteve-a: — Quer um café? Nunca ninguém vem cá acima.

E sorriu-lhe.

Anna hesitou, mas depois ocorreu-lhe que a mala postal não estava cheia nesse dia, por isso não tinha assim tanta pressa.

Toda contente, Marilena deixou-a entrar em casa e fechou a porta da rua. O interior da casa não tinha nada que ver com a entrada escura e apertada: todas as paredes estavam forradas com papel cor-de-rosa e muitos quadradinhos pequeninos com todos os tipos de flores. Havia também vasos com flores verdadeiras, pousados um pouco por todo o lado, na cómoda da entrada, na mesa da sala de estar, na arca encostada à parede. A mulher convidou-a a sentar-se numa sala de visitas de veludo vermelho e, em poucos minutos, regressou com um tabuleiro e duas chávenas de café fumegante.

Anna esperou que o café arrefecesse um bocadinho e fitou a mulher, que continuava a olhar para ela, sorridente.

— Estou a ver que gosta de flores — comentou depois, só para dizer alguma coisa.

Marilena olhou em redor, segurando na chávena com as duas mãos.

— Oh, essas. São as minhas amigas!

Anna lançou-lhe um olhar intrigado.

— Ninguém sabe ouvir como as flores, sabes? — continuou a mulher. — Falo

com elas todos os dias. Confio-lhes as minhas recordações da juventude, os meus medos, as minhas pequenas alegrias e os meus arrependimentos. Sobretudo os arrependimentos. — Fez uma pausa. — Como é de esperar dos bons amigos, as flores nunca nos julgam. Tem amigos verdadeiros?

Anna bebeu um gole de café.

— Tenho uma amiga que me é muito querida — respondeu. — *E é a única que tenho*, pensou.

— Então agarre-a bem — disse a mulher. — Sabe, eu também tive uma boa amiga, há muito tempo... — Levantou-se lentamente e pousou as chávenas no tabuleiro. — Mas depois... — Suspirou.

— Tenho mesmo de ir — anunciou Anna, levantando-se. Agradeceu a Marilena pelo café e dirigiu-se para a porta.

Voltou a descer as escadas, saiu para a luz do sol e montou na sua bicicleta. A varanda à qual o homem se assomara encontrava-se agora vazia.

*

Ao ouvir a notícia, Daniele quase caiu da cadeira.

— A sério, senhor Carlo? Não está a gozar comigo?

Era ele quem ia para a América. Ele, Daniele Carlà, em Nova Iorque. Continuava a olhar para Carlo com uma expressão de espanto, a mesma de uma criança perante um presente enorme e inesperado. Nova Iorque. Os arranha-céus. As luzes. A moda sobre a qual lia nas revistas. Aceitou de imediato, sem pensar sequer um segundo. Carlo disse-lhe que tinha de angariar novos clientes na América, havia que aproveitar enquanto era tempo. Começaria pelos bares e restaurantes italianos da zona a que chamavam Little Italy.

— Significa «Pequena Itália» — explicou. — Só lá vivem italianos. Não vais ter problemas em comunicar, não te preocupes.

Juntamente com ele, no mesmo pacote, partiria uma carga de *Donna Anna*. E, quanto ao dinheiro, não teria de se preocupar, pois seria tudo por conta dele, como era óbvio: dar-lhe-ia uma boa quantia antes de partir e, uma vez lá, enviar-lhe-ia dinheiro regularmente. Se por ele não houvesse problema, poderia partir já no final do mês: o pacote *Saturnia* zarparia no dia 27 de abril do porto de Nápoles. Ele encarregar-se-ia de obter os documentos a tempo.

— Posso cobrar alguns favores — disse Carlo, piscando o olho.

— Obrigado pela sua confiança, senhor Carlo. Não o vou desiludir — retorquiu Daniele, estendendo-lhe a mão. Carlo sorriu e apertou-a, depois, instintivamente, puxou-o para si e abraçou-o. Daniele ficou vermelho que nem um tomate e de olhos esbugalhados, muito envergonhado.

— Eu sei — respondeu-lhe Carlo. — Nunca me desiludiste.

Daniele não via a hora de contar a Lorenza. Imaginou a alegria dela pela oportunidade que lhe estava a ser dada, pela viagem extraordinária que iria fazer e

por todas as histórias que haveria de partilhar com ela no seu regresso.

Em vez disso, foi confrontado com uma avalanche de raiva que o deixou atônito.

— Também tu me vais abandonar, eu sabia. Não queres saber de mim. Só pensas em ti, como toda a gente. Vai, vai, vai lá para o outro lado do mundo! — exclamou com um ar melodramático, enquanto passarinhava pela pequena casa de Daniele.

De nada serviram as suas tentativas de a consolar, de jurar que a amava, que voltaria em breve.

— Não acredito em ti. Já não acredito em quem se vai embora — declarou, deixando-se cair no pequeno sofá, exausta.

Daniele ajoelhou-se e pegou-lhe na mão entre as suas, pedindo-lhe que visse as coisas como elas eram, e não como receava que fossem.

— Espera — disse depois. Pegou num pedaço de pano cor-de-rosa-clarinho do chão, cortou uma tira com a sua tesoura comprida e pontiaguda e enrolou-a entre os dedos até ficar com uma forma que se assemelhava a um anel. Depois, olhou Lorenza nos olhos e enfiou-o delicadamente no seu dedo anelar. — Acreditas em mim agora? — perguntou-lhe.

Lorenza esboçou um ligeiro sorriso e anuiu com a cabeça.

E assim, quatro anos depois da morte do seu amigo, Daniele livrou-se do que restava do seu sentimento de culpa e permitiu-se finalmente beijar a rapariga por quem se tinha apaixonado.

*

Anna olhou-se ao espelho, satisfeita, cantarolando *La Barchetta*, de Nilla Pizzi, que a rádio estava a transmitir precisamente naquele momento. «*Olha, lá em cima, no alto mar, há um barquinho pequenino que, a cada onda, se inclina como se fosse afundar-se...*»

Sim, as calças assentavam-lhe que nem uma luva. Tinha de admitir que aquela Carmela tinha feito realmente um ótimo trabalho; iria encomendar-lhe mais, todas de cores diferentes. Apertou o último botão da blusa preta de meia manga e, do porta-joias de madeira marchetada, tirou o colar de pérolas da mãe. Enrolou-o em dois círculos e pô-lo ao pescoço, por cima da blusa. «*O barquinho no meio do mar tem de ir muito longe, mas quem tratará de o fazer navegar será o capitão...*», entoou um pouco mais alto, fazendo uma pirueta.

Roberto assomou-se à porta do quarto e encostou-se à ombreira, olhando para a mãe com um ar surpreendido.

— *Comme tu es belle, maman!* — exclamou ele. — E essas calças?

Ela virou-se e, com um grande sorriso, pôs as mãos nas ancas, numa pose de diva de cinema.

Roberto riu com gosto.

Nesse preciso instante, no casebre em Contrada La Pietra, dom Giulio empunhava uma grande tesoura e preparava-se para esfarrapar as calças de Giovanna, enquanto ela, encolhida na cama com as mãos a tapar-lhe o rosto, soluçava descontroladamente. *Cesare*, sentado no chão, olhava para ela e gania.

— As calças são para as mulheres de má fama — declarou dom Giulio, impassível.

Depois, começou a cortar.

²² Em dialeto salentino, «entrem». (NT)

²³ Em dialeto salentino, provérbio que significa «quem nasce redondo não morre quadrado»; tem um valor semelhante a «quem nasce torto tarde ou nunca se endireita». (NT)

²⁴ Em dialeto salentino, «já não consigo». (NT)

²⁵ Em dialeto salentino, «ninguém». (NT)

Julho de 1947

— Mas tens tu as chaves? — exigiu Carmela, postada em frente ao marido.

— As chaves de quê? — perguntou Nicola, afundando-se na poltrona da sala de estar.

— Da casa da tua mãe.

— Sim — murmurou ele. — O Daniele confiou-mas. Porquê?

— Dá-mas — ordenou ela, estendendo-lhe a mão. — Tenho de ir lá fazer uma limpeza e pô-la a apanhar ar. Está fechada há mais de dois meses.

— Já tratei disso — tentou tranquilizá-la. — De vez em quando, vou lá. Abro as janelas. Dou uma varredela.

Carmela cruzou os braços em frente ao peito.

— Tu? Mas se eu nunca te vi pegar numa vassoura em toda a tua vida. Dá-mas, vá lá. — E voltou a estender-lhe a palma da mão.

— A sério, não é preciso — reiterou Nicola. — Eu trato disso. É a casa da minha mãe, não é?

— Na verdade, agora é a casa do Daniele. E o que é do meu filho também é meu. Portanto, vais dar-mas ou tenho de tas tirar à força?

Nicola soltou um longo suspiro, depois apoiou-se nos braços da poltrona e levantou-se com esforço, ficando com o rosto vermelho. Fizera sessenta e dois anos recentemente, mas era como se tivesse em cima pelo menos mais vinte, pensou Carmela. Toda aquela gordura, que a enojava profundamente, agora dificultava-lhe até os movimentos mais simples. Além disso, à noite, roncava tão alto que ela o mandara dormir no quarto que fora de Daniele.

Nicola dirigiu-se ao bengaleiro da entrada, remexeu no bolso do casaco e finalmente disse:

— Aqui estão — tirando um molho com duas chaves. — Esta pequena é da porta exterior, esta é a da porta principal — explicou numa voz sem expressão.

— Obrigada — disse ela, arrancando-as das mãos dele. — Custou assim tanto? — Depois, tirou a mala do bengaleiro e anunciou: — Vou lá.

Quando chegou à casa, destrancou o portão e atravessou o jardim minúsculo que precedia a entrada. Atravessou a relva não cultivada que lhe chegava aos

joelhos, teria de mandar alguém cortá-la, pensou, depois rodou a chave na fechadura e abriu a porta. Lá dentro estava escuro como breu, e o cheiro a humidade era sufocante. Carmela deixou a porta da rua aberta e escancarou as persianas da janela que dava para o jardim. À luz do dia, viu os lençóis brancos que cobriam os móveis, uma chávena suja no lava-louça da cozinha e a cafeteira deixada em cima do fogão; encostadas à parede, avistou uma vassoura e uma pá cheia de pó. *Ah! Ele varreu mesmo, pensou. Mas nem sequer despejou a pá no lixo.* Abanou a cabeça e viu, a um canto, os sapatos de couro preto que Daniele usava nos dias de festa. Depois, pousou a mala no lava-louça, arregaçou as mangas do vestido e, num sopro de pó, retirou o primeiro lençol, revelando um sofá de dois lugares e uma mesinha baixa. Enrolou-o e foi para o jardim dar-lhe umas boas sacudidelas, depois voltou para casa e estendeu o lençol limpo no sofá.

Com cuidado, levantou o segundo lençol, que cobria algo no meio da sala.

Aquilo que viu deixou-a sem fôlego.

Da nuvem de pó emergiram uma máquina de costura e uma mesa de trabalho. Deixando cair o lençol no chão, Carmela aproximou-se: em cima da mesa encontrava-se um grande cesto, que continha retalhos, linhas de várias cores, dedais, a almofada de agulhas e alfinetes, duas fitas métricas de costura cuidadosamente enroladas e a régua de madeira.

Desconcertada, sentou-se e revirou os objetos nas mãos, um a um, como se fossem as pistas de uma caça ao tesouro. *Era por isso que o Nicola não me queria dar as chaves. Ele sabia tudo, aquele desgraçado!*

De repente, pôs-se de pé e dirigiu-se ao quarto. Abriu primeiro as persianas e depois as portas do roupeiro. À esquerda, reconheceu as roupas de Daniele, o seu fato de domingo, as camisas, as calças, os casacos; à direita, havia rolos de tecido empilhados de lado. Penduradas nas cruzetas, estavam roupas de senhora.

Carmela tirou uma peça para fora e observou-a para durante muito tempo: era um vestido de lã vermelha, com uma saia até ao joelho e adornado com uma gola de pelo presa com uma pregadeira redonda. Pousou-o em cima da cama e pegou noutro: um modelo primaveril com quadradinhos pretos e brancos, um cinto na cintura e botões no busto.

Tirou-os a todos, um a seguir ao outro, mesmo aqueles que ainda não estavam acabados, que tinham as mangas presas com muitos alfinetes coloridos. No fundo do roupeiro, avistou então uma caixa de metal familiar: era aquela que Daniele sempre guardara no seu quarto desde pequeno e que ela nunca tinha conseguido abrir, pois estava sempre fechada à chave. Agarrou-a com ambas as mãos e tentou levantar a tampa, que desta vez se abriu, revelando uma pilha de cadernos de capa preta, os mesmos que ela usava para os seus desenhos.

Sentou-se na cama, entre as roupas empilhadas, e começou a folhear os cadernos, abrindo mais os olhos a cada página: os desenhos de Daniele eram surpreendentemente belos. Mais bonitos do que os que ela fazia, pensou com uma pontada de ressentimento: vestidos de noite, elegantes vestidos de cerimónia,

roupas de dia com cores vivas... para não falar de certos modelos que Carmela nunca tinha visto, nem mesmo nas revistas de moda. Sentia-se aldrabada, por ter sido mantida na ignorância tanto pelo filho como pelo marido, e ao mesmo tempo irritada, porque Daniele não lhe dera ouvidos. Pelo contrário, havia feito o que lhe dera na gana. Durante todo este tempo, fizera pouco dela, fazendo-a acreditar que tirara da cabeça a ideia absurda de desenhar e fazer roupa, como uma rapariga. *Ela sabe mentir muito bem*, pensou ela, prenhe de ressentimento. *Mas o sangue não mente... e ele tem o sangue dos Grecos.*

Voltou a pôr a roupa no armário e fechou as portas. Depois voltou a colocar os cadernos na caixa, meteu-a debaixo do braço e enfiou-a na mala.

*

— Este calor mata-me — queixou-se Elena, abanando-se com um molho de papéis. — Isto aqui parece um forno.

— Queres água? — perguntou-lhe Lorenza.

— Sim, vai buscar, por favor — respondeu Elena, com um ar exausto.

Lorenza ainda não tinha conseguido sair da salinha quando Tommaso levantou a cabeça da secretária.

— Precisas de alguma coisa? — perguntou-lhe ele com um sorriso.

— Vou buscar um copo de água para a Elena — respondeu e dirigiu-se para a prateleira onde se encontrava a garrafa de vidro, com os copos empilhados ao lado. Mas deu-se conta de que a garrafa estava quase vazia. — Vou à fonte — acrescentou, então, dirigindo-se a Tommaso. — Volto já.

— Demora o tempo que quiseses — respondeu ele.

Lorenza saiu para a rua, e a opressão do calor sufocante apertou-lhe a garganta. Foi direita à pequena fonte na praça Castello e encheu a garrafa, segurando-a com uma mão. Enquanto a água fresca escorria, lançou um olhar distraído em redor. E, quando este se deteve no Bar Castello, viu-os.

Eram o pai e a tia Anna, que minutos antes tinha saído da estação dos correios. Ele entregou-lhe um livro, e ela, depois de retirar uma mão do guiador da bicicleta, pegou nele, olhou para a capa durante alguns segundos, depois olhou para Antonio e sorriu-lhe, dizendo qualquer coisa. Ele olhava para ela com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, como se faz quando se tem medo de perder alguma coisa. Depois de um breve diálogo, ela guardou o livro na mala postal, montou no selim e, pedalando devagar, pôs-se a caminho. Ao que ele enfiou as mãos nos bolsos das calças e ficou a olhar para ela até a tia virar à direita, desaparecendo do seu campo de visão.

— Queres gastar a água toda da aldeia? — repreendeu-a uma mulher que por ali passava.

Lorenza baixou de repente o olhar para a fonte e viu que a garrafa estava a transbordar sabia-se lá há quanto tempo.

— Peço desculpa — disse ela, fechando rapidamente a torneira. A mulher abanou a cabeça e continuou o seu caminho, resmungando.

— Está tudo bem? Nunca mais voltavas... — disse-lhe Tommaso, vendo-a regressar à estação.

Lorenza endireitou-se e foi colocar a garrafa de volta na prateleira.

— Sim, tudo — respondeu ela, bruscamente, enquanto enchia um copo.

— Até que enfim! Estava quase a derreter — suspirou Elena, tirando-o das mãos dela.

Lorenza voltou a sentar-se no seu lugar e, durante as duas horas seguintes, encolheu-se num silêncio tão pesado como o calor daquele dia. Não conseguia apagar a imagem do sorriso tão doce que vira no rosto do pai enquanto falava com a tia Anna. Nunca o vira sorrir assim para a mãe... e talvez nem mesmo para ela. Tentou distrair-se pensando em Daniele, mas acabou por sentir-se ainda mais sozinha. Desde que ele se fora embora, escrevera-lhe apenas uma carta, contando-lhe até ao mais ínfimo pormenor uma série de coisas em que ela não tinha conseguido concentrar-se. Como eram realmente aqueles arranha-céus que iluminavam as noites da grande cidade? E como seria caminhar naquela ponte de dois quilómetros de comprimento, tão bonita que parecia pairar sobre a água? E era verdade que se podia entrar dentro daquela grande estátua de uma mulher com uma tocha na mão? No final da carta, Daniele dizia-lhe que um dia iriam juntos a Nova Iorque e que ela também veria todas as coisas extraordinárias que havia do outro lado do oceano.

A verdade é que aquela carta tão cheia de entusiasmo e espanto a ferira e irritara. Teria preferido ler que Daniele estava cheio de saudades dela, melancólico e desiludido com aquele mundo diferente e tão distante.

— O que é que se passa? Hoje estás taciturna — disse-lhe Elena.

— Nada — retorquiu Lorenza num tom indolente.

— Estás a pensar no teu namorado? — provocou-a com um sorriso.

Lorenza não respondeu. Em vez disso, levantou-se abruptamente e dirigiu-se à secretária de Tommaso.

— Vamos beber um café? — perguntou-lhe.

Ele olhou para ela, surpreso. Depois sorriu.

— Com todo o prazer — respondeu. — Mas é por minha conta.

*

Anna parou, apoiou um pé no chão e tirou o lenço do bolso do casaco para enxugar a testa e o pescoço encharcados de suor. O calor daquela manhã era enervante. Não via a hora de chegar a casa, pôr a cabeça debaixo do jato de água fria e dedicar-se um pouco à leitura. Um pouco antes, no bar, Antonio emprestara-lhe o seu exemplar de um romance intitulado *Tempo di Uccidere* [Tempo de matar], escrito por um tal Ennio Flaiano, um autor do qual Anna nunca ouvira falar.

Ganhara recentemente um grande prémio literário, explicara-lhe Antonio.

— Quero que o leias — acrescentou. — Sublinhei algumas frases... Se quiseses, sublinha também as que te chamarem mais a atenção e depois falamos sobre isso.

Finalmente, chegou a última entrega da manhã: a conta da eletricidade de uma senhora idosa que não ouvia de um ouvido e a quem Anna teve de ler cada item — taxa de consumo, imposto governamental, aluguer do contador, imposto de selo, etc. — três vezes antes de a senhora se convencer de que não havia erros. Fechou a mala postal vazia e depois olhou de relance para o relógio: sim, tinha tempo de dar um salto a Contrada La Pietra. Teria de enfrentar o calor, mas paciência: queria aproveitar as horas em que dom Giulio estava fora, na paróquia. Não via Giovanna há duas semanas. Talvez estivesse enganada, mas Anna tinha a impressão de que a amiga andava há algum tempo a tentar evitar a sua companhia: já não a visitava na aldeia com tanta frequência como antes, e muitas vezes nem sequer a encontrava em casa. Nas poucas ocasiões em que se tinham visto, Giovanna parecera-lhe silenciosa e embaraçada, como se não visse a hora de se ir embora. Da última vez que Anna fora bater à porta do casebre em Contrada, fora Giulio a abrir-lhe a porta, e Anna ficara surpreendida porque não esperava encontrá-lo ali a meio da tarde.

— A Giovanna está a descansar — dissera-lhe ele, com o rosto rígido. Nem sequer a tinha convidado a entrar.

— A esta hora? — perguntara Anna, arqueando uma sobrancelha.

— Estava com dores de cabeça.

— Está bem, talvez volte amanhã — dissera ela.

— Não te incomodes em voltares para *nos* visitares — respondera ele. Depois, dirigiu o olhar para as calças que Anna trazia vestidas. — Se ela quiser, vai ter contigo. — E fechara-lhe a porta na cara.

Anna chegou a Contrada e, quando abriu o portão, assobiou para chamar *Cesare*, mas o cão não apareceu. Continuou a bater à porta.

— Giovanna, estás aí? Sou eu.

Foi preciso mais de um minuto para que Giovanna se decidisse a abrir.

— Até que enfim! — exclamou Anna, irritada. — Afinal, ainda estás viva!

— Sim, eu estou — disse ela num sussurro, voltando a entrar em casa.

Anna seguiu-a e pousou a mala postal em cima da mesa.

— O que é que queres dizer com isso?

— O *Cesare*.

— E quando é que isso aconteceu?

— Há duas semanas...

Anna pôs uma mão na anca e olhou para ela, desagradada.

— E só agora é que me dizes?

— Desculpa, não pensei nisso — respondeu a amiga. — Queres que te faça um café?

— Esquece o café. Vais dizer-me o que se passa? Desapareces, não me dizes que o *Cesare* morreu...

— Eu não desapareci. Estou aqui... — disse Giovanna, baixando o olhar.

— Olha-me nos olhos — ordenou-lhe Anna. Giovanna levantou lentamente a cabeça. — Vou perguntar-te outra vez: podes dizer-me o que se passa? Fiz-te alguma coisa?

— Não... — Ela puxou a cadeira e sentou-se.

— Não acredito em ti... Sei que se passa qualquer coisa — insistiu Anna.

Giovanna torceu as mãos, depois foi ao lava-louça e deitou água num copo com a borda lascada.

— Porque é que estás a tentar afastar-me do Giulio? — perguntou.

Anna olhou para ela, estupefacta.

— Eu? De que estás a falar?

— Foste tu que disseste aquelas coisas, sobre o corpo... Que não é dele... Até o acusaste de me ter feito mal.

— Eu não acusei ninguém... Só te fiz uma pergunta. E, quanto ao facto de o teu corpo não ser dele, bem, repito. Não percebo: aonde é que queres chegar?

— Falei sobre isso com o Giulio. E ele explicou-me que não é como tu dizes. Que não consegues compreender o que existe entre mim e ele e que só dizes isso porque o queres afastar de mim. Porquê? Não queres que eu seja feliz?

— Mas porque é que lhes contaste? Não devias ter contado.

— Ele não quer segredos entre nós.

Anna fechou os olhos por um momento e esfregou a testa com os dedos, como se de repente tivesse uma dor de cabeça lancinante.

— E depois ficou zangado por causa das calças — continuou Giovanna.

Anna reabriu os olhos.

— O que é que as calças têm que ver com isto agora?

— Ele diz que a ideia foi tua — disse Giovanna, agarrada ao copo. — Que a mim nunca me teria ocorrido tal coisa.

— Foi por isso que nunca te vi com elas vestidas? É ele que não quer?

— Ele cortou-as...

— E tu deixaste-o?

Giovanna encolheu os ombros. Bebeu o último gole de água e pousou o copo na mesa.

— Não acredito nisto... — murmurou Anna para si própria.

— Mas é verdade! — exclamou Giovanna, com uma atitude agressiva que nunca tivera antes. — É verdade que a ideia foi tua. Foste tu que me levaste à costureira. Eu nem sequer as queria.

— De que estás a falar? Sabes que não é assim. Estavas tão feliz...

— No fim, obrigas-me sempre a fazer tudo o que fazes — quase gritou Giovanna.

Anna olhou para ela, perplexa.

— Já percebi — disse ela, em voz baixa. Pegou novamente na mala postal e dirigiu-se para a porta. Sabia que a amiga não a iria impedir, que a deixaria ir embora. Aquela não era a sua Giovanna. Sentia-se profundamente perturbada pelo poder que Giulio exercia sobre ela, pela forma como era capaz de distorcer a realidade, pela sua assustadora capacidade de lhe enfiar na cabeça palavras e pensamentos que não lhe pertenciam. *Ele explicou-me que... Ele diz que...*

— Sinto muito pelo que aconteceu ao *Cesare* — disse ela, no instante antes de fechar a porta atrás de si.

Percorreu o caminho de regresso com um nó na garganta e uma tristeza insuportável no coração.

*

No final dessa semana de calor infernal, a família Greco decidiu passar o domingo à beira-mar. Amontoaram tudo — comida, bebida, fatos de banho, roupa para trocar, livros, revistas, toalhas e cadeiras dobráveis — nos dois carros e saíram de Lizzanello de manhã bem cedo. Tommaso também fora com eles. «Sorte a vossa, eu também gostava de ir dar um mergulho», comentara da sua secretária, quando ouvira a tia e a sobrinha falarem da praia e de que mal podiam esperar pelo domingo para poderem ir. Lorenza virara-se e, encolhendo os ombros, dissera: «Vem também connosco, que tal? Gostaríamos muito. Não é, tia?» E olhara para a Anna. «Sim, claro», respondera ela, hesitante, lançando um olhar interrogativo à sobrinha. Mas Lorenza ignorara-a e depois, virando-se para Tommaso, dissera: «Ótimo, então esperamos por ti às oito horas. Em frente à minha casa. Sabes onde é, não sabes?»

— Consegues acompanhar-me? — brincou Carlo, sentado ao volante, de óculos escuros e com um charuto entre os dentes. Anna, ao seu lado, riu-se. Roberto, que sempre detestara levantar-se cedo, estava estendido no banco de trás, com um ar rabugento e de olhos fechados.

Antonio encostou o *Fiat 508* ao carro de Carlo e respondeu:

— Se me lembrar de meter a segunda, sim, vou conseguir.

Carlo desatou a rir. Agata, sentada ao lado do Antonio, também se riu. Atrás, Lorenza e Tommaso entreolharam-se e sorriram.

Era muito cedo, por isso a praia de San Foca ainda não estava apinhada. Dispuseram as toalhas junto à linha de rebentação e abriram as cadeiras dobráveis de madeira, enfiando as pernas na areia. Agata, Anna e Lorenza dirigiram-se a uma das barracas de praia e vestiram os fatos de banho, voltando depois para junto dos outros.

— Quando contar até três, todos para a água! — exclamou Carlo, que tinha rapidamente despido a camisa e as calças, ficando apenas com o fato de banho.

— Pai, tenho sono — resmungou Roberto, deitado na toalha com os braços a tapar os olhos.

— Eu vou esperar mais um bocadinho — murmurou Anna, deitada com o peso apoiado nos cotovelos.

Carlo pôs as mãos nas ancas e olhou para eles, arqueando uma sobrancelha.

— Ah, sim? — disse ele. Depois, de um salto, pegou em Anna ao colo e correu em direção ao mar, enquanto ela, a rir, se agitava e lhe pedia para a pôr no chão, acabando por atirá-la à água. Ela voltou a emergir passado um instante, tossindo e rindo ao mesmo tempo.

— Agora é a vez do teu filho — disse Carlo, dirigindo-se a Roberto, que, no entanto, se levantou e começou a correr.

— Vou apanhar-te! — gritou Carlo atrás dele.

— Coitado do rapaz, deixa-o em paz — interveio Agata, a rir.

Por fim, Carlo conseguiu agarrar o filho pelas ancas, levantou-o e atirou-o à água, entre as gargalhadas de todos.

— Simpático, o teu tio — comentou Tommaso, que estava sentado na toalha ao lado de Lorenza, com o braço apoiado no joelho.

— Sim, sempre foi muito divertido.

— Tu não vais ao banho?

— Daqui a pouco — respondeu Lorenza e tirou um exemplar da *Bolero* da mala.

— Olha, eu acho que vou agora — disse Tommaso e levantou-se. Desabotoou a camisa de meia manga e despiu-a, depois tirou as calças e a camisola de alças e ficou só com uns calções azul-escuros que iam até meio da coxa.

Lorenza espreitou por cima da revista e não conseguiu esconder o seu espanto: Tommaso tinha ombros largos e confiantes, os músculos dos braços bem definidos e um corpo seco e bem torneado. Ele apanhou-a a fitá-lo e esboçou um sorriso tímido. Então Lorenza, corando, escondeu o rosto entre as páginas da *Bolero*.

Antonio caminhou em direção à água e depois parou à beira-mar, cruzou os braços e deixou os pés ficarem imersos até aos tornozelos. Roberto saiu da água e foi ter com o tio.

— Está gelada — disse ele, a tremer.

— Vai deitar-te ao sol — respondeu Antonio, dando-lhe uma palmadinha nas costas, e voltou a olhar em frente.

Nesse momento, Carlo deu um mergulho e começou a nadar com grandes braçadas.

— Às vezes, pergunto-me onde é que ele vai buscar aquela energia toda.

A voz de Anna fez que ele se virasse. Encontrou-a ao seu lado e não pôde deixar de pensar que, naquele dia, o verde dos seus olhos parecia ter adquirido uma tonalidade mais intensa e brilhante, como se as íris tivessem incorporado todos os tons do mar.

— E pensar que em criança tinha medo da água — respondeu Antonio. — Demorei muito tempo a conseguir que ele ultrapassasse isso. E, vejam só, parece uma pequena sereia — continuou ele num tom divertido.

— Estou preocupada com a Giovanna — disse Anna do nada.

Antonio suspirou e olhou para ela, pondo-se subitamente muito sério.

— E porquê?

Contou-lhe sobre o encontro que tinham tido algumas manhãs antes, sobre as palavras duras de Giovanna, sobre como Giulio tomara conta da sua cabeça e do seu corpo, sobre as calças rasgadas, sobre ter saído de lá perturbada e desanimada.

— Ele é um homem perigoso. Gostava muito que se fosse embora — concluiu.

Antonio comprimiu os lábios.

— Não é assim tão simples... Ela está apaixonada por ele, não está?

Anna abanou a cabeça.

— Não, ela não está apaixonada. Ela está subjugada, é diferente. Como é que não me apercebi da raça de homem que ele era? E só de pensar que até a encorajei... — Deu um pequeno pontapé na areia, levantando um monte de grãos.

— A culpa não é tua — disse Antonio. — Como podias imaginar?

— Eu podia ter... — respondeu ela num tom irritado.

— Não estou a ver como.

— Devia ter percebido desde aquelas primeiras cartas... Já estava tudo escrito nas entrelinhas...

Antonio curvou os lábios num pequeno sorriso.

— Isso acontece muitas vezes, não é? Aquilo que é realmente importante encontra-se nas entrelinhas. Mas nem toda a gente consegue procurar. Ou se calhar preferem não o fazer...

Anna baixou o olhar e desenhou um círculo na areia com o pé. Depois, voltou a levantar os olhos para Antonio.

— *Não Se Sabe Como* — disse ela.

Antonio olhou para ela, perplexo.

— A peça de Pirandello que mencionaste na tua carta. Li-a na altura.

— Nunca me disseste... — A voz de Antonio ficou embargada.

Ela encolheu os ombros.

— Aquela também era uma mensagem nas entrelinhas... — disse ela, com um olhar intenso.

Antonio fitou-a, mas não conseguiu dizer nada, porque, nesse momento, Carlo saiu da água e juntou-se a eles.

— A água está ótima — disse ele a Antonio, afastando o cabelo para trás com a mão. — Atira-te, mano. — E salpicou-o com água.

— Já vou, já vou — disse ele, protegendo-se dos salpicos com as mãos. Deu alguns passos em frente e depois mergulhou no mar com um pequeno salto.

— Agora dás-me um beijo? — disse Carlo, inclinando os lábios para a frente a fazer beicinho.

— Não — respondeu Anna, sorrindo. — Assim aprendes a não me atirares à água à traição.

Juntaram-se ao resto do grupo, e Anna deitou-se na toalha.

— Como está a água? — perguntou Agata, que estava a descascar um pêssago com a faca.

— Fria — respondeu Anna. E fechou os olhos.

Carlo sentou-se ao lado de Lorenza, esfregando-se com uma toalha de mãos.

— Então, tio, estás a molhar-me toda! — protestou ela.

Ele riu-se.

— Parece-me que a protagonista de... — Espreitou para a revista. — ...*Luz na Escuridão* não se importava nada de dar um mergulho, triste como está... — E deu-lhe um empurrãozinho. — Onde está o Tommaso? — perguntou-lhe depois.

— É ele ali a nadar — respondeu Lorenza e apontou para o mar com um aceno de cabeça.

— Está mesmo apanhadinho não está?

— Quem?! — exclamou ela, corando.

— Ainda me perguntas quem? O teu belo diretor, não é verdade?

— Ele é assim mesmo, simpático com toda a gente.

— A sério — insistiu Carlo, sorrindo.

— E, mesmo que estivesse, não me interessa — acrescentou Lorenza, pondo-se séria.

— E porque não? É um bom homem. Respeitável. De bom carácter. E também não é feio.

— Estou à espera de outra pessoa, tu sabes — interrompeu-o ela.

Carlo não conseguiu evitar um esgar de desagrado.

— Do Daniele?

— Sim.

Ele levantou-se e começou a sacudir a areia das pernas.

— Voltou a escrever-te? — perguntou o mais casualmente possível.

— Só daquela vez. E a ti?

Carlo hesitou e depois decidiu mentir.

— Sim, sim.

— Ah — surpreendeu-se Lorenza. — E o que diz? Como é que ele está?

— Está bem. Farta-se de trabalhar e anda a desfrutar da cidade. Tem conhecido muitas pessoas novas...

Lorenza mordeu o lábio inferior.

— Ele mandou cumprimentos para mim?

— Na verdade, não — disse ele, fingindo desagrado. E observou atentamente o rosto da sobrinha, esperando ver nele pelo menos um vago traço de desilusão.

— Não faz mal — disse Lorenza. E voltou a mergulhar o rosto nas páginas da *Bolero*.

— Mas onde é que ele vai?! — exclamou Agata.

Antonio avançara mar adentro e agora parecia apenas um pequeno pontinho na água transparente.

Continuando a olhar para o mar, a mulher pôs-se a descascar outro pêsego.

— Ainda fica com as mãos e os pés todos engelhados — resmungou.

Deitada ao lado dela, com um braço sobre o rosto para a proteger do sol, Anna virou-se para olhar para ela.

— Oh. Tinhas adormecido? — perguntou-lhe Agata.

— Sim — respondeu Anna com um bocejo. Levantou-se. — O que é que estavas a dizer? — perguntou, esfregando a cara.

— Nada, nada.

Anna remexeu na mala, tirou um livro e pousou-o na toalha. Depois, continuou a procurar.

— Onde é que terá ido parar o lápis? — perguntou-se, com a cabeça enfiada na mala.

Agata olhou para a capa.

— Ennio Flaiano... *Tempo di Uccidere* — murmurou. Demorou alguns segundos, mas depois reconheceu-o: era o mesmo livro que vira no escritório de Antonio na semana anterior, quando lá entrara para limpar o pó. Sim, era aquele, com uma manchinha de café no canto da capa.

Com um acesso de raiva, Agata deitou fora o caroço de pêsego.

Outra recordação ressurgiu, prepotente e dolorosa: quando estava à espera de Lorenza, teve de passar os últimos meses da gravidez na cama, por ordem do médico. Antonio deitava-se, então, ao lado dela e, para passar o tempo, lia-lhe um romance. A certa altura, porém, ela confessara-lhe que estava farta de todas aquelas histórias inventadas sobre pessoas que nunca existiram. Preferia que lhe contasse histórias reais sobre pessoas que ela efetivamente conhecia. O que é que se passava na aldeia? «Diz-me, como acabou aquela história com o Nando? A mulher dele recebeu-o de volta em casa?», «A Michelina vai casar-se ou não?», «E o filho da Cosima? Já arranjou trabalho ou continua em casa?»

Antonio olhara para ela, abanando a cabeça. Não, ele não sabia nada sobre a vida na aldeia. «De que é que te vale saberes o que se passa com o Nando ou com a Cosima?», exclamara ele, a seguir. «Estas histórias são muito mais bonitas, mais envolventes... mais verdadeiras do que as verdadeiras! Fazem-nos compreender muitas coisas, fazem-nos pensar...»

Sem responder, Agata virara-se para o lado e fechara os olhos.

Desde então, nunca mais tentara ler-lhe um livro. *Nem eu alguma vez lhe pedi que o fizesse*, refletiu, com uma pontada de amargura. Lembrou-se de que Anna também lhe lera um romance quando ela estava doente por ter perdido o bebé. E, dessa vez, também não a tinha feito sentir-se melhor. *Enchem a cabeça de palavras e depois não sabem encontrar as certas para consolar as pessoas*, pensou.

— Até para a praia vocês os trazem, que seca! — disse então em voz alta, com aspereza. Trincou o último pedaço de pêsego e recostou-se com um suspiro.

Anna levantou os olhos do seu livro e olhou para ela, confusa.

— Desculpa, estavas a falar comigo?

Agata fechou os olhos e não lhe respondeu.

Novembro-dezembro de 1947

— Viste, mamã? A Isabel e o Filipe.

— Quem? — perguntou Agata com uma careta.

— A princesa de Inglaterra, mãe! Casou-se.

Sentada à mesa da cozinha, Lorenza, em camisa de noite, estava a tomar o pequeno-almoço. À sua frente, estava o artigo da *Oggi* que descrevia o casamento de Isabel de Windsor com Filipe, duque de Edimburgo. Com um olhar arrebatado, passou um dedo sobre as fotografias: a multidão que acolhia os recém-casados à saída da abadia de Westminster, a saudação da varanda do palácio de Buckingham, o vestido dela em seda marfim, marchetado com pérolas e brilhantes, com uma cauda de quatro metros...

Agata aproximou-se da mesa, com um pano nas mãos, e inclinou-se para dar uma olhadela.

— Esta é a princesa? — perguntou, torcendo o nariz.

— No meu casamento, quero uma cauda tão comprida como esta — disse Lorenza, sonhadora.

— E tu és o quê, uma princesa? — riu-se Agata, pegando na chávena vazia. — Vai lá vestir-te, anda, senão ainda chegas atrasada ao trabalho.

Depositou a chávena no lava-louça, juntamente com os outros pratos sujos do pequeno-almoço, e abanou a cabeça.

— O que é que tem? Quero um vestido de que toda a gente se lembre.

— Primeiro espera pelo pedido de casamento, depois pensa no vestido.

— Assim que ele voltar, mãe. Ele prometeu.

Agata fez dançar a mão no ar, como se quisesse dizer que eram apenas palavras ao vento.

— O quê? Não acreditas? — Lorenza ficou irritada.

— As promessas dos *masculi*²⁶ são como a nortada — disse Agata. — Duram três dias. — E levantou três dedos.

— As do Daniele, não — defendeu-o Lorenza.

— Oh, a sério? — Agata põe o pano ao ombro e encosta-se ao lava-louça. — E porque é que ele não volta? Sabe-se lá quem conheceu na América. Ouve o que te

digo, tens de esquecer esse aí. Porque agora ainda estás em idade de arranjar marido, mas daqui a pouco tempo já não. — Reitera o conceito, movendo o polegar e o indicador. — Os homens vão começar a olhar para as que são mais novas e frescas do que tu, e já nenhum te vai querer.

Lorenza sentiu o coração bater cada vez mais depressa e, num instante, sentiu-se inundada por uma raiva que parecia vir de longe.

— É a ti que mais ninguém quer — sibilou ela, empurrando a cadeira para trás. — Nem sequer o pai — acrescentou ela num fôlego, antes de sair do quarto.

Como se tivesse levado uma forte bofetada na cara, Agata sentiu uma súbita tontura, afastou uma cadeira da mesa da cozinha e sentou-se lentamente nela. Foi como se um enorme enxame de mosquitos tivesse começado a zumbir à frente dos seus olhos, obscurecendo-lhe a visão e a audição. Obrigou-se a respirar fundo, depois uma e uma terceira vez.

— Antonio... — murmurou, mas a voz morreu-lhe na garganta como a chama de um fósforo gasto. Naquele momento, esqueceu-se completamente que o marido não se encontrava em casa: apenas meia hora antes, Antonio bebera o seu café e, antes de sair, despedira-se dela com um beijo na face, como sempre. Era o único beijo do dia, o único contacto físico que Antonio agora lhe concedia e que ela aguardava sempre, todas as manhãs. Assim que acordava, ia à casa de banho e lavava a cara com o sabonete *Palmolive*, depois descia, preparava o café e punha a mesa com as chávenas e as colheres: quando Antonio se aproximava da sua face, encontrá-la-ia macia e perfumada e pensaria que, passados tantos anos, o cheiro da pele da mulher ainda era agradável.

Agata tentou levantar-se, apoiando-se nas costas da cadeira, mas as tonturas obrigaram-na a sentar-se novamente. Ouviu Lorenza descer as escadas e abrir a porta da rua. Manteve os ouvidos atentos por alguns segundos, à espera. Mas a despedida da filha não chegou, naquela manhã.

*

Lorenza fez o caminho com o coração inchado de raiva e, ao mesmo tempo, assolado pela culpa. As palavras que lançara à mãe eram lâminas afiadas que a haviam ferido até ao âmagô, tinha plena consciência disso. Sentiu-se tentada a voltar atrás e pedir-lhe perdão, mas o ressentimento pela sua própria ferida levou a melhor sobre ela e fê-la seguir caminho.

Sim, era verdade, pensou, ao chegar a casa dos tios. Daniele ainda não tinha regressado, mas, durante aqueles meses, depois de um silêncio que ele atribuía ao trabalho, escrevera-lhe muitas cartas. Falava-lhe sempre e só de Nova Iorque, dos amigos que fizera em Little Italy, dos seus novos clientes, dos negócios que realizara e dos quais Carlo estava muito orgulhoso. Vender o *Donna Anna* não fora nada difícil, revelara-lhe: bastava um copo para conquistar toda a gente. Aquilo que ele não tinha contado a ninguém, exceto a Lorenza, era que três noites por

semana frequentava uma oficina de costura numa cave na rua Mulberry: era gerida por uma mulher da Campânia, Marisa, uma senhora simpática que tinha sempre resposta pronta e que costurava fatos de homem para uma loja na Quinta Avenida. A certa altura, chegou também uma fotografia: Daniele envergando um elegante fato com risca de giz, com o casaco cintado, os ombros largos enchumaçados, um lenço de seda no bolso do peito, a gravata e um chapéu *como os de Humphrey Bogart em Casablanca*, explicara-lhe ele. *Gostas do casaco? Fui eu que o desenhei e costurei!* Assim que acabasse a oficina em dezembro — dizia-lhe ele na carta —, iria regressar. Também lhe confidenciara que queria deixar de trabalhar para a Adega Greco: estava grato ao senhor Carlo, estaria para sempre, mas era altura de realizar os seus sonhos. Abriria o seu próprio ateliê, em Lecce, e mudar-se-iam os dois para lá. Isto é, se ela ainda o quisesse. *Amo-te, pequena Lorenza*, era a conclusão de cada carta. Ele escrevia muitas palavras, rios delas, exceto aquela que realmente contava e que era «casamento». Lorenza gostaria de o compreender, de ficar feliz por todas as coisas boas que lhe estavam a acontecer, mas a verdade é que não conseguia deixar de estar zangada com ele por não ter escolhido ficar, por não ter renunciado àquela viagem porque preferia — porque queria — estar com ela. Tal como o pai, que muitos anos antes partira para África, apesar de ela lhe ter implorado para não ir...

Dali a poucos meses, faria vinte e três anos, removeu, e era a única de todas as suas conhecidas que ainda não se casara. Algumas já estavam grávidas do segundo filho. E ela? O que é que ela tinha de concreto nas mãos? Ainda vivia com os pais, no mesmo quarto onde dormia em criança, nos mesmos lençóis cor-de-rosa com bordas rendadas. Quando é que ela teria uma casa própria para cuidar?

Como de costume, Anna esperava-a à porta de casa. Tinha vestido o casaco da farda e, por baixo, as calças: agora usava-as sempre, pois tinha mandado fazer cinco pares de cores e tecidos diferentes.

— Que cara tão sombria — cumprimentou-a, franzindo o sobrolho. — O que é que te aconteceu?

— Discuti com a minha mãe — respondeu Lorenza.

Anna pôs-se a caminho, empurrando a bicicleta ao seu lado.

— Queres contar-me o que se passou?

Lorenza sentiu-se tentada a desabafar, mas depois pensou na sua mãe e sentiu uma pontada de pena por ela. Sempre amarga, sempre triste, sempre sozinha... uma solidão que, afinal, era também a sua. Não, ela não queria revelar a ninguém, muito menos à tia Anna, o fardo que pesava sobre ela.

— Agora não me apetece — respondeu ela, sem olhar a tia nos olhos, e pôs-se a andar em frente.

Como todas as manhãs, quando as duas mulheres entraram na estação dos correios, o rosto de Tommaso iluminou-se. Desejava um «bom-dia» a Lorenza com um largo sorriso, depois seguia-a com os olhos até ela abrir a porta da salinha do telégrafo. Era impossível não reparar nisso, mas, até então, Lorenza escolhera

não ligar. Naquele dia, porém, enquanto se sentava à sua secretária, pensou que Tommaso era o perfeito «homem para casar», como dizia a mãe. Não era nem nunca seria um herói das fotonovelas, impulsivo e avassalador, mas, em contrapartida, podia-se contar com ele para uma vida «despreocupada», outra expressão que Agata usava frequentemente e que significava ser tratada com respeito fora e dentro de casa, levar uma existência digna, ter a tranquilidade financeira de um emprego honesto e seguro.

Não se apercebeu de que Tommaso se aproximara dela, trazendo um jornal.

— No cinematógrafo, estão a dar *A Zaragateira* — diz-lhe ele.

— Aquele filme com a Anna Magnani, certo? Eu vi o cartaz — respondeu Anna, fingindo estar ocupada.

— Porque é que não o vamos ver uma noite destas? Todos nós, quero dizer — propôs Tommaso, olhando em redor.

— Sim, boa ideia — disse Anna, pondo a mala postal a tiracolo. — Vamos no sábado? — perguntou ela, um pouco antes de sair.

*

Com exceção de Carmine, que recusara o convite com uma rosnadela, foram todos ao cinema nesse sábado, os funcionários da estação dos correios e toda a família Greco. A sala estava cheia e olharam em redor à procura de lugares livres: Carlo e Roberto avançaram para as filas da frente, enquanto Elena tagarelava com Agata, apontando para algumas cadeiras livres do outro lado da sala, e Lorenza e Tommaso, que tinham ficado para trás, avançaram lado a lado, sem pressa. Antonio e Anna foram os últimos a chegar, e, assim que entraram na sala, o olhar dele cruzou-se com o de Melina, sentada no lugar habitual ao fundo. A mulher estava a brincar com uma madeixa do seu cabelo encaracolado, rodando-a entre os dedos, e cumprimentou-o com um sorriso e uma piscadela.

— Conhece-la? — perguntou Anna.

— Quem? — disse Antonio corando.

— Como quem? A mulher que sorriu para ti — respondeu Anna, apontando para ela com um aceno de cabeça.

Mas Melina já estava a olhar para outro lado.

— Deves estar enganada, ela não sorriu para mim — balbuciou Antonio.

— Devo estar, devo... — respondeu Anna, pouco convencida.

Carlo levantou a mão e fez sinal a Anna e Antonio para se juntarem a ele.

Agata e Elena tinham ocupado dois lugares laterais, e Elena pôs-se a esbracejar para fazer sinal a Tommaso e Lorenza que havia mais dois lugares livres, um deles no início da fila. Assim que chegaram junto delas, Tommaso olhou de soslaio para Elena, e ela compreendeu imediatamente a mensagem silenciosa: moveu-se para dentro, deixando livre o lugar ao lado do de Lorenza. Mas não conseguiu conter uma gargalhada.

Durante o filme, Tommaso estava nervosíssimo; remexia-se tanto na cadeira que alguém numa fila de trás lhe disse:

— Oh, homem, não consegues estar quieto? Parece que tens bichos-carpinteiros!

— O que foi? Estás desconfortável? — sussurrou Lorenza.

— Não, não — respondeu ele, acenando com a mão. — Está tudo bem.

Quando as luzes voltaram a acender-se e a sala começou a esvaziar-se, Elena deu o braço a Agata e levou-a para junto dos outros, certificando-se de que o diretor e Lorenza ficavam sozinhos para se dirigirem à saída.

— Então, gostaste? — perguntou-lhe Tommaso.

— Muito — respondeu Lorenza. — Sabes, estava a pensar que ela é tal e qual a minha tia... — murmurou ela.

— Ela quem? A Anna Magnani?

— Sim, mas não estou a falar fisicamente — explicou Lorenza. — Ela, a personagem, quero dizer. São especiais, as mulheres como elas. Muito combativas... nunca têm medo de nada — acrescentou ela num tom melancólico. Ela tinha certeza de que, se fosse a sua tia Anna, no lugar de Anna Magnani, também ela teria feito uma «peixeirada» para dar aos pobres casas para morar.

— Tu também és especial — disse Tommaso.

Lorenza abanou a cabeça devagarinho.

— Olha, estou a falar a sério — insistiu ele.

Ela esboçou um sorriso.

— És muito querido por dizeres isso.

— Tenho pensado nisso desde que chegaste à estação... é como se tivesses trazido luz à minha vida... Desculpa — embarçou-se em seguida. — Não tenho jeito para isto, já lá vai muito tempo que...

Lorenza interrompeu-o, pondo-lhe um dedo sobre os lábios.

— Eu sei — murmurou ela, suavizando o olhar, um momento antes de puxar a cortina vermelha.

*

Em novembro desse ano, no seu quadragésimo quarto aniversário, o primeiro como presidente da Câmara, Carlo organizou uma grande festa com música, dança e cestos de charutos à discrição. Contratou uma pequena orquestra de Lecce, generosamente remunerada, com piano, trompete, saxofone e violino. Nesse ano, as garrafas de *Donna Anna* vestiram-se com um rótulo novo, que celebrava o décimo ano de produção. Junto ao logótipo da rosa aberta estava escrito DONNA ANNA ANNIVERSARIO. A composição foi ligeiramente alterada para a ocasião: o mestre da adega, que estava a substituir Daniele por ora, sugerira diminuir a percentagem de *Negroamaro* e aumentar a de *Malvasia*. O resultado foi um vinho excepcionalmente fresco, com um inconfundível tom de cereja brilhante,

enriquecido, em comparação com o anterior, pelo aroma de pétalas de rosa. No seu aniversário, Carlo ofereceu-o em abundância aos seus convidados.

Deambulando pela sala cheia, Anna não pôde deixar de reparar na diferença entre esta festa e as outras: no passado, Carlo convidara as pessoas comuns de Lizzanello, desde os camponeses aos trabalhadores e comerciantes da cidade. Desta vez, porém, enviara o convite aos seus amigos e apoiantes do partido, alguns dos quais tinham vindo de Lecce, bem como aos membros do conselho municipal, que haviam aparecido com as mulheres e filhos a reboque. Estava presente também o padre, dom Luciano, que trazia um pedido de desculpas do bispo, retido por um compromisso anterior. Mais do que uma festa, era uma espécie de ritual que sancionava uma separação, pensou Anna.

Carlo circulava pela sala, sorridente e alegre, com o charuto entre os dedos, parando para falar com toda a gente. De vez em quando, trazia Antonio para as luzes da ribalta: procurava-o com o olhar entre a multidão e, assim que o avistava, começava a chamá-lo em voz alta.

— Já conhecem o meu irmão? — perguntava, então, pousando-lhe uma mão no ombro.

Agata, por seu turno, sentada no sofá, com as costas curvadas e as mãos entrelaçadas no colo, contemplava o fogo crepitante da lareira e, de vez em quando, alçava os olhos para Lorenza e Tommaso, que, sentados lado a lado no sofá à sua frente, conversavam animadamente.

De repente, Carlo agitou as mãos, pedindo que se fizesse silêncio. A orquestra parou, e todos se reuniram à sua volta.

— Senhoras e senhores, espero que estejam a divertir-se! — exclamou. — A julgar pelas garrafas vazias, diria que sim! — E sorriu.

— Um brinde ao nosso presidente da Câmara! — gritou um homem erguendo o seu copo.

— Parabéns!

— Feliz aniversário!

— Que se repita por muitos anos!

— Obrigado, obrigado a todos — disse Carlo. — Estou muito feliz por vos ver aqui esta noite, a festejar comigo. Mas agora... — Fez uma pausa, examinando a pequena multidão. — Agora, quero convidar a minha bela esposa para a primeira dança da noite. — E ergueu o seu copo na direção dela.

Dezenas de olhos focaram-se em Anna. Ela curvou os lábios num sorriso pouco convincente. *Ele e as suas volta-faces*, pensou ela.

Carlo sussurrou algo ao ouvido do pianista, e as primeiras notas de «Amado Mio» encheram a sala. Depois, aproximou-se de Anna e, com o seu encantador sorriso de malandro, pegou-lhe na mão e levou-a para o centro da sala. Enquanto as pessoas se afastavam, ele cingiu-lhe a cintura e, olhando-a nos olhos, começou a dançar.

— Também queres dançar? — perguntou Tommaso a Lorenza.

— Agora?

— Se não for agora, quando? — perguntou-lhe, com um sorriso.

— Apetece-me dançar, mas mais daqui a bocadinho — respondeu Lorenza, tentando não parecer mal-educada.

Nesse momento, Carmela entrou na sala, de braço dado com Nicola. Lorenza retesou-se e afastou-se um pouco de Tommaso. Porque é que o tio Carlo não a avisara de que os pais de Daniele também viriam? Ia cumprimentá-los, mas depois parou, perturbada, ao reparar que o vestido de Carmela era incrivelmente parecido com um dos modelos de Daniele. Lembrava-se bem da altura em que ele, todo orgulhoso, lhe mostrara o desenho. «É um vestido de noite», dissera-lhe. «Para ocasiões especiais». Tinha um corpete justo na cintura e uma saia larga e cheia, que ia bater a meio da barriga das pernas.

Mas não, que disparate, pensou Lorenza logo a seguir. Devia tratar-se de uma coincidência, disse a si própria. Seguramente, Carmela copiara-o de uma das suas revistas...

A canção acabou, e Carlo faz uma vénia burlesca em sinal de agradecimento pelos aplausos estrondosos. Depois, pegou na mão de Anna, aproximou-se de dois homens, com as respetivas mulheres, e começou a conversar com eles.

— Muitos parabéns, senhor presidente da Câmara! — A voz estridente de Carmela fez Carlo estremecer, obrigando-o a virar-se para ela. — Trago-te também os parabéns do meu pai, que gostou muito da garrafa de vinho novo que lhe mandaste — continuou ela, sem se importar de ter interrompido a conversa. — Ele diz que, quando o quiseses visitar, te dirá pessoalmente o que pensa.

— Fico feliz por isso — respondeu Carlo. — Passarei seguramente por lá, nos próximos dias.

— Que vestido tão bonito — disse uma das esposas a Carmela.

— Gosta? — perguntou ela. — É uma criação minha.

A mulher fez uma cara de espanto e congratulou-a. A outra disse que adoraria ter um igual.

— Sim, é muito bonito — admitiu Anna, depois de o observar com atenção.

— Obrigada, senhora carteira — respondeu Carmela, radiante.

— Vão-me desculpar, mas ainda tenho mais pessoas para apresentar à Anna — interveio Carlo. E, agarrando na mão da mulher, puxou-a para junto de um homem que, sussurrou-lhe ao ouvido, era o secretário provincial da Democracia Cristã. Anna estendeu-lhe a mão e apertou-a sem grande entusiasmo. O homem perguntou a Carlo como estava a decorrer o projeto de construção da nova escola, e ele respondeu, num tom satisfeito, que acabara de ser aprovado pelo conselho e que as obras iriam começar em breve.

— E o que vão fazer com o edifício antigo? — perguntou o homem.

— Há várias propostas em análise — respondeu Carlo. — Estão todas na minha secretária, à espera de serem examinadas. Mas só depois da festa — concluiu com um sorriso.

Anna ficou subitamente pensativa. Olhou em frente durante alguns minutos, de modo que as palavras que Carlo e o homem continuavam a trocar se tornaram para ela uma espécie de murmúrio distante. Depois, exclamou:

— Eu também tenho uma proposta para dar uma nova vida a esse velho edifício!

Carlo e o outro olharam para ela, um pouco espantados.

— E qual seria, meu amor? — perguntou-lhe Carlo com uma expressão que revelava ao mesmo tempo curiosidade e medo.

— Poderia chamar-se uma... Casa para Mulheres — explicou ela, iluminando-se. — Um lugar onde a porta está sempre aberta, onde todas as mulheres em dificuldades sabem que podem encontrar refúgio. Estou a pensar, por exemplo, nas jovens mães sem marido nem emprego, naquelas que estão sozinhas, nas mulheres que não sabem como se livrar de homens violentos... — Fez uma pausa, como que para refletir. — Podíamos ajudá-las concretamente, protegê-las... e talvez dar-lhes instrução, ensinar-lhes uma profissão. Em suma, tudo aquilo de que precisassem para... se manterem de pé sozinhas.

Diante dos seus olhos passaram os momentos que vivera com Giovanna. As suas dificuldades em aprender a ler, o seu isolamento, o estigma que toda a aldeia lhe impusera durante tanto tempo. A dor que a relação com dom Giulio lhe provocava, uma dor física e mental. A sua incapacidade de pedir ajuda. Não tinham voltado a falar, desde aquela manhã de julho. Já a vira na aldeia, algumas vezes, numa loja ou à saída da biblioteca, mas algo no seu olhar, no seu modo de caminhar, nos seus gestos, a havia impedido de se aproximar. Temia que Giulio descobrisse e a castigasse. Mas quantas mulheres haveria como Giovanna? Quantas histórias de crueldade, sofrimento e abandono se escondiam por baixo da fachada plácida daquela aldeia?

— Uma Casa para Mulheres — repetiu o homem. Mas, pelo seu tom, era impossível dizer se considerava isso uma loucura ou algo exequível.

— A minha mulher é uma surpresa constante — diz Carlo, um pouco embaraçado. — Isto é completamente novo para mim.

— Também é novo para mim. Só agora pensei nisso — respondeu Anna. — Mas pode ter a certeza de que apresentarei um projeto convincente, *senhor presidente da Câmara* — concluiu ela com um sorriso.

*

— Este céu é de neve — disse Elena, espreitando pela janela. As rajadas da nortada agitavam incessantemente as folhas da grande palmeira.

— Quem me dera... — suspirou Anna, enquanto enfiava a correspondência normal e o correio registado na mala postal. — Não a vejo há... — Fez uma pausa para fazer um cálculo mental rápido. — Há treze anos.

— Este ano também não vai nevar — declarou Carmine, resolutos.

— Chegou o especialista — provocou-o Elena.

— Seria bom, no entanto, ter um Natal com neve — disse Tommaso.

— Lorenza, uma carta para ti! — exclamou Anna, virando nas mãos um envelope de cor sépia com o logótipo do United States Air Mail.

Lorenza levantou-se imediatamente da cadeira, mexendo-se ruidosamente. Com os olhos brilhantes de alegria, correu para Anna, tirou-lhe o envelope das mãos e, sorrindo, voltou para a sala das traseiras, fechando a porta atrás de si. Não prestou atenção a Tommaso, que levantara os olhos da secretária atrás dela e seguia toda a cena com um ar desconsolado.

Lorenza sentou-se, rasgou o envelope de um lado e tirou uma folha de papel dobrada ao meio. Abriu-a, e a mera visão da letra de Daniele, redonda e ligeiramente torta, foi suficiente para fazer o seu coração acelerar.

Recostou-se na cadeira e começou a ler.

Pequena Lorenza. Pequena e belíssima Lorenza.

Como despertaste tu hoje? Chegaste ao trabalho a horas ou não? A minha adorável e incorrigível dorminhoca...

Que maravilha, a fotografia que me enviaste... Tens uma expressão muito doce. Parece-me cada vez mais bonita. Existirá um limite para a beleza ou estarás destinada a ultrapassá-lo? Pousei-a na minha mesinha de cabeceira para que todos os dias sejas a primeira pessoa que vejo quando acordo e a última a quem digo boa noite.

O que se passa por aí? Conta-me algo bom. Algo que te faça feliz. Festejaste o aniversário do Carlo? Escrevi-lhe uma carta a dar-lhe os parabéns, espero que ele a tenha recebido a tempo!

Tenho uma notícia boa e uma menos boa. Por qual devo começar? Deixa-me pensar. OK, vou começar pela boa.

A Marisa viu os meus desenhos de fatos de homem e adorou-os. Mostrou-os ao dono da loja, o senhor James, e... adivinha? Quer pô-los à venda na sua loja, pelo menos alguns deles. Paga bem... Let's see how it goes, disse ele, isto é: Vamos ver como corre.

Sei o que se está a passar dentro da tua cabecinha neste momento. Respira. Lembra-te que te amo. E que quero estar contigo. E que tudo isto é também para nós, para o nosso futuro.

Ficou um bocadinho melhor?

OK.

Agora a notícia menos boa. Não posso voltar já. Não para o Natal, como prometi. Vai demorar um pouco mais, o tempo de confeccionar a coleção. Não posso recusar, é uma ocasião demasiado importante. Sei que compreendes.

Por favor, não fiques desiludida nem triste. Só de pensar nisso fico doente. O nosso tempo juntos ficou apenas adiado. Não tenhas medo. Percebeste? não tenhas medo. Eu só te amo a ti. A ti e a mais nenhuma. Aguentámos sete meses afastados,

conseguimos aguentar mais um pouco, sei que conseguimos!

Responde-me rapidamente, por favor. Diz-me que está tudo OK.

Lorenza pousou a carta na secretária e reparou que as mãos lhe tremiam. O seu coração continuava a bater depressa, mas agora era por causa da raiva. Não, ele não a amava de verdade, pensou ela. Ele nunca iria voltar. Também era um mentiroso. Como todos. Como o pai dela.

26 Em dialeto salentino, «homens». (NT)

Fevereiro de 1948

Anna pôs o xaile de lã em cima dos ombros, deitou o leite morno na chávena e foi sentar-se no banco do jardim. Os primeiros momentos do dia, pontuados pelos seus pequenos rituais, eram os seus preferidos: só ali, no *seu* lugar e na ausência de ruído, conseguia sentir-se verdadeiramente em paz, a pôr os seus pensamentos em ordem.

Na véspera, vira Giovanna na aldeia, a caminhar de cabeça baixa, com um ar desanimado e subjugado, e por um momento, mas talvez estivesse enganada, pareceu-lhe que a amiga havia levantado os olhos e procurado o seu olhar.

— *Bonjour, maman.*

Roberto apareceu de repente por trás dela e inclinou-se para lhe dar um beijo na face.

— *Bonjour, mon chéri* — disse Anna, fazendo-lhe uma carícia.

Roberto sentou-se ao lado dela, no banco, com o cabelo desgrehado e os olhos inchados de sono. Levou os joelhos ao peito e deitou a cabeça no ombro de Anna. Tinha agora quinze anos, mas às vezes, com ela, agia como se fosse uma criança.

— Em que estavas a pensar? Estavas tão absorta... — perguntou-lhe ele com uma voz arrastada.

Anna aproximou os lábios da borda da chávena e bebeu um gole.

— Na Giovanna — respondeu.

— Tens saudades dela?

— Sim. Muitas.

Roberto endireitou a cabeça e olhou para ela.

— E vais dizer-lhe isso, não vais?

— Ela já sabe. Espero eu.

Ele arqueou uma sobrancelha, como ela fazia quando era contrariada.

— Se não lhe disseres, como é que ela vai saber?

Anna esboçou um sorriso amargo.

— Não é assim tão simples. É como se... como posso explicar? Bem, é como se ela estivesse sob um feitiço. E não sei a fórmula para o desfazer.

Roberto comprimiu os lábios e refletiu durante alguns instantes.

— Bem... — disse ele — talvez seja um daqueles feitiços que só desaparecem com outro feitiço ainda mais poderoso.

Anna encolheu os ombros.

— Não sei... Se assim for, não sei mesmo qual possa ser.

— Na minha opinião, é o muito que gostas dela. O outro feitiço, quero dizer.

Anna olhou-o fixamente com doçura e depois despenteou-lhe o cabelo.

— Mas vejam só que filho tão sábio que eu tenho — disse ela com um sorriso.

Ele levantou-se, espreguiçando-se.

— Eu sei — retorquiu. — O pai também está sempre a dizer-me isso. Que eu sou sábio como ele — concluiu, com outro sorriso. Desta vez, no entanto, foi um dos sorrisos traquinas do pai.

— Oh, mas olha! — exclamou Anna, levantando-se também. — O teu pai é muito inteligente. E esperto também — continuou ela, voltando para dentro de casa. — Quanto a sábio, isso já não é.

Mais tarde, enquanto pedalava na sua *Bianchi* sob um céu nublado e ventoso, voltou a pensar nas palavras do filho. Talvez ele tivesse razão: precisava simplesmente de ir ter com Giovanna e dizer-lhe que tinha saudades dela. Lembrar-lhe que a amava, nem que o tivesse de fazer todos os dias. *Talvez seja verdade que, a longo prazo, um feitiço bom acabe por desfazer um feitiço mau*, concluiu.

Distraidamente, percorreu a estrada que conduzia à periferia da aldeia para fazer a última entrega do dia. Parou em frente a uma casa degradada, com as paredes a descascar e com a porta de madeira carcomida em vários pontos. Um homem muito alto, com a pele da cor do âmbar e braços muscudos, abriu-lhe a porta. Para lá da porta, Anna vislumbrou um tapete de folhas de tabaco, e uma mulher e duas crianças, um menino e uma menina, sentados no chão, com as pernas afastadas, a depositar as folhas limpas dentro de caixas de cartão. Anna estendeu um telegrama ao homem. Ele aceitou-o, despediu-se apressadamente e fechou a porta.

Anna voltou a sentar-se no selim para regressar ao centro, mas, após alguns metros, estancou e olhou para o relógio: era uma da tarde, Giulio estaria seguramente na paróquia. Por isso, fez imediatamente inversão de marcha e dirigiu-se logo para Contrada La Pietra, contra o vento.

Quando Giovanna abriu a porta, não foi preciso dizer nada. Assim que a viu, os seus grandes olhos cor de avelã encheram-se de lágrimas e o seu corpo, que parecia magro e extremamente frágil, foi sacudido por soluços.

Anna sentiu uma ternura sem fim, como talvez nunca tivesse sentido por ninguém. Por um momento, lembrou-se da sua pequena Claudia, tão frágil e indefesa. Depois, correu para abraçar Giovanna.

— Desculpa — disse ela, ainda a soluçar, aninhada como uma criança nos braços da amiga. — Tinhas razão.

— Calma, calma, estou aqui agora. Acalma-te — murmurou-lhe Anna. Acariciou-lhe a cabeça, mas parou de repente quando se apercebeu de que tinha

tocado num ponto onde o couro cabeludo estava exposto, como se lhe tivessem arrancado o cabelo. Afastou-se com uma expressão preocupada e virou-a: sim, havia uma falha no cabelo de Giovanna. — Foi ele? — sibilou.

Giovanna fungou.

— Não — respondeu. — Fui eu.

Na noite anterior, sentada nua na cama e com o olhar perdido, começara a arrancar os cabelos, um a um. Não parara, nem mesmo quando Giulio lhe agarrara nos braços com força e gritara que parasse. Pouco antes, ele entrara no quarto de batina e cabeça e ordenara-lhe que se despisse. Enquanto Giovanna se despia, ele despiu-se também e, de repente, apertou-lhe os pulsos e atou-os com uma fita, enquanto Giovanna tentava em vão libertar-se. Da mesma forma, atou-lhe os tornozelos. Empurrara-a para a cama e possuía-a com violência. Tal nunca tinha acontecido, jurou-lhe Giovanna em lágrimas.

Anna fixou-a com um olhar arrepiado, depois agarrou na mão de Giovanna e entrou em casa.

— Tens uma sacola, não tens? — perguntou.

Giovanna olhou em redor com um ar perplexo.

— Sim. Talvez esteja debaixo do lava-louça... Não me lembro.

Anna começou a procurá-la por todo o lado: viu debaixo do lava-louça e debaixo da cama, abriu todas as portas e todas as gavetas e acabou por encontrá-la, enrodilhada dentro de uma arca, no quarto. Abriu-a, pousou-a em cima da cama, depois dirigiu-se ao roupeiro e começou a tirar os poucos vestidos da amiga, o sobretudo, as combinações e as cuecas.

— O que estás a fazer? — perguntou Giovanna, apertando os braços com uma voz trémula.

— Não te vou deixar aqui — respondeu Anna, continuando a encher a sacola.

— Vais ficar em minha casa. Não há discussão.

Em silêncio, percorreram a estrada de regresso à aldeia. Giovanna caminhava com a cabeça baixa, enxugando continuamente as lágrimas com as costas da mão. Anna seguia ao seu lado, arrastando a sua bicicleta.

Uma vez em casa, Anna abriu as janelas do quarto de hóspedes, preparou a cama com lençóis que cheiravam a alfazema, pôs as coisas de Giovanna no roupeiro e deu-lhe um sabonete de Marselha ainda embrulhado em papel.

— Toma um bom banho quente — sugeriu-lhe. — As toalhas estão na gaveta de cima. Demora o tempo que quiseses. Espero por ti lá em baixo.

Sentada na cama com os olhos cravados no chão, Giovanna limitou-se a anuir com a cabeça.

Assim que Anna saiu do quarto, Giovanna levantou-se e dirigiu-se à cómoda. Encontrou as toalhas de linho cuidadosamente dobradas sem qualquer vinco. Estava prestes a tirar uma, quando se deu conta que havia um objeto num canto da gaveta. *Oh, um pumo. Não via um há tanto tempo...*, pensou, revirando-o nas mãos. Lembrou-se de que a mãe, Rosalina, também tinha um e que o mantinha

exposto na mesa da cozinha. «É um amuleto da sorte, aí de ti se o partires!», dizia-lhe sempre. Acariciou o *pumo* e, segurando-o com força nos braços como uma criança, pousou-o na mesinha de cabeceira.

*

Nessa mesma noite, depois do jantar, Anna apareceu no quarto enquanto Carlo, em frente ao espelho, desatava o nó da gravata.

Em voz baixa, contou-lhe o que acontecera nesse dia e concluiu, dizendo:

— A Giovanna vai ficar connosco durante algum tempo. Não sei quanto. Não te importas, pois não?

— Claro que não — respondeu. — Pode ficar todo o tempo que quiser.

Ela tirou a gravata com um suspiro de alívio e começou a enrolá-la.

— Juro que estou capaz de o esganar com as minhas próprias mãos — disse Anna, cruzando os braços.

— Sei bem que serias capaz de o fazer, meu amor — respondeu ele. — Ah — prosseguiu, como se tivesse acabado de se lembrar. — A velha escola vai ser demolida. Deliberámos sobre isso ontem.

— E com o que é que a vão substituir?

— O mercado de sábado vai ser transferido para lá, mas vai tornar-se fixo. Com bancas todas iguais, feitas de madeira. Vai ser uma espécie de feira permanente. Foi um projeto que os comerciantes apresentaram, todos juntos, e o Conselho votou unanimemente a favor.

Anna mostrou-se desiludida.

— Mas que pena. O meu projeto teria sido muito melhor. Se ao menos tivesse havido mais tempo, para obter toda aquela papelada...

— Estás surpreendida? É a burocracia deste país... — disse Carlo. Depois levantou-se da cama, aproximou-se dela e puxou-a suavemente para si. — Tenho muita pena por causa da tua Casa para Mulheres — murmurou. — Mas, acredita em mim: evitaste uma desilusão e teres imenso trabalho para nada. Eu conheço os homens do Conselho, nunca teriam votado a favor de uma ideia assim tão... moderna, é isso.

Anna franziu o sobrolho e estava prestes a perguntar-lhe se também *ele* sentia o mesmo, mas, precisamente nesse instante, ouviram bater à porta, pancadas fortes e furiosas, vindas do andar de baixo.

— Quem será, a esta hora? — perguntou Carlo, franzindo o sobrolho.

— Quem é que achas? — respondeu-lhe Anna.

Desceram as escadas e abriram a porta, encontrando dom Giulio à sua frente. Via-se que ele estava numa pilha de nervos.

— O que é que queres? — perguntou Anna.

— A Giovanna está cá, não está?

— Não tens nada que ver com isso.

— É melhor ires-te embora — disse Carlo.

— Giovanna! — gritou dom Giulio, tentando entrar.

Carlo agarrou-o pelos braços e empurrou-o para longe.

— Sai da minha casa!

— Giovanna! — continuou dom Giulio.

— Carlo, manda-o embora, por favor — disse Anna.

Carlo tentou voltar a fechar a porta, mas o outro homem bloqueou-a com o pé.

— Não me vou embora enquanto ela não vier falar comigo.

De repente, Giovanna apareceu ao cimo das escadas, descalça e em camisa de noite.

— Aí estás tu! — gritou dom Giulio. — O que te passou pela cabeça para saíres de casa assim, hem?

— Giovanna, volta para o teu quarto — disse Anna. — Por favor.

Giovanna não conseguia emitir um som que fosse. Continuava ali parada, agarrada ao corrimão.

— Vamos para casa, anda — ordenou-lhe dom Giulio.

Giovanna deu um passo atrás.

— Não — sussurrou.

— Ouviste? — perguntou Carlo. — A Giovanna fica cá. E agora sai ou ponho-te na rua com um pontapé no rabo.

— Não arredo pé da nossa casa, percebeste? — continuou dom Giulio, sem tirar os olhos de Giovanna.

— Aquela casa não é tua — disse Anna.

— Giovanna, estou à tua espera em casa — reiterou.

— Então vais esperar para sempre. Se tentares aproximar-te dela outra vez, juro que te denuncio, ou não me chame Anna — ameaçou-o, apontando-lhe o dedo.

— Ouviste? — perguntou Carlo.

Dom Giulio desapertou o cabeção e olhou para Giovanna com um ar de nojo.

— És uma pobre maluca, têm razão em dizê-lo — disse-lhe, antes de se ir embora.

Giovanna agarrou-se com força ao corrimão e baixou o olhar.

*

Lorenza não respondera à carta de Daniele. Ele escrevera-lhe outra vez, pelo Natal: um telegrama que Elena transcrevera com a sua letra pequenina. Desejava-lhe boas festas e pedia-lhe que lhe escrevesse pelo menos duas linhas. Lorenza amachucara o telegrama e atirara-o para o caixote do lixo.

Num acesso de raiva e ansiando por vingança, convidara Tommaso para a ceia de Natal em casa dos tios. Nessa ocasião, Lorenza tivera uma atitude quase coquete para com ele: ao jantar, sentara-se ao seu lado; rira-se das suas piadas;

lançara-lhe sorrisos alusivos e olhares longos e intensos. Até lhe comprara um presente: um chapéu de feltro cinzento-escuro com aba média. Debaixo do grande abeto que Carlo e Roberto tinham decorado como faziam todos os anos, Tommaso desembrulhara a prenda, feliz e atónito com aquele presente inesperado. Lorenza tirara o chapéu da caixa e exclamara: «Anda, experimenta-o!» Colocara-o na cabeça dele e depois afastara-se. «Eu sabia», dissera ela por fim. «Os chapéus ficam-te mesmo bem. Promete-me que vais começar a usá-lo a partir de hoje.» Escusado será dizer que, desde então, Tommaso passara a usá-lo todos os dias.

Algum tempo depois, perto da passagem de ano, ele sugerira que fossem ao cinema, à sessão de sábado à tarde. Tinham ido ver *De Ilusão Também Se Vive*, e, durante a sessão, Lorenza tocara-lhe na mão algumas vezes. Noutra altura, num domingo de manhã, perguntou a Agata se podia levar Lorenza a dar uma volta no seu *Fiat Topolino*: estaria de volta a tempo do almoço, podia ficar descansada. Escusado será dizer que Agata concordara; gostava de Tommaso e não fazia segredo disso: era um homem bom e, sim, de confiança. Por isso, nessa manhã, soalheira e sem vento, despedira-se deles com um largo sorriso, enquanto Tommaso abria a porta do carro a Lorenza, entrava e se dirigia para a costa. Tommaso tinha comprado ouriços recém-colhidos a um pescador e haviam-nos comido sentados num banco à beira-mar, retirando o interior com miolo de pão. Quando voltaram para o carro, Tommaso tirara o chapéu e surpreendera-a com um beijo que parecera a Lorenza demasiado húmido e sufocante, mas, apesar de tudo, muito doce. Na segunda-feira seguinte, na estação dos correios, tinham trocado longos olhares, simultaneamente cúmplices e embaraçados.

— O que aconteceu entre ti e o diretor? — provocou-a Elena, rindo, esticando-se sobre a secretária. — Tenho andado a observar-vos, sabes? — E arqueou as sobrancelhas duas vezes.

Lorenza sorriu, abanando a cabeça.

— É verdade, aconteceu uma coisa.

— E o teu belo americano? Está sempre a enviar-te telegramas, coitadinho. Ao menos responde-lhe...

O rosto de Lorenza ensombreceu-se subitamente.

— Por mim, agora pode ficar onde está.

No domingo seguinte, Tommaso levou-a a almoçar num restaurante em Lecce, onde comeram pão frito com queijo e beberam uma garrafa inteira de *Donna Anna*. Caminharam até à praça Sant'Oronzo, e, ali mesmo, debaixo da coluna do santo, Tommaso tirou do bolso uma caixinha de veludo vermelho e ajoelhou-se.

Lorenza olhou para ele sem fôlego. Por um instante, sentiu vontade de desatar a correr, de fugir para outro lugar qualquer que não aquele momento, naquele canto da praça, ali com Tommaso.

No entanto, quando o viu de joelhos a olhar para ela com olhos desesperadamente apaixonados, olhos que lhe estavam a prometer devoção, que lhe diziam «Nunca hei de me ir embora», Lorenza disse que sim e deixou-se

abraçar.

Tommaso insistiu em reunir a família logo no dia seguinte para fazer o grande anúncio. Parecia incapaz de conter a sua alegria e, simultaneamente, tinha um ar inquieto e frágil, como se receasse que ela pudesse retirar o sim, entregar-lhe o anel com um «Perdoa-me, enganei-me. Não é a ti que quero. Nunca te quis».

Assim, Lorenza deixou-se convencer a convidá-los a todos para jantar em casa de Tommaso. E até inventou uma desculpa: «Diz que quer agradecer-nos pela ceia de Natal.»

Ele continuava a viver num dos apartamentos da família de Giulia: depois da morte da mulher, os sogros tinham insistido para que ele não se fosse embora: «Já és como um filho para nós», disseram-lhe, abraçando-o.

Quando Agata chegou, olhou em redor de boca aberta: a casa não era muito grande, mas uma verdadeira preciosidade; em todas as divisões, tapetes persas cobriam totalmente o chão; havia sofás de nogueira e veludo, cortinas de cetim, mesas de ébano com tampo em mármore, quadros com molduras douradas...

— É uma casa mesmo bonita — comentou Agata, sentando-se no sofá da sala, enquanto Antonio se instalava numa poltrona com braços de madeira marchetada e um aspeto extremamente desconfortável.

— O mérito não é seguramente meu — admitiu Tommaso, rindo-se. — Foram os meus sogros que a mobilaram... os meus antigos sogros — acrescentou, envergonhado, e olhou para Lorenza.

Ela respondeu-lhe com um meio-sorriso e percorreu a sala de estar com uma expressão indolente, passando a mão pelo mármore, roçando os bibelôs e o tecido dos sofás e perscrutando os retratos de família pendurados nas paredes.

Tommaso aproximou-se dela e, como se tivesse lido o seu pensamento, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Se não gostares de alguma coisa, podes mudar ao teu gosto. Para mim, o que importa é que estejas aqui.

Lorenza sorriu-lhe, agradecida. Não havia nada de que gostasse ali. Tudo lhe parecia velho, opressivo e presunçoso. Quase parecia que, naquele lugar, só se podia viver trajando roupa de cerimónia.

Passados alguns minutos, chegaram também Anna, Carlo, Roberto e Giovanna.

— Esta casa não tem nada que ver contigo — disse Anna de imediato, despidendo o sobretudo.

— Eu sei — respondeu-lhe Tommaso. — Mas isso vai mudar em breve — acrescentou e olhou para Lorenza. Depois convidou todos a irem para a sala de jantar. — Espero que estejam com fome — disse ele. — Estou a cozinhar há quatro horas.

— Olha que bom! — exclamou Agata. Fez menção de se levantar do sofá, e Roberto estendeu-lhe a mão. Ela agarrou-a e apoiou-se. — Também sabes cozinhar... — continuou ela.

Depois de todos estarem sentados, Tommaso abriu duas garrafas de vinho tinto sem rótulo e deitou o líquido nos copos. Carlo bebeu um gole.

— É bom — comentou. — É um Primitivo, não é?

— Comprei-o avulso no restaurante — explicou Tommaso. — E o teu vinho tinto? Quando o podemos provar?

Carlo pousou o copo na mesa.

— Hum, ainda é cedo...

O jantar decorreu num ambiente sereno e festivo. Agata não parava de repetir, após cada prato, que tudo estava «realmente delicioso». E Tommaso, observou Lorenza, tinha o dom de saber conversar com todos, de se interessar por aquilo que interessava às pessoas. Revelou-se solícito sem ser lamechas.

No momento da sobremesa, Lorenza, que estava sentada ao seu lado, olhou para ele. Então, ele inclinou-se para ela e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Sim, eu trato disso, não te preocupes.

Foi à cozinha, voltou com um grande bolo com cobertura de chocolate e posicionou-o no centro da mesa.

— Este aqui não fui eu que fiz, está bem? — disse ele. — Vem diretamente da padaria.

Enquanto todos se serviam, Lorenza levantou-se e juntou-se a ele à cabeceira da mesa, postando-se ao seu lado. Ele pôs-lhe a mão à volta da cintura e lançou-lhe um olhar cheio de ternura.

Agata remexeu-se imediatamente na cadeira e esboçou um sorriso impaciente.

— Estou muito feliz por vos dar esta notícia... Não imaginam quanto! — exclamou Tommaso. — Eu e a Lorenza, bem, vamos casar-nos.

Agata soltou um gritinho de alegria e bateu palmas.

— Santa Mãe de Deus! — exclamou.

Levantou-se e correu para abraçar primeiro a filha e depois Tommaso. Antonio levantou-se e apertou a mão do seu futuro genro.

— Fico satisfeito por seres tu — disse-lhe. Depois, aproximou-se de Lorenza e olhou-a fixamente, comprimindo os lábios. — Então é assim? — perguntou-lhe ele. E ela assentiu com um sorriso. Antonio puxou-a para si e abraçou-a, apertando-a nos seus braços. — Estou feliz por ti — sussurrou-lhe ao ouvido.

Carlo felicitou-os a ambos, feliz como uma criança, e depois serviu um copo a todos.

— Um brinde aos noivos! — gritou ele.

Também Roberto apertou a mão primeiro à prima e depois a Tommaso. Depois dele, foi a vez de Giovanna, que se aproximou de Lorenza com os olhos cheios de emoção.

— Os casamentos sempre me fizeram chorar muito — gaguejou com voz quebrada.

Entre as gargalhadas, a confusão e os abraços, Anna permaneceu petrificada no seu lugar. «E o Daniele? E o vosso amor, o que é que lhe vai acontecer?», teria

gostado de perguntar, ali mesmo, à frente de todos, interrompendo subitamente aquelas expressões de alegria que lhe pareciam desveladas e... desadequadas. Procurou insistentemente os olhos de Lorenza, mas não demorou muito a perceber que a sobrinha estava a evitar os seus de propósito. Não muito longe dela, Carlo e Antonio entreolhavam-se, com sorrisos enigmáticos.

Estranho... pensou Anna, arqueando uma sobrancelha. Parecera-lhe que vira nos olhares de ambos uma sensação de alívio. Mas não, só podia estar enganada.

*

Na manhã após o jantar, Lorenza chegou a casa de Anna tarde, como de costume.

— Bom dia, tia — cumprimentou-a num tom distanciado.

— Bom dia... — respondeu-lhe Anna.

Partiram em silêncio.

— Não via a hora de podermos estar sozinhas. Queria falar contigo — disse finalmente Anna.

— Porquê? Queres pedir desculpa por ontem à noite? — respondeu Lorenza secamente.

— Peço desculpa. Sabes que tenho dificuldade em...

— Sim, todos nós sabemos — interrompeu-a. — Já não ficamos surpreendidos, como vês.

Anna olhou para ela, franzindo o sobrolho.

— Porque é que estás a ser tão dura?

— Ainda me perguntas? Bastava que te tivesses levantado daquela cadeira, que tivesses mostrado alguma alegria por nós.

— Teria ficado feliz por ti se o estivesses mesmo.

— E quem disse que não estou?

— Lorenza... — disse Anna com um suspiro profundo. — Conheço-te desde criança...

— Bem. Cresci e mudei, caso não tenhas reparado.

Anna deteve-se.

— E o Daniele? Desistes dele assim sem mais nem menos?

— Estás a vê-lo? — respondeu Lorenza, abrindo bem os braços. — Onde é que ele está? Garanto-te que não está aqui. Não está comigo.

— Sabes que ele vai voltar. Porque queres negar a ti própria a alegria de casar com um homem que amas?

— Estás enganada. Não o amo. Deixei de o amar.

— Mentirosa... — disse Anna, suavizando o olhar.

— O Tommaso é o homem certo — respondeu Lorenza com firmeza. — É um bom homem, que vai estar sempre comigo...

— Mas não estás apaixonada por ele — interrompeu-a Anna. — Sabes bem

que não.

— Gosto muito dele — disse Lorenza bruscamente.

— Não é uma razão suficientemente boa para casar com alguém. Eu também gosto muito do Tommaso. Ele é meu amigo. Mas não me casaria com ele por isso.

Lorenza esboçou um esgar e recomeçou a andar, mas Anna travou-a, agarrando-a pelo braço.

— Não tenhas pressa, por favor. Pensa bem nisso. Decide com o coração.

Lorenza soltou-se dela com brusquidão.

— Já decidi — respondeu ela.

Uma hora depois, no gabinete do telégrafo, Lorenza compôs o texto do telegrama destinado a Daniele.

DEIXEI DE TE ESPERAR. AMO OUTRO. CASO EM MAIO. LORENZA.

Depois de o ter enviado, sentiu-se subitamente triste e vazia. Percebeu que só dissera logo que sim a Tommaso porque mal podia esperar que Daniele soubesse. Que ele sofresse com a ideia de a perder. Que pagasse pela sua ausência.

Mas a satisfação que pensava estar a sentir transformara-se em cinzas.

Maio-junho de 1948

Dom Ciccio morreu durante o sono na noite de 28 de abril, e, a partir da meia-noite, os sinos da igreja de São Lourenço começaram a tocar em sinal de luto. O velório foi organizado no quarto. Gina estava sentada ao lado do caixão, derramando lágrimas silenciosas e acariciando suavemente as faces enrugadas do marido, que estava vestido com a sua melhor roupa, o fato cor de areia com a camisa azul e a gravata vermelha. Sentado ao lado dela, Nicola segurava-lhe a mão.

Carmela, por seu turno, subia e descia do quarto para a cozinha: cumprimentava as pessoas que vinham apresentar as suas condolências, tirava-lhes das mãos os tabuleiros de bolinhos e os pacotes de café que tinham trazido de presente e ia pô-los em cima da mesa da cozinha, onde as irmãs de Gina, vindas de uma aldeia vizinha, punham ao lume duas cafeteiras de cada vez, a grande de doze chávenas e a mais pequena de três, para que houvesse sempre café pronto, para todos, a toda a hora.

Carlo entrou na casa cheia de gente e tirou o chapéu. Atravessou o corredor por entre as pessoas que o cumprimentavam, sussurrando: «Bom dia, senhor presidente da Câmara.» Entrou no quarto, aproximou-se do caixão e olhou para o corpo sem vida de dom Ciccio, cujo rosto ficara contraído num esgar de sofrimento. Nunca o admitiria a ninguém: a verdade é que não conseguia sentir-se realmente entristecido. Pelo contrário, dentro de si tinha uma vaga sensação de libertação, embora não soubesse explicar porquê. Fez o sinal da cruz e depositou um pequeno beijo no caixão. Apertou a mão de Nicola e depois baixou-se para abraçar Gina, que, assim que o viu, fungou e enxugou uma lágrima.

— Onde está a Carmela? — sussurrou a Nicola.

Ele deixou o olhar vaguear pelo quarto.

— Experimenta ver na cozinha — respondeu.

Carlo encontrou-a lá; estava a beber café encostada ao lava-louça. Parecia cansada.

Hesitou, depois pôs-lhe uma mão no braço e apertou-o.

— Sinto muito — disse ele. — Como estás?

Carmela bebeu o último gole de café e pousou a chávena. Depois endireitou-se, alisando o corpete do seu vestido preto.

— Ao menos já não sofre — respondeu.

Carlo anuiu com a cabeça e revirou o chapéu nas mãos.

— Posso ser útil de alguma forma?

Ela olhou para ele pensativamente, comprimindo os lábios.

— Na verdade, há uma coisa... Eu daqui não posso sair.

— Qualquer coisa, diz-me.

— Devias avisar o Daniele.

— Sim, claro — disse Carlo. — Trato já disso.

Então, voltou a pôr o chapéu, saiu e dirigiu-se à estação dos correios.

— Tio! — cumprimentou-o Lorenza, surpreendida. — O que estás aqui a fazer?

— Tenho de enviar um telegrama ao Daniele para o avisar da morte do avô — respondeu.

O rosto de Lorenza endureceu. Depois, baixou o olhar, pegou numa caneta e tirou um pedaço de papel.

— Dita lá — incitou-o, fingindo indiferença.

Transcreveu em código Morse o texto do telegrama e, depois de o ter transmitido, disse apenas:

— Já está.

A última vez que comunicara com Daniele fora no início de março. Ao telegrama que anunciava o seu casamento, ele respondera com um que dizia apenas: PORQUE FAZES ISTO A MIM E TI?

Ela decidira ignorá-lo, deixando os dias passarem em silêncio, como uma punição. Depois ele enviara-lhe outro: NÃO FAÇAS DISPARATES. ESPERA. E depois outro: PORQUE JÁ NÃO CONFIAS EM MIM? Até ao último, no qual tinha escrito apenas: NÃO TE INCOMODO MAIS. FELICIDADES...

Daniele respondeu imediatamente. Primeiro, enviou uma mensagem a Carlo, agradecendo-lhe o facto de o ter avisado, e depois uma mensagem à mãe.

Foi Lorenza quem acabou por transcrever os dois. O segundo dizia: SINTO MUITO PELO AVÔ. NÃO SEI QUANDO PODEREI VOLTAR. FAREI POSSÍVEL, PROMETO.

Lorenza olhou para aquelas frases e não conseguiu conter um esgar sarcástico. Fizera bem em deixar de esperar por ele, pensou. A mãe tinha razão: as promessas de Daniele sempre haviam sido como a nortada.

*

— Então? — perguntou Agata. — Viste o Coliseu? O que é que comeste? Como estava o tempo? O hotel era bom?

Lorenza e Tommaso estavam sentados lado a lado no sofá, e ele segurava-lhe a mão. Para o regresso da lua de mel, Agata organizara um jantar com toda a

família, preparando a sua famosa tarte de carne folhada. Estavam todos em redor dos recém-casados, e Tommaso falava aos arranques, entusiasmado com a beleza da capital, com a majestade dos seus monumentos, com a história extraordinária de que a cidade estava impregnada. Lorenza limitava-se a anuir com a cabeça e a dizer: «Sim, de facto» ou «É verdade».

O casamento realizara-se pouco mais de uma semana antes, a 4 de maio, num dia nublado e sem luz. Depois de uma noite sem dormir, Lorenza sentara-se na cama a olhar para o vestido de noiva, numa cruzeta pendurada na porta do roupeiro. Era o vestido que Agata usara no dia do seu casamento. «Finalmente é chegado o momento», dissera-lhe ela quando lho mostrara, com a voz trémula e os olhos reluzentes. Era um vestido com uma saia *evasé* e uma pequena cauda, um corpete bordado com mangas compridas de renda e um véu até às costas que se fixava com uma travessa com brilhantes. Era muito diferente do de Isabel, pensou ela. Mas também daquele que Daniele, um dia, há muito tempo, desenhara num dos seus cadernos pretos, descrevendo-lhe em pormenor o corpete de cetim com decote em coração e as mangas bordadas, botões de madrepérola e uma saia rodada que lhe chegava aos pés.

Sacudira a cabeça, como que para se libertar desse pensamento, e, nesse preciso instante, Agata havia entrado na sala, acompanhada por um grupo festivo de mulheres que tinham vindo «preparar a noiva»: uma ajudara-a a apanhar o cabelo num coque, outra engomara uma prega na saia do vestido, outra ainda ajoelhara-se para lhe calçar os sapatos... Naquele turbilhão, Lorenza deixara-se vestir, pentear, embelezar como se fazia com uma boneca. E isso trouxera-lhe um enorme conforto.

Anna era a única mulher da família que não estava presente.

— Espero por ti na igreja — dissera-lhe na noite anterior. E depois acrescentara: — Se tiveres dúvidas à última hora, não tenhas medo. Manda tudo às urtigas.

Por um lado, Lorenza tinha de admitir que fora tudo muito mais fácil sem ter aquele ar de censura em cima de si. Por outro, porém, Anna fora a única pessoa da família a perguntar-lhe se se sentia feliz. Mais ninguém, nem a mãe, nem o pai, nem o tio Carlo, se dera ao trabalho de se assegurar disso, desde o dia do anúncio em casa de Tommaso. E provavelmente fora melhor assim, pensou ela.

E agora? Agora que, finalmente, já não dormia entre os lençóis cor-de-rosa com a barra bordada? Agora que tinha um marido e uma casa para cuidar, sentia-se feliz?

Como se tivesse realmente dado voz a esses pensamentos, Lorenza sentiu os olhos de Anna perscrutarem-na, cheios de perguntas. Então, apertou a mão de Tommaso, e ele lançou-lhe um olhar de adoração enquanto dizia:

— E passámos o último dia simplesmente a passear pelo centro. E quantas coisas vimos! Ah, sim, vamos de certeza lá voltar, a Roma. Não é verdade, Lorenza?

— Deve ser muito bonita — interveio Giovanna. — Como eu gostaria de lá ir também, a Roma, um dia.

— Quem te impede? — respondeu-lhe Anna. — Podemos partir quando quiseres. Tu e eu.

Da poltrona em frente, Agata lançou-lhes um olhar algures entre o ressentimento e o escândalo. — É melhor irmos para a mesa — disse ela, levantando-se. E dirigiu-se para a sala de jantar.

Todos se levantaram e seguiram-na. Carlo apoiou ambas as mãos nos ombros de Roberto e empurrou-o para a frente de forma brincalhona.

— Estás a ouvir? É o chamamento da tarte folhada da tua tia Agata! — exclamou, farejando o ar. Antonio riu-se, pegou em Tommaso pelo braço e os dois juntaram-se a ele.

Anna, porém, não se mexeu até restarem apenas ela e Lorenza no salão. Aproximou-se da sobrinha e, num sussurro, disse-lhe que tinha de falar com ela.

— Estou a ir. Vai andando — disse ela a Giovanna, que a esperava.

Lorenza cruzou os braços em frente ao peito.

— O que foi? — perguntou secamente.

Anna aclarou a garganta.

— Há uma coisa que tens de saber, e é melhor que seja eu a dizer-ta agora.

A jovem franziu o sobrolho.

— O que é que se passa?

— Enquanto estavas fora, chegou outro telegrama do Daniele para a mãe...

— Porque me estás a dizer isso? Não me interessa — interrompeu-a Lorenza.

— Eu acho que interessa — continuou Anna. E tirou do decote um papel dobrado ao meio. — Por uma vez, a Elena foi discreta, não te preocupes. Copiei-o para ti. — E entregou-lho.

Lorenza ficou a olhar para o bilhete durante muito tempo, depois pegou nele e abriu-o. Anna releu-o mentalmente com a sobrinha; sabia-o de cor, de tantas vezes o tinha lido.

CONSEGUI RESOLVER TUDO AQUI. COMPREI BILHETE. CHEGO NÁPOLES 5 JUNHO
MANHÃ. PEDE CARLO PARA ME BUSCAR CARRO POR FAVOR.

A respiração de Lorenza tornou-se quase um arquejo.

— Estás bem? — perguntou-lhe Anna, pondo-lhe uma mão no braço.

A sobrinha mordeu o lábio inferior com tanta força que os olhos se encheram de lágrimas.

*

Anna entrou no quarto e viu que a mala, aberta sobre a arca aos pés da cama, ainda estava vazia.

Carlo, ajoelhado, estava a remexer numa gaveta do roupeiro.

— O que procuras? — perguntou-lhe ela.

— A gravata com riscas azuis. Sabes aonde foi parar?

Anna arqueou uma sobrancelha.

— Para que precisas da gravata?

— Que pergunta é essa?

— Sai lá daí. — Ela baixou-se e remexeu na gaveta. — Está aqui — disse, puxando-a para fora. — Mesmo à frente dos olhos.

Carlo tirou-lha das mãos e pô-la em cima da cama.

Anna cruzou os braços e olhou para ele fixamente.

— Pareces nervoso... está tudo bem?

Carlo tirou um fato bege do roupeiro, olhou para ele por alguns instantes, depois anuiu com a cabeça e pô-lo também em cima da cama.

— Sim, sim — respondeu ele. — Tenho de conduzir durante várias horas, é normal que a coisa me deixe um bocadinho agitado, não achas?

Anna não respondeu, limitou-se a olhar para ele enquanto ele enchia a mala, a fechava e depois a pousava no banco de trás do *Fiat 1100*.

— Tens tudo? De certeza? — perguntou, num tom vagamente irónico.

— Acho que sim — respondeu Carlo, muito sério. — De qualquer forma, é só uma noite, no pior dos casos, compro lá alguma coisa de que venha a precisar. — Voltou a fechar a porta. — Onde está o Roberto? Ele não vai descer para se despedir?

— Acho que está a tomar banho. Pelo que percebi, vai ao cinematógrafo esta noite com os amigos.

— Está bem. Despede-te dele por mim — respondeu, um pouco desiludido.

Anna aproximou-se dele para lhe ajeitar a lapela do casaco.

— Amanhã à noite já estás com ele outra vez... Ou estavas a pensar em embarcar? — brincou ela.

Finalmente, o rosto de Carlo descontraiu-se.

— Se fosse o caso, levava-te comigo.

Ele deu-lhe um beijo, entrou no carro e partiu. Anna voltou a entrar em casa. Giovanna estava sentada no sofá, a ler *Crime e Castigo*.

— É difícil, este livro! — exclamou, irritada, erguendo os olhos para Anna. — Estou a ficar com dor de cabeça.

Anna sorriu-lhe e depois foi sentar-se ao lado dela.

— Foi o Antonio que mo deu. Há muitos anos — explicou-lhe. — Porque é que escolheste precisamente este? Há muitos outros romances de que gostarias mais, tenho a certeza — acrescentou, apontando para a estante atrás de si.

Giovanna virou o livro nas mãos.

— Por causa da dedicatória — respondeu. Abriu o livro na primeira página e leu-a:

A grandeza deste romance reside no facto de nos ensinar que todos os culpados, mesmo os mais abjetos, merecem compaixão.

Boa leitura.

Pousou o livro no sofá.

— Também pensas isso? — perguntou. — Achas que devemos sentir compaixão pelos culpados?

Anna esticou o braço no encosto do sofá e encolheu as pernas.

— Não sei — respondeu ela, após alguns instantes. — Talvez a compaixão ande de mãos dadas com os remorsos. Acho que não a conseguiria sentir em relação a alguém que não mostrasse um pinga de arrependimento.

Giovanna anuiu com a cabeça e pareceu refletir. Depois disse:

— Achas que alguma vez poderias sentir compaixão pelo Giulio? Se ele se arrependesse, quero dizer.

— Ele não precisa da minha compaixão... Já tem a de Deus, não é verdade? — respondeu Anna, irónica.

— Estou a falar a sério — insistiu Giovanna. — Se ele, bem, se ele me dissesse que agiu mal, que está arrependido...

— Acreditarias nele? — interrompeu-a Anna.

— Não sei. Acho que sim...

— E estarias enganada. Pessoas como ele não mudam de um dia para o outro. Provavelmente, nunca mudam.

Giovanna fez um esgar.

— Pode ser que ainda esteja à minha espera...

Anna abanou a cabeça e tomou as mãos dela nas suas.

— O Giulio nunca mais foi a Contrada.

— Como é que sabes?

— Vou lá de vez em quando. Para verificar. Não sobrou nada das coisas dele...

Giovanna mordeu o lábio.

— Não tens de voltar, se não quiseres — tranquilizou-a Anna, como se tivesse lido o seu pensamento. — Podes continuar a viver aqui, se quiseres.

O rosto da amiga acalmou-se instantaneamente.

— Tens a certeza de que o Carlo não se importa?

— Claro que não! Ele também está contente por te ter connosco.

Era verdade. A presença de Giovanna na casa não desagradava a ninguém, antes pelo contrário: conseguia ser delicada e discreta, atenciosa sem nunca ser intrusiva.

— Mas... se a minha presença aqui começar a ser um fardo, seja para ti, para o Carlo ou para o Roberto, tens de me dizer...

— Que disparate — interrompeu-a Anna imediatamente. — Tu não és um fardo para ninguém.

E isso também era verdade. Ela e Carlo sustentavam financeiramente

Giovanna, e faziam-no sem esforço.

Anna até tentara arranjar-lhe um emprego, mas a empresa revelara-se tão impossível e dolorosa que nem sequer tivera coragem de a descrever a Giovanna, com medo de fazê-la sofrer demasiado. Durante várias semanas batera à porta das lojas da aldeia, a perguntar se precisavam de alguém para trabalhar. Os poucos que lhe tinham respondido afirmativamente recuaram logo que ela explicara que o trabalho era para Giovanna. «Senhora carteira, respeito-a a si e ao Carlo também, mas àquela, não», dissera o dono da tabacaria. «Por amor de Deus, as pessoas deixariam todas de cá vir se vissem que ela estava cá», respondera a merceeira. «Não brinque comigo, aqui só trabalha gente respeitável», comentara o dono da drogaria.

— Percebeste? — repetiu Anna. — Nunca penses que a tua presença aqui é um fardo.

— Obrigada — sussurrou Giovanna e lançou-se num abraço. — És a melhor amiga do mundo — acrescentou.

Anna sorriu e deu-lhe um beijo na face. Depois, levantou-se do sofá.

— Anda, agora vamos preparar o jantar — disse ela. — Que esta noite tu e eu vamos fazer uma festa.

Assim, enquanto Giovanna começava a picar o alho, Anna desceu à cave onde Carlo guardava a sua pequena coleção de garrafas de vinho.

— Precisamos de champanhe — murmurou, procurando entre os vinhos franceses. — Hum... Esta não, esta também não — repetia ela, depois de espreitar os rótulos. Um pouco antes de encontrar o champanhe, deparou com uma garrafa que lhe pareceu deslocada: parecia a de *Donna Anna*, mas não tinha rótulo e estava vazia, como se nunca a tivessem enchido. No entanto, a rolha estava bem posta. *Que estranho*, pensou. Depois, encolheu os ombros e voltou a pô-la no sítio em que a havia encontrado.

Mal Roberto saiu, Anna abriu a garrafa de champanhe.

— Tenho a certeza de que o Carlo não se vai importar. Pelo menos assim espero — acrescentou. Encheu dois copos e, sentadas descalças no tapete, as duas mulheres acabaram por beber a garrafa toda.

Anna pôs o disco de *La Vie en Rose* a tocar no gramofone e estendeu a mão como que a convidar Giovanna para dançar. A amiga aceitou, divertida, e começaram a mover-se desajeitadamente, pelo menos até que Anna, no final da canção, fez Giovanna mergulhar num passo de dança, e ambas caíram ao chão, uma em cima da outra.

Estendidas no chão, as duas mulheres olharam uma para a outra por um instante e depois desataram a chorar de tanto rir.

*

Na manhã de 5 de junho, Carlo saiu do hotel na praça Orefici, a dois passos do

porto de Nápoles, e foi buscar o *Fiat 1100* estacionado numa rua lateral. Estava um dia tão quente que, ofegante, tirou o casaco e arregaçou as mangas da camisa. Chegado ao porto, dirigiu-se a pé para o cais Angioino, onde está prevista a chegada do *Saturnia*.

Encontrou um lugar para se sentar e tirou um charuto do bolso. Limpou a testa molhada de suor com a mão e desapertou o nó da gravata de riscas azuis.

— Não corre um fiozinho de ar esta manhã — disse com uma expressão de sofrimento a um homem sentado a pouca distância.

Depois acendeu o charuto e, na primeira passa que deu, começou a tossir. Quando o homem viu que a tosse não dava sinais de abrandar, aproximou-se dele e ofereceu-lhe um gole de água da sua garrafa. Carlo aceitou-a e bebeu-a de um só trago.

— Obrigado — disse ele, devolvendo-lhe a garrafa.

— Já passou? — perguntou ele.

— Sim, sim — respondeu Carlo. — Mais uma vez, obrigado.

O imponente e majestoso *Saturnia* entrou no porto por volta do meio-dia.

Carlo juntou-se ao grande grupo de pessoas que se aglomeravam para assistir às operações de atracagem. Quando finalmente começou o desembarque dos passageiros, pôs-se em bicos de pés para ver por cima do mar de cabeças à sua frente. Teve de esperar mais de meia hora até avistar Daniele no cimo da escada. Com o coração aos saltos, abriu caminho por entre a multidão para se aproximar.

Daniele avistou-o e fez-lhe sinal com a cabeça. *Caramba, como mudou*, pensou Carlo, encaminhando-se para ele. Não no seu olhar, que continuava a ser o terno e desarmante de sempre, mas mais na postura, no modo de caminhar. Parecia tão seguro de si, tão decidido, habitado por todas as coisas novas que vira e vivera e que agora trazia consigo para casa.

— Meu rapaz — saudou-o Carlo, abrindo os braços.

— Olá, Carlo — respondeu Daniele com um sorriso.

Pousou a mala no chão e abraçou-o.

Julho-setembro de 1948

— Truz-truz — disse Anna alegremente, dando duas pancadas com o nó dos dedos na porta aberta do gabinete de Antonio.

— Olá! — respondeu ele, apanhado de surpresa, enquanto voltava a colocar uma pasta de cartão na prateleira.

Anna entrou e fechou a porta atrás de si.

— Venho devolver-te o livro — disse ela, abrindo a mala postal. Tirou-o para fora e entregou-lho. Era *A Romana*, de Alberto Moravia.

— E então? Gostaste? — perguntou-lhe ele.

Ela sentou-se na pequena poltrona junto à janela.

— Já sabes que tenho um certo preconceito contra os homens que acham que sabem o que uma mulher está a pensar e a sentir e estão convencidos de que sabem narrar isso mesmo...

— Hum — disse subitamente Antonio, sentando-se na pequena poltrona em frente. — Devo deduzir que não gostaste.

— Não tinha acabado! — exclamou Anna.

— Desculpa, tens razão — desculpou-se, levantando as mãos. — Continua, por favor.

— O que eu estava a dizer... — continuou — é que, pelo contrário, neste romance, Moravia consegue fazer isso surpreendentemente bem. Desta vez, sublinhei muito mais.

Antonio sorriu e começou a folhear o livro, parando numa frase destacada duas vezes a lápis. Aproximou o livro do rosto e leu:

— «Se sentias desprezo por mim, a culpa era tua e não minha». — Ele anuiu com a cabeça. — Sim — comentou, continuando a manter os olhos na página.

— E há muitas outras. Na margem, estão as minhas anotações habituais.

Antonio levantou os olhos.

— Então, esta noite vou ter algo com que me deliciar — disse ele, sorrindo, e fechou o livro.

— E agora? O que vamos ler? — perguntou Anna.

— Escolhe tu o próximo.

— Combinado — disse ela. Depois olhou para o relógio. — Oh, é tão tarde.
— Levantou-se e dirigiu-se para a porta. — Ah, mais uma coisa — disse ela, virando-se. — Falaste com a Lorenza recentemente?

— Porquê? Aconteceu alguma coisa que eu não saiba?

— Não, não. — Anna acenou com a mão. — Gostava de saber como achas que ela está. Desde que o Daniele voltou, quero dizer.

— Porque estamos a falar sobre isso? — perguntou Antonio, com um ar perplexo. — Isso são águas passadas. Ela agora é uma mulher casada...

Anna arqueou uma sobrancelha.

— Achas mesmo isso? A sério que não reparaste? Logo tu, que reparas sempre em tudo?

— Em que deveria ter reparado?

— Que está triste, Antonio. Terrivelmente triste. Mas será possível que não consigues ver isso? Ela sabe que cometeu uma enorme estupidez. Agiu por impulso, por despeito, condenou-se a si própria com as suas próprias mãos. Eu tentei avisá-la...

Antonio levantou-se da cadeira.

— O Daniele não é a pessoa certa para a minha filha — sibilou. — As coisas aconteceram como deviam ter acontecido.

— Como assim, *deviam ter acontecido*? Mas podes explicar-me o que tens contra aquele rapaz? Não é a primeira vez que reages assim quando se fala dele. Logo naquele dia, no comício do Carlo... Há alguma coisa que eu deva saber?

Ele abriu muito os olhos, mas rapidamente se recompôs.

— Não... Claro que não — murmurou, sentando-se atrás da secretária. Apoiou os cotovelos no tampo e cruzou as mãos. — Só acho que para a Lorenza, por causa da sua natureza inquieta e necessidade de afeto, é melhor ter um homem que seja mais maduro do que ela, bem assente, que lhe dê segurança. Só isso.

Anna perscrutou-o.

— Que absurdo — acabou por dizer.

Mas Antonio não retorquiu, pelo que ela abriu a porta e saiu, acenando com os dedos numa despedida rápida.

Saiu do lagar, irritada porque Antonio não tinha querido dar ouvidos à razão, e retomou a sua ronda de entregas. A próxima paragem, a casa dos Tamburinis, ficava a apenas algumas centenas de metros. Anna pedalou até uma espécie de terreno elevado, rodeado de vegetação, depois desceu da bicicleta e continuou a pé. A casa dos Tamburinis era um antigo palácio com uma comprida varanda de pedra, grandes janelas com cortinados de veludo e uma escadaria dupla que conduzia à porta principal. No jardim que rodeava a casa, um homem com um chapéu de palha estava debruçado sobre os arbustos, armado com uma tesoura de podar. Anna subiu os degraus e bateu com a aldraba. Tirou da mala postal um envelope fechado e lacrado. *Deve ser mais um dos inúmeros convites para uma das suas festas de ricos*, disse para si própria, virando-o nas mãos.

Nesse momento, a porta abriu-se, e apareceu uma jovem com uma expressão muito séria, quase intimidada, com o cabelo apanhado num carrapito. Vestia um avental branco por cima de um vestido preto com uma saia comprida.

Anna não a conhecia, mas não ficou surpreendida: parecia que as criadas dos Tamburinis duravam muito pouco e que havia sempre outra rapariga pronta a tomar o lugar daquela que... se ia embora? Era despedida? *Mas é mesmo muito novinha*, pensou. *Que idade terá? Doze? Treze? Devia estar na escola, não a polir talheres de prata!*

— Quem é? — trovejou uma voz de mulher vinda do interior.

A rapariga estremeceu.

— É o correio, minha senhora — respondeu ela, virando-se ligeiramente.

— Traz-mo já! — ordenou a mulher.

A rapariga fez uma vénia e murmurou:

— Obrigada, senhora carteira. Tenha um bom dia.

E apressou-se a fechar a porta.

Durante alguns segundos, Anna ficou parada em frente à porta fechada, com uma sensação de desconforto que não conseguia explicar.

*

Desde o dia em que voltara a pôr os pés em Lizzanello, tudo parecia ter encolhido para Daniele. Os edifícios sempre haviam sido assim tão baixos, as ruas, tão estreitas?, interrogava-se enquanto percorria a aldeia, sopesando-a com novos olhos. Demorou algum tempo a habituar-se àquela paisagem, a voltar a ganhar confiança com aqueles lugares.

Quem sabe se teria sentido a mesma coisa, se Lorenza estivesse lá para o abraçar. Se ela tivesse esperado por ele, como havia prometido. Nas primeiras semanas, tentara manter-se afastado da praça, da zona da estação dos correios, da rua onde ela vivia agora com outro homem. Tinha passado muito tempo em casa, deitado na cama, a olhar para o teto com as mãos cruzadas em frente ao peito. De vez em quando, ia à Adega Greco, para cumprimentar e dar uma ajuda. Carlo propusera-lhe um novo cargo, concebido especialmente para ele: queria que ele se tornasse o responsável comercial da adega, tendo em conta os excelentes resultados que obtivera em Nova Iorque. Falara-lhe sobre isso durante a viagem de regresso de Nápoles.

— Tu sabes vender, meu rapaz. Parece que nasceste para isso. Agora descansa alguns dias... Quando te sentires preparado, a adega estará lá à tua espera — dissera-lhe ele.

Nessa ocasião, Daniele não tivera coragem de lhe confessar que já tinha outros planos. Não dissera nada sobre o sucesso dos seus fatos de homem, sobre o entusiasmo do dono da loja da Quinta Avenida, sobre o facto de este lhe ter proposto uma colaboração prolongada, que ele, porém, recusara. Aquilo que lhe

parecera tão natural em Nova Iorque, tão certo, tornara-se agora novamente algo que tinha de esconder, de que tinha de se envergonhar. Como se, uma vez regressado, as palavras da mãe lhe tivessem voltado a soar nos ouvidos: «Uma sala de costura não é coisa para homens.»

Só tinha visitado os pais uma vez, ao jantar, no dia a seguir ao seu regresso. E encontrara-os obstinadamente iguais ao que sempre haviam sido, presos no mesmo papel: a mãe, o carrasco, com os seus modos rudes e arrogantes, e o pai, a vítima, fazendo-se pequeno e baixando a cabeça. Depois de terem acabado de comer e enquanto Carmela preparava o café na cozinha, Daniele inclinara-se para Nicola e perguntara-lhe num sussurro:

— Pai, estiveste a arrumar o meu roupeiro? Não consigo encontrar a minha caixa de metal, aquela com os cadernos. Por acaso, mudaste-a de sítio?

Nicola esbugalhara os olhos e depois balbuciara que não sabia de nada, que não tocara em nada...

— Tenho-a eu, a tua preciosa caixa — dissera Carmela, regressando à sala de jantar com o tabuleiro e as chávenas fumegantes.

Daniele levantara-se da cadeira.

— Mexeste nas minhas coisas? Na *minha* casa?

— Não te apoquentes — respondera ela, placidamente, sentando-se. — Já descobri o teu segredo.

Daniele virara-se para Nicola, que agora mantinha os olhos baixos.

— Pai... Eu pedi-te *uma* coisa. Uma! Porque é que a deixaste entrar?

Mas Nicola não respondera.

— Tenho de admitir que és bom a contar mentiras — interviera Carmela. Depois bebera um gole de café.

Daniele olhara para ela, franzindo o sobrolho.

— Devolve-me os meus desenhos. Já!

Carmela pousara a chávena, estalando os lábios.

— Demasiado tarde — continuara. — Já os costurei. Todos.

— O que foste fazer? — Daniele não conseguia acreditar.

— Um favor! Foi isso que te fiz — respondera ela, levantando a voz. — Não vês que é ridículo? Queres que as pessoas digam que és maricas? Cresce e ultrapassa isso. Tens aquilo de que precisas, um trabalho de homem, e graças à boa alma do teu avô, que, se eu esperasse por este... — dissera ela fazendo um esgar e apontando para Nicola. — Portanto, a partir de agora, deixa-te de brincadeiras e pensa mas é na adegas — concluiu, batendo com um dedo na mesa.

Daniele lançara um olhar desconsolado ao pai, que continuava cabisbaixo, e depois voltou a olhar para a mãe.

— Eu... Eu nem sequer consigo encontrar as palavras para dizer aquilo que tu és... — murmurara ele, com a voz embargada. Logo em seguida, escancarara a porta e nunca mais voltara a casa dos pais.

A casa da avó Gina, porém, Daniele ia todos os dias e, na maioria das vezes,

ficava para almoçar com ela.

— Que bom ter-te de volta — dizia ela, estendendo a mão enrugada sobre a mesa. — Tivemos tantas saudades tuas. Sobreretudo o teu avô, apesar de ele nunca ter sido muito bom a dizer certas coisas.

Daniele apertava-lhe a mão e sorria.

— Agora, estou aqui, avó.

— Fazes o favor de me ir comprar um cesto de cerejas? — perguntou-lhe Gina numa daquelas manhãs. — Hoje não me estou a sentir muito bem... — Pegou num leque e começou a abanar-se. — Não, não consigo. Está demasiado calor...

Daniele hesitou durante alguns instantes e depois disse:

— Claro, avó, eu trato disso.

E foi precisamente nessa mesma manhã, enquanto agradecia à mulher do vendedor de fruta e se afastava com um saco nas mãos, que voltou a ver a Lorenza. Ela acabara de sair da estação dos correios. Um momento depois, Tommaso alcançou-a e pôs-lhe o braço à volta dos ombros. Daniele apertou ao saco e deixou-se ficar imóvel a observá-la enquanto ela atravessava a praça em direção ao bar. Como sempre acontecera, pareceu-lhe ainda mais bonita do que da última vez que a tinha visto, embora ele não pudesse deixar de notar uma certa expressão melancólica, quase resignada, que ela parecia arrastar consigo, como se fosse um fardo. O perfeito oposto do marido, que caminhava a seu lado com um ar radiante, como se se sentisse o mais afortunado dos homens.

Na praça em frente ao bar, Tommaso sorriu para um homem e encaminhou-se na sua direção. Os dois começaram a falar sobre algo que claramente não interessava a Lorenza, já que ela se pôs a olhar em redor com ar entediado.

Até que se deu conta de que Daniele estava a olhar para ela.

Retesou-se, abriu ligeiramente a boca e devolveu-lhe o olhar: entreolharam-se durante um instante que pareceu interminável. Mas nenhum deles levantou a mão para cumprimentar o outro, nenhum deu um passo na direção do outro. Permaneceram ambos imóveis, com a respiração suspensa, até que Tommaso se despediu do seu interlocutor e pousou novamente a mão nas costas de Lorenza, que estremeceu ligeiramente, baixou os olhos e afastou-se ao lado do marido.

*

Roberto abriu o pequeno armário de madeira clara, tirou o disco da capa de papel e colocou-o no gira-discos; tinha acabado de comprá-lo com a sua mesada e era o último modelo que havia à venda. Passados alguns instantes, uma melodia de *swing* espalhou-se pela sala de estar, e Roberto começou a dançar, de olhos fechados.

— O que é? — perguntou Carlo, sentado na sua poltrona junto à lareira, a ler o jornal.

Sem parar, Roberto reabriu os olhos.

— *Il Mago Dello Swing*, de Aldo Donà — respondeu.

Carlo fitou-o, divertido.

— Mexes-te bem, sais a mim — disse ele, levantando a voz para se fazer ouvir por cima da música.

Anna entrou na sala nesse instante, trazendo debaixo do braço os lençóis que acabara de retirar do terraço. Roberto aproximou-se dela, pegou-lhe na mão e arrastou-a para o centro da sala. Os lençóis lavados acabaram todos no chão.

— Agora é que queres dançar? Com tudo o que eu tenho para fazer! — protestou Anna. Mas estava a sorrir.

— Cala-te e dança, *maman* — ordenou-lhe Roberto.

Anna pôs-se à frente dele e começou a imitá-lo.

— Agora assim — disse ele de repente, trazendo a perna para trás e rodopiando para um lado. Anna riu-se, lançou um breve olhar a Carlo e depois tentou repetir o movimento.

— Excelente! — exclamou Roberto. — Não é verdade, papá, que é excelente?

Carlo anuiu com a cabeça, esboçando um sorriso.

— A melhor — disse.

Quando o disco acabou e a música parou, Roberto fez uma vénia à mãe.

— Põe-na lá do início — disse ela, ofegante, com as mãos nas ancas. — Quero dançá-la com o teu pai. — E lançou a Carlo um olhar malandro.

Ele apoiou-se com ambas as mãos aos braços da poltrona e levantou-se com um ligeiro arquejo.

— Vá lá, velhote — provocou-o ela. — Vem cá.

— Quem é que é velhote, raça de mulher de má fama?! — brincou Carlo, arqueando uma sobrancelha. Agarrou-a pela cintura, puxou-a para junto de si, e começaram a dançar, enquanto Roberto, junto ao gira-discos, os observava com um sorriso afetuoso e estalava os dedos marcando o ritmo.

No entanto, após o enésimo rodopio, Carlo teve de parar subitamente. Teve um ataque de tosse tão forte que se viu obrigado a inclinar-se para a frente, com as mãos nas coxas.

Roberto levantou a agulha e o disco parou, arranhando.

— Vou buscar-te água — disse Anna. E dirigiu-se rapidamente para a cozinha.

Roberto aproximou-se dele e apoiou-o nas costas. Carlo continuava a tossir tão violentamente que o rosto ficara roxo e os olhos estavam sulcados de capilares rompidos.

— Papá? — perguntou Roberto com um ar preocupado.

— Aqui está a água — disse Anna, voltando com um copo cheio. Levou-o à boca de Carlo e ajudou-o a beber.

Ele ingeriu o líquido com pequenos goles e depois, com um aceno de cabeça, afastou o copo, como se dissesse que já chegava.

— Já passou — murmurou finalmente, com um suspiro.

— Então, eu tinha razão quando te chamei velhote — disse Anna tentando

desdramatizar a situação.

Carlo esboçou-lhe um sorriso forçado, recuou para a sua poltrona, deixou-se cair nela e, assim que se acomodou, tirou um charuto de uma caixinha de metal pousada na mesinha ao lado e, ainda sem fôlego, acendeu-o.

*

A partir dessa tarde, a tosse de Carlo foi o pano de fundo constante das semanas quentes de verão, como um disco que gira sem parar no prato. Tossia na praia, aos domingos, quando ia nadar e, de repente, tinha de regressar a ela porque se sentia com falta de ar; tossia durante as reuniões municipais, por vezes com tal intensidade que era obrigado a levantar-se e a sair da sala; e até tossia enquanto fazia amor com Anna. Duas ou três vezes, teve de se libertar do seu abraço, dizendo-lhe em voz baixa: «Desculpa, mas não consigo continuar.» Um dia, os operários agrícolas mandaram-no chamar para discutir o facto de, com o calor que se fazia sentir naquele ano, talvez ser melhor antecipar a vindima. Ele dirigira-se à herdade, mas só conseguira dizer algumas palavras antes de ser tomado por um ataque particularmente violento que parecia não ter fim. Felizmente, Daniele estava lá, ocupado a reunir algumas garrafas para enviar de presente ao senhor James, o dono da loja de roupa em Nova Iorque, e ofereceu-se imediatamente para conduzir o 1100 e levá-lo a casa.

Carlo deixou-se cair no banco do passageiro e baixou a janela.

— O que se passa contigo? — perguntou Daniele, alarmado.

— Nada — respondeu Carlo. — A culpa é desta humidade...

— Foste ao médico?

— A sério?! — exclamou Carlo. — Olha, mais importante... Já pensaste na proposta que te fiz? — E voltou a tossir.

Daniele hesitou, antes de responder.

— Sim, já pensei nela... Na verdade, ainda não tomei uma decisão — mentiu.

— Sabes, às vezes, pergunto-me se este será realmente o trabalho que quero continuar a fazer.

Carlo fez uma careta de desilusão.

— Ah, os jovens... — suspirou com um arquejo.

Os ataques de tosse deixavam-no fraco, faziam que se sentisse perenemente cansado e ensonado. Depois do almoço, muitas vezes não conseguia manter os olhos abertos e tinha de dormir a sesta; à noite, apagava no sofá depois do jantar, e, todos os dias, Anna tinha de o acordar depois de apagar as luzes da sala de estar.

— Carlo, vem dormir para o quarto, anda — sussurrava-lhe ela.

— Tens de ir ao médico — insistiu ela numa manhã de agosto, enquanto estavam deitados de barriga para baixo na cama, com os cortinados fechados a criar uma suave penumbra.

— Mas deve ser este ar, este siroco que não nos deixa respirar... — murmurou

ele, acariciando a curva das costas dela com um dedo.

— O médico há de dizer, se for esse o motivo.

Carlo riu-se.

— Preocupas-te demasiado. Tal como chegou, há de ir embora.

— Carlo! — exclamou ela, irritada com a obstinação dele.

— Está bem, está bem. Eu vou — murmurou ele em resposta.

— Quando? — insistiu Anna.

— Durante a semana?

— Não. Amanhã — respondeu ela.

Carlo pôs-se muito sério, levou a mão à testa e fez a saudação militar.

— Sim, senhor comandante, às suas ordens! — riu-se.

— Parvo — disse Anna com um sorriso. — És mesmo parvo.

*

O médico era um homem com grandes entradas no cabelo e um rosto tranquilizador. Pediu a Carlo para se sentar, em tronco nu, na marquesa e para respirar fundo apenas pela boca.

— Mais uma vez — foi repetindo, com o ouvido colado ao estetoscópio. — Hum — murmurou finalmente e ordenou a Carlo que se vestisse.

Sentou-se à secretária, pôs os óculos e começou a escrever numa folha de papel.

— Aqui tens — disse ele, entregando-a a Carlo.

Ele aceitou a folha deu-lhe uma vista de olhos rápida.

— Prescrevi-te uma radiografia — explicou o médico. — Só para não restarem dúvidas. Vai ao doutor Calò, é o melhor de Lecce. Ele tem o consultório no hospital, vai receber-te lá.

Na manhã seguinte, Carlo saiu muito cedo.

— Tens a certeza de que não queres que vá contigo? — perguntou-lhe Anna enquanto bebia o seu leite morno sentada no banco do jardim.

— Não te preocupes, vai ser uma coisa rápida — respondeu e despediu-se dela com um beijo na testa.

Entrou no 1100 e percorreu a curta distância que o separava da casa de Antonio. Saiu do carro, deixando o motor ligado e a porta aberta, e bateu à porta.

Antonio abriu quase de imediato. Vestia umas calças e uma camisola de alças branca.

— Sabes aquilo que te disse ontem? Olha, mudei de ideias — disse-lhe Carlo. — Não quero ir sozinho.

— Não, claro que não — respondeu Antonio. — Dá-me só um bocadinho, vou acabar de me vestir.

No hospital, depois da radiografia, sentaram-se na sala de espera. Carlo lançava olhares nervosos em redor, para o verde baço das paredes, os mosaicos lascados do chão, o vidro opaco das grandes janelas.

— Nunca gostei de hospitais! — exclamou. — E depois este cheiro a desinfetante — acrescentou, torcendo o nariz. — Vai-me ao cérebro.

— Acho que ninguém gosta, Carletto.

— Pois... — murmurou, continuando a olhar em redor. — Escuta, Antonio... Vais ver que não tenho nada. Ele vai dar-me alguma coisa, talvez um xarope daqueles mesmo potentes, e fim da história.

— Com certeza — respondeu Antonio com um leve sorriso.

— Senhor Greco? — O doutor Calò apareceu à porta. Era um homem magro, com as costas ligeiramente curvadas e um rosto anguloso, mas de olhos vivos.

Carlo e Antonio levantaram-se ao mesmo tempo.

— Qual dos dois? — perguntou o homem, sorrindo.

— Eu — respondeu Carlo, levantando a mão.

— Faça favor, sente-se.

— Eu também gostaria de entrar, se fosse possível — diz Antonio. — Sou o irmão mais velho.

— Se o paciente estiver de acordo, por mim, não há qualquer problema.

O médico foi direito ao assunto. Havia uma mancha no pulmão esquerdo, explicou, apontando para ela na radiografia.

Antonio apertou com força o braço de Carlo, que continuava a olhar para a radiografia com um olhar indecifrável.

— Não se assuste, senhor Greco — tranquilizou-o o médico. — Vamos começar a radioterapia imediatamente. Não tenho razões para pensar que não se possa curar.

Antonio e Carlo voltaram a entrar no carro e permaneceram em silêncio até Lizzanello. Mas, assim que chegaram às portas da aldeia, Carlo carregou no acelerador e vira na estrada para Pisignano.

— Aonde é que vamos? — perguntou-lhe Antonio.

— À Grande Azinheira — respondeu Carlo, com os olhos fixos na estrada e as mãos cravadas no volante.

Quando o campo se abriu diante dos seus olhos, com os seus longos muros de pedra e a grande azinheira imponente, Carlo parou o carro na estrada.

Sentaram-se na terra seca e encostaram as costas ao tronco maciço. Antonio fechou os olhos e apertou a mão de Carlo com a sua. Deixaram-se ficar em silêncio durante algum tempo, embalados pelo frufu da folhagem da azinheira, movida por um sopro de vento.

Antonio reabriu os olhos e olhou para cima, fitando a densa trama de ramos.

— Lembras-te do *Nino*? — perguntou com um pequeno sorriso.

— Claro que me lembro...

Antonio riu-se.

— Lembrei-me daquela vez em que o trouxemos cá e ele trepou até lá acima.

— Quase parti o pescoço para o ir buscar. Com o risco de levar uma tarefa do pai.

— Tu e aquele gato tinham o mesmo carácter: era brincalhão e afetuoso como tu... Na verdade, eras o preferido dele.

— Oh, isso não é verdade. Ele adorava-nos aos dois.

— Sim, mas à noite ele só queria dormir ao pé de ti.

— Porque tu ressonas. Já ressonavas em criança. — E riu-se.

Antonio fingiu ter ficado zangado e empurrou-o na brincadeira.

— O *Nino*... — murmurou Carlo com um sorriso, olhando fixamente em frente. — Do que te havias de lembrar...

Permaneceram em silêncio durante alguns segundos, cada um imerso nas suas próprias memórias daquele gato tão acarinhado, de um tempo despreocupado, de uma felicidade aparentemente infinita.

Depois, Carlo pôs-se muito sério.

— Vou ficar bem, Antonio, não vou? — perguntou-lhe.

— Claro que vais ficar bem...

— Só estás a dizer isso para me fazeres sentir melhor.

Antonio virou-se para olhar para ele.

— Não te quero ouvir derrotado. Nem parece teu. Se fosse comigo, já era outra coisa... — tentou brincar.

Carlo, no entanto, ficou subitamente com os olhos húmidos.

— Oh! — exclamou Antonio, sacudindo-o pelo braço.

Carlo fechou os olhos e deixou cair uma lágrima, que lhe escorreu lentamente pelo rosto.

Antonio pôs-lhe o braço por cima dos ombros e puxou-o para si.

— Tem calma. Vamo-nos safar disto, Carletto. Vamo-nos safar disto.

*

Como seria de esperar, Anna reagiu à notícia à sua maneira. À frente de Carlo, não perdeu a compostura, nem um bocadinho; pelo contrário, fitou-o com um olhar confiante e disse:

— O tratamento vai resultar, e tu vais ficar bem.

Depois, arregaçou as mangas do vestido e foi para a cozinha, onde passou o resto da tarde a fazer aquilo que, desde sempre, tinha o poder de acalmá-la: *pesto*. Foi assim que Giovanna a encontrou: debruçada sobre a mesa da cozinha, a moer com afinco no almofariz. Puxou lentamente uma cadeira para trás, sentou-se e ficou alguns instantes a observar o rosto contraído de Anna, com os lábios comprimidos, os seus olhos húmidos e avermelhados.

Depois, sem dizer uma palavra, pegou na taça com os pinhões e passou-lha.

*

No início de setembro, Lorenza regressou das férias que ela e Tommaso tinham

passado em Otranto, numa das residências de verão dos antigos sogros dele, a mesma casa onde ele passara os verões com Giulia durante anos.

— Olá, papá, posso?

Lorenza assomou-se à porta aberta do gabinete de Antonio, vestida com um *tailleur*, com a saia pelo joelho, e o cabelo preso num coque. O seu rosto estava pálido e encovado, como se não tivesse ido um dia sequer à praia.

— Lorenza! Não sabia que tinhas regressado! — Recebeu-a com um abraço. — Anda cá, senta-te. — E apontou para a pequena poltrona. — Como é que correu? — perguntou-lhe, depois, sentando-se na poltrona em frente.

Lorenza sentou-se e olhou em redor.

— Não entrava aqui há séculos... — murmurou. — É novo? — perguntou, apontando para um candeeiro que estava em cima da secretária.

Antonio virou-se.

— Não é assim tão novo — respondeu. Voltou a olhar para a filha. Cruzou as pernas e entrelaçou as mãos. — Conta-me — convidou-a com um sorriso. — Como estava Otranto?

Lorenza olhou o pai diretamente nos olhos.

— Estou grávida, papá — disse ela. — És a primeira pessoa a quem conto.

Antonio olhou para ela, surpreendido, e depois correu a abraçá-la.

— Que boa notícia!

Lorenza permaneceu imóvel e rígida.

Ele retraiu-se.

— O que foi? Não pareces feliz...

— Sim. Não. Quero dizer, sim, estou.

— Então, porquê essa carinha amuada?

— Nada, papá. Está tudo bem... Só estou um bocadinho cansada.

— A tua mãe vai ficar louca de alegria! — exclamou Antonio, tornando a sentar-se. — Já estou a imaginá-la.

Lorenza esboçou um meio-sorriso, que, porém, não tinha qualquer vestígio de alegria.

— Sim, ela merece alguma felicidade — comentou, levantando-se.

— Mas já te vais embora? Acabaste de chegar... — perguntou ele, um pouco perplexo.

— Vou contar à mamã.

— Espera, vou contigo. Contamos-lhe juntos.

— Não, obrigada, papá. Quero ser eu a dizer-lhe sozinha.

Lorenza saiu do lagar e chegou ao cruzamento onde devia virar à direita e depois continuar na rua Giuseppe Garibaldi, aquela que, no cruzamento, se transformava a rua Paladini, onde ficava a casa dos pais. Olhou para a direita por um momento, depois seguiu pela estrada da esquerda, a que conduzia a casa de Daniele.

Abril-maio de 1949

Naquele dia, Daniele abrira a porta e ficara a observar Lorenza na soleira com um misto de surpresa e desconforto. Não se atrevera a aproximar-se dela durante todos aqueles meses; forçara-se a não interferir na sua vida, a respeitar o seu estatuto de mulher casada e «intocável». Lorenza fizera a sua escolha, e não havia mais nada que ele pudesse fazer. Mesmo naquele momento, quando ela finalmente se encontrara a um palmo dele, ele dera um passo atrás, como se estivesse intimidado.

— Não me convidas a entrar? — perguntara-lhe ela com voz embargada.

— Não sei — respondera ele. — Não devias estar aqui.

— Por favor — suplicara-lhe Lorenza e, logo em seguida, desatara a chorar, cobrindo o rosto com as mãos.

Então, Daniele deixara-a entrar, dissera-lhe para se sentar no sofá e levara-lhe um copo de água.

— Acalma-te, vá — murmurara-lhe ele. Depois, sentara-se no braço do sofá, esforçando-se por manter a distância.

— Estás melhor? — perguntara-lhe finalmente, assim que ela pousara o copo vazio na mesinha.

Lorenza anuíra devagarinho com a cabeça, depois erguera o olhar e fitara-o com os olhos inchados de lágrimas.

— Porque vieste?

Ela aproximara-se dele. Pusera-lhe a mão na face, acariciara-a e beijara-o logo a seguir. Daniele não tentara impedi-la nem se afastara. Retribuíra o beijo com entrega, esquecendo-se subitamente de tudo, exceto de Lorenza. Tinham tirado as roupas um do outro, sem parar de se beijar. Ele estendera o seu corpo nu sobre ela, e ali mesmo, no sofá, tinham feito amor pela primeira vez. De seguida, tinham ficado nos braços um do outro durante muito tempo, nus e felizes, e depois, ainda não saciados, haviam feito amor novamente.

— Era assim que devia ser — sussurrara-lhe ele enquanto lhe aflagava o cabelo.

— Se ao menos tivesses confiado em mim...

— Estava furiosa... E tive medo. Medo de ficar sozinha para sempre, medo de

que nunca mais voltasses...

Ele pousara os lábios na testa dela.

— Eu sei — dissera ele.

— Sabes o que é mais engraçado? — continuara ela, num tom amargo. — É que nunca me senti tão só como desde que me casei... A culpa não é do Tommaso, ele é tão querido, tão afetuoso... mas, sempre que me toca, apetece-me gritar.

Pouco depois, confessara-lhe: estava à espera de um filho, e era a pior coisa que lhe podia ter acontecido, acrescentara.

Daniele afastara-a de si e sentara-se, com o cabelo desgrehado, as mãos entrelaçadas e o olhar fixo no chão.

Também Lorenza baixara os olhos.

— Estás zangado? — perguntara, então, num sussurro.

Ele passara com uma mão pelo cabelo e levantara-se. Enchera um copo de água e bebera-o, encostado ao lava-louça, enquanto Lorenza o olhava fixamente.

— Não, não estou zangado — respondera finalmente, com uma voz fraca. — Tenho pena de ti, da infelicidade que sentes.

A partir desse dia, não deixaram de se encontrar em segredo. No outono, ele começara a procurar um pequeno apartamento em Lecce, um lugar onde pudesse montar o seu ateliê e conseguissem finalmente ver-se longe dos olhares da aldeia. Não fora fácil encontrar um: os que tinha visitado ou não tinham a iluminação adequada ou eram demasiado húmidos ou estavam tão degradados que precisariam de uma renovação completa, e ele não tinha assim tanto dinheiro. Acabou por encontrar uma casinha desabitada, com três divisões e grandes janelas, na rua Santa Maria del Paradiso, um beco no bairro de Giravolte, a poucos passos da porta Rudiae.

— Os meus avós viviam aqui — explicara um rapaz mais ou menos da sua idade. — Não me serve de nada: já tenho onde viver.

Por isso, acabaram por acordar, pelo menos por ora, numa renda anual forfetária.

Nas tardes em que Tommaso ficava na estação, Lorenza escapulia-se e apanhava a camioneta para Lecce. Embora a gravidez lhe tirasse algumas forças, queria ajudar Daniele, fazer parte do seu sonho, desde os primeiros momentos: tinha varrido o chão, desengordurado os vidros das janelas, oleado as portas. E quando, graças à furgoneta de um amigo, ele levara a *Singer*, os seus tecidos e todas as ferramentas de trabalho, fora ela a pôr cada coisa o seu lugar.

— E a caixa com os cadernos? — perguntou Lorenza enquanto empilhava os rolos de tecido, dividindo-os por tonalidade.

— Já não existe — respondera ele. E depois contara-lhe a discussão com a mãe, os desenhos que ela lhe roubara, como se sentira usurpado, como Carmela sabia ser mesquinha... — Estou habituado a isso. Ela nunca irá mudar — dissera ele, entristecido. — Mas não quero mais pensar no assunto — acrescentara, abanando a cabeça. — Isso significa que vou desenhar uma nova linha, ainda mais moderna,

algo que até uma mulher de Nova Iorque usaria.

Lorenza anuíra com a cabeça, com uma expressão de desalento.

— Parece-me um objetivo maravilhoso. Tenho a certeza de que vais surpreender toda a gente — comentou depois, com um entusiasmo excessivo.

A verdade é que, de repente, sentira-se culpada: pensou que naquela noite, na festa de aniversário do tio Carlo, tivera razão quando lhe parecera que Carmela estava a usar um dos modelos de Daniele. No entanto, afastara imediatamente esse pensamento e não investigara mais. Talvez devesse tê-lo, disse a si mesma. Devia ter confrontado Carmela e pedido explicações. Contudo, por outro lado, qual seria o objetivo de ficar a remoer nisso agora? E, sobretudo, qual era o sentido de contar a Daniele, depois de todo aquele tempo, precisamente agora que se tinham reencontrado? Absolutamente nada. Por isso, decidiu manter-se calada.

— Ainda falta a mesa, o espelho, alguns sofazinhos, um cabide para pendurar as cruzetas... — dissera Daniele, olhando em redor.

— Devias mandar fazer um letreiro — acrescentara Lorenza. — Gostava de te oferecer um. Eu trato disso.

Ele olhou para ela com um sorriso.

— Obrigado, és uma querida.

Ela aproximara-se dele, e ele acariciara-lhe primeiro a cabeça e depois a barriga.

— Sabes qual seria o meu maior desejo? — dissera ela. — Que fosse teu filho.

Ele abraçara-a com força e depois sussurrara-lhe ao ouvido:

— Eu também gostava.

*

Giada nasceu em casa no dia 18 de abril, após catorze horas de trabalho de parto, enquanto a família esperava atrás da porta... exceto Agata, que permaneceu o tempo todo ao lado da filha, segurando-lhe na mão enquanto a parteira lhe ordenava que fizesse força. Tommaso sentava-se e levantava-se continuamente, incapaz de ficar quieto; Antonio punha-lhe a mão no ombro e repetia: «Vai correr tudo bem, vais ver. Come qualquer coisa.» Anna e Giovanna, na cozinha, preparavam *friselle*²⁷ com tomate e orégãos ou atendiam aos pedidos da parteira, que exigia mais toalhas limpas e água a ferver. A certa altura, chegou também Carlo, mas ficou apenas alguns minutos. «Tenho de me ir estender», disse desculpando-se, com um ar cansado e o rosto marcado por olheiras avermelhadas. Roberto acompanhou-o a casa, apoiando-o pelo braço.

— Uma menina! — exclamou Tommaso, com os olhos cheios de alegria. — Tinha tanta esperança de que fosse uma menina. A minha princesinha — disse ele, tocando-lhe ao de leve nas mãozinhas.

Exausta, Lorenza adormeceu. Agata fez sair todos do quarto, deitou a menina no berço, fechou os cortinados e sentou-se ao lado da cama. De tempos a tempos,

passava um lenço na testa transpirada de Lorenza e humedecia-lhe os lábios com um pouco de água ou, tentando não fazer barulho, levantava-se para espreitar a bebé. Quando Giada acordou e começou a choramingar de fome, Agata pegou nela ao colo e embalou-a durante alguns instantes.

— Amorzinho da avó — sussurrou-lhe com um sorriso. Abriu um bocadinho os cortinados e depois inclinou-se sobre Lorenza. — A menina tem de comer.

Lorenza fez uma careta.

— Preciso de dormir — resmungou ela de olhos fechados.

— Amamenta-a e depois voltas a dormir — disse-lhe Agata.

Arquejando, Lorenza sentou-se na cama, e Agata entregou-lhe a bebé.

A primeira mamada acabou por ser um suplício.

— Ai! — Lorenza não parava de se queixar, com o rosto contraído.

— É preciso paciência, a primeira vez é assim, depois passa — tranquilizou-a Agata, sentada ao seu lado na cama.

— Mas dói — insistia Lorenza. E afastava a pequenita de si.

Nos dias seguintes, a situação ficou ainda pior. Giada não fazia outra coisa senão chorar e gritar, dia e noite. Exasperada, Lorenza pegava nela ao colo e embalava-a vigorosamente, mas a criança parecia ficar ainda mais desesperada.

— Não sei como fazê-la parar. Está a dar comigo em doida — repetia ela a Tommaso, à beira das lágrimas.

Ele levantava-se da cama e dizia-lhe:

— Dá-ma cá, deixa-me tentar acalmá-la.

— Mas vais acalmar o quê, tu? — E voltava a embalá-la com raiva.

— Deixa-me tentar — respondia ele, calmamente.

E, de todas as vezes, assim que Tommaso pegava em Giada ao colo, a menina parava subitamente de chorar.

— Deus seja louvado — suspirava Lorenza.

— Mas isto assim não funciona, minha filha — repreendia-a Agata. Chegava todas as manhãs, bem cedo, para render Tommaso. — As crianças sentem-no... sentem tudo o que tens dentro de ti. E tu, dentro de ti, agora tens veneno.

Lorenza não via Daniele desde o dia anterior ao parto e sentia-se como se estivesse a enlouquecer. Olhava para a filha e não conseguia sentir nem um vago impulso de amor ou de ternura; em vez disso, revia as dores de cada mamada, as noites sem dormir, o cansaço enraizado, o choro agudo que lhe dava vontade de fugir.

A quem poderia ela dizer o que realmente sentia? Ninguém teria compreendido, ter-se-iam indignado, pensariam que estava louca, diriam que tinha algo podre dentro de si.

Anna visitava-a todos os dias quando saía do trabalho. Acariciava o rostinho de Giada, libertava-lhe a testa dos tufo de cabelo e depois sentava-se ao lado de Lorenza.

— Não estás com boa cara, *ma petite* — disse-lhe um dia.

— Obrigada, já sabia — respondeu Lorenza, com rudeza.
— Apetece-te conversar um bocadinho?
— Sobre o quê? Como se pode ver, não tenho muito para contar ultimamente — ironizou.

Anna virou-se devagar para o berço e olhou para a bebé, que dormia tranquilamente.

— Bem, não me parece...

— A verdade é que estraguei tudo, tia.

— Tens uma menina adorável e saudável. Não me parece que tenhas estragado tudo, não achas?

Lorenza fez um esgar de aborrecimento.

— Eu... — tentou dizer, mas depois ficou bloqueada.

— Tu o quê? Continua, por favor — insistiu Anna.

Lorenza suspirou, depois levantou-se da cama e foi espreitar pela janela.

— Não consigo gostar dela — disse, sem se virar. — Olho para ela e não sinto nada. Às vezes... — Calou-se. — Às vezes, gostava que ela não existisse. Assim, seria livre. — Escorreu-lhe uma lágrima pela face.

Anna fez menção de se levantar da cadeira e ir ter com ela, mas algo a impediu.

Lorenza enxugou ao rosto com a palma da mão, depois virou-se para Anna.

— Não dizes nada? Eu sei, estás a pensar que sou um monstro.

A tia olhou para ela, abatida. Onde estava a menina alegre que corria para ela, sempre tão entusiasmada, amável e boa?

— Não estou a pensar nada disso... — respondeu ela com voz rouca. — Pelo contrário, estava a pensar em quando eras criança...

— Já não sou criança há algum tempo — interrompeu-a Lorenza.

— Sim, eu sei.

Lorenza afastou-se da janela e, lentamente, foi sentar-se de novo em frente à tia.

— Não vejo o Daniele há quinze dias... — murmurou. Anna abriu muito os olhos e tentou dizer alguma coisa, mas Lorenza impediu-a novamente. — Sim, eu sei que me disseste, que me avisaste. Correu como previste. Estás satisfeita?

— Não, de todo — sussurrou.

— Desculpa, tia. Estou tão cansada... — Levantou a cabeça e estendeu-lhe a mão. — Peço desculpa — acrescentou. — A culpa não é tua.

Anna pôs um braço à volta dela e apertou-a. Doía-lhe muito vê-la naquele estado, vítima de si própria e das suas más escolhas. Sentiu uma pontada de pena dela, imaginando-a, noite após noite, a deitar-se na cama ao lado de um homem que não amava; e entristecia-a muito saber que só era feliz nas horas roubadas àquela vida, na clandestinidade do amor com Daniele...

— Há uma coisa que posso fazer por ti, se quiseres — disse ela então. — Peço-lhe para vir a minha casa. Amanhã à tarde. Assim, podem passar algum tempo juntos, sem serem incomodados. De lá, consegues voltar em alguns minutos, se a

Giada precisar de ti. Assim fica a Agata com ela, não é? Eu invento uma desculpa para a tua mãe, não te preocupes: digo-lhe que tens de relaxar durante umas horas, que tenho de te cortar o cabelo ou qualquer coisa do género. Quanto ao tio, não te preocupes, amanhã não vai estar cá a tarde toda... tem de inaugurar aquela nova área do mercado — explicou, fazendo um gesto displicente. — E o Roberto vai com ele. Quanto à Giovanna, bem, nela podes confiar, já sabes.

Lorenza pareceu renascer de repente. Correu para abraçá-la.

— Oh, tia! Farias mesmo isso por mim?

Anna acariciou-lhe o cabelo.

— Se serve para te fazer sorrir assim, sim, *ma petite*.

*

Na tarde do dia seguinte, Daniele chegou a casa de Anna numa absoluta agitação. Com o coração aos saltos e a respiração arquejante, bateu à porta.

Anna abriu a porta e cumprimentou-o com um sorriso.

— Anda, vem sentar-te na sala de estar — disse-lhe. — A Lorenza chega daqui a nada. Queres um café? Um copo de água? Algo me diz que precisas de um...

Daniele avançou, embaraçado. Sentou-se no sofá que Anna lhe indicou e depois murmurou:

— Sim, talvez um pouco de água, obrigado.

Anna afastou-se em direção à cozinha, e Daniele olhou em redor: a grande lareira, os quadros nas paredes, o armário com o rádio, o gira-discos... Ficou impressionado com a ausência de bibelôs e daquelas bugigangas de que as casas estão normalmente cheias... *Ab, não, há uma coisa*, disse a si próprio mais tarde, ao ver uma marioneta de madeira na lareira. Levantou-se e aproximou-se para vê-la melhor: era uma mulher vestida de branco, que segurava num cesto de suculentas maçãs vermelhas. Num dos lados da cara, tinha uma pequena lasca.

Anna regressou com um copo de água nas mãos.

— É bonita, não é? — perguntou, apontando para a boneca com um aceno de cabeça. — Comprei-a uns dois meses depois de cá ter chegado — continuou. — O homem da banca mantinha-a escondida, atrás de filas de outras marionetas. E só por causa daquela lasca na cara, que a tornava diferente das outras. Eu nunca tive medo de parecer diferente. É por isso que ainda a conservo, depois de todos estes anos.

Daniele esboçou um sorriso.

— Aqui tens — disse ela, entregando-lhe o copo. Daniele pegou nele e bebeu-o de um só trago.

Anna sentou-se no sofá e deu uma palmadinha no lugar vazio ao seu lado.

— Anda cá — disse.

Ele sentou-se ao lado dela, segurando no copo vazio.

— Sabes, estou contente por estares aqui — continuou ela. — Há muito tempo que queria conhecer-te, falar um bocadinho contigo. É estranho, não achas? O Carlo, a Lorenza... Temos em comum duas pessoas que são muito importantes para ambos e, no entanto, nunca tivemos oportunidade de conversar, tu e eu.

O rosto de Daniele pareceu relaxar instantaneamente.

— Sim, é estranho — sorriu, pousando o copo na mesa de centro. — Já disse o teu nome mais vezes do que o meu — disse, rindo-se. — Acho que *Donna Anna* são as palavras que pronunciei mais vezes em toda a minha vida.

Anna também se riu.

— Não sei como agradecer por hoje — disse ele. — Quando apareceste em minha casa ontem, bem, fiquei com muito medo de que me fosse dar uma descasca. Eu... Enfim, não queria que ficasse com má impressão de mim. Eu amo mesmo a Lorenza, e ela ama-me, e... — Interrompeu-se, baixando o olhar.

— E tu tinhas chegado primeiro. Era isso que querias dizer? — continuou Anna, com doçura.

Ele levantou os olhos e olhou para ela, agradecido.

— Sim — disse ele. — Algo do género.

Nesse momento, ouviram bater à porta.

— Aqui está ela — disse Anna. E foi abrir.

Daniele levantou-se, olhando para a entrada.

Lorenza entrou, ofegante, com um ar impaciente. Correu para Daniele e abraçou-o. Ele apertou-a com força e afundou a cabeça no seu cabelo.

Anna foi para a cozinha, fechou lentamente a porta e juntou-se a Giovanna, que se retirara para o jardim assim que ouvira Daniele chegar.

Passado meia hora, ouviu-se uma chave rodar na fechadura da porta da rua.

Anna abriu rapidamente a porta da cozinha, e Giovanna seguiu-a. Daniele e Lorenza levantaram-se do sofá com uma expressão alarmada.

À porta estava Roberto, que sustinha Carlo por um braço.

— O que é que aconteceu? — Anna correu para eles e ajudou Roberto a suportar o peso de Carlo, que, como era óbvio, não conseguia manter-se de pé sozinho.

Daniele foi em auxílio de ambos. Depois, os três obrigaram-no a deitar-se no sofá.

No rosto de Carlo havia uma expressão de profunda angústia. Anna nunca o vira assim.

— Carlo — chamou-o, debruçando-se sobre ele. — O que é que se passa? O que aconteceu?

Ele tossiu e encolheu-se de lado.

— Sentiu-se mal — explicou Roberto, com a voz inchada de medo.

Daniele ajoelhou-se ao lado do sofá. Como se só então se tivesse apercebido da sua presença, Carlo arregalou os olhos e sussurrou:

— Meu rapaz... — Depois desviou o olhar para Lorenza, que permanecia

imóvel, incapaz de fazer ou dizer alguma coisa.

Carlo fechou subitamente os olhos, com a expressão desconsolada de quem compreendera.

Tivera um ataque mais forte do que os outros, explicou Roberto. Estava prestes a cortar a fita para inaugurar a área do mercado quando ficara pálido como cera e fora atingido por uma tosse cavernosa, lancinante, como nunca tivera antes. Todos os presentes se haviam juntado à volta dele; alguns seguraram-no, outros deram-lhe pancadinhas nas costas, outros gritaram: «Ele não está a respirar!» Agarrara-se a ele até que, com mais um ataque de tosse, ele cuspira um grande coágulo de sangue.

— Vai chamar o tio Antonio — disse Anna ao filho. — Vamos levá-lo imediatamente para o hospital.

— Vou eu chamar o meu pai — ofereceu-se Lorenza. Antes de sair, porém, olhou para Daniele com olhos desconsolados e inchados de desejo e acenou-lhe com a cabeça como se dissesse: «Amanhã?»

Anna e Antonio ajudaram Carlo a sentar-se no banco de trás do *Fiat 508*, depois Antonio pôs-se ao volante e seguiu pela estrada que conduzia ao hospital.

*

O doutor Calò examinou-o durante mais de uma hora.

Anna e Antonio não podiam fazer mais do que aguardar, sentados em cadeiras desconfortáveis na sala de espera.

Anna tinha a cabeça encostada à parede, enquanto Antonio estava inclinado para a frente, com os cotovelos nos joelhos.

Ela olhou para o relógio.

— Mas quanto tempo é que demora?

Antonio olhou para ela.

— Não sei — respondeu. — Simplesmente não sei.

— Nunca lhe saiu sangue, até hoje — continuou Anna.

Antonio anuiu com a cabeça, depois voltou a olhar em frente e pôs-se a tamborilar com a biqueira do sapato no chão.

Ela passou as mãos pelo cabelo, suspirando ruidosamente.

— Tenho medo, Antonio — disse ela. — Estou a *morrer* de medo — acrescentou com a voz trémula.

Ele hesitou e depois pôs-lhe uma mão na perna. Ela agarrou-a com tanta força que deixou nela as marcas das unhas.

— Eu também — murmurou Antonio.

A porta do consultório abriu-se: Carlo saiu primeiro, seguido pelo médico. Ambos tinham o rosto sombrio de alguém que traz más notícias.

Anna e Antonio puseram-se imediatamente de pé.

Carlo olhou para eles com a expressão mais desconsolada que alguma vez

tinham visto. Depois avançou alguns passos e, sem dizer uma palavra, abriu os braços e estreitou-os. Os dois ao mesmo tempo.

*

No início de maio, Anna tirou da arca as roupas para o bom tempo, as dela e as de Carlo. Depois, retirou dos roupeiros as roupas de inverno e colocou-as na arca, no lugar das roupas primaveris. Por fim, juntou todos os casacos leves de Carlo, as calças de algodão fresco e as camisas e meteu-os num saco grande.

Espreitou para o quarto para se certificar de que Carlo estava a dormir. Quando o ouviu ressonar, fechou a porta e começou a descer as escadas.

— Vou à costureira. Ficas aqui com o pai?

Roberto levantou os olhos de um exemplar muito manuseado de *Romeu e Julieta*. Fora escolhido para fazer de Romeu na peça de final de ano da escola, por isso, depois de acabar os trabalhos de casa, passava horas por dia a ler e a memorizar o papel. Às vezes ia para o quarto dos pais, deitava-se na cama ao lado do Carlo e fazia-lhe companhia, lendo-lhe as falas.

— Sim, claro, não te preocupes — respondeu-lhe.

Pondo o saco ao ombro, Anna enveredou pela rua que conduzia à sala de costura.

Quando Carmela lhe abriu a porta, as duas mulheres encararam-se por alguns segundos. Pela expressão dorida com que ela a olhava, percebeu que Carmela já sabia de tudo. Como de costume, era impossível esconder alguma coisa da aldeia, e o facto de Carlo ter tirado uma folga do cargo de presidente da Câmara e da adega só veio confirmar os rumores.

— *Tràsi* — convidou-a Carmela a entrar.

Anna depositou o saco em cima da mesa. Com uma voz firme, explicou que as roupas de Carlo estavam lá dentro e que lhas tinha trazido porque precisavam de ser apertadas. Nesta altura, já estariam pelo menos dois números acima do tamanho certo, explicou.

Carmela abriu o saco e começou a retirar as peças com delicadeza, uma a uma, dispondo-as gradualmente sobre a mesa. Anna já havia colocado alfinetes para as novas medidas, onde seria necessário apertá-las ou encurtá-las.

— Sei que é muito trabalho — disse Anna. — Mas peço-te o favor de o fazeres o mais depressa possível. Pago-te o dobro se for preciso.

Carmela abanou a cabeça.

— Estás a ver? É por estas e por outras que se compreende que és e continuarás sempre a ser uma forasteira.

— Porquê, o que é que eu disse? — perguntou Anna, franzindo o sobrolho.

Carmela olhou-a diretamente nos olhos.

— Por estas bandas, quando um de nós está mal, ninguém sonharia em cobrar-lhe a ele, ou à sua família, pelos serviços — respondeu ela, áspera. — Volta daqui

a cinco dias e vais encontrá-las prontas — acrescentou antes de se despedir.

Carmela fechou a porta, irritada, e foi sentar-se novamente à mesa. Pôs os óculos e fez menção de voltar a pegar no trabalho que começara, mas depois parou. Desviou o olhar para as roupas de Carlo e ficou a olhar para elas durante muito tempo. Tirou uma camisa do monte; era azul-clara, com botões de madrepérola: trazia-a vestida no dia em que voltara a aparecer à porta dela, perguntando: «Incomodo?» E ela, como uma tola, deixara-o entrar.

Aproximou a camisa do rosto e cheirou-a com os olhos fechados: o aroma de Carlo, aquela mistura de fumo com especiarias e *aftershave* mentolado, tê-lo-ia reconhecido entre mil.

²⁷ Massa de pão, em forma de disco com um buraco ao centro, que se amolece em água antes de comer; é típica da alimentação dos camponeses de várias regiões do Sul de Itália. (NT)

Junho de 1949

*— Tenho o manto da noite para me esconder dos olhos deles,
mas, se não me amas, que me encontrem aqui:
preferia que a vida acabasse por causa do ódio deles,
do que prorrogar a morte sem o teu amor.*

No cimo de um escadote de madeira, Roberto estava a repetir as suas falas, enquanto Carlo, sentado na sua poltrona com um cobertor axadrezado sobre as pernas, se esforçava por seguir o texto. A radioterapia fizera-lhe cair o cabelo todo, deixando-o completamente careca.

— Disse-o bem? — perguntou Roberto.

— Sim, sim — confirmou Carlo com um fio de voz. — Interrompo-te se te enganares. — E tossiu.

— Estás cansado. Vamos fazer uma pausa — disse Roberto, descendo do escadote.

— Sim, só mais um bocadinho — respondeu Carlo e pousou o livro na mesa de centro.

Roberto foi sentar-se no tapete, aos pés do pai, e encostou a cabeça às suas pernas.

— Papá, tenho de te perguntar uma coisa.

— Diz lá.

— Como te sentiste quando conheceste a mãe? Quero dizer, como percebeste que estavas apaixonado por ela?

Carlo refletiu durante algum tempo.

— Acho que me senti... em casa. Senti que podia mostrar o meu lado mais frágil, sabendo que a outra pessoa o compreende, o aceita, cuidará dele e nunca o usará contra ti. Percebes o que quero dizer?

Roberto anuiu com a cabeça.

— Acho que sim...

— Porque perguntas? Gostas de alguma rapariga?

— Perdidamente, pai — respondeu ele com um suspiro. — Só não sei se ela

gosta de mim.

Carlo sorriu.

— Como se chama?

— Maria. Chama-se Maria. É ela que faz de Julieta.

Carlo riu-se e tossiu ao mesmo tempo.

— Ah, bem, então é o destino. Mas prometo que nem eu nem a mãe nos vamos meter no teu caminho — brincou.

— Papá... — repetiu Roberto, após alguns segundos de silêncio.

— O que foi?

— Acho que estou apaixonado. Quando estou com ela, também me sinto em casa.

*

Nessa altura, Carlo já não saía. O doutor Calò fora claro: tinha de ficar em repouso absoluto, evitar qualquer esforço, não esticar a corda do seu corpo já exausto. Fora brutalmente sincero: o tumor espalhara-se de uma forma imprevisível.

— Quanto tempo me resta? — perguntara-lhe Carlo após a última consulta.

O rosto do médico ensombrecera, depois ele entrelaçara as mãos sobre a secretária.

— Não sei dizer. Continue o tratamento — limitou-se a responder.

Naquelas semanas, Anna não o deixara sozinho nem por um segundo. Tirara uma licença do trabalho, a primeira em catorze anos, para poder estar com ele.

— Os médicos podem enganar-se. Eles também são seres humanos, que raio! — repetia-lhe ela. — Vais ficar bem, eu sei.

Recusava-se a aceitar a possibilidade de ele não sobreviver; estava convencida de que a vontade de viver de Carlo levaria a melhor sobre a doença. Quantas vezes ele teria gostado de lhe dizer que não o ajudava em nada ela agir daquele modo; não queria iludir-se com palavras que glorificavam a esperança, não queria fugir à realidade para seguir uma miragem. Teria sido infinitamente pior se se tivesse convencido de que poderia viver mais tempo do que o que havia sido perspetivado... então, sim, o momento do adeus teria sido ainda mais inaceitável e dilacerante para ele. Teria gostado de lhe poder dizer: «Cala-te, chega, não me fales mais de todas as coisas que ainda temos de fazer juntos, não me fales mais do futuro. Isso magoa-me, não percebes que me magoa?»

No entanto, Carlo nunca foi capaz de a interromper, de lhe dizer o que realmente sentia. O seu coração apertava-se ao pensar que também ela, à sua maneira, estava a tentar proteger-se da dor, a adiá-la o mais possível. Continuava a tossir sangue, a sentir-se sem fôlego, com uma pedra constante em cima do peito. Ele próprio via que só estava a piorar. E Anna também o via...

Um dia, pediu-lhe que chamasse o notário.

O rosto de Anna toldou-se, e ela cruzou os braços em frente ao peito.

— Ages como se fosses mesmo morrer. Para com isso! — disse-lhe.

Carlo tentou sentar-se na cama, mas em vão.

— Por favor, Anna, faz o que te peço — suplicou-lhe com um suspiro.

No final, teve de ser Antonio a chamar o notário, um homenzinho muito apumado que se apresentou com uma pasta de couro preto numa mão e a barba acabada de fazer, a julgar pelo pequeno corte na face esquerda.

Anna abriu a porta e mal o cumprimentou. Depois, dirigiu-se para a cozinha e bateu com a porta.

— Peço desculpa — disse Antonio, embaraçado, indicando-lhe o caminho pelas escadas até ao quarto.

Carlo informou o notário de que o irmão estaria presente no momento em que ele fosse ditar o testamento. Por isso, Antonio trancou a porta à chave e sentou-se na cadeira, cruzou as pernas e entrelaçou as mãos sobre elas. Talvez fosse o momento mais difícil da sua vida, e, no entanto, obrigou-se a mostrar-se forte, a ser a rocha a que Carlo sempre se agarrara, a não deixar transparecer a angústia que trazia dentro de si. *Tenho de cuidar dele primeiro*, repetia a si próprio para ganhar coragem. Conhecia o irmão, sabia exatamente do que ele precisava: fingir que nada estava a acontecer não o teria ajudado nem um bocadinho. Pelo contrário, teria exacerbado o medo, a solidão que já sentia.

Ficou a escutar em silêncio, enquanto o notário transcrevia as palavras de Carlo numa folha de papel dentro de uma pastinha.

Deixaria a Anna a casa da rua Paladini e todo o dinheiro. Roberto herdaria setenta por cento da herdade e da Adega Greco. Os restantes trinta por cento iriam para Daniele Carlà «pela sua dedicação inabalável, pelos inúmeros lucros que trouxera à adega e pela experiência inestimável que acumulara, que ninguém na empresa conseguia igualar. Ganhou, por isso, a minha confiança total e incondicional. Tenho a certeza absoluta de que continuará a fazer prosperar a adega». Com o desejo, acrescentou, de que Roberto e Daniele a administrem juntos numa «colaboração pacífica e frutuosa, digna dos dois homens mais inteligentes que já conheci».

Os olhos de Antonio arregalaram-se, e ele remexeu-se na cadeira; estava prestes a abrir a boca, mas Carlo acenou-lhe com a cabeça, como se dissesse que não havia nada a fazer: decidira assim e pronto.

Porém, depois de o notário sair, Antonio fechou a porta e não se calou.

— Como vais explicar isto à Anna? — perguntou-lhe ele, verdadeiramente perturbado. — E como achas que o Roberto vai reagir? Não podes sair-te com este *volte-face*. E se eles começarem a suspeitar de alguma coisa? Não podes deixar que eles descubram tudo deste modo, quando... — Ele respirou fundo. — ... quando já não puderes dar-lhes explicações. Não podes fazer isso, Carlo. Tens de lhes dizer rapidamente, agora.

Carlo virou a cabeça para o outro lado da almofada.

— Ou então, por favor, muda aquele testamento enquanto tens tempo. Pelo amor de Deus.

— Estás a preocupar-te demasiado — respondeu Carlo com voz fraca. — Eles vão pensar que eu decidi assim porque estou preocupado com os negócios, apenas com os negócios. Com o bem da adega e com o futuro deles. Eu conheço a Anna, conheço o meu filho — concluiu, com falta de ar.

— E se estiveres enganado e...

Antonio tentou retorquir, mas Carlo interrompeu-o imediatamente:

— Não quero falar mais sobre isso.

Antonio suspirou, desconsolado, apoiando ambas as mãos nos pés da cama.

*

Foram muitos os que o visitaram: os trabalhadores da adega, os funcionários do município, os companheiros de partido, os membros do conselho municipal... Todos lhe desejavam as melhoras, que não cedesse à doença. «Sentimos a sua falta», diziam, «Não se preocupe, na adega tudo continua como sempre», «Estamos à sua espera, não brinque», «Assim que voltar, temos de retomar aquele projeto», «Quando recuperar, falaremos sobre isso».

No final dessas visitas, Carlo sentia-se terrivelmente exausto, esmagado por uma infinidade de palavras vazias, de promessas absurdas. Por isso, a certa altura, pediu a Anna que não deixasse entrar mais ninguém. Teria de os mandar embora, de lhes dizer que ele estava a descansar, que não os podia receber. Não queria ver mais ninguém, com exceção da família, disse.

— Ah — acrescentou, antes que ela voltasse a fechar a porta do quarto. — Mas, se o Daniele vier, deixa-o entrar. Ele pode, não me vai incomodar.

Desde que Carlo piorara, Daniele tinha decidido adiar a abertura do seu ateliê para regressar à adega. «Devo-lhe isso», explicara a Lorenza. Em suma, dera por si a substituir Carlo em todas as suas funções: distribuía os salários, discutia com os trabalhadores, dava indicações, controlava as expedições, mantinha os registos em ordem, certificava-se de que não havia atrasos. Uma vez por semana, geralmente ao sábado, ia a casa de Carlo para lhe apresentar um relatório pormenorizado.

Ele ouvia e anuí-a com a cabeça, satisfeito.

— Muito bem. Estás a fazer um excelente trabalho — dizia-lhe sempre.

Foi durante uma dessas manhãs que Carlo decidiu falar-lhe do testamento e dos trinta por cento que receberia.

— Assim, estás preparado — concluiu.

Daniele ficou atônito.

— Não sei o que dizer... Eu... Não estava à espera disto... Porque é que já fizeste um testamento? — perguntou ele, olhando-o fixamente. — Quero que fiques bom, Carlo e... — Ficou com a voz embargada.

— Aproxima-te, meu rapaz — disse ele, dando duas palmadinhas na cama.

Daniele obedeceu.

— Não sei se vou recuperar — disse Carlo. Um ataque de tosse interrompeu-o. — Quis resolver as coisas a tempo. Compreendes isso, não compreendes? — retomou, com um arquejo.

Daniele fungou e depois esfregou os olhos húmidos.

— Não quero pensar nisso — murmurou, abanando a cabeça.

Carlo comprimiu os lábios e depois pousou a mão sobre a dele.

— Porquê eu? — continuou Daniele. — O teu filho já sabe? E a Anna?

Carlo fitou-o intensamente, durante muito tempo. Só Deus sabe quanto teria gostado de se confessar a ele, de revelar a verdade, de ser olhado por ele uma vez — só uma vez, era tudo o que pedia — com os olhos de um filho. Porém, não conseguiu falar: as palavras morreram-lhe na boca, arranhando-lhe a garganta.

— Porque o mereceste, meu rapaz — respondeu ele. — Mereceste-o — repetiu. — A decisão é minha. Só minha. Não tens de te preocupar com a Anna e com o Roberto — acrescentou.

Depois, pouco antes de Daniele partir, Carlo pediu-lhe que lhe fizesse uma promessa.

— O que quiseses — disse ele.

— A Lorenza — suspirou Carlo. E Daniele retesou-se de imediato. — Percebi o que se está a passar. E não é bom, meu rapaz. Ela é uma mulher casada, tem uma filha. Isto só vai trazer problemas. A toda a gente. O meu irmão iria sofrer imenso. Deixa-a em paz, pensa em ti. Hás de encontrar outra rapariga para amar.

Daniele desviou o olhar.

— É melhor ir-me embora — disse ele, levantando-se lentamente. — Pensa só em descansar, é o melhor que tens a fazer.

Enquanto o via partir, Carlo não pôde deixar de pensar nas palavras que dom Ciccio lhe dissera naquele dia, na penumbra do seu quarto: «Mas não te iludas com a ideia de que isso vai servir para alguma coisa.» Tinha razão.

*

Daniele saiu de casa de Carlo, confuso e atordoado, e, sem saber porquê, uma vez que ainda não a tinha perdoado, dirigiu-se logo para casa da mãe. Abriu a porta da sala de costura e encontrou-a sentada em frente à *Singer*, com os óculos empoleirados no nariz, presos pela corrente dourada.

— Olhem o meu filho... Milagre... — cumprimentou-o num tom sarcástico.

— Olá — cumprimentou-a ele, com frieza.

— Há séculos que não te ponho os olhos em cima.

Daniele não respondeu e deixou-se cair numa poltronazinha com um suspiro.

Carmela levantou-se da *Singer* e foi sentar-se em frente ao filho. Tirou os óculos e deixou-os escorregar pelo peito.

— Queres café?

Daniele abanou a cabeça.

— Bebi um há pouco. Em casa do Carlo — disse ele.

Carmela cruzou as pernas e apoiou as mãos nos braços do sofá.

— E como está ele?

Ele encolheu os ombros, com um ar aflito.

Carmela engoliu em seco.

— Mas o que é que o doutor diz?

— Não sei... — murmurou. — Mas não me parece nada de bom, já que o Carlo fez um testamento.

— Ah — surpreendeu-se Carmela, endireitando-se. — E como é que sabes? São assuntos particulares. A mulher contou-te? — perguntou com desdém.

— Não — retorquiu Daniele, irritado. — Contou-me ele.

E levantou-se.

— E porque é que ele te contou uma coisa dessas? O que é que isso tem que ver contigo?

— Não sei o que é que eu tenho que ver com isso. Ainda me estou a perguntar.

Ela sentiu o seu coração bater mais depressa.

— Não te estou a perceber.

Daniele apoiou-se na mesa.

— Deixou-me trinta por cento da herdade e da adega. Uma coisa inacreditável... Não faz sentido: porquê logo a mim?

Carmela deixou-se ficar a olhar para ele, petrificada, enquanto os seus pensamentos se amontoavam: em poucos instantes, voltou a ver-se rapariguinha, Carlo «enlouquecido» por ela e a desejá-la a todo o custo, a primeira vez que fizeram amor, as lágrimas que derramara quando ele a deixara com uma mísera carta, o nascimento de Daniele, a raiva que guardara durante os anos em que ele estivera longe, as palpitações que sentira quando o voltara a ver depois de todo aquele tempo, a emoção que a invadira ao regressar aos seus braços, o ressentimento cego quando ele a abandonara pela segunda vez. Mas, acima de tudo, recordou as palavras de dom Ciccio: «Mas vai acabar por lhe dar qualquer coisa. E não será uma fatia pequena. Vai por mim, eu sei como são as coisas. O sangue vence sempre.»

Teve um pequeno e quase impercetível tremor de pura felicidade. Levantou-se da poltrona e aproximou-se do filho. Pegou-lhe no rosto entre as mãos e olhou-o diretamente nos olhos.

— Nunca mais te deves perguntar porquê eu. Percebes? Nunca mais. Trabalhaste muito e mereceste-o. *Nisciunu* te deu nada. *Nisciunu* — repetiu.

*

Na noite de 21 de junho, Anna dispôs cuidadosamente o seu jantar e o de Carlo num tabuleiro de madeira e levou-o para o quarto.

— Pão e tomate, com muito azeite, como tu gostas! — exclamou, entrando na divisão.

Sem abrir os olhos, Carlo respondeu com um grunhido.

Anna pousou o tabuleiro na mesinha de cabeceira e depois sentou-se ao lado dele.

— Vamos comer qualquer coisa, Carlo, anda.

— Não consigo, sinto-me enjoado...

— Pelo menos, dá algumas trincadelas, por favor.

Ele acenou com a cabeça e abriu os olhos.

— Não consigo.

— Vamos esperar, então — respondeu Anna, com doçura. — Talvez tenhas fome daqui a pouco.

— Deita-te aqui — disse ele, pousando a mão no lado vazio da cama.

Anna descalçou os sapatos e enfiou-se debaixo do lençol, enroscando-se ao lado dele.

— Onde está o Roberto? — perguntou Carlo.

— Foi ao cinema.

— Com aquela rapariga?

— Qual rapariga?! — exclamou Anna, levantando a cabeça.

Carlo curvou os lábios num sorriso.

— Uma de quem ele gosta.

— E porque é que eu não sei nada sobre isso?

— Porque és ciumenta e irias fazer que ela fugisse — brincou ele.

— Eu, ciumenta? Como se isso fosse verdade!

Carlo soltou uma risada fraca e fechou os olhos novamente.

— Continua a falar comigo, Anna. O que é que ele foi ver ao cinema?

— Não sei, não me disse — respondeu ela, com um nó na garganta.

— Foi um filme com o vosso Clark Gable?

— Se fosse esse o caso, eu também teria ido e deixava-te aqui sozinho — disse ela, tentando fazê-lo sorrir.

— Ah! — exclamou Carlo, estalando os lábios. — É mais bonito do que eu? Deixar-me-ias pelo Clark Gable?

Ela aninhou-se nos braços dele e abraçou-o com força.

— Não. Não gosto de ninguém como gosto de ti.

Carlos esboçou um sorriso.

— É assim que deve ser, meu amor — disse ele. E acariciou-lhe o rosto com as pontas dos dedos. Depois voltou a abrir os olhos e olhou-a intensamente.

— O que foi? — perguntou-lhe Anna, sorrindo.

— Eu sei o que me ias perguntar naquele dia.

— Quando? — respondeu ela, com um ar divertido.

— Querias saber se eu tinha a mesma opinião que os homens do conselho sobre a Casa para Mulheres — disse Carlo. Anna abriu a boca, mas não conseguiu

falar, porque Carlo continuou: — Se acho que é uma ideia demasiado moderna para esta aldeia? Sim. Se acho que a devias realizar na mesma? Sim, e volto a dizer: sim.

Anna sorriu-lhe com ternura e acariciou-lhe a face.

— Tenho pena de não termos falado mais sobre isso — acrescentou ele. — Promete-me que não vais desistir.

— Não vou desistir. Talvez um dia o faça. É só que, no momento, não está no topo das minhas prioridades...

— Usa o nosso dinheiro. Põe de pé uma coisa privada, sem teres de pedir nada a ninguém — insistiu Carlo, mas a tosse obrigou-o a interromper-se.

— Chiu. Chega de conversa — disse ela. — Tenta dormir um bocadinho.

Então, ambos fecharam os olhos e, em poucos minutos, adormeceram, abraçados e de mãos entrelaçadas.

O jantar permaneceu intocado no tabuleiro.

Na manhã seguinte, quando Anna abriu os olhos, o seu Carlo já havia partido.

TERCEIRA PARTE

*

Novembro de 1950-maio de 1952

Novembro-dezembro de 1950

Na penumbra do quarto, Anna abriu a porta roupeiro de Carlo e acariciou os casacos pendurados em fila, depois apertou-os suavemente entre os braços e enterrou o nariz neles, inspirando profundamente: o perfume do *aftershave* mentolado desvanecia-se um pouco mais a cada dia que passava. Fechou a porta e desceu para a sala de estar. Em cima da mesa de centro, encontrava-se a caixinha de metal onde Carlo guardava os seus charutos. Levantou a tampa: só restavam dois. Tirou um e aproximou-o das narinas, cheirando-o de olhos fechados. Depois, acendeu-o com um fósforo, deu duas ou três passas, tossiu e finalmente pousou-o no cinzeiro, deixando-o a arder enquanto o forte aroma a especiarias se espalhava pela sala.

Sentou-se no sofá e puxou os joelhos ao peito: no dia seguinte, o seu Carlo faria quarenta e sete anos. *Certamente, teria dado uma das suas festas memoráveis*, pensou. Olhou em redor para a sala silenciosa e imaginou a cena: os tabuleiros cheios de comida, os copos de cristal com *Donna Anna* até cima, a música de fundo vinda do gira-discos, as conversas e os sorrisos dos convidados, os seus vestidos de noite..., mas sobretudo ele, Carlo, elegantíssimo, com as suas gargalhadas irresistíveis que ecoavam pela divisão. Se fechasse os olhos, parecia ouvi-lo. Sempre detestara aquelas festas, a avalanche de gente que lhe entrava em casa, a confusão que deixavam para trás quando se iam embora; no entanto, naquele momento, pensou que teria dado todo o ouro do mundo para festejar mais uma vez o aniversário de Carlo e para o ouvir dizer, no fim da noite, quando finalmente ficassem sozinhos e ela comesse a levantar os pratos e os copos: «Caramba, que bela festa, não achas?»

Anna respirou fundo, tentando desatar o nó que lhe apertava a garganta. Levantou-se do sofá e dirigiu-se ao seu *jardin secret*, onde Giovanna, equilibrando-se em cima de um escadote de madeira, apanhava as últimas romãs da estação, depositando-as, uma a uma, numa grande cesta de vime que segurava no antebraço.

Anna cruzou os braços em frente ao peito e aproximou-se dela.

— Diria que já temos o suficiente — disse ela, apontando para a cesta.

— Mais uma — respondeu Giovanna, sorrindo. E colheu uma romã madura e vermelha.

Reentraram na cozinha e sentaram-se à mesa, de frente uma para a outra, com a cesta ao meio. Começaram a descascar a fruta, recolhendo os bagos numa tigela, para fazer um sumo. De vez em quando, quase às escondidas, Giovanna punha um pequeno punhado na boca.

Nunca mais regressara ao casebre de Contrada La Pietra. Por alguém que tinha familiares em Vernole, ficara a saber que dom Giulio era agora o pároco da aldeia e que «ajudava» uma jovem desgraçada de olhos azuis.

Depois da morte de Carlo, a presença de Giovanna fora uma verdadeira bênção. Tinha percebido logo que a única forma de se manter próxima da amiga era através de pequenas mas constantes solicitações diárias. De manhã, durante várias semanas, levava-lhe leite morno à cama e depois, num tom calmo, instigava-a a levantar-se, a lavar-se, a vestir-se e a pentear-se. No início, Anna nem sequer reagia, e então Giovanna ia-se embora, deixando-a sozinha na escuridão do quarto. Depois, começara a obedecer mecanicamente a esses pedidos, quase como se fosse uma autómatas, e Giovanna ajudava-a a vestir-se ou a pentear-se, mas sem nunca a forçar. Passado algum tempo, fizera-lhe algumas propostas tímidas: «Vamos às compras, que a despensa está vazia?»; ou: «Queres ir dar um passeio, com este sol tão bonito?»; ou ainda: «Que tal fazermos *pesto* juntas, hoje de manhã?». Tentara aliviar a dor da morte de Carlo, dando a Anna aquilo de que ela mais precisava: silêncio para deixar que as recordações assentassem. Tal como naquele momento em que, sem conversarem, ela e Anna estavam a descascar as romãs.

Quando a tigela estava cheia, Anna levantou-se, estendeu um pano de algodão sobre a mesa e transferiu para lá os bagos, um punhado de cada vez, depois apertou-o com as mãos e torceu-o, de modo que o sumo passasse através das tramas do pano, para um jarro.

— *Maman!* Já cheguei! — A voz estridente de Roberto ouviu-se da entrada da casa.

— Estamos aqui! — respondeu Anna.

Roberto entrou de rompante na cozinha e cumprimentou-as com um sorriso.

— Mesmo a tempo do sumo! — exclamou, levantando a jarra e servindo-se de um copo de líquido vermelho vivo.

— Onde estiveste? — perguntou-lhe Anna, voltando a sentar-se.

O filho esboçou uma expressão maliciosa, idêntica às que Carlo fazia, e Anna sentiu uma pequena pontada no coração.

Roberto bebeu um último gole, estalou os lábios e pousou o copo.

— Estive com a Maria — admitiu finalmente. E logo a seguir, como se tivesse de a compensar, inclinou-se para dar um beijo na face da mãe. Depois, deu um beijo também a Giovanna, que corou e mordeu o lábio.

— Acabaste os trabalhos de casa para amanhã? — continuou Anna.

— Só me falta a tradução de Latim.

— Então, força, vai para o quarto estudar — disse ela. — Daqui a pouco já subo, e revemo-la juntos.

— Sim, minha senhora! — exclamou Roberto, rindo.

Anna abanou a cabeça, divertida, e seguiu-o com o olhar. Sim, apesar de tudo, o seu filho continuava a sorrir. Carlo teria ficado orgulhoso daquele filho tão corajoso.

Giovanna encheu dois copos com o sumo e entregou um a Anna, que o ergueu, murmurando «*Santé!*», enquanto o aroma do charuto a arder na sala chegava à cozinha.

*

Na manhã de 29 de novembro, chovia tanto que Anna acordou com o barulho da água a bater nas persianas. Levantou até à testa a venda que usava sobre os olhos e ergueu-se apoiando-se nos cotovelos. Ficou a olhar durante alguns instantes para o céu cinzento que se vislumbra para lá do vidro, ofuscado pela chuva grossa e batida a vento. Foi atravessada por uma pontada de angústia, rápida como um relâmpago, e tratou logo de a afastar, atirando o cobertor para trás e enfiando os pés nos chinelos. Vestiu o seu roupão de seda azul e desceu para a cozinha flagelada pelo mau tempo. Enquanto esperava que o leite aquecesse, tentou inspirar fundo, mas o ar, como lhe acontecia de vez em quando nos últimos tempos, cortou-lhe os pulmões. De repente, sentiu o coração bater mais depressa e instintivamente levou uma mão ao peito. Desde que Carlo partira, havia alturas em que sentia que já não conseguia inspirar fundo, como se o ar ficasse encalhado algures dentro de si; então, abria bem a boca e tentava fazer entrar o máximo de ar possível, mas nem sempre resultava, e isso deixava-a muito agitada. Era invadida pela certeza de que iria ficar estatelada no chão, sufocada. No entanto, passados alguns minutos, tudo voltava ao normal. Mas, sempre que isso acontecia, sentia-se exausta e assustada com a ideia de que lhe podia acontecer outra vez, e outra ainda.

Apagou a chama e deitou o leite morno na chávena. De repente, o vento fez bater a persiana da porta de vidro com um estrondo tão alto que a sobressaltou. Agarrando na chávena entre as mãos, aproximou-se do vidro e, olhando para o jardim encharcado, bebeu o primeiro gole de leite. Tentou inspirar fundo novamente e, desta vez, o ar pareceu fluir sem obstáculos; depois, voltou a levar a mão ao peito e sentiu que o coração retomava um ritmo regular, o que a tranquilizou. Pelo menos, um bocadinho.

— Feliz aniversário — sussurrou, continuando a olhar para a chuva, que de repente começou a tornar-se mais miudinha.

Depois de se vestir, pôs a mesa para o pequeno-almoço de Roberto e Giovanna e deixou um bilhete entre as duas chávenas: *Sai cedo, não se preocupem*. O seu relógio marcava quase sete horas. Enfiou o sobretudo por cima do casaco do uniforme e

ajustou o boné na cabeça. Saiu para o pátio, apoiou-se no guiador da Bianchi e montou no selim. Não fazia ideia para onde ir, mas não conseguia ficar em casa nem mais um minuto. Não no dia do aniversário de Carlo. Não sem ele.

Não havia ninguém na rua, e no ar sentia-se um cheiro acre e terroso. O *Fiat 1100*, parado no mesmo sítio onde ele o estacionara pela última vez, estava a brilhar e a pingar. Anna olhou de relance para o que restava do anúncio fúnebre, colado na parede ao lado da porta: tiras de papel esfarrapado e desbotado, palavras agora indecifráveis. Do nome de Carlo só se reconheciam as letras C e L; no canto superior direito, sobrevivia o desenho de uma cruz negra e, em baixo, como uma advertência, a palavra FALECIDO.

Começou a pedalar lentamente, enquanto a chuva miudinha lhe picava o rosto. Passou pela casa de Antonio e deteve-se: para lá do cortinado, no escritório onde ele dormia, a luz já estava acesa. Ficou a olhar para a janela e viu a silhueta de Antonio em contraluz. Por isso, desmontou da bicicleta, encostou-a à parede, apanhou uma pedrinha do chão e atirou-a diretamente ao vidro. Alguns instantes depois, Antonio puxou o cortinado e viu Anna a acenar com a mão. Suavizou o olhar e fez-lhe sinal para esperar. Pouco depois, escancarou a porta e dirigiu-se a ela, fechando o sobretudo por cima do pijama, enquanto os chinelos ficavam ensopados.

— O que estás a fazer na rua a esta hora?

— Nada. A chuva acordou-me — respondeu ela.

Antonio olhou para ela, contraindo os lábios. As olheiras de Anna, ao longo do último ano, tinham-se tornado mais profundas, como se a dor se tivesse adensado à volta dos seus olhos.

— Pois — murmurou ele. — Também me acordou a mim.

— Podes abraçar-me? — perguntou ela de chofre. — Por favor.

Antonio anuiu com a cabeça e puxou-a lentamente para os seus braços.

Anna apoiou a cabeça no peito dele e fechou os olhos.

— Hoje não sei se aguento — continuou.

Ele pousou o queixo na cabeça dela.

— Eu sei — respondeu ele com um nó na garganta que lhe rachou a voz. —

Eu sei — repetiu ele.

O meu Carletto já não está cá. Antonio não saberia dizer quantas vezes formulara esse pensamento. Centenas, talvez milhares. Era a única maneira de se convencer de que acontecera realmente. Não acreditara, nem quando, sentado a um canto, observara Agata, que, com um ar hábil e confiante, vestira o corpo sem vida do irmão com o seu fato de domingo, nem quando tivera de carregar o caixão da igreja para o cemitério. Vivera aqueles momentos com uma sensação de atordoamento, como se fossem um sonho. A primeira vez que se apercebera de que Carlo tinha desaparecido para sempre fora na manhã a seguir ao funeral, quando abrira os olhos e aquele pensamento — *O meu Carletto já não está cá* — o atingira como um murro, doloroso e inexorável. Tinha acabado de acordar num mundo

onde o seu irmão já não existia.

— Não consigo respirar esta manhã — murmurou Anna, sem se libertar do abraço.

Antonio suspirou e acariciou-lhe as costas.

— Dá-me tempo para me vestir — disse ele. — Vou levar-te a um sítio.

Voltou a entrar em casa e saiu poucos minutos depois. Anna esperava-o sentada no degrau. A chuva parara completamente, e um sol muito fraco abria caminho por entre as nuvens.

— Vamos de carro — disse ele, esboçando um sorriso.

— Mas aonde vamos?

— Nada de perguntas. É uma surpresa.

Entraram no *Fiat 508*, e Antonio seguiu pela estrada que ia dar a Pisignano. Percorreram o trajeto em silêncio, enquanto Anna olhava pela janela, para o céu onde tinha aparecido um pálido arco-íris.

Antonio estacionou o automóvel junto a um muro de pedra, para lá do qual se encontrava a Grande Azinheira.

— Que lugar é este? — perguntou Anna, inclinando-se para a frente.

— Vem — disse ele, saindo do carro.

Aproximou-se da árvore e pousou uma mão no tronco húmido. Depois, olhou para a copa, envolvente e densa, da qual pingavam gotas de água.

Anna alcançou-o, fitando-o com uma expressão interrogativa.

— Esta é a Grande Azinheira — explicou ele. — Era o nosso sítio. Meu e do Carlo.

Ela franziu o sobrolho.

— E porque é que eu não sabia de nada?

— Nunca ninguém soube — explicou. — Queríamos que continuasse a ser um lugar só meu e dele... Sabes, quando sinto que não sou capaz, quando sinto falta do meu irmão como se do ar, venho aqui. Sempre. Sento-me no chão e falo com ele, como se ele estivesse sentado ao meu lado.

Anna encostou-se ao tronco e cruzou os braços em frente ao peito.

— E funciona?

— Durante algum tempo — respondeu ele. — Sabes — continuou ele após alguns instantes —, acho que também tens de encontrar o teu. Um lugar onde possas estar com ele. Um lugar que te dê paz.

Anna abanou a cabeça.

— Não existe — retorquiu ela, resoluta. — Nenhum lugar que eu tenha partilhado com o Carlo me consegue dar paz. Onde ele não está, vejo sempre e só um grande vazio.

— E tu preenche-lo. O vazio, quero dizer.

— Bendito seja aquele que o sabe fazer — respondeu Anna, e deu um pontapé num montículo de terra molhada que se lhe colou aos sapatos.

— Faz-se com as recordações mais felizes — afirmou. — Estou convencido de

que o Carlo gostaria que pensássemos nele com alegria... Gostaria que abrissemos uma das suas garrafas e brindássemos a ele, à sua vida.

Anna baixou o olhar, e uma lágrima rolou-lhe pela face.

Antonio encostou a sua têmpora à dela.

— Hoje é mais difícil, eu sei. — E limpou-lhe o rosto com o dedo.

— Sabes, sempre que procurava uma resposta, sabia que a ia encontrar nos livros. Sempre foi assim — disse ela, com a voz embargada. — No entanto, desta vez...

— Desta vez, não a encontras... — continuou ele.

— Pois não.

— Percebo perfeitamente. Eu também ainda não consegui ler uma única página... Como se já soubesse que não conseguirei encontrar conforto. Mas há escritores que mergulharam as mãos na dor e foram capazes de a relatar com absoluta sinceridade.

Anna deixou os seus olhos húmidos vaguearem pela copa da árvore.

— Curioso, não é? Encontraste conforto aqui, no silêncio, na ausência de palavras.

— Oh, não, há palavras, sim. Mas são só as minhas.

— As que dizes ao Carlo...

— Sim, as que lhe digo a ele — murmurou.

Ela inspirou e expeliu o ar pela boca. Depois, olhou, cansada, para o relógio.

— Tenho de ir trabalhar, embora preferisse ficar aqui o dia todo — disse.

Antonio sorriu-lhe.

— Eu também preferia isso. Anda, vamos lá, levo-te de volta.

E pôs-lhe o braço à volta da cintura.

*

Assim que voltou a entrar em casa, Antonio ouviu o tilintar da loiça vindo da cozinha. Tirou o sobretudo e pendurou-o no bengaleiro.

Agata, ainda de roupão, estava a lavar a louça da noite anterior. Ela virou-se e olhou para ele com os olhos ainda inchados de sono.

— Aonde foste? — perguntou-lhe ela. — O carro não estava lá. E depois vi a bicicleta, lá fora... — disse num tom entre intrigado e ressentido. Depois, secou as mãos com o pano.

Antonio sentou-se.

— Sim. A Anna veio cá...

— E o que é que ela queria a esta hora?

— Esqueceste-te de que dia é hoje? — perguntou ele em jeito de resposta, irritado.

Agata não retorquiu. Virou-lhe as costas e começou a desenroscar a cafeteira.

— Eu sei que dia é hoje — acabou por responder. Tirou as borras de café da

cafeteira, deitou água na caldeira e depois encheu o filtro com café moído.

— Então não me parece que seja o momento certo para armar confusão, não achas? — disse Antonio, pondo-se de pé e dirigindo-se para a porta.

— Onde vais? Estou a fazer o café! — exclamou ela.

— Bebo no bar — respondeu ele, saindo.

Agata ficou a vê-lo sair, com uma mão agarrada ao lava-louça e a outra na anca.

Abanou a cabeça com um suspiro, depois enroscou a cafeteira e pô-la ao lume.

Sentou-se e começou a tamborilar com os dedos na mesa. Nos últimos tempos, o marido era só «A Anna isto», «A Anna aquilo»... «Vou ver se a Anna precisa de alguma coisa», dizia-lhe ele, saindo de casa de manhã cedo. «Hoje, a Anna parecia um bocadinho melhor», informava-a com alívio, quando regressava para o jantar. Ou então: «Parece-me que emagreceu. Não come o suficiente. Devíamos convidá-la para jantar aqui connosco.» Nas semanas que se seguiram ao funeral, Agata tivera imenso trabalho, cozinhando o tempo todo para a cunhada e para o sobrinho e também para «aquela Giovanna que lá está»; limpava a casa antes e depois do velório; visitara-os todos os dias, oferecendo-se para os aliviar de todo o tipo de tarefas. Contudo, para o marido, isso nunca parecia ser suficiente. Supondo que ele tivesse reparado...

Tinha passado mais de um ano desde a morte de Carlo, e nunca ninguém lhe pergantara como é que *ela* se sentia. Gostava do cunhado, gostava mesmo. Ele sempre a tratara com bondade; além disso, fazia-a rir com as suas piadas constantes; sim, pela sua morte, Agata derramara lágrimas de tristeza sincera. No entanto, o seu luto parecia invisível aos olhos de Antonio ou de Anna: eram *elas* que sofriam, que precisavam de compreensão e conforto, os únicos que o tinham *realmente* perdido.

— Oh, o diabo que os carregue! — desabafou, assim que ouviu o gorgolejar da cafeteira. Levantou-se, apagou o lume e deitou o café na sua chávena. Bebeu-o de pé, à pressa, e depois foi para o quarto vestir-se: como todas as manhãs, iria tomar conta de Giada enquanto Lorenza e Tommaso estivessem a trabalhar. *Graças a Deus que aquela criatura existe*, pensou, agarrando-se ao corrimão das escadas.

*

— A terra tem de ser tomada à força — dizia Carmine, todo entusiasmado. Encostado à porta da sala das traseiras, explicava a Elena porque era «justo, sacrossanto» que os operários fossem ocupar o campo de Arneo, um enorme latifúndio de dezenas de milhares de hectares na zona entre Nardò e Taranto, propriedade de um barão que o tinha deixado ao abandono. Desde a sua entrada na CGIL (Confederação Geral Italiana do Trabalho), Carmine abraçara a causa dos camponeses e agora não falava de outra coisa. *Na verdade, para ser sincera, nunca falara tanto desde que o conheço*, pensou Anna, que entrara na estação mesmo a meio daquela espécie de comício. Quando a reforma agrária fora aprovada, em outubro,

Carmine chegara cego de raiva e começara a vociferar contra o governo, que excluía completamente o território de Lecce da lei provisória e da expropriação das terras não cultivadas. Desde então, não fizera outra coisa senão repetir, todos os dias, que era preciso mobilizar os operários agrícolas, incitá-los a lutar para obrigar o governo a incluir também o Salento nos planos de atribuição de terras.

— Tenho ou não tenho razão, carteira? — perguntou-lhe Carmine, virando-se para ela. Em tantos anos, talvez fosse a primeira vez que estavam de acordo sobre alguma coisa. O facto de Anna também concordar com os argumentos dos camponeses tinha mudado subitamente a natureza da sua relação: até então, ele tratara-a com distanciamento, e por vezes até com descortesia, enquanto agora lhe mostrava abertamente uma espécie de simpatia misturada com benevolência.

— Tem razão — anuiu Anna, pousando a mala postal na mesa. — Espero que, desta vez, não seja uma fantochada.

— Exatamente! — entusiasmou-se Carmine.

— Bah, eu não percebo esta coisa — murmurou Elena. — É como se viesses a minha casa e me dissesse que a partir de hoje a casa é tua. Com base em quê, diz-me lá, por favor?

— Então, não te entra nada na cabeça! — exclamou Carmine, furioso, retomando o comício.

Anna ficou a observá-los durante alguns segundos, depois baixou a cabeça com um sorrisinho e começou a separar a correspondência.

Tommaso e Lorenza chegaram juntos pouco depois. Ele cumprimentou toda a gente e sorriu, como de costume. Anna reparou que já há alguns dias Tommaso não usava o chapéu que Lorenza lhe dera, três anos antes, no Natal, e que não tirara desde então.

A sobrinha passou por ela e dirigiu-se logo para a sala do telégrafo.

— Bom dia, hem?! — exclamou Anna.

Lorenza virou-se. Tinha o rosto ensombrecido.

— Sim, desculpa, tia. Bom dia — murmurou ela, e depois atravessou a porta, abrindo caminho entre Carmine e a ombreira.

— É preciso dar um golpe decisivo ao latifúndio — dizia Carmine.

— Oh, Céus, outra vez com esta conversa... Chega, por amor de Deus — queixou-se Lorenza.

— Também a devias ouvir, minha menina — repreendeu-a ele.

— Estás a chamar minha menina a quem? — perguntou Lorenza.

— Vá, vá, todos ao trabalho — disse Tommaso, conciliador. E sentou-se à sua secretária.

Enquanto Anna punha a mala postal a tiracolo, observou-o: para além de parecer muito cansado, tinha agora rugas à volta dos olhos e na testa, que o faziam parecer muito mais velho do que os seus quarenta e três anos. Sentiu-se picada por um vago sentimento de culpa, mas afastou-o imediatamente.

Tommaso apercebeu-se de que estava a ser observado e olhou para ela. Então,

Anna baixou rapidamente os olhos e disse:

— Vou andando, até logo.

E pôs-se a caminho.

Ela estava à porta quando Lorenza a alcançou.

— Espera, tia — disse ela. — Posso falar contigo um bocadinho?

Tommaso ergueu novamente o olhar por um instante.

— Sim, claro — respondeu Anna. — Mas sê rápida. Acompanha-me até à bicicleta. — Uma vez lá fora, Anna perguntou: — O que foi?

— Posso deixar a Giada contigo durante algumas horas esta tarde? Das três às cinco, no máximo.

— Vais outra vez a Lecce? A casa dele? — Anna arqueou uma sobrancelha.

Lorenza anuiu com a cabeça.

— Então? — perguntou ela. — Podes ficar com ela ou não?

— Sim, claro. Sabes que gosto de estar com ela.

O rosto de Lorenza abriu-se num grande sorriso.

— Obrigada, obrigada! — exclamou, abraçando-a.

Depois, ainda a sorrir, voltou para dentro e, sem se dignar a olhar para Tommaso, sentou-se à secretária.

— Olha que boas cores tens hoje! Estás com muito bom aspeto — disse ela alegremente, dirigindo-se a Elena.

A colega lançou-lhe um olhar intrigado.

— Qual bom aspeto. Não preguei olho, ontem à noite — respondeu. E começou logo, pela milésima vez, a explicar que o seu sono ficara arruinado com a guerra.

Lorenza não ouviu uma única palavra; pensava apenas que, dali a poucas horas, estaria nos braços de Daniele. Havia já seis longuíssimos dias que não o via.

*

Em meados de dezembro, o carregamento destinado a Nova Iorque com a colheita de 1950 do *Donna Anna* estava pronto para deixar a adega. Daniele ocupou-se da expedição até ao mais ínfimo pormenor, juntando a cada caixote uma carta de agradecimento, escrita pelo seu próprio punho, bem como uma garrafa de *Don Carlo*, o primeiro vinho tinto da Adega Greco, que fora engarrafado nos primeiros meses desse ano e que Carlo, infelizmente, não tivera tempo de ver. A ideia do nome partira de Daniele, e, quando o propusera a Anna e a Roberto, ela pegara na mão dele e dissera-lhe, comovida: «Ele teria adorado.» Também Roberto ficara com os olhos húmidos e pedira-lhe para provar um copo. Assim, Daniele encheu um copo para si e outro para Roberto e, entregando-lho, explicou-lhe como se devia provar: primeiro tinha de rodar o vinho no copo: «Assim, estás a ver? Serve para libertar os compostos aromáticos»; depois, mostrara-lhe como inclinar o copo à altura do nariz para inspirar fundo.

— O que é que estás a sentir? — perguntou-lhe finalmente.

Roberto tinha enfiado o nariz no copo, depois afastara-o e assumira uma expressão de dúvida.

— Cheira a vinho — fora a sua resposta, um pouco embaraçada.

Daniele e Anna riram-se, e depois ele incitara-o a experimentar outra vez.

— Não consegues sentir a cereja, por exemplo? Ou a amora?

Roberto voltara a cheirar.

— Também devias sentir a pimenta — acrescentara Daniele.

— Sim — respondera Roberto, hesitante. — Mas só as sinto agora que me disseste.

— O nariz tem de ser apurado: é só preciso prática — tranquilizara-o Daniele com um sorriso. — E agora a prova do palato. — Bebera um pequeno gole de vinho e mantivera-o na boca durante algum tempo, antes de o engolir. — Não sentes o sabor suave e aveludado que permanece na boca?

Roberto imitara-o e depois anuíra com a cabeça, mas não parecia muito convencido.

— Vais ver, com o tempo vais sentir todas estas coisas — concluiu Daniele, dando-lhe uma palmadinha nas costas.

Os dias que se seguiram à morte de Carlo tinham sido muito difíceis para Daniele, e não só pela dor de já não ter ao seu lado aquele homem que mudara a sua vida. Na verdade, convencera-se de que o testamento iria causar estragos, de que iriam surgir litígios e mal-entendidos, de que as relações com a família Greco, a família da sua Lorenza, ficariam arruinadas de um modo irreparável. Tinha a certeza de que, se a sua mãe, Carmela, se encontrasse no lugar deles, ter-se-ia passado e opor-se-ia com uma determinação férrea. A caminho do notário, para a leitura do testamento, tinha até pensado em renunciar àqueles trinta por cento, para não agitar as águas, para deixar tudo como estava. Entrara no escritório quase em bicos de pés e com ar de quem está pronto a pedir desculpa. Cumprimentara Anna e Roberto, sentados lado a lado, com um aperto de mão e depois sentara-se na pequena poltrona deixada livre para ele. Durante a leitura do testamento, não parara de olhar de soslaio para Anna e Roberto, torcendo as mãos, temendo o momento em que o notário mencionasse o seu nome. No entanto, a reação de Anna e Roberto surpreendera-o: tinham permanecido imóveis, compostos e silenciosos, limitando-se a acenar com a cabeça ocasionalmente. «Se o Carlo decidiu assim, lá teria as suas razões válidas para o bem da Adega, e isso basta», tranquilizara-o Anna à saída do notário. E salientara: «O Roberto tem de acabar o liceu, por isso, até lá, terás de ser tu a ocupares-te dela.» Ao que Roberto, despenteando o cabelo com a mão, comentara de forma jovial: «Vais ter de me ensinar tudo, eu não percebo absolutamente nada de vinho.»

Daniele fechou o último caixote.

— Por esta manhã, acabámos — disse ele ao mestre da Adega, o mesmo que o substituíra quando ele estivera em Nova Iorque, dando-lhe um aperto amigável

no ombro. Depois, olhou de relance para o relógio e pensou que talvez ainda chegasse a tempo de apanhar a camioneta para Lecce que saía ao meio-dia e meia: podia desenhar durante algumas horas e depois voltar à Adega à tarde. Estava ansioso por terminar o desenho que começara alguns dias antes. Agora, só conseguia ir ao seu ateliê umas duas vezes por semana, no máximo: o trabalho na Adega absorvera-o completamente naquele último ano e meio. Continuava a trabalhar lá pelo afeto que nutria por Carlo, para honrar a confiança que este depositara nele, mas também continuava a pagar a renda do ateliê, na esperança de conseguir fazer as duas coisas. No entanto, ao fim de algum tempo, foi forçado a admitir que era impossível. Por isso, desenhava quando podia, nos seus tempos livres, enquanto esperava que Roberto tomasse conta dos destinos da Adega. Por enquanto, o ateliê era sobretudo o local onde ele e Lorenza podiam continuar a encontrar-se sem serem incomodados, todas as quartas-feiras à tarde.

Já tinha entrado na sua *Lautal Taurus* preta quando viu chegar o *Fiat 508* de Antonio, envolto numa nuvem de pó. Então, desceu da bicicleta, apoiou-a novamente na parede e foi na direção dele.

— Bom dia, Antonio — disse, baixando-se à altura da janela aberta.

— Já te ias embora? — perguntou-lhe ele.

— Sim, mas não te preocupes — respondeu Daniele. — Posso ficar mais um bocadinho. Vamos para dentro.

Antonio saiu do carro e seguiu-o até ao gabinete que tinha sido de Carlo. Daniele fechou a porta e convidou-o a sentar-se. Depois, tirou uma pasta da secretária e entregou-lha.

— Está atualizada ao dia de ontem — informou-o.

Antonio esboçou um sorriso e depois abriu a pasta, percorrendo-a até às últimas páginas, como fazia todas as semanas. Dava uma olhadela aos registos e controlava a contabilidade, insistindo em tratar Daniele como qualquer outro funcionário.

— Os valores dos pagamentos aumentaram em relação à semana passada — disse Antonio. — Porquê? — perguntou, olhando para ele.

— Dei um pequeno aumento — explicou Daniele.

Antonio comprimiu os lábios, desagradoado, e reclinou-se na cadeira.

— Cuidado para não os contentares sempre... Se aumentares os pagamentos de cada vez que se queixam, perderás toda a autoridade, aos olhos deles. Mostra-te compreensivo, mas firme, sobretudo ao dizeres não.

Daniele teria gostado de lhe responder que aquelas concessões lhe pareciam mais do que justas e que, de um modo geral, estava totalmente do lado dos operários agrícolas nas suas reivindicações, embora os terrenos da Herdade Greco não fossem objeto de contestação. Também ele fora operário agrícola na sua juventude e sabia bem o trabalho que implicava, e muitas vezes pensara que o pagamento era, de facto, demasiado baixo. Era verdade que Carlo nunca fora um patrão arrogante e despótico como tantos outros. Pelo contrário, sempre estivera

disposto a ouvir os argumentos dos trabalhadores e dos camponeses: pedia-lhes conselhos, ouvia-os se tivessem alguma queixa e nunca tinha problemas em conceder licenças e folgas. Mas Carlo não era um deles; embora tentasse, nunca conseguira compreendê-los verdadeiramente. Daniele, pelo contrário, compreendia-os. E compreendia-os bem. Ele sabia-o, e os trabalhadores da herdade também o sabiam. Teria gostado de lhes dizer tudo isto, mas conteve-se: parecia-lhe que a relação com Antonio estava constantemente em jogo e que bastava uma pequena coisa para a destruir. Com ele, era amável mas distante, cortês mas sempre reservado. E depois havia aquelas alturas em que Antonio se punha a fitá-lo com um ar carrancudo, e Daniele, com o coração na garganta, perguntava-se se teria percebido tudo. O que teria acontecido se ele tivesse seguido Lorenza e a tivesse apanhado a entrar no seu ateliê? Nem queria pensar nisso.

— Está bem. Não me vou esquecer disso — murmurou, enfiando as mãos nos bolsos.

Antonio demorou-se mais uns vinte minutos: reviu minuciosamente os registos, refez vários cálculos, pediu contas relativamente a isto ou àquilo. Daniele olhou para o relógio e, com uma pontada de ressentimento, pensou que já perdera a camioneta.

— Bem, diria que agora está tudo bem — disse Antonio, fechando a pasta. — Tenho de me despachar — acrescentou. — Hoje fomos todos convidados para casa da Lorenza e do Tommaso. — E lançou-lhe um olhar de soslaio.

— Bem, então, bom almoço — respondeu Daniele, fazendo um grande esforço para lhe sorrir. E acompanhou-o até à saída.

*

Faltava exatamente uma semana para a véspera de Natal, e, nessa tarde, Giovanna insistiu em arrastar Anna para Lecce.

— Vamos à feira de Natal, por favor — pediu-lhe ele num tom quase infantil, como uma criança caprichosa. — Ouvi dizer que é linda. Anda lá, anda lá, por favor.

Anna começou por resmungar, mas depois concordou com relutância, mas só para fazer Giovanna feliz: não lhe apetecia nada ver decorações e lantejoulas nem mergulhar na multidão barulhenta. No ano anterior, recusara-se a festejar o Natal e estava decidida a não festejar também este ano. *Sem o Carlo, nunca mais*, jurara a si própria.

Como tinha previsto, a feira irritou-a: demasiadas luzes, demasiada gente, demasiados sorrisos. Anna reparava em todos os casais que passavam por ela, sobretudo aqueles que iam de mãos dadas e pareciam felizes e apaixonados. Giovanna, pelo contrário, parecia só ter olhos para as bancas, sobretudo para as que vendiam doçaria. Queria provar tudo: amêndoas caramelizadas, *mustazzoli*,

*cupeta*²⁸, *purceddruzzi*...

— Podemos ir embora agora? — perguntava Anna com insistência.

— Só mais um bocadinho — respondia Giovanna, mas depois distraía-se logo.

— Olha! Os comboiozinhos de madeira! Sempre gostei deles... — Ele agarrou-lhe na mão e arrastou-a para a frente da banca.

Só regressaram a casa à hora do jantar, na última camioneta, exaustas e com os pés doridos. Assim que Anna abriu a porta de casa, Roberto e Antonio postaram-se à sua frente, sorridentes. Giovanna juntou-se a eles e depois, todos juntos, exclamaram:

— Surpresa!

Anna desviou o olhar e reparou no grande abeto que se encontrava no centro da sala de estar, decorado tal como Carlo fazia. Sem dizer uma palavra, dirigiu-se lentamente para a árvore.

— Gostas, *maman*? — perguntou-lhe Roberto, esfregando as mãos. — Eu e o tio Antonio levámos uma tarde inteira a decorá-lo.

— Ele tratou de tudo — sublinhou Antonio com um sorriso. — Eu só fiz de ajudante.

Anna pegou num anjinho de madeira ao qual faltava uma das asas. Era aquele que Carlo insistia em nunca deitar fora, apesar de estar partido havia vários anos e de ela lhe dizer que era feio de se ver. «O que é que isso tem que ver com o assunto? É uma recordação», retorquia ele. «E as recordações não se deitam fora.»

— *Maman*? — repetiu Roberto. — Então? Gostas?

Giovanna aproximou-se dela e pousou-lhe uma mão no ombro.

— Só queríamos fazer-te feliz...

Anna fungou e enxugou uma lágrima.

— Desmanchem isso já, por favor — disse ela, sem olhar para ninguém. Dirigiu-se para as escadas, mas, quando passou por Antonio, parou e olhou para ele. — O que é que te passou pela cabeça? — perguntou-lhe, azeda. Nos seus olhos húmidos havia dor e reprovação.

Antonio olhou para ela, perplexo.

— Eu não... — mastigou.

Anna virou-lhe as costas e subiu as escadas a correr.

— Anna, espera... — tentou impedi-la. Mas ela não respondeu.

Na sala de estar, abateu-se o silêncio.

Depois, Antonio aproximou-se da árvore com passos lentos.

— Vamos, ajudem-me a desmontá-la — murmurou num fio de voz.

²⁸ Doce característico de algumas regiões do Sul de Itália, confeccionado com açúcar, mel e amêndoas, semelhante a nogado. (NT)

Abril-maio de 1951

Impaciente, Anna olhou pela milionésima vez para o relógio e viu que os ponteiros ainda marcavam doze e vinte e cinco, tal como tinham feito alguns minutos antes, quando olhara para ele pela última vez.

Perguntou a Tommaso que horas eram, e ele, depois de olhar rapidamente para o seu, respondeu que eram doze e quarenta e cinco.

De seguida, desapertou a fivela, tirou o relógio e fez girar a rodinha, levando os ponteiros para a hora certa. Tinha regressado da ronda de entregas há algum tempo, mas não se decidia a ir-se embora. Aguardava ansiosamente o regresso de Carmine, que nesse dia, 24 de abril, tinha pedido algumas horas de licença para assistir à última audiência do processo contra os ocupantes do Arneo: estavam acusadas sessenta pessoas, entre operários agrícolas, dirigentes da CGIL e representantes do Partido Comunista, pelo «crime de ocupação ilegal de terras», uma ocupação que remontava a dezembro do ano anterior, quando dois mil trabalhadores da zona, montados nas suas bicicletas, carregando às costas as ferramentas de trabalho e com uma miríade de bandeiras vermelhas, a tinham levado a cabo, gritando: «A terra a quem a trabalha!» Durara apenas uma semana, até 3 de janeiro: nesse dia, a polícia começara por expulsar os trabalhadores e depois queimara todas as bicicletas numa grande fogueira. E entre essas bicicletas estava também a *Bianchi Suprema* de Anna, que ela emprestara à mulher de um operário agrícola de Copertino, uma aldeia a cerca de vinte quilómetros de Lizzanello. A mulher chamava-se Marisa, e o marido, Donato, era um dos irmãos de Carmine. Ele aparecera em casa de Anna na manhã do dia de Santo Estêvão e pedira-lhe para oferecer a sua bicicleta «para a luta» ou melhor, para Marisa, que estava decidida a seguir o marido até Arneo.

— Mas ela não tem uma bicicleta de senhora, já foi uma sorte terem conseguido comprar a do Donato, com a ninharia que ele ganha. Não lhe empresta a tua? Hem, carteira? Eu encarrego-me de a trazer intacta — dissera-lhe Carmine.

Anna não pensara duas vezes: agarrou no guiador da sua *Bianchi* estacionada no pátio e pusera-a nas mãos de Carmine.

— Significa que vou voltar a entregar a correspondência a pé durante algum tempo. Como nos bons velhos tempos — brincou.

— Muito obrigado, *camarada* Anna! — cumprimentou-a, afastando-se, satisfeito.

Quando Carmine, com ar contristado, a informou da destruição da bicicleta, ofereceu-se imediatamente para lhe comprar uma nova. Mas Anna recusara.

— Não te preocupes — tranquilizara-o, pousando-lhe a mão no braço. — Eu compro uma nova.

Ele murmurara que não era justo, que lhe cabia a ele indemnizá-la, mas ela retorquira:

— A culpa não é tua. Se alguém tem de me pagar, é a polícia.

Assim, no dia seguinte, dirigira-se à mesma loja de bicicletas onde tinha comprado a *Bianchi Suprema* e pedira outra igual. Até usada servia, salientara. O tipo, um homem na casa dos cinquenta, baixo e muito magro, com um boné na cabeça e calças um número acima, conseguiu arranjar-lhe uma idêntica em poucos dias, mas a metade do preço original.

— Consegui uma pechincha, senhora carteira! — exclamara o vendedor de bicicletas à porta da loja, em jeito de despedida, mas não sem antes contar as liras que Anna lhe entregara num envelope.

Finalmente, Carmine chegou e, coxeando ligeiramente, dirigiu-se ao seu posto. Tinha um ar estranho, entre atarefado e pensativo.

— Até que enfim! — exclamou Anna, levantando-se da cadeira. — Então?

Ele respondeu com uma espécie de grunhido.

Elena juntou-se a eles, intrigada, enquanto Tommaso pousava a caneta na secretária e se preparava para ouvir, cruzando os braços. Ele lançou um olhar rápido em direção ao gabinete do telégrafo, mas Lorenza permaneceu pregada à cadeira.

— Podia ter corrido melhor — começou Carmine, sentando-se. — Condenaram vinte e cinco de sessenta. Chamaram-lhe uma «pena simbólica», mas não deixa de ser uma pena. Todos deviam ter saído limpos, esse é o facto.

— O que é que isso significa? Qual foi a pena? — perguntou Tommaso.

— Um mês de prisão e uma multa de seis mil liras — respondeu Carmine com um esgar.

— Bolas! — exclamou Anna. — A única consolação é que, pelo menos, não foi completamente inútil...

— Sim — suspirou Carmine, inclinando-se para trás.

A ocupação do Arneo fora amplamente noticiada na imprensa nacional: durante vários dias, jornais como *Il Paese* e *L'Unità* tinham escrito extensivamente sobre o assunto, e Anna não perdera um único artigo. Descreviam os ocupantes do Arneo como heróis, «homens cobertos de trapos que, animados pelo nobre objetivo de cultivar a zona, tinham atacado o latifúndio». No final, graças à luta daqueles operários agrícolas, a província de Lecce também fora finalmente

incluída no projeto da reforma agrária, mas a compensação fora escassa, pensara Anna: dos 266 mil hectares suscetíveis de expropriação, apenas 55 mil tinham sido incluídos na lei provisória.

— Nunca, mas nunca serão suficientes — dissera ela a Carmine. — De facto, vais ver quantas tensões irão surgir entre os operários agrícolas, entre aqueles que vão ter a terra e os excluídos. Como é que um movimento consegue permanecer unido quando se cria uma disparidade destas no seu seio?

Carmine concordava com ela; aliás, ficava até mais inflamado.

— De facto, a luta ainda não se pode considerar terminada — respondia com modos de sindicalista, batendo com o punho na palma da mão.

Anna olhou novamente para o seu relógio. Os ponteiros não se tinham mexido.

— Mas como?! — exclamou, irritada.

— O que se passa? — perguntou-lhe Tommaso.

— O relógio — respondeu ela, apontando para ele. — Deixou de funcionar.

Tommaso encolheu os ombros.

— Compra um novo — disse ele com um pequeno sorriso.

Ao sair da estação dos correios e montar na sela da sua bicicleta, Anna pensou que tinha de levá-lo imediatamente para ser reparado. Não tinha a menor intenção de o substituir: era o *seu* relógio havia dezasseis anos, mas que raio! Era o relógio que Antonio lhe oferecera, e ela só queria aquele.

*

Roberto e Daniele estavam a passear pela propriedade, lado a lado. Daniele tinha arregaçado as mangas da camisa até ao cotovelo e vestia os inevitáveis suspensórios e calças de trabalho, enquanto Roberto usava o fato azul da escola, com casaco e camisa. Debruçados sobre a vinha, os camponeses estavam absortos no seu trabalho, mas, de tempos a tempos, algum olhava para Roberto e observava-o. Estavam a fazer o «desladroamento» da vinha, explicou Daniele, enquanto Roberto agarrava na pega da pasta com as duas mãos e escutava atentamente.

— Trata-se de cortar os «ladrões», os ramos adicionais que brotam apesar da poda. Roubam a seiva e são rebentos estéreis, pelo que é necessário retirá-los, para não enfraquecerem a planta.

— Tantas coisas para aprender — suspirou Roberto, um pouco desanimado.

Sentou-se numa pequena pedra e pousou a pasta no chão. Agora, quase todos os dias, depois da escola, descia da camioneta que o levava de Lecce de volta a Lizzanello, caminhava até à adega e lá ficava cerca de duas horas. Estava prestes a terminar o liceu — faltavam apenas algumas semanas — e depois dedicar-se-ia a tempo inteiro à adega do pai. Era isso que tinha decidido.

Daniele sorriu-lhe e sentou-se à frente dele, no chão, depois levou os joelhos ao peito.

— Tem lá calma — tranquilizou-o. — Vais ver que aprendes depressa. Como eu aprendi. Quando aqui cheguei, era eu miúdo, não sabia nada de nada — disse, ilustrando a ideia com um movimento brusco.

Roberto pareceu aliviado e reclinou-se, apoiando o peso nas palmas das mãos.

— Alguma vez tens saudades de Nova Iorque? — perguntou-lhe, vindo do nada.

— De vez em quando — respondeu Daniele. — Aquela cidade é... mágica.

— A quem o dizes! Eu também quero lá ir um dia.

— O que queres saber? — perguntou Daniele, sorrindo e apoiando os antebraços nos joelhos.

— Bem, tudo. Por exemplo, as raparigas — respondeu Roberto, piscando o olho. — São diferentes das nossas? E depois os arranha-céus: como é olhar para eles de baixo? Não ficas com a cabeça à roda? Alguma vez andaste num daqueles táxis amarelos? E subiste à Estátua da Liberdade?

— Espera — interrompeu-o, divertido. — Já não me lembro da primeira pergunta...

— As raparigas!

— Certo. As raparigas. Não sei, não olhei muito para elas.

Roberto lançou-lhe um olhar traquina, de alguém que não acreditava de todo nele.

— Juro! — riu-se Daniele. — Não pensei mesmo nisso. — Depois baixou o olhar, um pouco envergonhado.

Roberto examinou-o durante alguns instantes.

— Olha que está escrito na tua cara, sabes? — disse ele.

— O quê? — perguntou-lhe Daniele.

— Que continuas perdidamente apaixonado pela minha prima...

Pondo-se muito sério, Daniele endireitou as costas, apoiou-se na mão para se levantar e, uma vez de pé, esfregou as mãos para sacudir a terra.

— Mexeriqueiro! — exclamou ele, despenteando o cabelo de Roberto. — Anda, vamos voltar para a adega. Ainda temos de ver as propostas para as garrafas novas.

— Sim, senhor! — exclamou Roberto. Depois, enquanto atravessavam novamente o vinhedo, deu-lhe uma cotovelada.

— O que foi? — Daniele riu-se.

— Não me falaste dos arranha-céus.

— Ah, sim. Os arranha-céus. O que posso dizer... Depois de algum tempo, habituamo-nos a eles — respondeu, encolhendo os ombros.

*

Como todas as quintas-feiras à noite, Roberto e Maria arrastaram a quatro mãos o móvel onde estava pousado o rádio e colocaram-no no centro da sala de

estar, entre os sofás. Na Rete Rossa, às 20h58, passava *Vermelho e Preto*, um programa de variedades do qual Anna e Giovanna nunca perdiam um episódio. Anna, especialmente, costumava rir-se sempre que Franca Valeri fazia de menina Snob, com a pronúncia afetada.

Para a ocasião, todas as quintas-feiras, Anna fazia *pesto* para o jantar. O resto da família tinha acabado por se juntar àquele encontro: jantavam todos juntos e depois, assim que a transmissão começava, apressavam-se a ocupar os seus lugares nos sofás.

— Alguém me pode dizer que horas são? — gritou Anna da cozinha. — Se ao menos eu ainda tivesse o meu relógio — murmurou ela.

Tinha ido ao relojoeiro, mas o homem, depois de examinar o relógio, revirara os olhos em sinal de derrota. «Este já foi à vida...», sentenciara. «Mais vale comprar um novo. Quer ver uns modelos de senhora que acabaram de chegar?»

— Não, obrigada — respondeu ela secamente. Regressara a casa e, com relutância, voltara a guardar o relógio na gaveta da mesinha de cabeceira. E, desde então, ainda não se decidira a substituí-lo.

— Sete horas — gritou Roberto da outra divisão.

Mesmo a tempo, disse Anna a si própria. E começou a secar as folhas de manjerição com o pano húmido.

Giovanna estava sentada à mesa, ocupada a fazer correntes, pontos altos e baixos. Há já algum tempo que estava obcecada pelo croché: fora a vizinha, a velhota que varria o passeio todas as manhãs, que lhe ensinara, enquanto Anna estava a trabalhar. Giovanna praticava todos os dias, durante horas: tinha começado por fazer simples pegas — na cozinha havia duas, com riscas azuis e amarelas —, depois aventurara-se a criar saquinhos porta-moedas, alguns naperones para o quarto e, gradualmente, foi-se dedicando a modelos mais complexos. «Relaxa-me tanto», costumava dizer. «Quando faço isto, não penso em mais nada. É tão... reconfortante, é isso.»

— Roberto! — chamou Anna. — Começa a pôr a mesa.

De mãos dadas, Roberto e Maria entraram na cozinha.

— Às suas ordens! — disse ele, levando a outra mão à testa.

Tal como o Carlo costumava fazer quando queria gozar comigo, pensou Anna com uma pontada de tristeza.

Aproximaram-se do louceiro, e Roberto tirou de lá oito pratos fundos de porcelana decorados nas bordas com flores azuis, enquanto Maria abria a gaveta dos talheres para pegar nos garfos. Anna espiava-os, de vez em quando: ainda não sabia se gostava ou não da rapariga. Não era certamente difícil compreender porque conquistara o filho: tinha compridos caracóis castanhos que mantinha no lugar com uma bandolete, um rosto pequeno com traços delicados, as faces cor-de-rosa, um corpo pequenino e harmonioso. As palavras que Anna mais a ouvira dizer haviam sido: «Obrigada», «Peço desculpa», «Se não se importa...». Em todos os aspetos, era «adorável». No entanto, o facto de ser sempre tão doce e decente era,

para Anna, sinal de falta de carácter, de excessiva complacência. Por exemplo, ficara perplexa quando Maria anunciara que, se Roberto não fosse para a universidade, ela também não se matricularia. «Podia trabalhar como secretária na Adega... O importante para mim é estar junto dele», dissera ela com um sorriso desarmante, olhando para Roberto com olhos cheios de amor. Anna achava que aquela rapariga só queria moldar-se ao filho, como se fosse feita de barro.

— Estás enganada — tinha protestado Roberto, na única vez em que Anna abordara o assunto. — A Maria não é nada daquilo que dizes. Ela é mais forte e determinada do que julgas. Tem aquele tipo especial de força que deriva da calma e da doçura. Gostava que lhe desses uma oportunidade de se dar a conhecer. Faz isso por mim, por favor.

Por isso, desde então, e apenas por amor ao filho, Anna obrigara-se não só a não expressar em voz alta qualquer opinião sobre Maria mas também a esforçar-se por reparar em tudo o que ela tinha de bom. Afinal de contas, se Roberto se tinha apaixonado por ela, muitas coisas boas havia de ter...

Estava prestes a juntar os pinhões ao almofariz quando ouviu vozes: Antonio e Agata tinham chegado.

— Não, não feches, o Tommaso está a estacionar — dizia Agata a Roberto.

Antonio entrou na cozinha e cumprimentou-a, todo contente.

— O que estás a fazer? — perguntou a Giovanna, sentando-se ao lado dela com um ar de curiosidade.

— Um xaile de verão, de algodão...

— Mas tu és excelente nisso! — disse ele.

— Está cada vez melhor a cada dia que passa — interveio Anna, toda orgulhosa.

A porta da rua fechou-se e, pouco depois, ouviu-se o gorgolejar alegre da pequena Giada, acompanhado pelas exclamações de todos.

— Mas que vestidinho tão bonito — disse Maria.

— É lindo, não é? Foi eu que o comprei — disse Agata.

— Gostas do vestidinho da avó? Hem, amor do papá? — acrescentou Tommaso.

Giovanna sorriu, largou a agulha de croché e o algodão em cima da mesa e foi ter com a menina.

— Que cheirinho — disse Antonio. E enfiou um dedo no almofariz.

— Ei! — protestou a Anna. — Se voltas a fazer isso, moo-te o dedo!

Rindo, Antonio levou o dedo à boca.

— Está delicioso... Como sempre, diga-se de passagem. — Depois cruzou as mãos sobre a mesa e ficou a olhar para Anna. Demorou alguns segundos a aperceber-se de que já não tinha o relógio no pulso. — Porque é que o tiraste? — perguntou-lhe, franzindo o sobrolho e apontando para o pulso com um aceno de cabeça.

Anna deteve-se.

— Oh, deixou de funcionar. Aquele charlatão do relojoeiro não o conseguiu reparar. Devia decidir-me a comprar um novo, mas quero... *aquela* — respondeu.

— Está aqui uma menina que quer dizer olá à tia Anna — interrompeu-os Giovanna, entrando na cozinha com Giada ao colo.

— Aqui estás tu! — exclamou Anna, com um sorriso, continuando a trabalhar.

Agata entrou de rompante na cozinha.

— A água está a ferver? — perguntou, ansiosa.

— Ainda não a pus ao lume — respondeu Anna, sem tirar os olhos de Giada.

— Já percebi. Eu faço isso — suspirou Agata, com o ar de quem tem de pensar em tudo. E levantou-se na ponta dos pés para tirar a panela da prateleira.

Sentaram-se à mesa às oito horas: Anna pôs ao centro da mesa a tigela fumegante de *trofie* com *pesto* e Antonio encheu os copos com *Don Carlo*.

Roberto e Maria estavam sentados lado a lado, continuando a dar beijinhos furtivos. Giada estava na cadeira alta ao lado de Agata, que a alimentava com uma colher. Do outro lado da cadeira alta estava Tommaso, que não conseguia parar de olhar para a filha com admiração. Lorenza pusera-se em frente ao marido, e este tinha Antonio ao seu lado. Anna e Giovanna foram as últimas a sentar-se. Como sempre, Giada foi o centro das atenções e provocou a galhofa geral com os seus nomes inventados. «Cortapapa!», exclamava, apontando para a faca, e saiu-se com um «Molho vede!» quando a Agata meteu a primeira garfada de *trofie* na boca.

Todos se riam, exceto Lorenza, que parecia ainda mais sombria do que o habitual naquela noite. Mal tocara na comida; olhava em redor, como se estivesse a ouvir as várias conversas, mas, na realidade, só escutava um vozear confuso. Não conseguia tirar da cabeça a discussão que tivera com Daniele no dia anterior. Fora a sua primeira discussão a sério.

Como todas as quartas-feiras à tarde, deixara Giada em casa de Anna e, apanhando a camioneta das três para Lecce, fora ter com ele. Encontrara-o sentado à máquina de costura, mas, mal ela entrara, ele corraera para ela e, num instante, tinham-se unido num beijo que continha a força de todos os beijos sufocados desde o último encontro. Despiram-se com ardor, depois Daniele erguera-a, sustentando-lhe as ancas com os braços, e encostara-a à parede. Ela apertara as pernas à volta do corpo dele e fechara os olhos.

Às cinco horas, um quarto de hora antes da partida da camioneta para Lizzanello — como de costume, Daniele apanharia o seguinte —, Lorenza dissera, num tom excitado:

— Ouve, há uma semana que ando a pensar nisto... Vamos para Nova Iorque. Eu e tu.

Daniele ficara a olhar para ela, perturbado, e depois começou a vestir-se.

— Porque reagiste assim?! — exclamou ela, surpreendida e irritada.

Ele vestira a camisa e aproximara-se dela. Pegara-lhe no rosto entre as mãos e, em voz baixa, dissera-lhe:

— Como é que eu faço? Largo a adega? Largo o ateliê? E a tua filha?

— Tudo o que me interessa é estar contigo — retorquira ela.

Daniele baixara as mãos.

— Não podes pensar nisso a sério. Em deixar a Giada, quero eu dizer.

— É uma escolha minha, não tens nada que ver com isso.

— Mas como é que podes dizer que não tenho nada que ver com isso?!

— A verdade é que tu não me amas! — pusera-se Lorenza a gritar. — É por isso que não te queres ir embora. A adega, o ateliê, a minha filha... são tudo desculpas. Se me quisesses mesmo, dizias que sim. Imediatamente, sem pensares duas vezes.

Daniele dera um passo atrás, pusera as mãos nas ancas e olhara para ela.

— Achas mesmo que não te amo? A sério?

— Estás a demonstrar exatamente isso, neste momento.

— Só porque te estou a dizer para seres razoável? Para pensares na tua filha?

— Oh, vai para o diabo! Sabes o que é que parece? Que só te preocupas comigo quando te queres enfiar entre as minhas pernas.

— Estás a ser má ao dizeres isso...

— Só estou a dizer a verdade.

Daniele ficou em silêncio por um instante que pareceu durar muitíssimo tempo. Depois murmurou:

— Ainda perdes a camioneta. Vai, por favor.

Tenho mesmo de o ver antes de quarta-feira, pensou Lorenza. Refletiu sobre o que fazer para se encontrar com ele... Não haveria mal nenhum se aparecesse na adega no dia seguinte; podia sempre dizer que fora lá para falar sobre alguma coisa com Roberto...

— Mamã! — disse Giada, estendendo a sua mãozinha na direção dela. — Mamã!

Tommaso tirou-a da cadeira alta e levou-a para junto de Lorenza.

— Aqui está a mamã — disse ele, entregando-a nos seus braços.

Ela fê-la sentar-se ao colo e encostou-se para trás na cadeira.

— Água, mamã — pediu Giada.

Lorenza não se mexeu.

— Água, mamã — repetiu Giada.

— Querida, a menina está a pedir-te água — interveio Tommaso com a voz um pouco alta de mais.

— Sim, desculpa — murmurou ela. — A mamã já te dá — disse à menina, pegando no jarro.

— Olhem, está quase — anunciou Roberto, olhando para o relógio por cima da lareira. — Faltam três minutos. — Foi ligar o rádio, e todos ocuparam os seus lugares nos sofás. A poltrona em que Carlo se sentava sempre, a que ficava ao lado da lareira, permanecia vazia. Anna nunca deixava ninguém sentar-se nela. Nunca.

Naquele instante, a voz de Mario Carotenuto deu as boas-noites aos

radiouvintes.

*

Anna deixara bem claro: no seu aniversário não queria surpresas, jantares ou celebrações de qualquer tipo. Preferia passar o dia sozinha.

— Na verdade, se conseguirem, tentem esquecer-se dele — tinha avisado todos.

No dia em que fez quarenta e quatro anos — nesse ano, calhara num domingo —, demorou-se e só saiu da cama ao fim da manhã, acordada pelo cheiro a molho de tomate e cebola frita que vinha da cozinha. Giovanna punha sempre imenso, sempre que fazia o ragu de domingo.

Tirou a venda de seda, calçou os chinelos, vestiu o roupão e, mal abriu a porta, quase tropeçou numa rosa vermelha. Junto a ela, encontrava-se um pequeno envelope branco com a inscrição *Maman*. O bilhete no interior dizia:

Feliz aniversário para a mãe mais irritante do mundo.

Adoro-te.

Roberto

Anna comprimiu os lábios e aproximou o bilhete do coração. Depois, apanhou também a rosa do chão e desceu as escadas. Parou junto a uma mesinha onde estava uma jarra com margaridas, aquelas que ela e Giovanna tinham colhido algumas tardes antes, e pôs a rosa lá dentro.

Entrou na cozinha e, depois de cumprimentar Giovanna, tirou da prateleira o tachinho e a sua chávena.

— O Roberto saiu? — perguntou.

— Há umas duas horas — respondeu ela. — Disse que tinha de passar pela adega.

— Num domingo? — perguntou Anna, espantada, enquanto deitava o leite no tachinho.

— Tinha coisas para tratar com o Daniele — respondeu Giovanna, encolhendo os ombros. Depois, olhou para ela, hesitante, e finalmente disse em voz baixa: — Posso ao menos desejar-te um feliz aniversário?

Anna virou-se e desatou a rir.

— Sim. Claro que podes.

Estava um dia soalheiro e quente, sem sombra de nuvens. Enquanto bebia o seu leite, sentada no banco, Anna apreciou o calor do sol no rosto e pensou que a única coisa que lhe apetecia fazer naquele dia era montar na bicicleta e pedalar sem rumo, sozinha e em silêncio. Talvez pudesse chegar à praia...

Quando voltou a entrar em casa, disse a Giovanna que ela e Roberto almoçariam sozinhos naquele domingo.

— Eu quero sair, mas não sei quando vou voltar... Não te importas?

— Só me importava se não passasses um bom dia — respondeu Giovanna. — Vai lá.

Anna depositou-lhe um beijo na testa.

— Obrigada — sussurrou.

Meia hora depois, Anna saiu, montou na *Bianchi* e começou a pedalar lentamente.

— Bom dia, carteira — cumprimentou-a, acenando com a mão, o velhote que recebia todas as semanas uma carta do filho que fora para Turim trabalhar como operário.

— Bom domingo, senhora Greco — disse um homem, tirando o chapéu.

— Olá, Anna! — exclamam duas mulheres que estavam a conversar à porta de casa.

— Então?! Hoje não há correio? — brincou um homem grande que descascava ervilhas sentado no passeio.

Anna retribuiu cada saudação com um sorriso um pouco forçado e, quando finalmente virou para a estrada que ia dar à costa, respirou de alívio. Naquele momento, em que tudo o que queria era que a deixassem em paz, recordou com saudade os primeiros meses na aldeia em que ainda era uma desconhecida, já que agora, pelo contrário, não conseguia dar um passo sem que alguém a cumprimentasse ou chegasse mesmo a deter para conversar. *Às vezes é tão cansativo...*, pensou. Passou por olivais e campos sulcados pelas marcas do arado, ladeados por extensos muros de pedra: o silêncio que tanto desejava envolveu-a finalmente, como um manto de seda. Após uns quinze quilómetros, chegou a uma bifurcação e prosseguiu por uma estrada de terra batida. A paisagem à sua volta mudou, e Anna sentiu imediatamente um dos aromas que lhe eram mais caros: o dos pinheiros. Faziam-lhe lembrar o seu querido pinhal de Bordighera, com as montanhas com vista para o mar, e as sextas que costumava fazer quando era pequena, deitada numa almofada de caruma, quando o sol queimava e a única forma de lhe escapar era refugiar-se entre as coníferas. Pouco depois, à sua frente apareceram o pinhal e uma tabuleta com uma seta que dizia PRAIA. Então, desceu da bicicleta e, arrastando-a ao seu lado, seguiu caminho por entre as árvores, inspirando a plenos pulmões.

De repente, ali estava a areia branca e a extensão azul do mar. Com um sorriso, Anna encostou a bicicleta ao tronco de um pinheiro e correu para a beira-mar. Tirou, à pressa, os sapatos e as calças de linho e desabotoou a blusa branca. De cuecas e sutiã, mergulhou na água sem ondas.

Estendeu-se de barriga para cima, com os braços estendidos, e fechou os olhos. Deu-se conta de que era a primeira vez que ia à água completamente sozinha. Nos seus verões em Bordighera, quando era criança, havia as suas priminhas, que a seguiam para todo o lado; depois, porém, havia sempre Carlo. Como sempre que pensava no marido, Anna sentiu um súbito aperto no peito, e uma sombra pareceu

abater-se sobre ela. Tinham passado quase dois anos desde a sua morte, e ela não sabia dizer o que lhe custava mais: ver o mundo que continuava a girar apesar da sua ausência ou sentir que, dia após dia, estava a habituar-se ao facto de ele já não estar presente. Sempre que se apercebia de que não pensava nele havia uma hora inteira, ou se alguma coisa a fazia rir, sentia imediatamente um intenso sentimento de culpa, um aperto no coração. *Quanto tempo depois da perda de um amor é correto voltar a rir?*, perguntava a si própria.

Mergulhou a cabeça na água e susteve a respiração durante alguns segundos.

Quando voltou à superfície e regressou a terra, não tinha a mais pálida ideia de quanto tempo se passara. Vestiu-se rapidamente e correu para a sua bicicleta. Percorreu o caminho de regresso encharcada, enquanto o calor do sol lhe aquecia a pele dos braços e do rosto, que ardia por causa do sal.

Chegou às portas de Lizzanello quando a luz da tarde já era muito ténue. Antes, porém, de seguir pela estrada em direção a casa, deteve-se. *Estou muito perto de Contrada La Pietra*, pensou, olhando para a direita. *Talvez devesse dar uma olhadela ao casebre... Quem sabe em que estado se encontra. Há muito tempo que não vou lá...* Pedalou, então, pela estrada que conhecia como a palma da sua mão e chegou à frente da casa. Abriu o portão de madeira corroído pela chuva e desbotado pelo sol e alcançou a porta. Não estava fechada à chave. Empurrou-a para abri-la e foi assolada por um cheiro forte a abafado e a humidade. Tudo estava no seu lugar, como que cristalizado. Deu uma volta pelas divisões: teias de aranha nos cantos das paredes, camadas de pó acumuladas nos móveis, bolor que se estendia pelas paredes... *Devia voltar cá para, pelo menos, dar uma limpadela*, refletiu. *Esta noite pergunto à Giovanna se...*

Foi nesse preciso instante que uma ideia lhe iluminou os olhos e o rosto, como um relâmpago. Olhou lentamente em redor e viu tudo com uma clareza absoluta: ali, onde era a sala de estar, podia instalar-se uma sala de aula com um quadro negro e carteiras; na grande parede na qual estava agora encostado o sofá havia espaço para uma biblioteca; na cozinha, bastaria retirar o louceiro e alguns móveis para arranjar espaço para os ateliês; no primeiro piso, era fácil criar um pequeno dormitório... para não falar do jardim, que podia acomodar uma horta, e bem grande!

Por que raio não me lembrei disto antes?, perguntou a si própria. E, enquanto tudo ganhava forma diante dela, uma voz ecoava na sua mente. Era Carlo que lhe dizia: «Promete-me que não vais desistir... Usa o nosso dinheiro... Sem teres de pedir nada a ninguém.»

Um nó apertou-lhe a garganta. Como sempre, o seu Carlo tinha razão.

Volta a montar na bicicleta e chegou a casa. Assim que abriu a porta, foi imediatamente envolvida pelo cheiro a ragu, que invadira todas as divisões. Chamou Giovanna em voz alta, mas não obteve resposta. *Deve ter ido ver a Giada*, pensou. *Paciência, falamos amanhã de manhã.*

Deitou-se no sofá com a roupa ainda húmida e o cabelo despenteado pela água

salgada. Deixou o olhar vaguear pela sala de estar e, no momento em que pousou os olhos na mesa de centro à sua frente, reparou num pacotinho embrulhado em papel dourado e envolvido com uma fita vermelha. Chegou-se à frente para pegar nele, observou-o durante alguns instantes, virando-o nas mãos, e depois abriu-o, revelando uma caixinha de veludo azul. No seu interior, encontrava-se um esplêndido relógio com um mostrador retangular, um aro dourado e uma bracelete de couro verde. Arregalou os olhos, pegou no relógio e ficou a olhar para ele durante muito tempo. Quando o virou, reparou que, na parte de trás do mostrador, havia uma frase gravada.

Com o coração a palpitar, aproximou o relógio dos olhos e leu em voz alta:

Para a Anna, do Antonio.

Para todo o tempo que virá.

- E o que é que isso vem a ser ao certo?
- Bah. Dizem que é uma espécie de escola.
- Não é uma escola, diz que vai ser uma «casa».
- E não é já uma casa?
- Sim, mas uma casa diferente. Uma casa para mulheres.
- E para nós, homens, nada?
- Mas o que é que isso significa «para mulheres»?
- Que vão lá fazer coisas. Coisas de mulheres.
- Bah, eu bem dizia que era uma escola.
- Não é nada, estou a dizer-te.

Atrás da cortina de corda do Bar Castello, Antonio bebia um café e não pôde deixar de ouvir o diálogo entre aqueles homens que jogavam à bisca.

— À minha mulher, a carteira pediu, quando for a altura, para ela mostrar como se fazem as colchas — interveio um homem de cabelo encaracolado e espesso, sentado na mesa ao lado.

— Então, estão a ver que eu tinha razão? É uma escola, mas de coisas de mulheres — disse de rompante o primeiro jogador.

— Ouvi dizer que lá também vão ensinar a ler e a escrever, e depois ainda há história, geografia, matemática — disse outro, passando a mão pelo bigode comprido.

— Era o que eu dizia. Uma escola — reiterou o primeiro jogador.

— Pode ser, mas não percebo. Mas é mesmo típico da forasteira. Ela não sabe que já existem escolas? — protestou o segundo jogador.

Antonio riu-se com os seus botões. Não era a primeira vez que ouvia falar da Casa para Mulheres de Anna. Na aldeia, parecia que ninguém tinha percebido muito sobre o assunto. A única coisa certa era que a carteira estava prestes a «fazer alguma coisa» com o casebre de Giovanna, a maluca. Havia quem dissesse que ela o tinha comprado por duas liras, quem dissesse que Giovanna lho oferecera para pagar as suas dívidas. «Gostava de ver isso. Ela come e vive às custas da outra», alguém criticou. E houve quem acrescentasse: «Ela comia e vivia à custa do Carlo,

que Deus o tenha.»

Antonio pousou a chávena no balcão e saiu. Os homens calaram-se de repente.

— Será que ouviu tudo? — sussurrou o primeiro jogador, inclinando-se para o outro.

— E o que é que nós dissemos de mal? — respondeu o homem, encolhendo os ombros.

— Bom dia, meus senhores — cumprimentou Antonio, sorrindo.

— Bom dia, Antonio — responderam em coro.

— Chegaste mesmo na hora certa. Estávamos precisamente a falar da tua cunhada.

— Eu ouvi, eu ouvi — respondeu Antonio, enfiando as mãos nos bolsos das calças.

— Então. Explica-nos lá o que é aquela... aquela coisa que ela quer fazer — perguntou o homem de cabelo encaracolado. — A minha mulher também não percebeu muito bem.

— Vejamos... — murmurou Antonio, coçando o nariz. — Diria que têm todos alguma razão. Aquele local vai ser muitas coisas... Mas, sim, estará aberto apenas para as mulheres. Será uma escola para aquelas que não puderam estudar, mas também um ateliê para aprender um ofício e um abrigo para aquelas que estão a passar por dificuldades...

Os homens entreolharam-se com ar perplexo.

— Em suma, vai ser um lugar para ajudar as pessoas. Nada mais, nada menos — conclui Antonio e foi-se embora.

Mas ouviu alguém murmurar atrás de si:

— Bah. Ainda fiquei a perceber menos.

Quando Anna, cerca de dois meses antes, lhe falara com entusiasmo da sua Casa para Mulheres, o coração de Antonio aqueceu: tinha finalmente voltado a ver nos seus olhos aquela faísca que ele conhecia tão bem e que amava nela mais do que qualquer outra coisa. Aquele brilho era o mesmo que ele tinha visto nela quando tinha decidido participar no concurso dos Correios e quando se lançara na recolha de assinaturas para o voto das mulheres.

Era a faísca de quem desafia o mundo.

Desde que Carlo tinha adoecido, os olhos de Anna nunca mais se haviam iluminado daquela maneira. Por isso, fora um verdadeiro alívio vê-la, de um dia para o outro, tão viva e envolvida num novo projeto. E, enquanto Anna lho descrevia, Antonio também experimentara um sentimento de orgulho: só ela poderia ter tido uma ideia daquelas, algo que nunca se tinha visto antes e que poderia fazer tanto bem às mulheres.

— Deixa-me dar-te uma ajuda — dissera-lhe ele.

E não se tinha poupado a esforços: em poucas semanas, ele e Anna tinham libertado o casebre dos móveis velhos, carregando-os nas carroças que Antonio tinha mandado vir do lagar juntamente com dois dos seus empregados mais

fortes; haviam substituído o portão, pintado as portas e as janelas; tinham depois arrancado as ervas daninhas e delimitado os espaços para as horas com estacas, além de reparado os buracos no telhado. De vez em quando, no meio dos trabalhos, Anna e Antonio davam por si a olhar um para o outro e a sorrir, cúmplices.

Por vezes, Anna ficava parada e deixava os olhos vaguearem pelo espaço em redor.

— Agora consigo vê-la ainda mais claramente... — dizia.

— Mas e se dedicasses todo esse esforço à nossa casa? — murmurava Agata quando ele voltava para jantar. — Quantas vezes te pedi para comprares mobília nova, hem? E para tirares este papel de parede horrível que a tua mãe cá pôs... Que Deus a tenha. — Quando ela começava com aquela ladainha, Antonio deixava-a desabafar, convencido de que, mais cedo ou mais tarde, iria parar. No entanto, Agata continuava: — Ninguém na aldeia percebeu nada, muito menos eu. Que raio significa «Casa para Mulheres»? Ela e as suas ideias extravagantes... Vá-se lá perceber porque é que tem de te meter sempre ao barulho.

Eram as mesmas perguntas com que a tinham atormentado as amigas do terço no sábado anterior. Quando Agata chegara a casa da vizinha e ocupara uma das cadeiras vagas, fizera-se silêncio de repente e as mulheres já sentadas em círculo tinham começado a entreolhar-se.

— O que foi agora? Porque é que se calaram? — perguntou Agata, franzindo o sobrolho.

A vizinha, uma mulher delgada como um fio, vestida de preto, com a pele rosada e uma penugem visível por cima do lábio, olhara para as outras e finalmente arranjara coragem para lhe dizer:

— Não, é que estávamos a pensar como estarás, se toda esta história não te incomoda um bocadinho...

— Que história? — interrompera-a Agata, inquieta.

— Esta coisa do teu marido e da tua cunhada...

Agata remexera-se na cadeira.

— Mas do que é que vocês estão a falar?

— Por amor de Deus, não nos interpretes mal — interviera outra, uma mulher grande e de cabelo muito preto. — Toda a gente sabe que o Antonio a está a ajudar dia e noite, por causa da tal Casa para Mulheres, que não se percebe o que é.

— Quando uma coisa não é compreendida por ninguém, quer dizer que está errada. Era o que o meu pai costumava dizer — interviera uma mulher idosa de sobranceiras brancas e voz rouca.

— Dia e noite, realmente! Vocês são sempre umas exageradas! — respondera Agata. — No máximo, dedica àquilo umas duas horas por dia, não mais.

As mulheres tinham voltado a entreolhar-se.

— Mas porque é que ela pôs precisamente o teu marido ao barulho? —

perguntara a vizinha.

— De facto. Se é uma coisa de mulheres, o que é que ele tem que ver com a história?

— Foi a mesma coisa com a recolha de assinaturas, lembram-se? — dissera a idosa.

— Parece que estão a esquecer que ele é irmão do Carlo, que Deus o tenha — respondera Agata, fazendo o sinal da cruz. E as outras tinham feito o mesmo logo a seguir.

— E o que é que isso quer dizer? Que ele agora também tem de carregar com ela às costas? — insistira a vizinha.

Pois, e não estão enganadas, dissera Agata para si própria com um suspiro. Antonio estava agora a tomar conta de duas famílias, a sua e a do irmão. Depois da morte de Carlo, o marido não fazia outra coisa senão ir a correr sempre que Anna precisava de ajuda. *Oh, que diabos! Ela que se desenrasque sozinha! Maldita seja ela e a hora em que aqui chegou!*, pensara Agata várias vezes, num acesso de ciúmes.

No entanto, limitara-se a responder:

— Vocês sabem como ele é, o meu Antonio: é demasiado bom e generoso... Mas eu tenho tanto orgulho nele e em tudo o que faz pela nossa cunhada e pelo nosso sobrinho — sublinhara, na esperança de acabar de vez com os mexericos.

— É verdade que ele é bom! É mesmo bonzinho! Sempre foi, desde criança — interviera a mulher grandalhona para a livrar de apuros.

As outras entreolharam-se com uma expressão embaraçada e não se atreveram a dizer mais nada.

Passados alguns instantes, a vizinha começara uma ave-maria, e as mulheres seguiram-na em coro.

Agata recitara as orações, sempre com a cabeça baixa e os olhos fechados, mas, entre um *Mater Dei* e um *Ora pro nobis peccatoribus*, engolira a raiva e a humilhação.

*

Naquela abafada manhã de julho, na estação dos correios, ninguém parecia ter vontade de conversar. Ao fundo, só se ouvia o tiquetaque do telégrafo e o tamborilar da caneta de Tommaso nos documentos que estava a ler. Carmine tinha um ar pensativo e não parava de cofiar a barba, agora rala; nos últimos meses, deixara-a crescer desmesuradamente, crespa e selvagem. Até Elena, a quem geralmente não faltava a tagarelice, estava ensimesmada naquele dia, como se estivesse incomodada com alguma coisa. E Lorenza não se encontrava certamente menos rabugenta do que todas as outras manhãs. Anna estava a separar a correspondência, mas também ela tinha a cabeça noutro sítio: estava a pensar que tinha de comprar não só um quadro negro mas também algumas carteiras de escola e cadeiras... coisas que não se encontravam propriamente numa loja de bairro. Tudo o resto, já tinha comprado — camas, roupa de cama, roupas,

sementes para plantar nos jardins, ferramentas de jardinagem, cadernos, canetas e tudo o que fosse necessário para os ateliês de artesanato —, mas onde poderia encontrar os móveis para equipar uma sala de aula?

E depois havia outra coisa que a atormentava: o facto de Giovanna não querer estar envolvida de forma alguma.

— Ainda não consigo voltar a ver Contrada — dissera-lhe ela, enquanto trabalhava com os olhos fixos no xaile de algodão, que estava quase terminado. — Mas estou feliz por ti, e o teu projeto é lindo. A sério.

— Gostava muito que fosse o *nosso* projeto — retorquira Anna, pesarosa. De um certo ponto de vista, compreendia-a, mas o facto de dom Giulio ainda ter tanto poder sobre as escolhas de Giovanna era algo que a deixava furiosa. Não era justo, que diabo!

Separou de lado, num pequeno embrulho, a correspondência destinada à Adega Greco: entregá-lo-ia a Roberto mais tarde, em casa... se ele voltasse para almoçar. Desde que terminara o liceu, lançara-se de cabeça na gestão da adega e da herdade, como prometera, demonstrando um grande sentido do dever. *É mesmo meu filho*, disse a si própria com um sorrisinho.

Pôs a mala postal a tiracolo e olhou para o gabinete do telégrafo.

— Telegramas de última hora? — perguntou.

Elena virou-se para olhar para ela e abanou a cabeça, comprimindo os lábios; tinha um olhar tenso e olheiras avermelhadas. Os seus problemas de sono não eram novidade, mas pareciam ter piorado recentemente.

— Não, tia — respondeu Lorenza. — Nada de novo.

Também ela não estava com bom aspeto nessa manhã. Anna pensou que tinha voltado a discutir com Tommaso. Em casa deles, o clima era denso como o nevoeiro.

— Ainda tenho alguns minutos — disse ela, dirigindo-se a Lorenza. — Queres beber um café rápido no bar?

— Sim — respondeu ela, arrastando a cadeira para trás. — Está mesmo a fazer-me falta.

Na praça, havia uma atmosfera suspensa. As folhas da grande palmeira estavam tão imóveis que pareciam pintadas no fundo do céu; as portas das lojas estavam todas fechadas, para não deixar entrar o calor; os dois velhotes sentados no banco e os quatro homens com camisolas de alças brancas a jogar às cartas na pequena mesa do bar pareciam esgotados e prestes a derreter.

Anna encostou a bicicleta à parede e sentou-se numa mesa no exterior, enquanto Lorenza foi buscar os cafés.

— O Tommaso parecia nervoso esta manhã — disse Anna, girando a colher na chávena.

— Se ele ao menos se acalmasse um bocadinho... — respondeu Lorenza. — É obcecado com aquela criança; preocupa-se com tudo, mesmo quando não há razão para isso. E depois a culpa parece ser sempre minha: se a menina chora, se não

dorme o suficiente, se faz uma birra...

Anna intuiu que havia mais qualquer coisa, mas ficou em silêncio.

— Para não falar desta história de Otranto. Não percebo porque é que todos os verões temos de ir para lá.

Anna arqueou uma sobranceira. *Aí está, a verdadeira razão*, pensou.

— Já lhe disse claramente: este ano não vou — continuou Lorenza. — E sabes o que é que ele me respondeu? Que sou caprichosa e ingrata. Eu! Mas quem é que alguma vez lhe pediu alguma coisa? Ele é que decidiu sempre para onde vamos de férias. Nunca me perguntou uma única vez.

Anna aclarou a garganta.

— Não te queres afastar muito do Daniele... — disse ela. — É por isso?

Lorenza semicerrou as pálpebras e desviou o olhar para o castelo.

— Serão só duas semanas — murmurou Anna. — Faz isso pela Giada. Sabes o quanto ela gosta de ir à praia.

— Também temos praia aqui perto — respondeu Lorenza.

— Sim, mas lá têm uma casa, e é uma pena mantê-la fechada. O que é que te custa? Duas semanas, Lorenza. Só duas.

— Custa-me imenso! — exclamou ela, cada vez mais irritada. — Há coisas que não sabes, coisas que aconteceram... Não me posso afastar dele logo agora. Não posso — repetiu, sacudindo a cabeça.

— Pareces ter medo de alguma coisa...

— É óbvio que tenho medo. Ele pode encontrar outra e casar com ela. O que é que tu achas, que ele vai ficar sozinho para sempre? Que não se vai cansar de viver assim?

— E achas que ele a vai encontrar precisamente nas duas semanas em que vais estar fora com a tua família? — perguntou Anna, irónica.

— Não quero que a encontre. Nunca.

— Não podes dizer isso. Tu sabes...

— Podia ser tudo tão simples... — Lorenza interrompeu-se. — Se ao menos pudéssemos ir embora daqui. Longe de tudo e de todos. Podíamos ser tão felizes...

Era a primeira vez que Anna a ouvia dizer uma coisa daquelas, e isso preocupou-a um pouco. Após alguns momentos de silêncio, disse:

— Como a Anna Karénina e o conde Vronsky?

— Sim, como eles — sussurrou Lorenza.

Anna resfolegou, depois remexeu na mala postal, tirou algumas moedas e deixou-as na mesa do café.

— Tenho de me ir embora — disse ela. — Mas lembra-te de uma coisa: a Anna Karénina pagou muito caro pela sua escolha. Pensa bem nisso.

E foi-se embora.

Lorenza recostou-se na cadeira. Conhecia bem a história de Anna Karénina: lera o romance quando era jovem e lembrava-se de ter sentido uma grande admiração por aquela heroína romântica, que tivera a coragem de seguir o seu

coração, à custa de perder tudo. Agora, como então, não conseguia ver nada de errado nisso.

*

Na quarta-feira seguinte, no seu encontro com Daniele, Lorenza levou Giada consigo. Na camioneta, a menina não parava de choramingar por causa do calor, esfregando com as mãozinhas os olhos inchados de lágrimas.

— Porta-te bem — repetia-lhe a Lorenza. — Vamos a um sítio bonito, para conheceres um grande amigo da mamã.

Quando chegaram, Daniele estava debruçado sobre a mesa de trabalho a desenhar.

— Chegámos! — exclamou Lorenza, com um sorriso forçado.

Daniele olhou para elas e pôs-se de pé, desviando o olhar da menina para Lorenza.

Giada ficou à porta e fitou Daniele com os olhos ainda húmidos.

— Vá lá, entra com a mamã — insistiu Lorenza.

Daniele lançou-lhe um olhar desorientado, depois aproximou-se de Giada e agachou-se à sua frente, sorrindo-lhe.

— Muito prazer, chamo-me Daniele — disse ele, oferecendo-lhe a mão.

Após alguns instantes, Giada pousou a sua mãozinha na de Daniele.

— Sabes que és linda? — continuou ele, acariciando-lhe os dedos pequenos.

— Nunca vi uma menina mais bonita do que tu, juro.

A pequena levou um dedo à boca e, sem tirar os olhos dele, esboçou um sorriso e deu um passinho em frente.

Lorenza acompanhou-a para dentro, empurrando-a pelas costas, e depois fechou a porta com um suspiro.

— Chamas-te Giada, não é? — perguntou Daniele.

A menina anuiu com a cabeça.

— Sabias que é o nome de uma pedra com uma cor lindíssima?

A pequenita sacudiu a cabeça, divertida.

— Anda, eu mostro-te. — Endireitou-se e, pegando na mão da menina, levou-a para junto dos rolos de tecido. Depois desenrolou um de um belo verde vivo. — Aqui está. Este é da cor da giada²⁹.

Giada estendeu a sua mãozinha e tocou no tecido.

— Gostas?

— Sim — exclamou ela, toda contente.

— Agora sabes o que vamos fazer? Um lindo vestido. Para ti. — E deu-lhe um piparote na face.

Lorenza observou-os o tempo todo com um sorrisinho satisfeito.

As duas horas seguintes foram calmas e alegres ao mesmo tempo: Lorenza e Daniele tiraram as medidas da menina, brincando a fazê-la rodopiar como uma

princesa, e depois cortaram o tecido; com alguns retalhos retirados de um cesto, ele criou fitas para o cabelo que pôs na cabeça de Lorenza, na de Giada e finalmente na sua própria, despertando o riso cristalino da menina.

Depois, Giada pôs-se a um canto a brincar com uns pedacinhos de tecido.

— Consegues trabalhar? — perguntou, então, Lorenza, indicando a *Singer* com um aceno de cabeça.

— Estou a tentar — respondeu. — Desde que o teu primo está permanentemente na adega, posso vir cá muito mais vezes, pelo menos.

— Adorava ver os novos desenhos. Posso?

Daniele corou.

— São só esboços. — Depois, inclinou-se para ela e pôs-lhe delicadamente uma madeixa rebelde atrás da orelha. — Mas, quando os acabar, serás a primeira a vê-los.

— Mal posso esperar... — respondeu Lorenza. Fechou os olhos, suspirou e depois sorriu. — Se todas as tardes fossem assim — disse ela.

Daniele retribuiu o sorriso.

— A Giada é realmente adorável — murmurou.

— Alguma vez pensaste que podia ser sempre assim? — disse Lorenza, baixando a voz.

— Assim como?

— Eu, tu e a Giada.

Ele olhou para ela como se não tivesse a certeza de ter entendido.

— Disseste que nunca me deixarias abandoná-la — continuou Lorenza. — Portanto, vamos levá-la connosco. Nestas condições, virias? Irias embora comigo?

Daniele arregalou os olhos, depois aclarou a garganta e virou-se para Giada.

— Não sabes o que estás a dizer — retorquiu finalmente.

— Tu próprio o disseste, que o problema era a Giada — sibilou Lorenza. Depois levantou a voz: — Estou a oferecer uma solução!

A menina parou de repente de brincar e levantou a cabeça.

— Levá-la para longe do pai? Dos avós? É essa a tua solução? — respondeu Daniele.

— Eu pelo menos tento encontrar uma — rosnou ela.

De repente, Giada começou a soluçar, depois agarrou nos retalhos de tecido e deitou-os fora.

— Pequenininha, o que se passa? — disse imediatamente Daniele. — É porque a mamã parece zangada? Olha, ela estava a brincar! Ela acabou de me dizer que está muito contente por ir no sábado para a praia contigo e com o teu papá.

Lorenza tentou abrir a boca, mas o olhar duro de Daniele foi o suficiente para a fazer desistir.

— Não é verdade, Lorenza? — concluiu ele.

Giada parou de chorar e olhou para a mãe.

Lorenza lançou a Daniele um olhar no qual se misturavam dor e raiva.

— Sim, muito contente — disse ela com uma voz trémula.

Depois caminhou rapidamente para a filha, pegou nela ao colo e dirigiu-se para a porta.

— Lorenza, volta aqui... — implorou Daniele.

Ela nem sequer se virou.

*

Anna estava a calçar os sapatos à pressa. Antonio ia passar para a vir buscar a qualquer momento. «Fica pronta amanhã às dez», dissera-lhe ele, e ela sabia que ele era sempre pontual. Nesse dia — o primeiro das duas semanas de férias de Anna — iriam a uma espécie de antiquário que vivia no campo e que, pelo que Antonio ouvira dizer, tinha um velho quadro de escola.

— De certeza que não queres vir? — perguntou a Giovanna.

— Não, obrigada — respondeu ela. Estava sentada à mesa da cozinha, com a agulha de croché na mão e um novelo de lã cor-de-rosa à frente, a trabalhar numas pantufas para dormir. — Prefiro ficar aqui. Além disso, está demasiado calor para sair...

Anna fez uma careta de desilusão.

— Como queiras...

Naquele instante, ouviu-se a buzina do *Fiat 508*.

— Cá está ele! — exclamou Anna. — Até logo, volto para o almoço! — disse ela, saindo.

Antonio esperava-a com a janela aberta e o braço apoiado na porta.

— É a pessoa mais desavergonhadamente pontual que conheço! — exclamou Anna.

— A pontualidade é a virtude dos generosos — respondeu ele com um sorriso.

Assim que partiram, uma ligeira rajada de vento entrou pela janela e agitou o cabelo de Anna, libertando um perfume que cheirava bem.

— Satisfeita por estares de férias? — perguntou-lhe Antonio.

— Na verdade, estou satisfeita por ter mais tempo para dedicar à Casa para Mulheres — retorquiu ela. — Sabes, estava a pensar nisso ontem à noite e gostaria que estivesse pronta no final de setembro. Se me despachar nestas duas semanas, consigo fazê-lo.

— Ah. Não tinhas decidido para novembro? — perguntou Antonio, intrigado.
— Porque é que mudaste de ideias?

Anna encolheu os ombros.

— Não foi por nenhum motivo em particular. Quanto mais cedo ela estiver pronta, melhor.

— Sim, mas falta pouco mais de um mês para o fim de setembro. E eu não vou estar cá nos próximos dez dias. Sinto-me mal por teres de tratar disso sozinha. Espera um bocadinho, pode ser? Qual é a pressa?

No dia seguinte, Antonio iria ter com a mulher e a filha a Otranto. Elas já lá estavam havia alguns dias, juntamente com Tommaso e a menina. Agata oferecera-se para tomar conta de Giada. «Assim, podes ficar sozinha com o teu marido durante algum tempo», dissera ela a Lorenza, sem esconder o tom de reprovação. Antonio prometera juntar-se a eles, depois de tratar de alguns assuntos no lagar. «Pois, pois, é no lagar, é...», respondera-lhe Agata, com uma gargalhada amarga. «E desde quando é que o lagar se tornou “para mulheres”, hem?»

Anna pôs a mão sobre a de Antonio, agarrada ao manípulo da caixa de velocidades.

— És muito querido. Mas não te preocupes comigo — tranquilizou-o. — Acho que me consigo desenrascar sozinha.

Antonio ficou pensativo e meteu a terceira. Anna retirou a mão.

— Também posso não ir — acabou por dizer. — Se precisares de mim, fico cá. A sério.

Anna virou-se para o encarar.

— Não digas disparates — respondeu-lhe ela com doçura.

Percorrem cinco quilómetros por uma estrada ladeada por campos, em direção a Lecce.

— Devia ser aqui, depois do poço à direita, segundo me disseram — murmurou Antonio, virando para uma estrada secundária. Pouco depois, viram uma casa de camponeses em tufo, rodeada por um pomar de amendoeiras e laranjeiras.

— Acho que é aqui — disse Anna, inclinando-se para a frente. Antonio estacionou o 508 junto a um muro de pedra e desligou o motor.

Saíram do carro e atravessaram o pomar: a certa altura, Antonio parou e tirou duas amêndoas de uma árvore, partiu uma entre os molares e entregou a amêndoa descascada a Anna.

— Quando éramos miúdos, por esta altura do ano, eu e o Carlo costumávamos andar pelos campos a roubar amêndoas e comíamos uma barrigada delas... — contou, partindo a segunda e metendo a amêndoa descascada na boca. — Uma vez, um proprietário descobriu-nos e começou a perseguir-nos com uma enxada. «Desgraçados!», gritava ele, enquanto nós corríamos como loucos. O Carlo virou-se e fez-lhe um gesto feio, e o tipo ficou tão zangado que veio atrás de nós até casa. — E riu-se.

Anna sorriu, imaginando a cena.

— Gostava muito de vos ter conhecido em crianças — disse ela.

Ele sorriu-lhe e depois continuou a andar.

A porta de madeira da casa estava entreaberta. Antonio meteu a cabeça pela fresta.

— Está aí alguém? — perguntou.

Sem resposta.

— Olá! — gritou Anna.

Silêncio.

Entreolharam-se por um momento, hesitantes, e depois entraram.

Encontram-se em frente ao que parecia ser um enorme mercado que fora atingido por um tornado. Por todo o lado, amontoados à toa, estavam móveis antigos e mal-amanhados, candeeiros a petróleo, canecas de bronze dourado, tochas de ferro forjado, estatuetas de santos, chávenas e canecas, bules, relógios de parede, leques, livros, quadros, bancos, mesinhas de cabeceira, arcas...

— Mas isto é estupendo! — exclamou Anna. — Pergunto-me se ele terá um daqueles conjuntos de banho que a minha avó tinha...

— Como era? — perguntou-lhe Antonio, aproximando-se.

— Tu sabes, era daqueles em prata, com cabos trabalhados em relevo — explicou. — Tinha uma escova para o cabelo, a outra para a roupa e um pequeno espelho. Quando eu era pequena, brincava com aquilo todas as tardes, durante horas. Brincava a pôr-me bonita, como a minha avó.

— Imagino que não tivesses de te esforçar muito... — murmurou Antonio, olhando em redor.

— Quem anda aí? — ouviu-se de repente atrás deles.

Antonio e Anna viram-se no mesmo instante: postado à porta estava um homem com os seus sessenta anos, de aspeto macilento e com uma barba comprida, branca e esgrouviada. Numa das mãos, segurava um cachimbo.

— Pedimos desculpa — desculpou-se a Anna. — Estávamos só a espreitar.

— Deve ser o senhor Bruno — disse Antonio, dirigindo-se a ele com a mão estendida.

— Sou eu — respondeu o homem, apertando-lhe a mão.

— Chamo-me Antonio Greco. Prazer em conhecê-lo. E esta é a minha cunhada Anna.

— Anna Allavena — especificou ela. — Este lugar é magnífico — disse ela, com um grande sorriso.

Bruno sorriu-lhe em jeito de resposta, satisfeito.

— O que procuram? — perguntou.

— Disseram-nos que tem um quadro preto antigo... — explicou Antonio. — Pois bem, estamos precisamente à procura de um.

— Disseram-lhes bem — retorquiu Bruno. — Venham daí — disse ele, avançando. Conduziu-os a uma sala adjacente onde, entre armários, secretárias, uma prensa, um arado e um lava-louça em mármore, se encontrava um quadro negro de parede com uma moldura de madeira maciça. — É este aqui — disse o homem. E soprou uma nuvem de fumo.

Anna baixou-se para o observar melhor e acariciou a superfície lisa da ardósia.

— O que me dizes? Parece-me que está bem, não achas? — perguntou-lhe Antonio, agachando-se ao seu lado.

— Está ótimo! — respondeu. Depois, virou-se para Bruno. — Vamos levá-lo!

Antonio tirou um cordel do porta-bagagens e usou-o para amarrar o quadro ao tejadilho, fazendo passar o cordel várias vezes do tejadilho para o interior do carro através das janelas abertas. Bruno ficou a observá-los com curiosidade, encostado à ombreira da porta com os braços cruzados. De tempos a tempos, levava o cachimbo à boca e dava baforadas profundas.

— Desse lado aguenta? — perguntou Antonio, pondo a cabeça por cima do tejadilho.

— Parece que sim — respondeu Anna, e experimentou, puxando o fio para si.

Voltaram para o carro e estavam mesmo a sair da estradinha que ia da casa de camponeses para a estrada principal quando ouviram um estrondo.

Viraram-se os dois ao mesmo tempo e viram o quadro negro no chão, mesmo no meio da estrada.

Antonio arregalou os olhos. Depois voltou a olhar para a Anna.

— Mas tu deste o nó? — perguntou-lhe ele.

— Que nó?

Ficaram a olhar um para o outro durante alguns segundos e depois desataram a rir. Anna continuou a estremecer mesmo enquanto Antonio abria a porta e tentava voltar a colocar o quadro no tejadilho.

— Vá lá, para com isso, vem ajudar-me — disse ele, divertido. Mas a gargalhada cheia e cristalina de Anna continuava a ecoar pelas oliveiras e a espalhar-se em redor como pólen. E ela apercebeu-se de que era a sua primeira gargalhada verdadeira desde a morte de Carlo. A primeira sem culpa, sem que se perguntasse se era certo rir-se depois de perder o amor da sua vida.

Quando chegaram a Contrada La Pietra, fixaram o quadro à parede com pregos compridos e grossos. Na parede oposta, encontrava-se agora uma estante espaçosa: até duas semanas antes, albergava o arquivo das faturas do lagar. «Hei de encontrar outro sítio para estas pastas todas, não te preocupes», dissera-lhe Antonio quando lha oferecera. As duas primeiras prateleiras já estavam ocupadas por todos os livros de escola de Roberto, a começar pelos que ele tinha estudado em criança, na escola primária. Em breve, haveria também carteiras e cadeiras. *E então, sim, vai parecer uma sala de aula a sério*, pensou Anna. Gigetto, o carpinteiro, fizera-lhe um ótimo preço por dez carteiras, dez cadeiras e também pelos beliches que iria instalar no andar de cima. «Não se preocupe, senhora carteira. Vai ter tudo pronto no final do verão», garantira-lhe. «Se também precisarem de colchões, mando-a a um amigo meu. Eu digo-lhe para tratar bem de si.»

— Diria que agora merecemos um café, não achas? — disse-lhe Antonio.

— O mais possível! — respondeu Anna.

Não havia vivalma na praça: naquela manhã, parecia que todos tinham fugido em massa, devido ao calor tórrido. O interior do Bar Castello também se encontrava deserto, com Nando a secar alguns copos com um pano, enquanto o pequeno rádio em cima do balcão transmitia *Grazie dei Fiori*, de Nilla Pizzi, a canção que, naquele ano, vencera a primeira edição do Festival da Canção Italiana.

Nando pôs as duas chávenas à frente deles.

— Se me permitem... — disse ele, um pouco hesitante. — Experimentem com este xarope de amêndoa em vez de açúcar. — E, sem esperar pela resposta, pegou num frasco e deitou algumas gotas nas chávenas fumegantes. — A minha mulher fê-lo ontem, está uma delícia... E é por conta da casa, como não podia deixar de ser!

Antonio bebeu um gole de café.

— Nando, mas é fantástico! Dá os cumprimentos à tua senhora.

O homem anuiu com a cabeça, todo orgulhoso.

Anna, por outro lado, estava prestes a dizer que era um pouco doce de mais para o seu gosto, quando Antonio se pôs a cantarolar baixinho, juntamente com Nilla Pizzi: *«No meio dessas rosas há tantos espinhos, memórias dolorosas daqueles que te amaram... São páginas já fechadas com a palavra fim...»*

Anna ficou subitamente parada com a chávena no ar, olhando para os lábios de Antonio a moverem-se lentamente, sussurrando as palavras da canção. E nesse preciso momento sentiu uma espécie de sobressalto, ali mesmo onde estava o coração.

— O que foi? — perguntou-lhe Antonio com um sorriso, assim que se apercebeu de que estava a ser observado.

Anna desviou imediatamente o olhar.

— Nada — apressou-se a responder, sentindo as faces arder.

E bebeu a última gota de café.

*

A 22 de agosto, na vinha da Herdade Greco, teve início a vindima de 1951.

Às cinco da manhã, Daniele parou em frente à casa de Roberto e tocou a campainha da sua *Lautal Taurus*. «Não quero que andes a pé a essa hora. Ainda vai estar escuro. Vou buscar-te, prefiro assim», dissera-lhe no dia anterior. Assim, quando Roberto abriu a porta, morto de sono, Daniele cumprimentou-o todo animado e fê-lo sentar-se no tubo horizontal da bicicleta.

— Mas tens a certeza de que consegues ver a estrada depois? — perguntou-lhe Roberto, depois de se ter instalado.

— Vejo, vejo.

Ocasionalmente, durante a viagem, bastava que Roberto se mexesse um bocadinho para que a bicicleta derrapasse para a direita ou para a esquerda.

— Oooh! — exclamava assustado, agarrando-se ao tubo.

— Ei, mas tens de ficar quieto! — dizia Daniele, a rir.

Os operários agrícolas começaram a chegar por etapas: uns a pé, outros de bicicleta, outros ainda em carroças puxadas por burros. Poucos minutos depois das seis, o sol apareceu finalmente entre as fileiras, iluminando o vinhedo: os homens dispersaram-se pela vinha e puseram-se a trabalhar a bom ritmo, cortando os

cachos maduros da planta e enchendo os cestos no chão.

Daniele pegou em duas tesouras de poda e deu uma a Roberto.

— Vem comigo — disse-lhe, pondo-lhe uma mão nas costas. E conduziu-o para o meio de uma fila.

Nas raras ocasiões em que Carlo o levava a assistir às vindimas, em criança, Roberto nunca vira o pai misturar-se com os trabalhadores e muito menos fazer as mesmas coisas que eles. Ele levava o filho pela mão e passeava entre as fileiras e os cestos cheios de cachos, verificando se tudo estava a correr bem. Uma vez apenas permitira que Roberto entrasse nas cubas e pisasse as uvas, descalço, juntamente com as outras crianças.

— Olha para mim. Faz o que eu faço — disse-lhe Daniele, aplicando um corte limpo no cimo de um cacho.

Era evidente que Daniele, durante a vindima e não só, se juntava aos camponeses e punha a trabalhar com eles, sem se poupar a esforços. Roberto não saberia dizer com qual das duas abordagens concordava mais, se a benevolente mas distante do seu pai ou a humilde de Daniele. Confiava que, mais cedo ou mais tarde, acabaria por descobrir por si próprio.

De repente, de algumas fileiras à frente, um camponês entoou um *stornello*, espalhando a sua voz aguda e leve pelo campo:

E fior di tutti i fiori...³⁰

Todos os outros, em todas as filas, seguiram-no em coro:

*fior di lu pepe,
tutte le fontanelle so' siccate.
povero amore mio, more di sete.³¹*

Depois, o homem cantou sozinho o primeiro verso da segunda estrofe:

Eru piccinnu e me morse la mamma...³²

E depois os outros foram atrás:

*Lu vizio me rimase de la minna.
ogni donna ca visciu la chiamu mamma.³³*

Continuaram a entoar o *stornelli* e outras canções até às nove horas, altura em que Daniele fez uma pausa.

— Estou cá com uma fome... — murmurou Roberto, tocando na barriga.

— Anda, vamos à Adega buscar vinho para todos — disse Daniele. — Depois

também vamos comer.

Voltaram com dois garraões de *Don Carlo*, que os operários agrícolas passaram de mão em mão, bebendo em grandes goles.

Daniele e Roberto arranjaram lugar num dos muitos pequenos grupos que se instalaram no chão, em círculo, para comer. Um rapaz que teria mais ou menos a mesma idade que Roberto amoleceu duas *friselle* mergulhando-os em água, espremeu-lhes por cima tomates, abrindo-os um de cada vez, e cobriu tudo com bastante azeite.

— É para vocês — disse ele, entregando um a Daniele e outro a Roberto.

— E os garfos? — perguntou Roberto.

A sua pergunta foi acolhida por uma sonora gargalhada.

— Olhem só, o senhor aqui quer um garfo! — exclamou um dos homens, mastigando com a boca aberta.

Daniele ficou a olhar para ele, rindo-se também.

— O que é que eu disse? — perguntou Roberto, perplexo.

— Deixa-me ver se percebo... — disse Daniele, tirando um pedaço de *frisa*³⁴ untado com azeite. — Tu comes *frisella* com talheres? — E deu uma dentada.

— E como é que haveria de comer? A minha mãe obrigou-nos sempre a comer com um garfo — respondeu Roberto, com o ar de quem está a dizer o óbvio.

— Experimenta com as mãos — disse-lhe Daniele, piscando o olho. — Vais ver que é cem mil vezes melhor.

Então, Roberto juntou os dedos e tentou apanhar uma mão cheia de *frisella*. *Se a minha mãe me visse, cortava-me a mão*, pensou ele, divertido. Estava prestes a levar a *frisella* à boca quando apareceu um homem de bicicleta, ofegante e a pingar de suor.

— Daniele! Daniele Carlà! Daniele! — gritava ele.

Uns levantaram-se, outros ergueram a cabeça, outros continuaram a comer como se nada fosse.

— Estou aqui! — gritou Daniele, pondo-se de pé. — O que é que se passa?

O homem da bicicleta parou à sua frente. Respirava com dificuldade.

— Bebe, senão ainda morres — disse um camponês, entregando-lhe o garraão de vinho.

O homem bebeu um gole demorado e depois limpou os lábios ao punho. Em seguida, com o rosto tenso e ainda a respirar com dificuldade, disse:

— Foi a tua mãe que me mandou... Tens de voltar para casa imediatamente...

Daniele olhou para ele, perplexo.

— É o teu pai — continuou o homem. — Teve um enfarte.

29 *Giada* significa «jade». (NT)

30 Em dialeto salentino, «E flor de todas as flores...» (NT)

31 Em dialeto salentino, «flor da pimenta / todas as fontezinhas estão secas / o meu pobre amor morre de sede». (NT)

32 Em dialeto salentino, «Era pequeno quando a minha mãe morreu...». (NT)

³³ Em dialeto salentino, «Ficou-me o vício da mama / a cada mulher que vejo chamo mamã».
(NT)

³⁴ Outra designação para *frisella*, característica do Salento. (NT)

Outubro-dezembro de 1951

Daniele montara na sua bicicleta e chegara a casa dos pais a pedalar a uma velocidade vertiginosa. Mas, quando a avó Gina lhe abriu a porta, a soluçar num lenço, percebera que tinha chegado demasiado tarde. O pai não esperara por ele.

Em poucas horas, a casa encheu-se do aroma de crisântemos e do perfume de jasmim de Carmela. Com um vestido preto que lhe dava pela barriga da perna e o rosto escondido por um véu de organza, Carmela permaneceu sentada durante todo o velório, enquanto o fluxo de pessoas que ofereciam as suas condolências se desenrolava diante dela. Fora impecável no papel de viúva angustiada, mas ninguém a vira derramar uma lágrima: nem durante o velório, nem no funeral, nem mesmo quando enterraram Nicola.

E em relação a Daniele havia sido, se possível, ainda mais distante: não lhe dera um abraço nem dissera qualquer palavra de conforto. Pelo menos até à manhã do funeral, quando Daniele chegou à cozinha e encontrou a mãe e a avó a beberem café.

— O caixão custou-me mais que a igreja — dizia Carmela em tom desdenhoso. — Nos últimos tempos, tinha engordado tanto como dois porcos juntos.

Daniele cerrara os punhos e depois, gritando «Basta!» com a voz a tremer de raiva, saíra de casa a correr. Subira para a bicicleta e começara a pedalar como um louco, enxugando com a palma da mão o rosto lavado em lágrimas. Não podia suportar aquela derradeira humilhação ao pai: toda a vida o vira sofrer em silêncio, incapaz de se defender dos modos intratáveis de Carmela, do seu constante desrespeito, dos seus olhares de desdém. E, se Daniele se atrevia a defendê-lo, Nicola impedia-o, pondo-lhe uma mão no braço. «A tua mãe tem razão», dizia ele. «Eu é que fiz asneira, irritei-a.» Quanta frustração sentira, em criança, ao ver aquele homem encolher-se. *Reage*, pensara milhares de vezes. *Sobe o tom de voz! Zanga-te por uma vez que seja! Ela é que fez asneira, não tu! Tu és boa pessoa, pai.*

Na igreja, durante a missa, não se dignara sequer olhar para a mãe, embora ela lhe tivesse dado o braço e apoiado a cabeça no seu ombro, como se nada tivesse acontecido na cozinha. Daniele continuara a manter os olhos cravados no caixão,

pensando em todas as vezes que não visitara o pai, em todas as refeições que não haviam feito juntos, em todas as conversas entre pai e filho que poderiam ter acontecido mas não tinham ocorrido: ao espaçar as visitas à mãe, deixara também que a sua relação com ele se fosse desgastando. Tinha tentado ao máximo conter a presença de Carmela na sua vida, vivê-la em pequenas doses, aquelas que não deixavam sequelas. Para a manter afastada, acabara por fechá-lo também atrás da porta.

Durante essas horas, sentiu muito a falta da sua Lorenza. Arrependera-se de a ter tratado tão mal naquela tarde, alguns dias antes, no ateliê. E, no final, ela, justamente zangada e magoada, partira para Otranto com a família. Naqueles momentos de dor, Lorenza era a única pessoa que teria gostado de abraçar, a única a quem teria querido dar a mão.

Sentira-se esmagado sob uma rocha de tristeza, sozinho no mundo, embora muitas pessoas tivessem ido ao funeral e o tivesse beijado, acariciado, abraçado... E depois houvera Roberto, que se oferecera para carregar o caixão da igreja para o cemitério. «Sei como te sentes», dissera-lhe com uma expressão de sincero pesar, apertando-lhe o braço com afeto.

Anna estivera presente desde o velório, mas só se aproximara de Daniele quando o enterro terminara e o chamara à parte.

— O Antonio deixou-me a morada de Otranto, para alguma eventualidade — disse-lhe ela. — Se quiseres, digo-lhe. Com discrição.

Daniele fitou-a com um lampejo de esperança nos olhos.

— Ficaria muito grato — respondeu-lhe, fungando.

*

O telegrama de Anna chegara a Otranto numa manhã sufocante, enquanto a família estava na praia. Apenas Antonio tinha ficado na varanda a ler o novo romance de Alberto Moravia, *O Conformista*: ele e Anna tinham-no escolhido juntos como leitura de verão, prometendo falar sobre ele quando regressassem de férias. Quando o carteiro apitara para lá do portão, Antonio levantara-se imediatamente da espreguiçadeira e fora ter com ele. «Um telegrama para Antonio Greco», dissera-lhe o homem, entregando-lhe um envelope amarelo. Antonio revirara-o nas mãos e, assim que leu o remetente — Anna Allavena —, rasgou o envelope.

PAI DANIELE MORREU ENFARTE. FUNERAL HOJE. ENVIEI COROA FLORES VOSSO NOME.

Antonio guardara a notícia para si, dizendo a si próprio que não valia a pena estragar o dia a todos e que talvez, mais para a noite, encontrasse o momento certo para lhes contar. Assim, os outros tinham saído da praia à hora do almoço, haviam comido na varanda, em fato de banho e cobertos de sal, depois Giada dormira a

sesta da tarde no berço ao lado da avó, enquanto Tommaso e Lorenza tinham começado a jogar às cartas, empurrando a louça suja para um lado da mesa. Ele estava a ensinar-lhe a jogar três-setes, explicando-lhe que o terno era a carta que valia mais, seguido do dois, do ás, do rei e assim por diante. De vez em quando, Antonio levantava os olhos do seu livro e observava-os: a filha parecia invulgarmente calma; durante o almoço, até se tinha rido de uma piada do marido.

Ao pôr do sol, Tommaso propusera a Lorenza um passeio à beira-mar, e ela aceitara. Antonio vira-os afastarem-se, lado a lado, e tivera a certeza de que a notícia da morte do pai de Daniele teria feito desabar de repente, como um castelo de cartas, a pouca harmonia que se estava a reconstruir entre eles. Por isso, esperou que todos se deitassem e saiu para a varanda, decidido a livrar-se do telegrama, fingindo que nunca tinha chegado ao seu destino.

— O que é que tens aí? — perguntou Lorenza, aparecendo de repente na varanda. Estava em camisa de noite e toda despenteada.

— Nada — respondeu Antonio, metendo o telegrama no bolso.

— Se não é nada, porque é que estás a esconder?

— Não consegues dormir?

— Não mudes de assunto — protestou ela, franzindo o sobrolho. — Que envelope é esse?

— Uma comunicação do lagar, nada de especial.

A filha cruzou os braços em frente ao peito e aproximou-se dele.

— Pensas que ainda tenho dez anos? Vá lá, o que estás a esconder?

Antonio soltara um suspiro, depois tirara lentamente o envelope do bolso e entregara-lho.

— Não queria estragar as férias com uma má notícia — justificara-se num fio de voz.

Lorenza lançara-lhe um olhar de reprovação e tirara o telegrama do envelope.

Depois de ler, ficara enlouquecida. Exigira que Antonio a levasse de volta a Lizzanello, imediatamente, naquele preciso instante.

— Mas é de noite... Para onde vamos? Tenta pensar!

— Estou-me nas tintas para se é de noite ou não! Tenho de ir ter com ele, ele precisa de mim — gritara Lorenza.

Antonio agarrara-a pelo braço e sussurrara-lhe num tom perentório:

— É para junto do teu marido que tens de ir. É *ele* que precisa de ti.

Lorenza arregalara os olhos, estupefacta.

— Volta a dormir, Lorenza. Não me irrites.

Depois, ela libertou-se de repente.

— Ou me levas imediatamente ou vou sozinha. Agora. Nem que tenha de caminhar até lá.

O tumulto acabou por acordar Tommaso e Agata, que tinham descido as escadas a correr, preocupados.

— O que se passa? — perguntara Agata, com uma mão no peito.

— Lorenza, está tudo bem? — perguntara-lhe Tommaso, pousando-lhe uma mão nas costas.

Lorenza olhava para o pai com olhos ardentes, à espera de que fosse ele a dar uma explicação credível.

— Não é nada, não se preocupem — tranquilizou-os Antonio. — Problemas no lagar — disse ele, acenando com o envelope amarelo. — Amanhã de manhã tenho de fazer uma viagem a Lizzanello, mas tentarei regressar ao fim da tarde.

Agata soltara um suspiro profundo.

— Vais fazer-me morrer de desgosto!

— Estás irritada por causa disto? — perguntara Tommaso à mulher. — Ele disse que volta amanhã, não te preocupes. Ele não se vai embora.

Depois, olhara para Antonio e sorrira-lhe, como quem diz que, aos acessos de cólera de Lorenza, já estava habituado, a todos eles.

— Prefiro acompanhá-lo, para me certificar de que ele volta — respondera Lorenza. — Percebeste? — acrescentara, voltando-se para o marido. — Amanhã vou com o meu pai.

*

— Não parece real; estamos quase lá — comentou Anna, com as mãos nas ancas, dando mais uma vista de olhos em redor. No decurso de poucos meses, o casebre de Giovanna transformara-se, tornando-se exatamente como Anna imaginara, até ao mais ínfimo pormenor. Na porta da rua estava afixada uma placa de madeira que tinha escrito em letra cursiva e a tinta preta: *Casa para Mulheres*. Fora Anna a escrevê-la, com a sua letra clara e ondulada.

No interior, as paredes agora limpas e pintadas de branco davam a todo o ambiente um ar fresco e lavado; da antiga cozinha, à direita da porta principal, só restava a bancada com o fogão e o lava-louça, um armário de parede e algumas prateleiras; o resto do espaço era ocupado por uma grande mesa retangular, rodeada de cadeiras, no centro da qual se encontrava uma jarra com flores; encostados a outra parede, havia uma máquina de costura e um armário alto aberto, onde se guardavam *kits* de costura e todo o tipo de ferramentas para trabalhar com papel prensado e cerâmica. Algum tempo antes, Anna explicara a Antonio que a Casa seria também um ateliê de artesanato, cujos produtos poderiam ser comprados diretamente no casebre ou no mercado. Teriam a marca Casa para Mulheres, e cada lira ganha iria diretamente para os bolsos das mulheres que tinham produzido os objetos.

No quarto à esquerda, onde antes era a sala de estar, situava-se agora a sala de aula, com o quadro, as carteiras e as cadeiras. Na biblioteca, para além dos livros de escola de Roberto, encontravam-se os romances preferidos de Anna — desde *Madame Bovary* a *O Monte dos Vendavais* —, que ela trouxera de casa.

No piso de cima, os dois quartos albergavam agora um dormitório com dez camas, seis num quarto e quatro no outro. Anna também encontrara e acrescentara dois berços.

A inauguração teria lugar dali a um mês, no dia do aniversário de Carlo, 29 de novembro. Fora o que Anna acabara por decidir. Abrir a Casa para Mulheres mais cedo teria sido impossível.

— É verdade, está quase — suspirou Antonio ao lado dela, com o rosto ensombrecido.

— O que se passa contigo hoje? Parece que tens a cabeça noutro lugar.

— Desculpa...

— É que pareces tão... não sei. Triste, é isso.

— Tenho pensamentos, é só isso — respondeu, encolhendo os ombros.

— E pode saber-se quais são?

Antonio ficou em silêncio durante alguns segundos.

— Anda, vamos apanhar ar — propôs ele, estendendo-lhe a mão. Anna apertou-a, e juntos foram para o jardim. Antonio sentou-se no chão, puxando também Anna.

— Então? — insistiu ela, cruzando os tornozelos.

— Estou preocupado com a Lorenza — disse ele após alguns instantes. — Esperava que aquela história com o Daniele tivesse acabado... Mas afinal...

Anna engoliu em seco, mas manteve-se em silêncio.

— Observei-a atentamente, nestes últimos meses... cheguei até a segui-la...

— O que é que fizeste?

— Aquilo que tinha de fazer — disse ele, retesando-se. — Sabes aonde ela vai todas as quartas-feiras, depois de deixar a Giada contigo?

Anna encolheu os ombros, depois desviou o olhar e começou a acariciar as folhas da relva.

— Sei que todas as semanas vai visitar aquela amiga dela do liceu, a Lecce — mentiu.

— Bem, se ela te disse isso, então contou-te uma mentira descarada.

— Então, aonde é que ela vai?

— A casa dele. Ela vai a casa dele todas as quartas-feiras. Encontram-se em Lecce, num local perto de porta Rudiae. — Suspirou, nervoso.

— Continuo sem conseguir acreditar que espia-te...

— Mas ouviste o que eu disse?

— Ouvi.

Antonio perscrutou-lhe o rosto.

— Porque é que não pareces surpreendida?

Ao que ela o olhou fixamente, em jeito de resposta.

— Porque eu sabia desde o início que isto ia acabar assim. Eu disse-te, lembras-te?

— Anna, tens de me ajudar — disse-lhe ele finalmente. — Tens de falar tu

com a Lorenza. Ela ouviu-te. Tens de a fazer ver a razão, fazê-la compreender que aquilo é errado. Travá-la antes que ela se meta em sarilhos, antes que ela... Nem sequer quero pensar nisso.

Ela pôs a cabeça entre as mãos.

— Tem calma — disse ela, e passou os dedos pelo cabelo dele.

Ele ergueu a cabeça, com os olhos húmidos, e arquejou.

Vê-lo naquele estado partia-lhe o coração.

— Vou tentar falar com ela, está bem? — assegurou-lhe, continuando a acariciar-lhe os cabelos.

Antonio anuiu com a cabeça, depois pegou na outra mão dela entre as suas, levou-a à boca e roçou-a com os lábios. Anna sentiu-se corar, e um arrepio rápido percorreu-lhe a espinha.

— Obrigado — disse ele.

*

Faltava menos de uma hora para a inauguração, e Anna andava de um lado para o outro sem parar, torcendo as mãos. Vestia um *tailleur* de lã e seda de cor creme, com um casaco cintado e uma saia abaixo do joelho, comprado especialmente para a ocasião. No bolso do casaco, guardava uma folha de papel onde havia anotado uma espécie de discurso de boas-vindas.

De tempos a tempos, parava, olhava para Antonio e dizia:

— E se não vier ninguém?

— Hão de vir, não de vir — tranquilizou-a.

No espaço do ateliê, Anna tinha montado um pequeno bebede, com garrafas de *Donna Anna* e *Don Carlo*, que Roberto e Antonio haviam carregado no *Fiat 508* e levado para lá de manhã, enquanto ela andava pela aldeia a entregar a correspondência.

— Não é exatamente o meu forte, organizar festas ou coisas do género — desabafou ela, sentando-se num banco.

Antonio esboçou um pequeno sorriso, depois aproximou-se dela e sentou-se no banco à sua frente.

— O Carletto é que era bom nestas coisas — disse ele. — Já imaginaste se ele estivesse aqui?

— Até teria convidado o Papa — brincou Anna.

— De certeza — respondeu Antonio com um sorriso de saudade.

Ela, pelo contrário, daqueles homens da Igreja, não quisera convidar absolutamente nenhum. Algumas manhãs antes, ao sair do Bar Castello, dera de frente com dom Luciano, que viera ao seu encontro com os braços abertos.

— Bom dia, carteira — dissera-lhe ele. — Esperava encontrá-la. Caso contrário, teria ido à sua procura na estação dos correios.

— À minha procura? E por que razão? — respondeu ela, arqueando uma

sobrançelha.

— Bem, para a bênção. Temos de combinar. A que horas devo ir? É esta quinta-feira, certo?

Anna olhou para ele, perplexa.

— Que bênção?

Dom Luciano rira-se.

— Como assim?! Para a sua Casa para Mulheres, não é?

— Nem eu nem a casa precisamos de qualquer bênção! — exclamara ela.

O pároco dera passinho atrás, desconcertado. Dois homens sentados a uma mesinha pouco distante levantaram os olhos das três cartas que tinham na mão.

— Qualquer atividade nova precisa da bênção de Nosso Senhor — dissera dom Luciano com segurança.

Anna fizera uma careta e depois subira para o selim.

— A minha, não, lamento — respondera ela, encolhendo os ombros. E fora-se embora, deixando-o sozinho.

Verificou novamente as horas: faltavam apenas alguns minutos para as cinco da tarde, hora a que as pessoas chegariam.

— O que me dizes fazermos um brinde, entretanto, só eu e tu? — propôs-lhe Antonio.

— Digo-te que é uma excelente ideia! — respondeu ela, batendo palmas.

Aproximaram-se da zona do beberete, e Antonio pegou numa garrafa de *Donna Anna* e começou a debater-se para tirar a rolha de cortiça. Entretanto, Anna pegou em dois copos e entregou-lhos, sorrindo. Ele encheu os dois e depois tirou-lhe um.

— À Casa para Mulheres — disse ele, erguendo o cálice para Anna.

Ela fez tilintar o seu copo no de Antonio e acrescentou:

— Um brinde a nós que conseguimos. *Santé!*

— *Santé!* — repetiu ele.

Os primeiros a chegar, às cinco em ponto, foram Roberto e Maria.

— Desculpa-nos, *maman*, queríamos ter vindo mais cedo para a ajudar, mas houve um contratempo na adega — disse Roberto, dando-lhe um beijo na face.

— A culpa foi minha — apressou-se Maria a desculpar-se. — Confundi uma encomenda.

E, logo a seguir, olhou em redor com a sua habitual expressão de espanto; parecia que cada coisa nova era, para ela, uma fonte de absoluto encanto.

Anna forçou um sorriso e pousou o copo na mesa.

— Anda, vem, eu mostro-te — convidou-a com um aceno de cabeça.

Pouco depois, chegaram Lorenza e Tommaso e, atrás deles, Agata, com a pequena Giada nos braços.

— E onde está a tia? — perguntou Lorenza.

— Lá em cima, com a Maria — respondeu Roberto. — Quem é que quer vinho? — perguntou ele.

— Eu, de bom grado — disse Tommaso.

— Mas sim. Uma gotinha para mim também — acrescentou Agata.
— Bem-vindos — saudou-os Anna, voltando a entrar na sala nesse instante. Maria estava atrás dela, com as mãos entrelaçadas, e dirigiu-se imediatamente para o lado de Roberto, que lhe envolveu a cintura com o braço.

*

Às cinco e quarenta e cinco, ainda não tinha chegado ninguém.

Giada, sonolenta, choramingava e esfregava os olhos com as mãozinhas fechadas.

— A *piccinna*³⁵ tem de dormir — disse Agata, embalando-a nos braços. — É melhor levá-la para casa, não é? — perguntou a Tommaso. — Também não estamos aqui a fazer grande coisa — acrescentou, acutilante.

— Sim, talvez seja melhor — respondeu ele, levantando-se da cadeira. — Lorenza, voltas connosco?

— Queres que eu fique aqui contigo, tia?

Embora a escuridão já tivesse caído, Anna olhava para a paisagem do lado de fora da janela e mantinha os braços cruzados em frente ao peito. Ela virou-se por um momento e disse-lhe:

— Não, *ma petite*, podes ir.

Antonio aproximou-se de Agata e sussurrou-lhe:

— Ainda vou ficar mais um bocadinho.

Mas a mulher não lhe respondeu.

Quando chegou a vez de Lorenza sair, Antonio olhou para ela, com um rosto severo.

— Adeus, pai — disse ela, sustendo o olhar dele.

— Adeus — despediu-se Antonio com frieza. Depois, fechou a porta e juntou-se a Anna.

— Eu disse-te que não viria ninguém — murmurou ela.

Ele olhou-a com um ar desconsolado e pousou-lhe uma mão nas costas.

— Tenho imensa pena... — disse ele. — Não percebo. Tem de haver uma explicação...

Anna endureceu o olhar.

— Sabes que mais? Não quero saber — retorquiu ela, resoluta. — Vou em frente na mesma. Tenho ar de quem se deixa desencorajar por este bando de saloios?

*

Na manhã seguinte, na estação dos correios, Elena não sabia como pedir desculpa.

— Eu queria ter ido, juro. Mas também tens de me compreender: com os pés

inchados como salsichas, como é que eu conseguiria lá chegar?

— Não faz mal — respondeu Anna, sem levantar os olhos da correspondência que estava sobre a mesa.

Até Carmine, assim que chegou à estação dos correios, se apressou a dizer-lhe que lamentava muito não poder ter estado presente... Mas fora convocado para uma reunião inesperada do sindicato, como conseguiria ir?

Todas as pessoas com quem Anna se cruzou, naquela manhã, pareciam prontas a dar-lhe uma desculpa. Servindo-lhe o café com *grappa*, Nando disse-lhe que teria tido muito gosto em ir à inauguração, que até tinha fechado o bar mais cedo de propósito, mas que depois a mulher tinha feito um pedido e obrigara-o a pôr o sótão em ordem.

— Quando ela decide que uma coisa tem de ser feita, é assim. Tem de ser feito *quando* ela diz, e *como* ela diz.

— Não te preocupes, Nando — retorquiu Anna. — Vais ter hipótese de ir, se quiseses.

Mas o que a afligia mais do que tudo era a ausência de Giovanna. Tinha esperado até ao fim vê-la chegar a Contrada, mas fora em vão. E, quando Anna regressara, à hora do jantar, e lhe perguntara candidamente «Como é que correu?», Anna respondera:

— Queres mesmo saber?

— Porque é que dizes isso? — perguntara Giovanna, espantada.

— E perguntas-me isso? Hoje eu precisava que estivesse lá, que estivesse lá *por mim*. Mas tu não estavas. E porquê? Por causa de *quem*? Durante quanto tempo mais te vais deixar vencer por aquele homem?

E fora para o quarto, batendo a porta.

Algumas horas depois, Anna estava na cama a ler à luz do candeeiro da mesinha de cabeceira.

Giovanna batera suavemente à sua porta.

— Posso? Tenho uma coisa para te dizer. — E entrara no quarto, cabisbaixa, mordendo o lábio. — Tens razão. Fiz mal, eu sei. Mas tens de compreender, não sou tão forte como tu...

— És, sim — interrompera-a Anna, sentando-se na cama.

A amiga abanara a cabeça.

— Não, não sou — repetira. E depois sentara-se na beira da cama, com as mãos cruzadas no colo. — A verdade é que ainda tenho medo — sussurrara ela.

— De quem? Daquele idiota?

— Não, não é dele. Tenho medo de mim. De como me poderei sentir, do que poderei sentir... Ainda não estou preparada, esse é que é o problema.

Anna soltara um suspiro desconsolado, depois olhara para ela com ternura.

— Estás, sim, só que ainda não te apercebeste disso.

— Talvez, não sei — respondera Giovanna. — Mas, enquanto eu estiver a tentar descobrir isso sozinha, não me censure...

— Não, tens razão — dissera Anna. — Desculpa-me a mim também. A sério.
— E estendera a mão sobre a colcha, à procura da de Giovanna. Ela estendera a sua e pousara-a sobre a de Anna, como se dissesse que tudo estava no lugar.

*

Como todos os anos, no início de dezembro, Daniele levou à sua avó Gina uma das primeiras garrafas da nova colheita de *Donna Anna*. A colheita de 1951 parecia ser uma das melhores de sempre, graças a um verão soalheiro mas não tórrido e a uma chuva propícia que arrefecera os dias mais quentes.

Bateu à porta.

— Avó, sou eu — gritou ele, sabendo que Gina estava a ouvir cada vez pior.

Mas quem lhe abriu a porta foi Carmela.

— Olha quem está aqui — saudou-o ela, envolta no seu vestido preto de viúva.

Daniele retesou-se.

— A avó não está cá?

— Claro que está. Para onde haveria de ir? — respondeu Carmela, abrindo a porta. — *Tràsi*.

Ele entrou na cozinha e inclinou-se para dar um beijo na face enrugada da avó.

— Aqui tens — disse ele, pousando a garrafa em cima da mesa.

— Oh, mas que bom — regozijou-se Gina. — Abre-a, por favor: quero prová-lo já.

Daniele sorriu-lhe e tirou o saca-rolhas da gaveta: apesar dos seus setenta e tal anos, a avó nunca perdera a vontade de beber um copo de vez em quando.

— Vou buscar os copos — disse Carmela. — Eu também vou provar.

Daniele enche os copos de ambas, depois convidou a avó a sentir o aroma.

— O que é que achas?

Gina inspirou fundo.

— Parece-me tão bom como sempre.

Carmela esvaziou o copo de uma só vez.

— Tem calma, minha filha — advertiu-a Gina. — O teu pai não te ensinou absolutamente nada? O vinho deve ser bebido devagar.

A filha fez estalar os lábios.

— É bom — disse ela e serviu-se de outro copo.

— É melhor ir-me embora — anunciou Daniele, acariciando os cabelos hirsutos da avó.

— Já vais? Ainda agora chegaste! — Carmela franziu o sobrolho. E bebeu mais.

— Sim — respondeu, ele sem olhar para ela. — Tenho de regressar à adega.

— E o que é que o Roberto está lá a fazer? — sibilou ela. — Tu trabalhas mais do que ele.

— Isso não é verdade — defendeu-o Daniele. — É só que, neste momento, tratamos de coisas diferentes. Ele ainda está a aprender, mas aprende depressa.

— Pode ser que assim seja. — Carmela torceu o nariz e bebeu o último gole de vinho que restava no copo. Depois estendeu a mão sobre a garrafa e fê-la girar para si. — *Donna Anna* — leu ela, arrastando um pouco as palavras. — Quero muito ver, agora que também és patrão, quando vais dedicar um vinho também à tua mãe. *Donna Carmela*. Soa bem, não te parece?

Daniele suspirou, impaciente, depois olhou para a avó e disse que tinha mesmo de ir.

— Não vais responder? — disse Carmela. — O quê? Não mereço também um vinho da Adega Greco?

O filho olhou-a com uma expressão severa.

— Não, eu diria que não.

— Vai lá andando, meu tesouro — disse-lhe Gina, tentando acalmar os ânimos.

— Ele não vai a lado nenhum se não me disser na cara, sem rodeios, aquilo que pensa.

— Deixa lá — disse Daniele com um aceno de cabeça e preparou-se para sair.

— Ah, vais-te embora? Vai, vai — disse ela, acenando com a mão. — Saíste mesmo ao teu paizinho. Aquilo que sabem fazer melhor é irem-se embora.

— Acompanho-te até à porta. — Com dificuldade, Gina tentou levantar-se. Mas estava demasiado agitada e não conseguiu mexer-se.

— Não, espera — interrompeu-a Daniele, sem tirar os olhos da mãe. — Não percebi essa. Quando, diz-me lá ao certo, é que o meu pai se foi embora? Não fez outra coisa que não fosse aturar-te a vida toda.

— Sim. A vida toda. Foi isso mesmo... — disse Carmela, com uma gargalhada sem alegria.

— Meu tesouro, é melhor ires — disse Gina com uma voz trémula, tomando uma das mãos do neto entre as suas.

Mas ele não se mexeu.

— Nada. Nem mesmo na morte o consegues deixar em paz. Não consegues mesmo... Sabes que mais? Querias saber o que eu realmente penso? Bem, eu digote.

Carmela olhou-o com ar de desafio.

— Sou toda ouvidos.

— Sabes porque é que eu nunca, mas nunca, irei dar o teu nome a um vinho? Porque não consigo sentir sequer um pingo de estima por mulheres como tu.

Ela semicerrou as pálpebras e avançou alguns passos.

— Mas por aquela Anna já sentes respeito, não é? — disse ela entre dentes.

— Sim, e depois? — respondeu Daniele.

Ela aproximou-se a um palmo do rosto dele e perscrutou-o.

— Sim — sibilou ela. — Foi exatamente o que eu disse. Igualzinho ao teu pai.

— Cala-te! — gritou-lhe Gina.
— Olha que me parece que finalmente vou falar! — exclamou Carmela.
Com um esforço sobre-humano, Gina atirou-se a ela e tentou puxá-la para trás.
— Cala-te, maldita sejas!
— Avó, acalma-te — disse Daniele, com um ar preocupado.
— Vocês, os Grecos, têm uma obsessão por aquela mulher, parece uma doença
— disse Carmela num só fôlego.
Daniele virou-se, olhando para a mãe com um ar desorientado. Gina recostou-se na cadeira e fechou os olhos, levando uma mão ao coração.
— O que é que estás a dizer? Não estou a perceber... — disse Daniele.
O silêncio instalou-se na sala.
Ele demorou alguns instantes a juntar as peças.
E depois, de repente, com um safanão, Daniele percebeu.

*

Todas as tardes, depois do trabalho, Anna ia para a Casa para Mulheres e passava lá horas, confiante e inamovível.

Na maior parte das vezes, Antonio ia fazer-lhe companhia.

— Não gosto que estejas aqui, sozinha — dizia ele.

— O que achas que me pode acontecer? — minimizava Anna.

— Não sei. Mas essa ideia não me deixa estar tranquilo.

Por isso, Antonio saía do lagar muito mais cedo do que o habitual e ia ter com ela. Para ficar o máximo de tempo possível, encontrava sempre algum trabalhinho para fazer: arrumar alguns livros novos na biblioteca, regar as hortas, arranjar uma prateleira que parecia um pouco instável. Ficava lá até escurecer e depois dizia a Anna:

— Está a ficar tarde. Vamos embora, eu acompanho-te.

E acompanhava-a a casa; ela pedalava à frente, e ele, atrás, iluminava o caminho com os faróis do carro.

No início da tarde de um dia em meados de dezembro, duas semanas após a inauguração, Anna ouviu bater e foi abrir a porta, convencida de que era Antonio. Em vez disso, deparou com uma mulher pequenina, com ar de quem não comia há algum tempo. Tinha sobrancelhas grossas e escuras e uma cabeça espessa de cabelo preto encaracolado, sulcado com madeixas acinzentadas. Ao ombro, trazia uma sacola puída e volumosa, que provavelmente continha todos os seus pertences.

— Disseram-me que aqui me podiam ajudar — disse a mulher.

Anna reparou que, num dos cantos da boca, ela tinha uma espécie de arquipélago de pequenas crostas.

— Claro, entra, senta-te. Vou fazer-te um café — murmurou ela, um pouco incrédula.

A mulher disse que se chamava Melina. E que «andava na vida», acrescentou

de repente, olhando para Anna como se quisesse apanhar um movimento, mesmo impercetível, de desdém.

Impassível, Anna preparou o café e pediu a Melina que falasse.

Então, ela contou-lhe que tinha perdido o marido na guerra e falou-lhe de todos os dias em que o seu estômago se revirava porque não tinha nada para pôr na boca.

— Se falta o homem, falta o pão — disse ela.

— É isso que eles querem fazer-nos acreditar — respondeu Anna.

— Não fui à escola. Nem sequer sei escrever o meu próprio nome — continuou Melina. — Não sei fazer nada. Só tenho isto — acrescentou, abrindo bem os braços. — E foi isto que me deu de comer. Até agora. — Depois recostou-se na cadeira. — Mas agora este corpo tornou-se oco, mole, e os *masculi* já não gostam dele. — Ela suspirou, inclinou-se para a frente. — Tenho de encontrar trabalho, e ninguém me quer dar emprego. Preciso que me ajude. Eu aprendo qualquer coisa. Sou puta, mas não sou estúpida.

Anna observou-a durante alguns instantes, depois esboçou um sorriso.

— Bem, diria que vieste ao sítio certo — disse ela, levantando-se.

— Mais uma coisa — continuou Melina, permanecendo sentada. — Tenho uma amiga... Um patife, não sei quem, meteu-a em sarilhos e agora ela está à espera de bebé. A mãe expulsou-a de casa, e ela não tem onde viver. Ela pode vir e ficar aqui, mesmo estando grávida?

*

Quando Antonio chegou, duas horas depois, Anna abriu-lhe a porta com um ar radiante.

— O que se passa? — perguntou-lhe ele, com um sorriso.

Anna tomou-lhe o rosto entre os dedos e deu-lhe um sonoro beijo na face.

— Mas o que é que se passa? — perguntou ele novamente, desta vez um pouco perturbado.

— Está lá dentro uma mulher — explicou. — E amanhã há de vir outra.

Antonio pegou na mão dela e olhou-a nos olhos.

— Eu sabia — disse ele. — Só era preciso esperar.

— Sim — respondeu Anna. — Obrigada por esperares comigo. — E apertou-lhe ainda mais a mão.

Nesse momento, Melina apareceu atrás de Anna.

— Olá — saudou ela.

— Olá — respondeu Antonio, embaraçado, fingindo que nunca a tinha visto antes.

— Aqui está ela — exclamou Anna. — Melina, este é o meu cunhado Antonio. Antonio, esta é a Melina. A primeira moradora da Casa para Mulheres.

— Prazer em conhecê-lo — disse a mulher, pondo a mão na anca.

— O prazer é todo meu — retorquiu Antonio.

Na manhã seguinte, antes de ir para a estação dos correios, Anna fez um desvio até ao grande viveiro que se encontrava nos arredores da aldeia.

Percorreu o barracão, olhando em redor para limoeiros, amendoeiras, romãzeiras e árvores de citrinos vários.

— Em que posso ajudar? — surpreendeu-se com a voz de um homem à sua direita. Era alto e corpulento e estava a limpar as mãos sujas de terra com um pano que parecia não ver água e sabão havia muito tempo.

— Gostava de encomendar uma árvore de Natal — respondeu ela. — A mais alta que tiverem.

35 Em dialeto salentino, «menina». (NT)

Fevereiro de 1952

O telefone tocou durante muito tempo antes de Anna o ir atender. Ainda não se tinha habituado àquele *trim trim* insistente e irritante, que lhe provocava sempre um susto de morte. Roberto dera-lho como presente de Natal: tirara de uma caixa aquela feia engenhoca preta de baquelite com o disco e o auscultador e, todo entusiasmado, perguntara-lhe:

— Gostas, *maman*? Também comprei um para a adega!

— Quem é? — disse Anna com brusquidão, levantando o auscultador.

Do outro lado da linha, ouviu o filho, que se ria.

— Roberto! Estás a rir-te de quê?

— Como é que ainda demoras tanto tempo a responder? — disse ele. — Além disso, não se diz «Quem é?», diz-se: «Estou, sim?».

— E quem é que inventou isso?

— Não sei, mas é assim que se faz.

— Bah, eu a dizer «Estou, sim?» sinto-me uma pateta.

— Como queiras, *maman* — respondeu Roberto, divertido. — O que estás a fazer?

— O que queres que faça? Ando a correr de um lado para o outro, como sempre: voltei do trabalho há pouco e ainda tenho de preparar o almoço. Às duas, esperam-me na casa para a aula.

— Pois bem. Foi por isso que te liguei. Não consigo ir a casa almoçar; vou comer qualquer coisa por aqui na adega. Por isso não precisas de ter trabalho. Vemo-nos logo à noite. Ah! A Maria janta connosco, lembras-te?

Anna registou a informação.

— Hum... hum — murmurou, desligando sem sequer dizer: «Até logo.»

— Quem era? — perguntou Giovanna, entrando na sala de estar. Em cima dos ombros, trazia o xaile que tinha feito e do qual nunca se separava.

— Quem é que podia ser? Uma das duas pessoas que têm o nosso número de telefone — brincou Anna. — Vamos fazer uma massa rápida? Tenho de sair daqui a menos de uma hora.

Giovanna anuiu com a cabeça, depois tentou abrir a boca, mas hesitou.

— Que foi? Ias dizer alguma coisa? — perguntou-lhe Anna.

A amiga aclarou a garganta e depois disse em voz baixa:

— Estava a pensar... e se eu fosse contigo hoje? A Contrada?

O rosto de Anna iluminou-se de alegria.

— Mas se eu me sentir... *esquisita*, ao vê-la, quero dizer, quero vir-me embora imediatamente — disse Giovanna.

— Sim, está bem — respondeu Anna. Depois repetiu, num sussurro: — Está bem.

*

Roberto desligou, sacudindo a cabeça; as conversas ao telefone com a mãe acabavam sempre da mesma maneira: do nada, ela decidia que estava na altura de desligar e simplesmente desligava.

— Vou voltar para a cave — disse, passando pela secretária de Maria, atulhada de papelada.

Ela, muito atarefada, murmurou um distraído: «Está bem.»

Então, Roberto desceu as escadas, entre os tonéis de madeira em que o *Don Carlo* continua a maturar. Passariam dezoito longos meses até que o vinho tinto da Adega Greco estivesse maduro para ser engarrafado: no final do mês, de facto, engarrafariam a colheita de 1950. Já faltava pouco, e, na adega, aqueles dias de meados de fevereiro eram particularmente intensos. Roberto chegava a trabalhar dezasseis horas por dia: entrava de madrugada e lá ficava até ao fim da tarde. Fazia-o também porque Daniele agora estava muito menos presente: às vezes, passavam-se dias inteiros sem que ele passasse pela adega e, quando lá estava, ficava no máximo uma hora.

Roberto não sabia dizer porquê, mas desde há algum tempo que Daniele lhe parecia diferente: como que perturbado ou talvez triste. Durante uma das suas raras aparições na Adega, tentara perguntar-lhe se tinha acontecido alguma coisa, mas a única resposta que obtivera fora um sorriso forçado e um: «Não te preocupes comigo, está tudo bem, a sério.» Roberto não acreditara nele, mas não quisera insistir. Muito embora, para dizer a verdade, tivesse uma ideia, ou seja, que o mal-estar de Daniele tinha alguma coisa que ver com a sua prima Lorenza. Começara a suspeitar disso quando, cerca de um mês antes, ao final de uma tarde de quarta-feira, a vira chegar à Adega. Seria talvez a segunda ou terceira vez que a prima lá punha os pés, pelo menos desde que ele também lá trabalhava.

— Prima, que bons ventos te trazem? — cumprimentara-a Roberto. — Deu-te vontade de beber um copo?

— Na verdade, até estou a precisar — murmurara ela, torcendo as mãos.

— Vem comigo — convidara-a ele. No breve trajeto desde a entrada até ao gabinete de Roberto, Lorenza olhara em redor constantemente, e algumas vezes até se sobressaltara, virando a cabeça quando ouvira passos vindos da cave ou a

entrarem pela porta. Foram precisos alguns minutos e um dedo do *Donna Anna Anniversario*, que Roberto mantinha na sua secretária, para que revelasse por que motivo ali estava.

— O Daniele não está cá, pois não?

— Vi-o de fugida esta manhã, mas já ficou muito tempo — respondera Roberto.

— E hoje não voltou?

— Não...

— Por acaso, ele disse-te se tinha planos para esta tarde?

Roberto fizera uma careta, como se dissesse que não fazia a mais pálida ideia.

— Estou a perceber — murmurou Lorenza. Levantou-se de um salto, despediu-se dele e saiu. — Obrigada pelo vinho — dissera finalmente, voltando-se para trás por um momento.

*

Anna seguia rápida como um relâmpago, e Giovanna tinha dificuldade em acompanhá-la, embora pedalasse o mais depressa que conseguia. A bicicleta fora a prenda de Natal de toda a família Greco. Quando Giovanna a vira, com uma fita vermelha no guiador e tudo, ficara profundamente embaraçada, pensando que, em comparação, os pequenos presentes de croché que tinha feito para cada um deles teriam parecido insignificantes.

Ofegante, virou para a estrada que ia dar a Contrada La Pietra. Anna finalmente abrandou e, quando estavam em frente ao portão, desmontaram as duas. Assim que Giovanna se encontrou de novo em frente à sua casa, não se sentiu nada *esquisita* como temera; antes pelo contrário, o seu coração aqueceu imediatamente. Pensou que, provavelmente, era assim que uma pessoa se sentia quando voltava a ver alguém que amara. Não sabia explicar porque é que, precisamente naquele dia, decidira regressar a Contrada, depois de todos os anos em que se mantivera ao largo e apesar do medo que ainda sentia. Talvez porque agora estava sempre sozinha, já que Anna, entre o trabalho e a Casa para Mulheres, quase nunca estava em casa. Ou talvez porque, como Anna dissera, estivesse realmente pronta mas não se tivesse apercebido disso.

Examinou, durante muito tempo, com um sorriso, a nova fachada do casebre, com a porta e as persianas pintadas de azul como o mar, e todos os vasos no peitoril de cada janela, cheios de flores de cores vivas. Depois, avançou lentamente para a porta de entrada, continuando a olhar em redor com um ar de admiração: como estava agora bem cuidado o jardim e como estavam bonitas as hortas, com todos aqueles legumes coloridos e sumarentos...

— Casa para Mulheres — leu Giovanna na porta de entrada. E voltou a sorrir.

Anna empurrou a porta, mas depois deteve-se.

— Como te sentes? — perguntou-lhe, um pouco ansiosa.

— Bem — respondeu Giovanna, com um ar tranquilo.

— A sério?

— Sim, sim — repetiu ela, convencida.

— Bem, então vamos entrar! — exclamou Anna.

O interior deixou Giovanna de boca aberta: pelos relatos pormenorizados de Anna, sabia que houvera muitas mudanças, que provavelmente teria dificuldade em reconhecer a sua antiga casa... no entanto, vê-la à sua frente foi uma enorme surpresa. Encontrou-se num lugar completamente novo e especial, simultaneamente uma casa, uma escola e um ateliê; um lugar acolhedor e cheio de luz, onde certas coisas feias pareciam nunca ter acontecido.

Anna agarrou-a pela mão e arrastou-a de divisão em divisão, bombardeando-a com muitos: «Então, o que é que achas?», «Gostas disto?», «E disto?». Depois, apresentou-lhe as quatro mulheres que viviam ali: a primeira era Melina, e Giovanna achava que já a tinha visto algures, embora não se lembrasse de onde nem de quando; depois, Elisa e Michela, duas irmãs de catorze e dezasseis anos, órfãs de mãe e com um pai que mal conheciam: até duas semanas antes, tinham estado ao serviço dos Tamburinis como empregadas domésticas, mas a senhora reparara nos olhares que lhes lançava o marido — o «respeitabilíssimo» senhor Tamburini — e despedira-as inesperadamente, deixando-as sem casa e sem emprego; a última, Elvira, tinha vinte e dois anos, grandes olhos azuis e estava grávida: devia dar à luz em maio, segundo os seus cálculos. Não era daquelas bandas, explicou. Fora nada e criada em Vernole. Quando ouviu o nome da aldeia em que dom Giulio era o pároco, Giovanna teve um sobressalto que não escapou nem à jovem nem a Anna.

— Conheces alguém de lá? — perguntou-lhe Elvira com curiosidade.

— Não, ninguém — respondeu Giovanna.

Com um sorriso, Anna convidou-as a sentarem-se na sala de aula: estava na altura de começar a lição. Giovanna foi sentar-se na última carteira ao fundo, apoiou a face na palma da mão e ficou a ouvir Anna, que explicava e escrevia no quadro, enquanto as quatro mulheres, e sobretudo as duas irmãs, que pareciam ser as mais atentas, tomavam notas num caderno. Nesse dia, Anna falou dos modos verbais, explicando que podiam ser finitos ou infinitos e que, para cada um deles, havia tempos simples e tempos compostos. Giovanna ficou espantada por se lembrar perfeitamente dessa explicação: era a mesma que Anna lhe dera, muitos anos antes, na mesma divisão em que ela estava agora, quando ela e a amiga tinham lido *Orgulho e Preconceito* juntas.

No final da aula, enquanto Anna estava a dizer os trabalhos de casa para o dia seguinte, chegou uma senhora com mãos enrugadas que cheirava a alfazema. Estava ali para ensiná-las a tricotar colchas, disse Anna a Giovanna, acrescentando:

— É uma arte antiga e preciosa, sabes?

— Sim, a minha avó também as fazia, para as vender... Eram todas coloridas, lindíssimas. Eu teria gostado de aprender, mas ela nunca teve tempo nem vontade

de me ensinar. «Sai daqui, filha, e não me chateies», dizia-me ela...

Entretanto, Melina e Elvira estavam já sentadas em frente da senhora, que se chamava Pina, e tiravam os novelos de lã e as agulhas de tricô de um cesto com o seu trabalho já iniciado.

Giovanna puxou lentamente uma cadeira e sentou-se ao lado delas.

— Escolhe as três cores de que mais gostas — disse-lhe Melina, apontando para o cesto cheio de novelos.

Giovanna baixou-se e remexeu no cesto: escolheu um novelo de um bonito amarelo vivo, um turquesa e o último, cor de laranja.

— Aqui estão as tuas agulhas — disse a senhora Pina, entregando-lhas com um pequeno sorriso.

— Obrigada — disse Giovanna, feliz como uma criança.

— Agora vou mostrar-vos como se fazem os pontos... — continuou Pina.

As duas irmãs, que não se interessavam nada pelas colchas, estavam antes a espreitar curiosamente os romances da biblioteca. Ao lado delas, Anna guiava-as na sua escolha.

— Este talvez seja melhor para mais tarde — disse ela, tirando um exemplar de *Crime e Castigo* da mão de Elisa. Giovanna olhou para elas por um momento. Lembrava-se daquele livro: era o exemplar que Antonio dera a Anna, aquele com a dedicatória que dizia que até os culpados mereciam compaixão.

— Toma, leva antes este — disse Anna, entregando a Elisa outro volume. Giovanna reconheceu-o imediatamente: era precisamente *Orgulho e Preconceito*. *Quem sabe se também aquela menina, como eu há tantos anos, ao lê-lo, desejará sempre ser Elisabeth*, pensou com um sorriso.

Anna e Giovanna só se foram embora ao fim da tarde, quando as quatro inquilinas da casa iam fazer o jantar: as duas irmãs começaram a pôr a mesa, enquanto Melina trazia para dentro uma cebola e um molho de espinafres que fora apanhar na horta e Elvira cortava o pão.

— Até amanhã — despediu-se Anna. — Ah, Elvira — disse ela, virando-se. — Amanhã, depois da lição, podemos ir dar uma vista de olhos ao enxoval para o bebé.

Elvira anuiu com a cabeça.

— Juro que, se nasce menina, vou chamar-lhe Anna como tu — acrescentou.

— Reza para que nasça rapaz, ouve o que te digo — interveio Melina, lavando os espinafres.

Enquanto voltavam para as bicicletas, Giovanna perguntou à amiga se também haveria uma lição de colchas no dia seguinte.

— Não, a Pina volta na sexta-feira — respondeu Anna. — Amanhã virá pela primeira vez um amigo do Carmine, um artesão do papel prensado.

Giovanna virou-se e ficou a olhar para a casa durante alguns instantes, pensando que fora muito agradável passar ali a tarde. Mal podia esperar por sexta-feira.

A mesa de trabalho do ateliê da rua Santa Maria del Paradiso estava agora vazia; as ferramentas de costura, os cadernos de capa preta, os retalhos de tecido, as almofadinhas de alfinetes, as fitas-métricas, a régua de madeira, a tesoura, o giz e os dedais estavam agora empilhados numa caixa de cartão. Ao lado, também no chão, estavam a *Singer*, o ferro de engomar, os rolos de tecido e um busto de madeira sem cabeça nem braços.

Daniele deu uma última olhadela, para se certificar de que não se esquecera de nada; depois, abriu a porta e começou a carregar as coisas para a caixa aberta da carrinha *Ape* que pedira emprestada ao dono do bar junto à catedral, uma das poucas pessoas que dispunha de uma viatura daquelas.

— Devolvo-ta amanhã de manhã — garantira-lhe Daniele.

Ele respondera-lhe que não havia problema, que a devolvesse quando quisesse.

— Então, agora já não te vamos ver mais por aqui? — perguntara-lhe então.

— Que pena.

Daniele cobriu tudo com um pano branco grosso, que depois fixou com uma corda. Voltou a entrar em casa, tirou a chave do bolso das calças e deixou-a em cima da mesa: o rapaz que lhe tinha arrendado a casa viria buscá-la mais tarde. Fora o que ficara combinado.

Dirigiu-se à porta e fechou-a atrás de si, evitando voltar-se uma última vez.

Deixar o ateliê fora só o primeiro passo: ainda tinha de falar com Roberto e resolver as coisas na adega, mas, acima de tudo, tinha de contar a Lorenza, e sabia perfeitamente que seria difícil. A decisão de partir amadurecera lentamente, ao longo das últimas semanas, e ele convencera-se de que era a única opção possível. Ficar e fingir que nada tinha acontecido era uma possibilidade que ele nem sequer tinha considerado: conhecia-se a si mesmo e sabia que nunca seria capaz de olhar Roberto nos olhos todos os dias sem lhe dizer a verdade. Nem poderia continuar a encontrar-se com Lorenza como fizera até aquele momento. Desde o maldito dia na cozinha da avó, em que a mãe revelara quem ele era realmente, daquela forma tão cobarde, Daniele mergulhara numa tristeza abismal. Fechara-se em casa e não quisera voltar a ver ninguém. Passara o Natal sozinho, no seu pequeno apartamento, com o estômago apertado e o desejo de desaparecer. Carmela tentara fazê-lo sair mais de uma vez: fora bater-lhe à porta, pedindo-lhe que a perdoasse; em lágrimas, suplicara-lhe que abrisse, que falasse com ela. Tinha de lhe explicar como as coisas se tinham realmente passado. Mas Daniele nunca lhe abrira a porta.

— A tua avó vai morrer de desgosto se não falares com ela — dissera-lhe a certa altura.

Daniele continuara a ignorá-la. Só uma vez se aproximara dela e falara com ela, mas do outro lado da porta.

— Quem mais sabia? — perguntara-lhe.

— Mas o que é que isso importa? — Carmela respondera com voz trémula. —

Abre, meu filho, por favor.

— Não. Responde à minha pergunta.

Ouvira a mãe suspirar e esperara num silêncio obstinado até ela lhe responder.

Descobrira, então, que ambos os avós sabiam e que Carlo também sabia, mas não desde o início: acontecera pouco antes de Daniele começar a trabalhar como operário agrícola na Herdade Greco. Fora uma ideia do avô mandá-lo para lá trabalhar e fora também ele a «resolver as coisas» quando ela engravidara.

— O meu pai concordou contigo? — perguntara ele.

Carmela jurara-lhe que não: Nicola nunca chegara a saber, nem sequer suspeitara, disso ela tinha a certeza.

— Deviam ter vergonha, todos vocês — foram as suas últimas palavras para a mãe.

Era o primeiro dia de 1952, e, do céu, caíra granizo.

Daniele passara os dias seguintes deitado na cama a pensar obsessivamente em Carlo e na relação que tivera com ele. Tentara reconstituir todos os momentos que haviam passado juntos, os seus olhares, aquele seu hábito de o abraçar sem motivo, a forma como dizia «meu rapaz», a altura em que lhe dissera que o ia mandar para Nova Iorque e o momento em que o voltara a ver, em Nápoles, acabado de sair do navio, a última vez que lhe falara antes de morrer, a descoberta da parte da herança que lhe quisera deixar... Agora, tudo era claro para ele. Convinceu-se então de que Antonio também sabia de tudo: era por isso que havia sempre algo de estranho na forma como se comportava com ele. Ele tinha medo, era só isso. E depois pensara em Roberto, e uma lágrima silenciosa escorrera-lhe pela face. *Tenho um irmão*, repetira a si próprio. *Um irmão! Sangue do meu sangue!* Quantas vezes, em criança, pedira a Carmela que lhe «fizesse um irmãozinho» para não estar sempre a brincar sozinho? «Todos os meus amigos têm irmãos e irmãs, porque é que eu não tenho?», lamentava-se. «Aprende a contares só contigo próprio», dizia-lhe sempre a mãe. E agora tinha um irmão a sério... e todos os adultos em quem confiara ao longo da vida tinham-no escondido. Sentira raiva de todos eles: dos avós e da mãe, que, como titereiros, haviam manobrado toda a sua existência e também a de Nicola, aproveitando-se do seu bom coração; e de Carlo, porque não tivera a coragem, nem sequer no último momento, de quebrar o ciclo das mentiras.

E depois havia Lorenza, a sua Lorenza. *A minha prima*, disse a si próprio, abanando a cabeça, como se ainda mal conseguisse acreditar. Lembrava-se do afeto fulminante que sentira por ela quando conversaram pela primeira vez, havia tantos anos. Gostara dela desde o início, assim, instintivamente. E depois aquele afeto transformara-se em amor... Talvez a tivesse amado desde o primeiro instante, e só agora se tivesse apercebido disso.

E agora?, perguntou a si próprio. *O que vai acontecer entre nós?*

Confessar-lhe a verdade seria impossível: conhecia Lorenza demasiado bem, a sua impulsividade, a sua natureza inquieta, e sabia que ela iria direitinha a Anna, e depois a Roberto, destruindo as suas vidas, fazendo desabar todas as certezas em

que haviam tido até então. Não, disse a si mesmo, ele nunca, jamais permitiria tal coisa. Anna e Roberto não mereciam isso. *O seu irmão* não merecia isso.

Nas semanas que se seguiram, não conseguira tocar-lhe. A primeira vez que voltou a vê-la e que ela se aproximou para o beijar, Daniele afastara-se quase de um salto.

— O que se passa contigo? — perguntara-lhe ela.

— Desculpa, Lorenza. Não me estou a sentir bem hoje...

Como poderia fazer amor com ela, agora que sabia?

Assim, pouco a pouco, começara a recusar-se, a deixar de estar no ateliê às quartas-feiras à tarde, a fazer desaparecer o próprio rasto. Fora penoso, de partir o coração. Sabia que a estava a fazer sofrer e sentia-se terrivelmente culpado por isso. Mas não conseguia estar com ela. Já não conseguia. Fora por isso que partir parecera a única solução possível. Tinha sido doloroso, e continuaria a sê-lo durante muito tempo, mas sentia que só fazendo essa escolha conseguiria salvar a vida de todos. E era isso que importava.

Lá longe, em Nova Iorque, recomeçaria do zero. Com os seus desenhos.

Quando chegou a casa, estacionou a *Ape* junto ao passeio e saiu. *É melhor descarregar tudo antes que fique escuro*, disse a si próprio, começando a desatar os nós da corda.

— Finalmente! — ouviu a voz de Lorenza atrás de si.

Ele virou-se.

— Há quanto tempo estás aqui?

— Procurei-te por todo o lado...

— Tenho andado ocupado, desculpa.

— Vais dizer-me o que se passa? Se não me queres ver mais, diz e pronto. Mas não me trates assim. Não faças isso.

— Desculpa — repetiu Daniele. — É que...

— O que é que tens aí? — interrompeu-o, apontando para a caixa da carrinha. Sem esperar por uma resposta, aproximou-se da *Ape* e, com um movimento rápido, afastou o pano.

Assim que viu todo o ateliê ali amontoado, Lorenza começou a metralhar Daniele com perguntas, que rapidamente se transformaram em recriminações e, por fim, em acusações.

— Então, estás a fugir? E quando tencionavas contar-me? Fizeste tudo nas minhas costas. Tens outra? Tens, não tens? Claro que tens outra pessoa. Covarde, é o que és. Não tiveste coragem de me dizer, pois não? Deixaste-me descobrir sozinha. Quem é? Estás-me a dar com os pés agora que já não precisas de mim?

Daniele deixou-a falar, mas, a certa altura, perdeu a paciência.

— Chega! Não há outra! Para com isso!

E, exausto, passou uma mão pelo cabelo.

Lorenza calou-se de repente. Era a primeira vez que Daniele gritava com ela.

— Desculpa, desculpa ter levantado a voz — murmurou logo a seguir. —

Vem, por favor. Temos de falar.

Lorenza entrou em casa de Daniele, e ele seguiu-a, pensando: *É a última vez que a vejo, a última vez que falo com ela. Mas não tenho outra opção.*

Ela sentou-se no sofá e cruzou os braços em frente ao peito.

— Sou toda ouvidos — sibilou.

Daniele afastou uma cadeira da mesa e posicionou-a à frente dela. Sentou-se, inclinou-se para a frente e olhou-a diretamente nos olhos.

— Tomei uma decisão — disse ele. — Pensei nela durante muito tempo...

— Vais deixar-me? — interrompeu-o ela.

— *Tens* de me deixar falar. — Ele respirou fundo e depois continuou: — A minha e a tua vida são um desastre. Estás a destruir a tua família, a Giada está a crescer com uma mãe que está sempre infeliz e zangada, e eu... Bem, se continuarmos assim, nunca terei uma família minha. Quero... parar por aqui.

— Não podes, não te vou deixar — explodiu Lorenza. — A solução existe, e tu sabes...

— Lorenza — interrompeu-a ele. — Vou-me embora.

— O que queres dizer com isso? Vais-te embora? O que estás a dizer?

— Vou voltar para Nova Iorque. Parto daqui a uma semana. É o melhor para todos — disse ele, e a sua voz ficou embargada.

Lorenza pôs-se subitamente de pé, furiosa.

— Não podes.

— Não é uma coisa que possas ser tu a decidir.

— Não! — gritou ela. — Não se fala mais nisso. Vou contigo.

— Tu não vais a lado nenhum. Vais ficar aqui. Com a tua família. Com a tua filha.

— Eu vou para onde tu fores! Não vais para Nova Iorque sem mim.

Daniele pôs-se de pé e deu alguns passos nervosos pela sala, depois parou e decidiu dizer-lhe a única coisa que a poderia impedir. Era uma mentira, outra mentira, mais uma. Mas era necessária.

— Eu já não te amo — disse ele, olhando-a nos olhos.

— Isso não é verdade... — respondeu ela imediatamente, com a voz a tremer.

— Já não te amo — repetiu ele.

E sentiu o seu coração partir-se aos pedacinhos.

*

— Ela é esperta, aprende depressa — dizia Anna.

— Não sei — respondeu Antonio. — Como é que ela vai aprender tudo em tão pouco tempo? Vou precisar dela em menos de um mês, não de um ano.

— Ela vai conseguir. Eu sei que vai. Confia em mim.

A secretária de Antonio, Agnese, estava prestes a reformar-se, e Anna propusera-lhe contratar Michela para o seu lugar. Tinha apenas dezasseis anos, era

verdade, mas observara-a bem durante aquelas semanas e notara nela uma inteligência viva e uma perspicácia invulgar para uma rapariga daquela idade. Esmerava-se sempre durante as aulas e, no final, dizia sempre a Anna que queria fazer «mais alguma coisa». Por isso, atribuía-lhe mais alguns exercícios e sugeria-lhe que lesse os livros mais difíceis.

— Não duvido que ela seja tão esperta como dizes, mas ser capaz, num mês, de aprender o que a Agnese faz há quase vinte anos... bem, não acho realista — disse Antonio. — Preciso de uma secretária experiente.

— Ela vai tornar-se experiente — respondeu Anna com convicção. — Põe-na ao lado da Agnese imediatamente, amanhã já. Ela depois diz-te se a miúda aprendeu e quanto aprendeu.

Enquanto pensava nisso, Antonio fez oscilar a poltrona para a esquerda e para a direita. Depois, parou.

— Muito bem. Vamos experimentar — concordou finalmente.

Anna bateu palmas duas vezes, feliz.

— Mas fica sabendo que me ficas a dever um favor — continuou ele, agitando um dedo.

— Ofereço-te um bilhete de cinema para esta noite — respondeu Anna prontamente.

— Está a convidar-me para ir ao cinema, *madame*?

— Parvo! — exclamou ela, rindo-se. — Mas, sim, estou.

— O que é que estás em cartaz?

— *Umberto D.* É do De Sica. Esta manhã, quando passei por lá, estavam a substituir o cartaz.

— Então, estás combinado — disse Antonio.

Nesse momento, ouviram um estalido de saltos no corredor. O estalido foi-se aproximando cada vez mais até que, de repente, cessou, e a porta do gabinete de Antonio foi aberta de forma impetuosa.

— Lorenza! — exclamou ele, espantado.

— Olá, *ma petite* — cumprimentou-a Anna. Mas depressa se apercebeu de que a rapariga estava manifestamente fora de si, e o seu sorriso desvaneceu-se instantaneamente.

— Foste tu, não foste? — gritou Lorenza, encaminhando-se para o pai.

— O que é que eu fiz? — perguntou Antonio, com um ar desconcertado.

— O que é que lhe disseste? Ameaçaste-o?

— Lorenza, acalma-te — Anna tentou detê-la, aproximando-se.

— De quem estás a falar? — perguntou Antonio.

— Tu sabes muito bem! Não finjas comigo, nem tentes!

— Não me irrites, Lorenza — disse ele, levantando-se. — Não te permito que fales comigo nesse tom.

— Tens de te acalmar, *ma petite* — interveio Anna, pondo-lhe uma mão no braço. — O teu pai não faz ideia daquilo de que estás a falar... Podes explicar-lhe,

por favor?

Lorenza olhou primeiro para um e depois para o outro. Depois, começou a chorar.

— Ele vai-se embora — murmurou Lorenza, olhando para Anna. — O Daniele vai-se embora. Vai voltar para Nova Iorque.

— Eu não sei nada sobre isso! — disse Antonio imediatamente. — Juro-te, Lorenza.

Ela fitou-o por um instante com os olhos húmidos, depois cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar violentamente.

— Tia... — murmurou finalmente e atirou-se para os braços de Anna.

— Pronto, pronto... — disse ela, afagando-lhe a cabeça. Depois, desviou o olhar para Antonio, que permanecera imóvel, em pé, atrás da secretária.

Mas ele baixou os olhos.

*

— Não, não é isso. É que eu teria preferido ouvir isso de ti, em vez de ouvir da minha mãe. Fiquei um pouco magoado, é só — disse Roberto, enquanto seguia com os olhos o primeiro bloco de garrafas de *Don Carlo* que fora levado para a secção de rotulagem.

Daniele hesitou.

— Tens razão — murmurou. — Devia ter vindo ter contigo antes de toda a gente. Devia ter adivinhado que a Anna te teria contado logo... Peço desculpa.

— Tenham calma — disse Roberto aos dois homens que arrastavam desajeitadamente o estrado com as garrafas. Depois voltou-se para Daniele. — Tudo bem, vá lá, esquece — disse ele, fazendo uma pequena careta.

— Vamos a pé até à vinha, pode ser? — propôs-lhe Daniele.

Dirigiram-se para a saída da adega, inicialmente sem falarem. Daniele mantinha as mãos nos bolsos, e Roberto ia cabisbaixo, mas, de vez em quando, levantava a cabeça e olhava em redor. Naquela manhã de fim de fevereiro, soprava uma forte nortada, e as copas das árvores ao longo da estrada que conduzia à herdade balançavam incessantemente.

— É por causa da minha prima que te vais embora? — perguntou-lhe Roberto, quebrando o silêncio.

— Também, mas não é a única razão. Preciso de mudar de ares. Além disso, eu sabia de antemão que não queria fazer isto toda a vida. Fi-lo pelo Carlo... e por ti — disse com um aperto no coração.

— Já tinha percebido. Sobre ti e a Lorenza, quero dizer. Porque é que fingiste que não se passava nada quando perguntei?

— Não sei — respondeu Daniele. — Para a proteger, talvez.

— Não confiaste em mim. — Havia uma grande amargura na voz de Roberto. Daniele parou.

— Não, não é nada disso. Tens de acreditar em mim. É que... Não sabia como irias reagir.

— Como haveria de ter reagido? Tu és meu amigo...

Daniele sentiu um nó no estômago.

— ...e podes sempre falar comigo, sobre qualquer coisa. Não te teria julgado... nunca julgo ninguém...

— Sim, isso é verdade — comentou Daniele, com um pequeno sorriso.

Retomaram a caminhada.

— Mas vou sentir a tua falta — continuou Roberto.

Daniele pôs-lhe o braço em cima do ombro.

— Também vou sentir a tua. E muito.

— Mas quando é que voltas?

— Não sei. Talvez para provar o próximo *Don Carlo*.

— Hum... — murmurou Roberto, como se tivesse percebido que aquilo não passava de uma mentira. — Quanto a mim, nunca mais voltas. E como é que eu faço sem ti...

— É claro que vou voltar. E tu tens gerido a adega praticamente sozinho nos últimos dois meses, portanto...

— E se eu precisar de te pedir um conselho?

— Telefonas-me. Para que é que compraste um telefone? — comentou, sorrindo.

— Hum... — murmurou de novo Roberto, de cabeça baixa. Depois olhou-o fixamente: — Mas tens a certeza de que serás feliz lá?

Daniele não respondeu de imediato. Depois, encolheu os ombros.

— Não sei. Mas prometo que vou tentar.

— E vê se, desta vez, consegues — respondeu Roberto, com um ar de reprovação fingida.

Chegaram finalmente à herdade, onde a vinha estava silenciosa, despojada de folhas e de cor.

A inscrição a branco HERDADE GRECO no letreiro de madeira estava agora cinzenta e perdera o brilho de tantos anos antes, quando Daniele pusera os pés naquele lugar pela primeira vez. Por um momento, reviu-se em rapazinho, precisamente naquele local, com o boné na cabeça e os suspensórios a sustermem umas calças do número acima, a erguer os olhos da vinha e a observar o *Fiat 508* parado ao lado da tabuleta. «Bom dia, senhor Carlo», cumprimentava-o sempre, tirando o boné.

Daniele aproximou-se do letreiro e tocou ao de leve nas letras, uma a uma.

— Devíamos voltar a pintá-lo — disse ao irmão.

Abril-maio de 1952

Quando Antonio desceu à cozinha para tomar o pequeno-almoço, encontrou Agata toda atarefada e com o rosto enfarinhado. Devia ter acordado muito cedo, pois o bolo já estava a cozer no forno.

— Que cheirinho — disse ele, inclinando-se para espreitar. — Há muito tempo que não fazias o teu bolo de chocolate.

— Foi o que a Giada quis e foi isso que lhe fiz — respondeu Agata com um sorriso.

Antonio serviu-se do café da cafeteira já pronta que estava em cima da mesa e sentou-se.

— Queres acabar com a massa antes de eu lavar a tigela? — perguntou-lhe Agata.

— Ainda perguntas? Dá cá — respondeu ele. Então, com um dedo, apanhou um resto de creme de cacau e levou-o à boca.

— Hum, fantástico — disse ele, deliciado.

— Menos mal, vá lá — comentou Agata, satisfeita.

Antonio bebeu um gole de café morno. Agata devia tê-lo feito pelo menos uma hora antes.

— A Lorenza, quando era pequenina, também queria sempre bolo de chocolate para o seu aniversário — sorriu Antonio.

Agata respondeu com uma careta, depois pegou na tigela e depositou-a no lava-louça, em cima de uma pilha de outros pratos sujos.

— Esperemos que tenha acordado bem esta manhã e não estrague a festa à *piccinna* — suspirou.

— Sim, esperemos — murmurou Antonio.

Desde que Daniele partira, no início de março, Lorenza andava numa pilha de nervos, com o rosto encovado e os braços descarnados. «Não tenho fome», dizia ela, afastando o prato, sempre que jantavam juntos.

Agora só se dirigia a Tommaso quando era necessário e num tom que parecia um rosnado. Uma vez, explodira apenas porque ele se esquecera de levar o azeite para a mesa, e Antonio fora obrigado a intervir. «Lorenza! Estás a exagerar!»,

dissera-lhe ele. Então, ela levantara-se apressadamente da mesa e trancara-se no quarto, fazendo a porta bater com um forte estrondo. Agata estava prestes a ir atrás dela, mas Tommaso impedira-a. «Deixe estar. Pelo menos, vamos comer sossegados.» Naquela frase, Antonio lera todo o cansaço de Tommaso: talvez tivesse esgotado a paciência... ou talvez já não se importasse com o que Lorenza fazia ou deixava de fazer.

Antonio tentara muitas vezes falar com a filha: tinha-lhe proposto que fossem passear a sós, convidara-a para jantar fora, para ir ao cinema... fora ter com ela à estação dos correios, mas ela rejeitara-o sempre, fechando-se num silêncio quase absoluto e hostil. «Estás todo contente por ele se ter ido embora, só estavas à espera disso», dissera-lhe ela um dia. Antonio baixara o olhar, incapaz de o negar. Como podia? Assim que Daniele se fora embora, soltara um enorme suspiro de alívio e dissera a si próprio que talvez, finalmente, a filha o esquecesse e, com o tempo, encontrasse a paz com o marido, com a filha...

A festa de aniversário de Giada começou à tarde em casa dos avós. O bolo de chocolate, coberto com açúcar em pó, estava exposto na mesa da sala de estar; de um lado estavam empilhados os pratos de sobremesa do serviço bom e, de outro, as colheres de prata com cabos trabalhados, aquelas que Agata só punha a uso nas ocasiões especiais.

A menina chegou nos braços do pai. Trazia um vestido cor-de-rosa com uma saia de organza e um laço de cetim branco no cabelo com um corte à tigela.

— Quem faz anos hoje? — perguntou Agata, pegando-lhe nas mãozinhas.

— A Giada! — respondeu a menina, toda alegre.

— E quantos anos fazes? Diz à avó.

— É mesmo preciso este teatro todo? — murmurou Lorenza, tirando o sobretudo.

— Mostra à avó a idade que tens — disse Tommaso, pondo a menina no chão. Giada levantou três dedos.

— Muito bem! — aplaudiu Agata e depois abraçou-a.

— Viste que a avó te fez bolo de chocolate? — disse Antonio, acariciando-lhe a cabeça.

Poucos minutos depois, Roberto e Maria também se juntaram à festa. Ela entrou trazendo nas mãos uma caixa fechada com um grande laço vermelho.

— Oooh! De quem é este presente? — perguntara Agata à criança.

Sentada no sofá, longe de todos, Lorenza abanou a cabeça e bufou, como que a dizer que estava farta das perguntas parvas da mãe.

Ajudada por Maria, a menina começou a desembulhar o presente.

Antonio virou-se para Lorenza por um momento e, com um aceno de cabeça severo, pediu-lhe para se juntar a eles.

— Uma boneca! — exclamou Giada, arregalando os olhos perante uma boneca de porcelana com cabelo louro e a boca pintada de vermelho, que trazia um vestido de camponesa aos quadradinhos azuis e brancos.

Lorenza aproximou-se precisamente nesse momento, esticando o pescoço para dar uma olhadela, e depois voltou a sentar-se no sofá.

— Tia, aquele bolo parece delicioso — disse Roberto.

— Se a tua mãe se despachar a chegar, ainda o conseguimos comer — retorquiu Agata.

— Ela disse que estava um bocadinho atrasada... Está a dar uma lição na casa — interveio Antonio. — Mas de certeza que deve estar a aparecer.

— Esperemos que sim — disse Agata, com uma expressão desapontada.

Anna chegou cerca de dez minutos depois, pedindo desculpa pelo atraso.

— E a Giovanna? — perguntou-lhe Antonio, fechando a porta.

— Ficou lá... Hoje era o dia do seu adorado curso das colchas — respondeu Anna, sorrindo. — Mas deixa-me dar os parabéns à criança mais bonita do mundo! — exclamou, estendendo os braços para Giada, que correu para ela. — Tenho aqui um presente — disse finalmente, tirando um pequeno embrulho do bolso das calças.

Era um pingente redondo em ouro com o G de Giada gravado.

— Mande-o fazer especialmente para ti — disse ela.

— Muito obrigado, Anna — disse Tommaso, um pouco embaraçado. — É demasiado.

— Agora vamos cortar o bolo! — chamou Agata, batendo palmas.

Antonio afundou três velas na massa folhada macia e acendeu-as. Cantaram todos «*Parabéns a você...*», e Giada ia soprar, mas Maria deteve-a.

— Espera, tens de pedir um desejo.

— Mas dentro de ti, se não, não se vai realizar — acrescentou Roberto.

A menina pensou nisso durante alguns instantes, depois os seus olhos pousaram em Lorenza, que estava à sua frente, do outro lado da mesa, e ficaram parados nela.

— Já sei qual é o desejo — disse ela, voltando a olhar para Maria. E soprou, no meio do entusiasmo geral.

Anna pegou em duas fatias de bolo e aproximou-se de Lorenza, que voltara a sentar-se no sofá.

— Aqui tens, *ma petite* — disse ela, entregando-lhe o pratinho.

— Não, tia. Não me apetece.

— Olha que está ótimo — insistiu Anna, sentando-se ao lado dela e dando uma dentada.

Lorenza abanou a cabeça.

— Sinto-me enjoada só de olhar para ele.

— Estava a pensar — disse Anna, continuando a mastigar —, porque é que não vens dar-me uma ajuda lá em casa à tarde? Chegou mais outra rapariga, a Giulia. É da tua idade, sabes?

Lorenza anuiu com a cabeça, mas com o ar de alguém que, no final, não queria saber.

— Então? — insistiu Anna, pousando o pratinho vazio. — Vens?

— Mas para fazer o quê, tia?

— Para me ajudares. Acho que te faria bem.

— Sim, claro... — respondeu Lorenza com um sorrisinho irónico. E depois começou a coçar-se por cima da manga da blusa. Mas, como o tecido não lhe permitia aliviar a comichão, puxou a manga para cima, pondo o braço a descoberto.

Anna não pôde deixar de reparar na cicatriz do que parecia ser uma ferida feita com uma faca.

— Mas o que é que fizeste aí?

— Nada — apressou-se Lorenza a responder, puxando imediatamente a manga para baixo. — Distraí-me na cozinha. Acontece — concluiu, encolhendo os ombros.

*

Anna só voltou a pensar naquele corte alguns dias mais tarde. Era um dia calmo na estação dos correios, de tal forma que às onze e meia já terminara a sua ronda de entregas e regressara. Por isso, aproveitou para fazer uma coisa em que já andava a pensar havia algum tempo: arranjar uma caderneta de poupança postal em nome da Casa para Mulheres, na qual depositaria uma quantia todos os meses e que as suas inquilinas poderiam utilizar livremente para comprar comida, roupa, sabão, detergentes e tudo o resto. Sem que elas tivessem de lhe pedir o dinheiro sempre que precisassem.

— Mas tens a certeza? — murmurou Tommaso. — Não seria melhor um fundo de maneio gerido por ti, para poderes controlar as entradas e as saídas?

— Elas não são criancinhas, e eu não sou mãe delas — retorquiu, arqueando uma sobancelha. — Elas não precisam de ser controladas. Precisam de confiança. E de se sentirem responsáveis pelas suas próprias vidas.

— E se a pessoa que tem a procuração para a caderneta, digamos, se armar em esperta? Levanta o dinheiro todo e, *puf*, desaparece sabe-se lá para onde?

— Nenhuma delas alguma vez faria uma coisa dessas.

— E como podes ter a certeza?

— Simplesmente sei e pronto.

— Como queiras — rendeu-se Tommaso. — Só queria pedir-te para teres cuidado. Mas o dinheiro é teu, portanto...

— E eu agradeço-te — disse Anna. — Mas sei o que estou a fazer.

— Andam por aí a dizer certas coisas... — interrompeu-os Elena, espreitando para fora da sala das traseiras.

— Ou seja? — perguntou Anna, virando-se.

— Aquela tal Melina... ela está lá, não está?

— Sim. E depois?

— Mas sabes o que é que ela faz?

— O que ela *fazia*, quando muito — respondeu Anna, ressentida. — De qualquer modo, sim, sei. E depois?

— Depois, é normal que as pessoas falem. Diz-se que se transformou numa casa para mulheres de má fama...

— Quem é que diz isso? — perguntou Anna, irritada.

— Dom Luciano, por exemplo. Mas não é só ele — respondeu Elena.

— Dom Luciano... — disse Anna, rindo. — Bem, não me surpreende.

— Aquele conhece as putas melhor do que ninguém — interveio Carmine, que não tinha perdido pitada da conversa.

— Tonto na língua! — repreendeu-o Elena.

— Até parece que não sabes... — replicou Carmine.

— Seja como for, não me interessa o que dizem. Especialmente esse dom Luciano — declarou Anna.

— Ah, bom, se não te interessa, tanto melhor — murmurou Elena. Ela que ficasse lá com a sua casa para as mulheres de má fama.

— Na verdade, sabes que mais? — disse Anna passados alguns minutos, como se tivesse refletido no assunto. — Acho que lhe vou dizer isso mesmo na cara!

Saiu da estação dos correios de rompante e atravessou a praça cheia de gente, indo direitinha para a paróquia.

— Está com pressa, carteira? — gritou um homem atrás dela, sentado no banco. Era aquele com os braços musculados que trabalhava o tabaco na casa delapidada, já quase fora da aldeia.

Anna não lhe respondeu e seguiu caminho, imperturbável. Encontrou dom Luciano no adro da igreja, com o sacristão a reboque; estava a conversar com um pequeno grupo de fiéis, aqueles que tinham ficado depois da missa das onze.

Anna avançou até ao adro e, quando se aproximou de dom Luciano, tocou-lhe no ombro.

Os fiéis calaram-se de repente.

— Posso-lhe dar uma palavrinha? — disse Anna.

— Bom dia, senhora carteira — respondeu ele, afavelmente. — Em que posso ajudá-la?

— Bem, para começar, pode parar de espalhar boatos e falsidades sobre a Casa para Mulheres.

Os fiéis começaram a olhar uns para os outros, como se dissessem: «Quem é que vai perder esta cena?»

— A experiência ensinou-me que, quando os rumores se tornam... ruidosos, há quase sempre um fundo de verdade — disse dom Luciano.

Anna tê-lo-ia esbofeteado de bom grado.

— Também circulam certos rumores sobre si — retorquiu. — Segundo o seu raciocínio, devemos acreditar que são verdade. *Quase sempre*.

Entretanto, algumas das pessoas que se encontravam na praça tinham-se

aproximado.

Dom Luciano olhou para todas elas e depois para Anna.

— A senhora foi imprudente em recusar a bênção — continuou ele. — Se me tivesse dado ouvidos, não estaria agora com mulheres pouco respeitáveis e não correriam por aí certos boatos.

— E quem é que seria «respeitável»? — retorquiu Anna. — O senhor? Que prega a caridade e a bondade divina, mas depois bate com a porta na cara de mulheres como a Melina? Não somos todos filhos de Deus? Parece que está a dizer que, de facto, alguns são mais filhos de Deus do que outros.

— Não foi nada disso que eu disse — protestou dom Luciano, voltando-se para encarar os fiéis. — Mas pecados são pecados. Não me cabe a mim perdoá-los, mas a Deus.

— Bem, então desejo que o seu Deus também perdoe os seus — disse Anna. — Pelo que consta, não são poucos. Boa sorte, quando estiver na Sua presença.

E foi-se embora, acompanhada por um burburinho que se ergueu em redor, como o zumbido de um enxame.

— Não se amofine, dom Luciano...

— Ah, se o Carlo ainda cá estivesse, que descansa em paz...

— Ela sempre achou que era melhor que toda a gente, a forasteira.

Elena e Carmine estavam à porta da estação; era evidente que não tinham perdido um único instante da cena.

— Disseste-lhe das boas, não foi? — perguntou-lhe Carmine com um ar divertido.

— Não o suficiente — respondeu Anna.

Voltou a entrar na estação só para ir buscar o sobretudo e a mala postal e saiu, ainda irritada e com o coração aos saltos. Montou na bicicleta e respirou fundo algumas vezes, tentando libertar-se da tensão.

— Grande idiota — resmungou para si própria.

Continuou a pedalar até se aperceber de que, mergulhada naquelas rumações, se enganara no caminho. Estava perto da casa de Tommaso e Lorenza e pensou em fazer uma visita à sobrinha, que não ia à estação havia dois dias. «Está só com uma gripezinha», dissera Tommaso, sem levantar os olhos da papelada.

Tocou à campainha duas ou três vezes antes de Lorenza vir abrir. E, quando finalmente ela chegou à porta, Anna só precisou de fitá-la para perceber que não fora, de todo, por causa de uma gripe que ficara em casa: estava muito pálida e tinha olheiras roxas. E à volta dos cotovelos apresentava duas ligaduras.

— Não te preocupes, tia. Não tentei matar-me, se é isso que estás a pensar — disse Lorenza com ar de presunção, encarando o rosto petrificado de Anna. — Entra, mas não faças barulho: a Giada acabou de adormecer.

Anna entrou, cambaleante.

— Acho que preciso de um pouco de água — disse ela, sentando-se no sofá. — O Tommaso disse que estavas com gripe... — acrescentou, pegando com uma mão

ligeiramente trémula no copo que Lorenza lhe tinha trazido.

— Fui eu que lhe pedi para dizer isso. Na estação dos correios, à minha mãe. A toda a gente — explicou Lorenza.

Anna bebeu de um trago e agarrou no copo vazio com força.

— Agora vais dizer-me o que se passa — murmurou, olhando fixamente para a sobrinha. — Não saio daqui enquanto não me contares. Caso contrário, vou perguntar ao Tommaso, e tu sabes que o faço.

Com um suspiro, Lorenza sentou-se no sofá e, sem olhar para ela, disse:

— São apenas pequenos cortes — disse ela. — Pequenos cortes inofensivos...

— Inofensivos? Mas estás a brincar? — interrompeu Anna, incrédula.

— Mas, sim, o que posso dizer? Fazem-me sentir melhor... Só que eu não sabia que o interior dos meus cotovelos sangrava tanto, foi só isso.

— Só isso? — repetiu Anna. — Estás a dizer-me que achas que isso é normal?

— Normal... — murmurou Lorenza, como se essa palavra lhe fosse desconhecida. — Sabes o que não é normal? — continuou, com mais energia, virando a cabeça para Anna. — O facto de o Daniele ter desaparecido sem mais nem menos. E eu não saber como encontrá-lo. O facto de eu estar aqui e ele estar do outro lado do mundo. Isso é que não é normal, tia.

— Isso não é certamente uma boa razão para fazeres... o que fazes — respondeu Anna, apontando para as feridas.

— Já te disse. Faz-me sentir melhor. Pelo menos durante algum tempo...

— Mas não faz sentido o que estás a dizer, Lorenza, não percebes? Alguém tem de te ajudar. Não podes continuar assim.

— Sim, ajudar-me, claro... — respondeu ela, virando os olhos para o teto.

— Deixa-me ajudar-te — disse Anna, pousando uma mão na dela.

Lorenza endireitou a cabeça.

— Ah, sim? Queres mesmo ajudar-me? Então diz-me onde ele está, onde vive.

— Como se eu soubesse ...

— Tenta descobrir. Até o Roberto diz que não sabe... como se eu fosse parva. Eu sei que continuam a falar, eles os dois.

— E, quando descobirmos onde ele está, o que vais fazer nessa altura, hem?

— Falo com ele, escrevo-lhe, convenço-o a voltar para mim — respondeu, encolhendo os ombros, como se a resposta fosse óbvia.

— Ajudar-te-ia a sentires-te melhor? Falar com ele, quero dizer — perguntou-lhe Anna.

— Oh, sim — respondeu Lorenza com um esgar.

Anna pensou no assunto.

— Está bem, eu ajudo-te — prometeu-lhe ele. — Mas para, *imediatamente* — disse ela com a voz embargada, apontando para as ligaduras.

Lorenza não respondeu.

Passava pouco da alvorada de um dos primeiros dias de maio, quando Tommaso, com Giada a dormir ao seu colo, bateu à porta dos sogros. Agata, de roupão e com o cabelo apanhado numa touca, abriu-a, e Tommaso, entrando, disse-lhe num sussurro:

— Leva a Giada para cima, por favor.

Agata olhou para ele, confusa.

— Mas o que... — tentou dizer, mas Tommaso interrompeu-a, dando a entender que iriam falar, mas sem a presença da criança.

Enquanto Agata levava a neta para o quarto, Antonio saiu do seu escritório, atando o roupão à cintura.

— Tommaso... O que se passa? — perguntou-lhe, franzindo o sobrolho.

— Esperemos pela Agata — respondeu.

Sentaram-se à mesa da cozinha. Tommaso tirou do bolso uma folha de papel quadriculado dobrada ao meio e entregou-a aos sogros.

Antonio pegou nela e abriu-a. Agata inclinou-se para ler com ele.

Eu estou bem. Não me procurem, estava escrito.

A caligrafia era de Lorenza, estreita e pontiaguda.

Ambos levantaram os olhos para Tommaso.

— O que é que isto quer dizer? — perguntou Antonio.

Tommaso explicou que encontrara aquela mensagem apenas alguns minutos antes, na mesa da sala de estar, quando acordara e descera as escadas. Não sabia mais nada, exceto que Lorenza tinha evidentemente saído enquanto ele estava a dormir.

Antonio levantou-se e começou a andar para trás e para a frente, esfregando o rosto.

— Mas discutiram ontem à noite? Ela ficou aborrecida com alguma coisa? — perguntou Agata.

— Não... — sussurrou Tommaso.

— Mas como é que não ouviste nada? — explodiu Antonio. — Uma pessoa sai de casa assim, a meio da noite...

— Acalma-te, Antonio — disse Agata, pondo-lhe uma mão no braço.

Tommaso apoiou os cotovelos na mesa e deixou cair a cabeça nas mãos.

— Há de ser uma daquelas loucuras dela. Sabem como ela é — tentou Agata confortá-los. — Ela há de voltar.

— Talvez tenha ido ter com aquela amiga... a Lecce — sugeriu Tommaso, levantando os olhos.

Antonio parou e agarrou-se às costas de uma cadeira com as duas mãos. Como é que podia revelar a todos, naquele momento, que a tal amiga já não estava lá e nunca estivera?

— Não. — Abanou a cabeça, decidido. — Não foi para lá.

— Não pode ter ido longe — disse Agata.

— Pode ter apanhado a camioneta — objetou Tommaso. — Mas eu não posso

ficar aqui sem fazer nada. — Olhou para o Antonio. — Vamos procurar nos campos aqui à volta?

— Está bem — disse Antonio, pouco convencido. — Vamos tentar fazer isso.

Cada um no seu carro e tomando duas direções diferentes, Antonio e Tommaso puseram-se a caminho. Antonio verificou em cada *pagghiara* de Lizzanello a Pisignano, depois voltou para trás e dirigiu-se para sul, para a zona rural à volta da aldeia de Castrì.

— Mas onde é que tu te foste enfiar...? — murmurou, olhando em redor.

Depois de vaguear durante mais de duas horas, decidiu regressar a casa.

— Nada? — perguntou-lhe Agata à porta.

— Já procurei por todo o lado... — respondeu Antonio, atirando a chave do carro para cima da mesa.

— Talvez o Tommaso a tenha encontrado — murmurou ela, torcendo as mãos.

Tommaso regressou pouco depois. Tinha ido até Lecce, contou, sem sequer saber onde procurar. Só naquele momento se deu conta de que não avisara a estação dos correios da sua ausência. Esquecera-se completamente de que tinha um emprego.

— Sim — disse Antonio. — Também no lagar devem ter achado que desapareci.

— Vão lá — interveio Agata. — Agora não há nada que possam fazer.

— Talvez seja melhor ires para casa do Tommaso quando a menina acordar. Para o caso de a Lorenza voltar... — sugeriu Antonio. — Mais tarde, vou ter contigo.

Agata anuiu com a cabeça.

— Isto fica entre nós por ora — pediu-lhes ela, mesmo antes de os dois saírem.

— Talvez ela volte esta noite, e estejamos a fazer um grande alarido por nada. Diz aos colegas que ela não se estava a sentir bem... À Anna também. Diz-lhes isso.

As glicínias à entrada da casa de Tommaso e Lorenza estavam em plena floração. Agata sempre adorara o perfume daquelas flores e, antes de abrir a porta, parou ao lado delas e inspirou fundo.

— Escuta a avó, cheira tão bem — disse ela à pequena, que trazia nos braços com o rosto ensonado. Ao meter a chave no buraco da fechadura, pensou que gostaria de usar um perfume que só cheirasse a glicínias.

Preparou um pouco de leite para a criança, tirou algumas bolachas e disse-lhe para começar a comer.

— A avó vai lá acima só um bocadinho, mas já volta — disse-lhe, com uma carícia.

Subiu ao quarto. Enquanto esperava por Tommaso e Antonio, uma ideia terrível apoderara-se da sua mente. Com o coração em sobressalto, esperando com todas as suas forças que estivesse enganada, dirigiu-se à cómoda, abriu-a e esticou a mão até ao fundo, para lá das toalhas dobradas. O cofre de madeira clara no qual Lorenza guardava o ouro ainda lá estava. Com as mãos a tremer, Agata abriu-o:

estava vazio. Não havia qualquer vestígio dos anéis, das pulseiras e dos colares. Faltava tudo, até o pingente com o G de Giada, aquele que Anna dera à menina no seu aniversário... Agata deixou-se cair na cama, esforçando-se por conter as lágrimas.

Ao jantar, nessa noite, ninguém tinha vontade de comer.

— Onde está a mamã? — não parava Giada de perguntar.

— Foi preparar uma surpresa — respondeu Agata. — Vais ver que vai voltar com um lindo presente.

— Mas eu não quero o presente, quero a mamã — choramingou ela, esfregando os olhos.

Agata acabou por pegar na criança ao colo e levá-la para cima, ficando ao seu lado até ela adormecer.

No andar de baixo, Antonio deambulava pela sala. Tommaso, por outro lado, estava afundado no sofá, a olhar para o vazio.

— Ele nunca mais volta — disse num sussurro.

Antonio parou por um momento e olhou para ele.

— Tenho de ir falar com a Anna — disse.

Tommaso virou-se.

— A Agata ainda não quer que se saiba... Vamos esperar...

— Não — interrompeu-o Antonio, decidido e dirigindo-se para a porta.

*

Todas as luzes da casa de Anna estavam apagadas, exceto a do seu quarto.

Antonio bateu suavemente, mas mais do que uma vez, até que viu a luz da sala acender-se e ouviu os passos lentos e determinados de Anna — tê-los-ia reconhecido entre milhares — aproximarem-se da porta.

Ela abriu-lhe a porta. Trazia vestido o roupão de seda azul e tinha o rosto reluzente de creme.

— Antonio? O que se passa?...

— Desculpa, estavas a dormir?

— Ainda não, mas quase. Entra.

— Acordei alguém? — perguntou.

— Não, não te preocupes. Estou sozinha — respondeu ela, fechando a porta.

— A Giovanna ficou em Contrada, com as meninas, e o Roberto está a jantar com a família da Maria. É o aniversário do pai dela. Ou da mãe dele, não me lembro — murmurou, arqueando uma sobrancelha.

Antonio ficou a olhar para ela e depois lançou-se para a abraçar, aninhando a cabeça na curva do seu pescoço.

— Mas o que é que se passa? — perguntou Anna, perturbada. Levantou um braço e pousou-o no ombro dele.

— Ela foi-se embora! — exclamou Antonio com voz sufocada.

— Mas quem? Quem é que se foi embora?

Ela arrastou-o para o sofá e aí, segurando-lhe na mão, Antonio contou-lhe que fora o dia mais longo da sua vida.

Ouviu-o com a respiração suspensa e os olhos arregalados. Imaginou Lorenza a escrever *Eu estou bem. Não me procurem* e depois a esgueirar-se para fora de casa a meio da noite, pela rua escura e deserta.

— Ajuda-me. Onde a podemos procurar mais? — perguntava-lhe Antonio. — Eu já não sei.

Anna retirou lentamente a mão da dele e levantou-se com igual lentidão. Deu alguns passos, tapando a boca com a mão, depois deteve-se e voltou a olhar para ele.

— Eu sei para onde ela foi...

Antonio levantou-se de repente e aproximou-se dela.

— Para onde?

Os olhos de Anna encheram-se de lágrimas.

— O que é que tu tens? Porque estás assim? — perguntou-lhe ele, pondo as mãos nos braços dela.

— Fiz uma coisa... Uma coisa estúpida.

Antonio afastou as mãos e deu um passo atrás.

— Dei-lhe a morada do Daniele... a morada de Nova Iorque. Ela queria escrever-lhe, falar com ele, estava tão mal...

No rosto de Antonio, passaram a raiva e a perplexidade.

— Porque fizeste uma coisa dessas? — perguntou-lhe num sibilo. — Porquê? Eu pedira ao Roberto para não lhe dizer nada. Nunca.

— O Roberto não teve nada que ver com isso. Eu descobri sozinha, fui eu — respondeu.

— Porquê? Porque é que fizeste isso, Anna?

— Tu não os viste, os cortes.

— Cortes? Que cortes? — perguntou.

— Os que ela tinha no braço — respondeu, apontando para a curva do cotovelo. — Ela disse-me que a faziam sentir-se melhor...

— Que raio de história é essa? — quase gritou Antonio.

— Eu sei, é absurdo, e eu também não percebo muito bem o que é. Mas tens de acreditar em mim, Antonio — suplicou-lhe ela. — A questão é que a Lorenza estava mal, mesmo mal. E eu tive medo.

— E depois? — A voz dele tornou-se um sussurro.

— Ela precisava de falar com o Daniele... Eu só queria que ela ficasse melhor, não pensava que...

— Não pensavas... — repetiu ele, com dureza. — E não pensaste. — Deu alguns passos nervosos pela sala. — A esta hora já se fez ao mar! — gritou, abrindo os braços. — Aonde é que a vou buscar agora? Aonde?

Anna levou as mãos à boca.

— Desculpa... — murmurou.

— Mas como é que não pensaste nisso? — continuou Antonio, batendo com o punho na testa.

— Eu só queria que ela ficasse melhor... — repetiu num fio de voz.

— Devias ter-te posto no teu lugar! — gritou ele, transtornado. — Ela não é tua filha! — Baixou a voz para um sussurro. — A Lorenza não é a Claudia.

Anna sentiu-se como se tivesse sido apunhalada pelas costas.

— O que é que disseste?

— Nada...

— Eu ouvi — disse ela, aproximando-se. — Tem a coragem de repetir essas palavras.

Ele fez um gesto como se dissesse para esquecer e virou-lhe as costas.

— Repete — sibilou ela, obrigando-o a virar-se com uma palmada.

— Devias ter ficado fora disto — disse Antonio. — Pedi-te que me ajudasses a meter-lhe juízo na cabeça, não que lhe pusesses na mão um bilhete para o outro lado do mundo.

— Eu não lhe pus nada na mão! Queria ajudá-la, como sempre fiz.

Antonio semicerrou os olhos.

— Já sabias de tudo, não sabias?

— Como assim?

— Ficavas com a Giada todas as quartas-feiras, sabendo para onde ela ia... — Anna desviou o olhar e tentou afastar-se, mas Antonio apertou-lhe o braço. — E também sabias que ela se ia embora... e encobriste-a e talvez ainda a estejas a encobrir, não é?

— Não! — gritou ela.

— Admite! — Ela tentou libertar-se das suas mãos, mas Antonio apertou-a com mais força. — És uma mentirosa. Já não confio em ti e nunca mais voltarei a confiar — acrescentou com voz firme e o olhar inchado de raiva.

Nos olhos de Anna passou um lampejo de sofrimento.

— E tu? Quantas mentiras contaste? — gritou ela. — Quando é que alguma vez disseste a verdade ao Carlo? Quando é que tiveste a coragem de...

Antonio soltou-lhe subitamente o braço.

— O que é que o Carlo tem que ver com isto agora... — murmurou, atordado.

— Tu sabes — disse ela, continuando a fitá-lo. Nunca na vida tinha sentido uma raiva tão forte e incontrolável. Sentia que estava prestes a arrastá-lo a ele e a si própria, que estava prestes a transformar-se na lava que não deixa para trás nada vivo, mas não parou. — Diz-me: como é uma pessoa fingir-se aquilo que não é... Antonio, *o mano*, Antonio, *o mano sincero*...

— Para com isso — sibilou ele.

— Sabes qual é a verdade? — continuou ela. — O Carlo podia ter muitos defeitos, mas *ele* pelo menos era autêntico. Nunca se escondia. Ele era melhor do

que tu, e tu sempre o soubeste.

Antonio franziu o sobrolho e abriu a boca para responder, mas depois pensou melhor e fechou-a imediatamente.

E, com passos rápidos, dirigiu-se para a porta.

— Quão aliviado estás agora que ele já não está connosco? Agora que podes finalmente ficar com o palco todo para ti!? — exclamou Anna, sabendo que tinha afundado a faca.

Antonio ficou petrificado, ali mesmo, à porta, no instante antes de abri-la. Voltou-se, foi direito a ela e, com toda a força que tinha, deu-lhe um estalo na cara.

— Diz isso outra vez e mato-te com as minhas próprias mãos — disse com voz trémula.

Anna tocou na face e olhou para ele, incrédula e espantada. Antonio cerrou os punhos e dirigiu-se de novo para a porta. Já a tinha aberto quando Anna, num sussurro, disse:

— Nunca te vou perdoar pelo que acabaste de fazer.

Ele virou-se por um momento.

— Eu também não — respondeu.

E saiu, deixando a porta aberta.

EPÍLOGO

*

13 de agosto de 1961

— Avô, está na hora dos teus remédios — disse Giada com a sua voz estridente, abrindo a porta do escritório de Antonio. — A avó diz para lá ires, que já os preparou para ti — acrescentou com um sorriso.

Antonio, sentado à secretária, virou-se de repente. Quando sorria assim, Giada parecia-se muito com a mãe. De vez em quando, especialmente nos últimos tempos, Antonio fazia confusão e dirigia-se a Giada chamando-lhe Lorenza.

Nunca mais vira a filha desde aquele maio de 1952. Todos os Natais, porém, chegava um postal de boas-festas de Nova Iorque, com muitos pontos de exclamação. E só com a assinatura dela.

— Estou a ir, pequenina — respondeu ele. — Fecha a porta, por favor.

Esperou que Giada saísse do quarto e depois, com as mãos a tremer, tirou a carta da gaveta da secretária. O sobrinho, Roberto, trouxera-lha algumas horas antes, num envelope branco no qual estava escrito simplesmente: *Antonio*. Era a caligrafia precisa e ondulada de Anna: reconheceu-a imediatamente.

— Não faço ideia do que aqui esteja escrito. Mas espero ver-te no funeral, mais tarde — dissera-lhe Roberto, antes de se ir embora.

Antonio acariciou a carta e leu-a mais uma vez.

Lembras-te do romance que eu estava a ler em Gallipoli? Penso que foi no verão de 1937, quando passámos as férias juntos naquela pequena e encantadora casa de campo que o Carlo tinha arrendado. O romance era As Afinidades Eletivas de Goethe. Intrigara-me pela questão que colocava, a mesma que eu própria também me levantava na altura: o que acontece a um par de elementos se um terceiro entrar em jogo? Já nessa altura, como sempre fiz, esperava encontrar a resposta num livro. Mas, dessa vez, isso não acontecera.

E sabes porquê? Porque a resposta estava mesmo à minha frente: eras tu, que todas as manhãs daquele verão te levantavas assim que ouvias os meus passos (pensavas que eu não percebia?) e te juntavas a mim na varanda e te sentavas na espreguiçadeira em frente à minha para ler comigo. Para estar comigo.

Bem, vou confessar-te uma coisa: nestes anos de silêncio entre nós, continuei a sublinhar todos os livros que li e a escrever nas margens as minhas notas para ti, mesmo sabendo que nunca as irias ler.

Sei que me odiaste, e muito. Não perdeste nenhuma oportunidade de mo fazeres

perceber, desde os teus cumprimentos desinteressados quando passavas por mim na aldeia até aos olhares de esguelha que me lançavas de longe ou sempre que eu levava a tua correspondência ao lagar e tinha de parar à porta para a deixar com a secretária. Nem sequer vieste ver a nova sede da Casa para Mulheres, em Lecce...

Quanta energia gastaste a odiar-me?

Demasiada, bem sei. A mesmo que gastei a odiar-te a ti.

Fica sabendo que ainda não te perdoei por aquela bofetada. Mas fica sabendo também que não me perdoei pelas palavras venenosas que te disse nessa noite. E, no entanto, nunca pensei em ir ter contigo para te pedir desculpa.

A razão pela qual não o fiz só recentemente se tornou clara para mim. Sabes, a doença é como a chave de um cadeado...

A verdade, meu caro Antonio, é que durante todo este tempo precisámos de nos odiar um ao outro.

Era a única forma de não traírmos o Carlo.

A verdade, como me disseste uma vez, encontra-se nas entrelinhas.

E sabes o que está entre as minhas? É que me arriscava a amar-te mais do que alguma vez amei o Carlo. E não podia deixar que isso acontecesse. O Carlo não merecia.

Agora já sabes.

As coisas foram como tinham de ser.

Ou, pelo menos, assim penso.

Anna

De repente, do outro lado da janela, ouviu-se um murmúrio ténue e, logo a seguir, a voz estrondosa do sacerdote, que começou a recitar o *Reposo Eterno*, sobrepondo-se aos sussurros. Antonio apoiou-se com as mãos nos braços da cadeira e levantou-se com dificuldade. Com passos lentos e instáveis, aproximou-se da janela e afastou lentamente o cortinado com dois dedos.

O caixão desfilou diante dos seus olhos, carregado em ombros por Roberto, Carmine, Nando e outro homem que Antonio não conhecia, seguido por um cortejo de roupas escuras e cabeças inclinadas. Antonio semicerrou os olhos e perscrutou a procissão: reconheceu a mulher de Roberto, Maria, e depois Giovanna, Elena, Chiara, de braço dado com o marido, e também Melina e Michela, que fora sua secretária durante alguns meses, e muitas, muitas mulheres que nunca tinha visto.

No caixão não estava a habitual coroa de flores, mas o boné de Anna, aquele que tinha o brasão dos Correios embutido.

Num ápice, no coração de Antonio, era outra vez o verão de 1934: naquela tarde de junho na praça deserta, soprava um vento muito quente, e ele sentia-se feliz porque o seu irmão Carlo tinha finalmente regressado a casa. Da camioneta azul que o trouxera de volta ao Sul saíra também a mulher mais bonita que

alguma vez tinha visto, com olhos da cor das folhas de oliveira, olhos que ele não conseguira deixar de fitar; e talvez ela tivesse reparado, pois corara como uma menina.

Uma súbita rajada de vento, rápida e impetuosa, fez voar o boné, que do caixão caiu no solo, a um palmo da porta de sua casa.

Antonio estremeceu e, num instante, fechou o cortinado.

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento vai para *Lila* e *Babù*, por terem estado presentes em cada palavra que escrevi e em cada clique no teclado, aninhados no meu colo no inverno e enroscados aos meus pés no verão. Naquelas vezes em que a inspiração falhou ou quando me debatia com uma cena um pouco mais complicada, bastava dar um passeio com eles, no silêncio dos campos de Salento, para encontrar as respostas que procurava.

Obrigada à minha irmã Elisabetta, a minha alma gémea, a quem dediquei *A Carteira*. Leitora ávida desde a primeira versão, sei que gosta tanto das minhas personagens como eu. Às vezes, até me diz: «Imaginas o que o Carlo teria dito?» ou «Ele merecia mesmo uma das respostas da Anna».

Agradeço à minha mãe, Claudia, por ter guardado com devoção as recordações de Anna: foi a ela, a sua neta preferida, que a nossa carteira entregou fotografia, cartões de visita, almofariz e tudo o que lhe era caro. Incluindo a sua preciosa receita de *pesto* da Ligúria.

Obrigada ao meu pai, Franco, pela sua fé tenaz em todos os meus projetos e pelo seu apoio inabalável aos meus sonhos.

Agradeço a Ilaria Gaspari, que, quando o romance era só uma ideia, um tema com apenas três páginas, me encorajou a continuar com o seu entusiasmo cativante.

Um abraço cheio de gratidão e de afeto para a minha editora, Cristina Prasso. Foi graças a ela que *A Carteira* encontrou a sua casa. Agradeço-lhe por todo o amor com que cuidou desta história, pela atenção escrupulosa, por ter visto antes de mim aquilo que o romance se tornaria. Trabalhar com ela foi uma honra, bem como uma viagem maravilhosa que já deixou saudades.

Muito obrigada a todo o pessoal da Nord, pelo carinho com que acolheram *A Carteira* e por lhe terem dado a mão e segurado nela com força, transmitindo-lhe segurança.

Obrigada à Adega Leone De Castris pela consultoria técnica. O *Donna Anna* é uma homenagem carinhosa ao *Five Roses* e à sua extraordinária história. Ao longo dos anos, já provei muitíssimos vinhos, mas o *Five Roses* continua a ser o meu preferido. Insostituível.

Alguns esclarecimentos necessários antes de concluir: a aldeia de Lizzanello

descrita nestas páginas é, na realidade, uma síntese de várias localidades da região de Salento. Pedi emprestado um bocadinho de cada uma delas, a fim de reconstruir o melhor possível a paisagem e a atmosfera da região; os habitantes da aldeia que povoam o romance são inteiramente fruto da minha imaginação, pelo que qualquer referência a pessoas reais é acidental e involuntária; por último, tenho de explicitar que os acontecimentos da família Greco foram amplamente modificados e reajustados por exigências narrativas e que a história que aqui conto não é a sua.

Por fim, os meus maiores agradecimentos vão para Anna, por ter vindo à minha procura. As últimas palavras que pronunciou, também essas confiadas à minha mãe, foram: «Não quero ser esquecida.»

Não serás. Prometo.